

A stylized illustration of a human eye, rendered in a high-contrast, graphic style. The eye is the central focus, with a detailed iris and pupil. From the eye, several thick, black, radiating lines extend outwards, creating a sunburst or light effect. The entire illustration is set against a solid black background. The text is overlaid on the lower half of the image.

O SENHOR DA LUZ

ROGER ZELAZNY

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

 logodolivro

O Senhor da Luz

Roger Zelazny

Tradução de Maria Helena Fernandes

Título original: Lord of the Light

Livros de Bolso

Europa-América

Para Dannie Plachta, com amizade,
sabedoria e soma.

I

Conta-se que. cinquenta e três anos depois de ter sido libertado, ele regressou da Nuvem Dourada, a fim de. mais uma vez. aceitar o desafio lançado pelo Céu de combater a Ordem da Vida e os deuses que a impunham. Os seus seguidores tinham feito preces para que ele regressasse, embora as suas orações fossem pecaminosas. As preces não devem perturbar aquele que penetrou no Nirvana, quaisquer que tivessem sido as circunstâncias que rodearam a sua partida. Os homens da túnica cor de açafrão, porém, rezaram para que Manjusri. o da Espada, se reunisse novamente a eles . Conta se que Boddhisatva ouviu...

***Aquele cujas aspirações foram sufocadas.
Que não possui raízes.
Cujo pasto é o vácuo...
Livre e independente...
O seu caminho é tão ignoto
Como o dos pássaros que sulcam os céus.***

Dhammapada (93)

Os seus seguidores chamavam Ihe Mahasamatman e diziam que era um deus, ele. porém, preferia deixar de lado Maha-e atman e intitulava-se Sam. Nunca pretendeu ser um deus. mas também nunca o negou. Sob as circunstâncias, nem a confirmação nem a negação poderiam trazer benefícios, mas o silêncio, sim.

Por conseguinte, ele estava rodeado de mistério.

Estava se na estação das chuvas...

Na época das torrentes caudalosas.

Foi nesses dias que as orações deles se elevaram, não dos dedos que desfiam os nós dos cordões de orações, nem das rodas de orações que giram, mas da grande máquina de rezar do mosteiro de Ratri, a deusa da Noite.

As orações de alta frequência elevavam-se nos ares e atravessavam a atmosfera, atingindo aquela nuvem dourada denominada Ponte dos Deuses que circunda o mundo inteiro, reveste a aparência de um arco-íris cor de bronze, à noite, e é o ponto onde o sol vermelho se torna alaranjado, ao meio-dia.

Alguns dos monges punham em dúvida a ortodoxia dessa técnica de oração, mas a máquina tinha sido construída e era accionada por Yama-Dharma, escorraçado da cidade Celeste; e dizia se que, numa era remota ele fabricara o magnífico carro trovejante do Senhor Shiva: aquele engenho que percorria os céus expelindo borrifos de fogo no seu rasto.

Apesar de caído em desgraça, Yama ainda era considerado o mais hábil dos artífices, embora ninguém duvidasse de que os deuses da Cidade o fulminariam se tivessem conhecimento da máquina de orar.

De qualquer maneira, todos sabiam que os deuses o exterminariam mesmo sem o pretexto da máquina, se um dia o tivessem à sua mercê. O modo como Yama resolveria o assunto com os Senhores do Karma dizia respeito ao próprio Yama, mas ninguém duvidava de que ele encontraria uma solução. Yama tinha metade da idade da Cidade Celeste, e apenas dez dos deuses se recordavam da fundação aquela morada. Ele era ainda mais conhecedor que o Senhor Kubera no que dizia respeito ao Fogo Universal. Estes eram, no entanto, atributos secundários.

Yama era, sobretudo, famoso por outra coisa, embora poucos a mencionassem.

Era alto, mas não excessivamente; robusto, mas não pesado; os seus movimentos eram lentos e harmoniosos; vestia-se de vermelho e falava pouco.

Zelava pelo bom funcionamento da máquina de orar, e o gigantesco lótus de metal que instalara sobre o telhado do mosteiro girava continuamente na sua base.

Uma chuva fina caía sobre o edifício, o lótus, e a densa floresta no sopé da montanha Durante seis dias. Yama tinha oferecido muitos quilowatts de orações, mas as descargas elétricas produzidas na atmosfera impediram que elas fossem ouvidas nas Alturas . Num murmúrio quase inaudível, invocou as mais eminentes divindades da fertilidade, apelando para os seus atributos mais notáveis.

O ribombar do trovão respondeu às suas preces, e o pequeno macaco que assistia deu uma risada trocista.

—As tuas orações e as tuas pragas produzem o mesmo efeito, Senhor Yama — observou o macaco. —Ou seja; nada.

—Precisaste de dezessete encarnações para encontrar essa verdade ?
— perguntou Yama — Agora compreendo por que ainda não passaste de macaco.

—Nada disso replicou o macaco, que se chamava Tak. — A minha queda, se bem que menos espetacular que a tua, implicou, no entanto, elementos de malícia pessoal da parte de...

—Basta! — atalhou Yama, voltando as costas.

Tak compreendeu que tocara, talvez num ponto sensível. Procurando encontrar outro tema de conversa, aproximou-se da janela, empoleirou-se no parapeito e perscrutou os ares.

—À ocidente vislumbra-se uma aberta no leito de nuvens —. disse ele.

Yama aproximou-se, seguiu a direção do olhar de Tak, franziu a testa e aquiesceu.

—Sim — concordou — Fica aí e vai-me dizendo o que se passa.

Dirigiu-se ao painel de controlo.

Sobre o telhado, o lótus parou de girar, e voltou-se para o pedaço de céu limpo.

—Muito bem — disse Yama — Estamos a conseguir qualquer coisa.

Noutro painel, accionou vários interruptores e regulou dois mostradores.

Lá em baixo, nas caves sombrias do mosteiro, o sinal foi recebido e começaram outros preparativos; o anfitrião ficou a postos.

—As nuvens estão novamente a cerrar-se — gritou Tak.

— Já não importa — respondeu Yama. — Apanhámos o nosso peixe .Lá vem ele do Nirvana para dentro do lótus.

Ouviram-se mais trovões e a chuva fustigou violentamente o lótus . Sobre os cumes das montanhas, os relâmpagos riscaram o céu com um silvo.

Yama fechou o último circuito.

— Como te parece que ele vai de novo revestir um corpo mortal? — perguntou Tak.

—Vai descascar bananas com os pés !

Tak compreendeu que a sua presença não era desejada e abandonou a sala, deixando Yama a desligar a maquinaria. Percorreu um corredor e desceu um vasto lanço de escadas. Quando chegou ao patamar, ouviu o ruído de vozes e de passos provenientes de uma sala lateral.

Sem hesitação escalou a parede, apoiando-se numa série de panteras e de elefantes esculpidos empoleirou-se numa viga e ficou à espera, imóvel. Pelo pórtico entraram dois monges de túnicas escuras.—Por que é que ela não consegue limpar o céu? — perguntou o primeiro. O segundo monge, mais idoso e robusto, encolheu os ombros.

— Não sou sábio para responder a essas perguntas. É evidente que ela está ansiosa, de outro modo não lhes teria concedido este santuário, nem dado a Yama este poder. Mas quem pode delimitar os confins da noite?

—Ou os humores de uma mulher. — acrescentou o primeiro monge.
—Ouvi dizer que nem os sacerdotes sabiam que ela vinha.

— É possível. Seja como for, parece um bom augúrio.

— Assim parece, com efeito. Atravessaram outro pórtico, e Tak ouviu-os afastarem se até que o silêncio se instalou novamente.

No entanto, permaneceu no seu poleiro. A “ela” a quem os monges se haviam referido só podia ser a própria deusa Ratri adorada pela ordem que tinha concedido abrigo aos seguidores da Grande Alma Sam, o Iluminado. Agora Ratri também fazia parte dos caídos da Cidade Celeste e revestira-se de um corpo mortal . Tinha todas as razões para estar irritada pelo facto; e Tak compreendeu o risco que ela corria concedendo santuário, e até mesmo estando fisicamente presente durante a operação. Poderia comprometer qualquer possibilidade futura de ser novamente empossada, se o caso chegasse aos ouvidos de quem detinha o poder. Tak recordava-se

dela como a beldade de cabelo negro e olhos cintilantes que percorria a Avenida do Paraíso, na sua carruagem de ébano e crômio puxada por garanhões negros e brancos, conduzida pelo guarda, também negro e branco, rivalizando com o próprio Sarasvati na sua glória. O coração de Tak saltou dentro do peito peludo.

Tinha de vê-la novamente. Uma noite, havia já muito tempo, numa época mais feliz, e numa condição mais honrosa, dançara com ela numa varanda, sob o céu estrelado. Fora durante breves minutos, mas Tak nunca mais esquecerá, e é doloroso ter tais recordações sendo-se macaco.

Tak desceu da viga.

Na extremidade nordeste do mosteiro erguia-se uma torre elevada; no seu interior havia uma sala, que se dizia ser a morada permanente da deusa . Era limpa todos os dias, a roupa mudada, queimava-se incenso e colocava-se uma oferenda votiva em frente da porta, que estava normalmente fechada.

Claro que havia janelas, é puramente acadêmico perguntar se um homem poderia ter entrado por uma dessas janelas, mas Tak provou que um macaco podia fazê-lo.

Subindo ao telhado o mosteiro, escalou a torre, saltitando sobre as telhas escorregadias, apoiando-se nas protuberâncias e nas irregularidades, enquanto os céus rugiam sobre a sua cabeça, até que, finalmente, alcançou a parede logo abaixo do parapeito. Uma chuva diluviana abateu-se sobre ele: ouviu um pássaro cantar dentro do quarto, viu a ponta de um lenço azul molhado pendendo sobre o peitoril.

Segurou-se à borda e içou-se até conseguir espreitar para o interior.

Ela estava voltada de costas: tinha um sari azul-escuro e encontrava-se sentada sobre um pequeno banco no outro lado do quarto.

Com alguma dificuldade, Tak empoleirou-se sobre o parapeito e tossiu levemente.

Ela voltou-se bruscamente. Um véu ocultava-lhe o rosto. Olhou para Tak, levantou-se e dirigiu-se à janela.

Tak ficou consternado. A sua silhueta, outrora elegante, tornara-se disforme, o seu andar, outrora semelhante ao ondular dos canaviais, tornara-se desajeitado, a sua tez era demasiado escura; mesmo através do véu, as linhas do nariz e do queixo eram demasiado pronunciadas.

Tak fez um aceno com a cabeça

—Assim te aproximaste de nós, regressando para junto dos teus cantou ele—, como os pássaros regressam aos ninhos no alto da árvore.

Ela quedou-se, imóvel, como a sua estátua na sala principal.

—Protege-nos da loba e do lobo, livra-nos do ladrão, ó Noite, e permite-nos passar em segurança.

Ratri estendeu a mão lentamente e pousou-a sobre a cabeça de Tak.

— Tens a minha bênção, meu pequeno — disse ela, passados momentos.

— Infelizmente, é tudo quanto te posso dar. Não posso oferecer protecção, nem conferir beleza, visto que eu própria não as possuo . Como te chamas?

—Tak — respondeu ele.

Ela levou a mão à fronte.

—Conheci outrora um Tak — disse ela. Em tempos passados, num lugar distante...

—Sou eu, senhora.

Ela sentou-se sobre o peitoril. Tak apercebeu-se de que as lágrimas corriam por detrás do véu.

—Não chores, deusa, Tak está aqui . Lembraste de Tak, dos Arquivos? Da Lança Fulgurante? Ele continua às tuas ordens.

— Tak... — murmurou ela — Ó Tak, tu também? Não sabia! Nunca ouvi...—Mais uma rotação da roda. e quem sabe? As coisas podem vir a ser melhores do que foram noutros tempos

Os ombros dela estremeceram. Tak estendeu a mão, mas deteve-se. Ela voltou-se e segurou a mão de Tak. Passados longos momentos, falou:

—Segundo a evolução normal dos acontecimentos, Tak da lança Fulgurante, não seremos restituídos à nossa condição original nem o caso será resolvido. Temos de forjar o nosso próprio destino.

—Que pretendes dizer? — perguntou ele. —Sam?

Ela fez um gesto afirmativo.

—Só ele nos pode salvar. Ele é a nossa esperança contra o Céu, caro Tak.

Se conseguirmos fazê-lo regressar, teremos uma hipótese de voltar a viver.—Foi por isso que correste este risco, que te colocaste dentro das mandíbulas do tigre?

— Que outra razão poderia haver? Quando não existe verdadeira esperança, devemos criá-la . Mesmo falsa, a moeda pode ser passada.

—Falsa ? Não acreditas que ele fosse o Buda?

Ela deu uma breve risada.

—Sam era o maior charlatão na memória dos deuses ou dos homens . Foi também o mais poderoso adversário que Trimurti jamais enfrentou . Não fiques tão chocado com as minhas palavras, Arquivista! Sabes que ele roubou a essência da sua doutrina, caminho e consecução de fontes pré-históricas proibidas. Era uma arma, nada mais: a sua maior força era a falta de sinceridade. Se conseguíssemos fazê-lo regressar...

—Senhora, santo ou charlatão, ele já regressou.

— Não gracejes, Tak.

— Deusa e senhora, acabo de deixar o Senhor Yama junto da sua máquina de orar, — com uma expressão de triunfo estampada no rosto.—Tudo parecia opor se a tal eventualidade... o Senhor Agni disse, outrora, que tal nunca poderia suceder.

Tak não se deu por vencido.

—Deusa Katri —disse ele — . Quem, seja ele deus ou homem, ou algum ser intermediário, sabe mais do que Yama sobre esses assuntos?

— Não tenho resposta para essa pergunta, Tak, porque ela não existe; mas como podes afirmar tão categoricamente que ele apanhou o nosso peixe?

—Porque ele é Yama.

— Então, segura o meu braço, Tak, e escolta-me mais uma vez, como outrora fizeste. Vamos contemplar Boddhisatva adormecido.

Saíram ambos do quarto, desceram a escada e penetraram nos aposentos do andar inferior.

A CAVERNA ESTAVA BANHADA DE LUZ proveniente não de archotes mas dos geradores de Yama. Três dos lados da cama, colocada sobre um estrado, estavam dissimulados por biombos. A maior parte da maquinaria encontrava-se igualmente oculta por detrás de tabiques e reposteiros. Os monges de túnicas cor de açafreão que estavam de serviço moviam-se silenciosamente na grande sala. Yama, o mestre artífice, encontrava-se de pé, junto da cama.

Quando os visitantes se aproximaram, vários dos monges disciplinados e imperturbáveis deixaram escapar exclamações breves. Tak voltou-se para a mulher que o acompanhava e estacou, petrificado.

A seu lado, já não estava a matrona gorda e atarracada com quem falara momentos antes, mas a Noite imortal, que alguém havia descrito como a deusa que enche o espaço em toda a sua profundidade e altura, cuja presença afasta as trevas.

Contemplou-a, durante um breve instante, e tapou os olhos. Algo do seu aspecto distante permanecia nela.

—Deusa... — balbuciou ele.

—O que dorme está a mover-se — disse ela, aproximaram-se da cama.

Assistiram, então, ao despertar daquele que era indiferentemente conhecido como Mahasamatman, Kalkin, Manjusri, Siddhartha, Tathagatha, Subjugador, Maitreya, o Iluminado, o Buda e Sam. Acontecimento que seria posteriormente reproduzido em murais em

inúmeras galerias, esculpido nas paredes dos templos e pintado nos tetos de incontáveis palácios. A sua esquerda, encontrava-se a deusa da Noite; à sua direita, a Morte ; Tak, o macaco , estava agachado aos pés da cama, testemunho eterno da coexistência do animal e do divino.

O seu corpo era vulgar, de tez morena, meia-idade e estatura mediana: as suas feições, regulares e banais, as pálpebras ergueram-se sobre uns olhos escuros.

—Salve, Senhor da Luz! — exclamou Ratri.

Os olhos piscaram, sem se fixarem. Tudo estava imóvel na sala.

—Salve, Mahasamatman-Buda! — saudou Yama.

Os olhos continuaram a fitar o vazio.

—Viva, Sam — disse Tak.

A testa enrugou-se ligeiramente, o olhar desviou-se, pousou sobre Tak, e depois sobre os outros.

—Onde...? — perguntou ele num murmúrio.

—No meu mosteiro — respondeu Ratri.

Sam lançou-lhe um olhar inexpressivo.

Depois, cerrou os lábios e manteve-as firmemente fechadas, formando um feixe de pequenas rugas aos cantos dos olhos. Os seus lábios crisparam-se num rito de dor, descobrindo os dentes cerrados.

—És verdadeiramente aquele que invocámos?— perguntou Yama. Ele não respondeu.

—És tu aquele que aniquilou o exército do Céu nas margens do Vedra? O ricto de dor desvaneceu-se.

— É tu aquele que amava a deusa da morte?

Os olhos cintilaram brevemente. Os lábios esboçaram um sorriso.

—É ele — declarou Yama; depois, acrescentou: — Quem és tu?

—Eu? Não sou nada — replicou o outro. — uma folha que rodopia num redemoinho, talvez, uma pena soprada pelo vento...

—É pena, —respondeu Yama —, pois já existem bastantes folhas e penas no mundo para que eu me tenha esforçado tanto apenas para aumentar o seu número. Queria um homem que pudesse retomar uma guerra interrompida pela sua ausência, um homem cujo poder afrontasse o dos deuses. Pensei que fosses esse homem.

—Sou. — Pestanejou novamente. — Sou Sam. Uma vez, há muito tempo lutei, não lutei ? Muitas vezes...

—Eras a Grande Alma Sam, o Buda. Lembraste?

—Talvez fosse... — um lento fulgor reacendeu-se nos seus olhos.

—Sim — disse ele, por fim. — Sim, fui . O mais humilde dos orgulhosos, o mais orgulhoso dos humildes. Lutei ; ensinei o caminho durante algum tempo. Voltei a lutar, voltei a ensinar, tentei a politica, a magia, o veneno... Travei uma batalha tão terrível que o próprio Sol escondeu o rosto da carnificina com homens e deuses, animais e demônios, espíritos da Terra e do ar, do fogo e da água, com sagartos e cavalos, espadas e carros...

—E perdeste — disse Yama.

—Sim, perdi, não foi? Mas fizemos-lhes uma bela demonstração. Tu, deus da Morte, eras o meu cocheiro, agora me recordo de tudo.

Fomos feitos prisioneiros e os Senhores do Karma seriam os nossos juízes. Tu escapaste-lhes por meio da morte e do caminho da Roda Negra, mas eu não pude.

—É como dizes. O teu passado foi-lhes revelado e foste julgado. — Yama observou os monges que se tinham sentado no chão, de cabeças inclinadas, e baixou a voz. — Condenar-te a morrer uma verdadeira morte seria transformar-te num mártir. Autorizar-te a percorrer o mundo sob qualquer forma teria sido deixar uma porta aberta para o teu regresso. Assim, tal como tu roubaste os ensinamentos do Gottama de outro lugar e de outro tempo, eles roubaram a narrativa dos teus últimos dias entre os homens. Foste considerado digno do Nirvana. A tua atman foi transferida, não para outro corpo, mas para a grande nuvem magnética que circunda este planeta. Esse processo terminou há meio século. Agora é oficialmente um avatar de Vishnu, cujos ensinamentos foram mal interpretados por alguns dos seus mais zelosos seguidores. Tu, pessoalmente, continuaste a existir apenas sob a forma de comprimentos de onda que consegui aprender.

Sam fechou os olhos.

—E ousaste fazer me regressar?

—É verdade.

—Sempre tive consciência da minha condição.

—Assim me pareceu.

Nos seus olhos brilhou um lampejo de revolta.

—No entanto, ousaste fazer-me regressar?

—Sim.

Sam inclinou a cabeça num gesto de incredulidade.

—És apropriadamente chamado deus da Morte, Yama-Dharma. Privaste-me da experiência suprema. Quebraste sobre a pedra negra da tua vontade aquilo que está para além de toda a compreensão e esplendor mortais. Por que não me deixaste onde estava, no oceano do ser?

—Porque o mundo precisa da tua humildade, da tua piedade, dos teus grandes ensinamentos e dos teus ardis maquiavélicos.

—Yama, sou velho — disse ele. Sou tão velho como o homem neste mundo. Sabes, fui um dos primeiros; um dos primeiros que vieram para aqui, construíram e se fixaram: todos os outros já morreram, ou são deuses, deuses ex machine... Também tive essa oportunidade, mas deixei-a escapar; muitas vezes; para dizer a verdade nunca quis ser deus, Yama. Foi só mais tarde, quando vi o que eles estavam a fazer, que comecei a reunir todo o poder que consegui. Era demasiado tarde, porém, e eles demasiado poderosos. Agora, apenas pretendo dormir o sono dos tempos, conhecer novamente o Grande Repouso, a bem-aventurança perpétua, ouvir os cânticos que as estrelas entoam nas praias do vasto oceano.

Ratri inclinou-se para frente e lançou-lhe um olhar penetrante.

—Precisamos de ti, Sam — disse ela

—Eu sei, eu sei — respondeu ele. — É sempre a mesma coisa, quando temos um cavalo dócil, obrigamô-lo a percorrer mais um quilômetro. — Mas sorriu ao dizer estas palavras e ela beijou-o na frente.

Tak saltou para cima da cama e fez uma pirueta.

— A humanidade rejubila. — observou o Buda. Yama entregou-lho uma túnica e Ratri colocou-lhe um par de sandálias. Quem conheceu a paz que transcende o entendimento, precisa do tempo para se reinserir no mundo mortal. Sam adormeceu e enquanto dormia,

sonhou. Durante o sonho gritou. Não tinha apetite, mas Yama havia-lhe fornecido um corpo robusto e saudável, capaz de suportar a transmutação psicossomática do divino para o humano.

No entanto, costumava ficar sentado durante uma hora, imóvel, de olhar fixo num seixo, numa semente ou numa folha, e nesses momentos nada conseguia despertá-lo.

Yama pressentiu aí um perigo e discutiu o assunto com Ratri e Tak.— Não é bom que ele se retire assim do mundo neste momento. — disse Yama.

— Falei com ele, mas foi como se falasse com o vento .Não consegue recuperar o que deixou, e o esforço que dispense consome-lhe as forças.

—Talvez interpretes mal a sua atitude — disse Tak.

—Que queres dizer?

—Vês como contempla a semente que está diante dele? Observa as rugas aos cantos dos seus olhos.

—Sim, que têm?

—Tem os olhos semicerrados. A sua visão está afectada?

—Não.

—Então, por que semicerra os olhos?

—A fim de melhor observar a semente.

—Observar? Não é essa a Via, como ele outrora ensinou. No entanto, ele observa, não medita, procurando no interior do objecto aquilo que conduz à libertação do homem. Não.

—Que faz ele então?

— O contrário.

— O contrário?

—Observa o objecto, estuda a sua forma, procurando deixar-se subjugar! Procura dentro do objecto um pretexto para viver. Tenta deixar-se envolver pela trama de Maya, a ilusão do mundo.

—Acho que tens razão, Tak! — exclamou Ratri. — Como poderemos ajudá-lo nos seus esforços?

—Não sei, senhora.

Yama acenou com a cabeça, e o seu cabelo negro brilhou sob um raio de sol que penetrava pelo estreito pórtico.

—Apontaste exactamente aquilo que eu não conseguia ver — confessou Yama. Ele ainda não regressou totalmente, embora tenha um corpo, pise o solo com pés humanos e fale como nós. O seu espírito continua fora do nosso alcance.

—Que havemos, então, de fazer? — repetiu Ratri.

—Leva-o a dar longos passeios pelo campo — sugeriu Yama. — Oferece-lhe iguarias: desperta a sua alma com poemas e canções; arranja-lhe bebidas fortes que, aliás, não temos aqui no mosteiro. Reveste-o de sedas garridas ; traz-lhe uma ou duas cortesãs, submerge-o novamente na vida; só assim ele se libertará das cadeias de Deus. Que estúpido fui em não ter compreendido isso há mais tempo...

—Nem por isso, deus da Morte — disse Tak.

Uma chama de malícia brilhou nos olhos de Yama e ele sorriu.

—Estou a pagar pelos comentários que, talvez irreflectidamente, deixei chegar à essas orelhas peludas. Peço desculpa, macaco. És um verdadeiro homem de espírito e de discernimento.

Tak fez uma ligeira vênia.

Ratri deu uma pequena risada.

—Diz-nos, inteligente Tak, pois talvez tenhamos sido deuses durante demasiado tempo e nos falte ângulo de visão correcto, como havemos de fazer para lhes restituir a natureza humana e assim conseguirmos melhor os objectivos que procuramos?

Tak fez uma nova vênia e dirigiu-se a Ratri:

— Como Yama propôs — declarou—, hoje, senhora, vais com ele dar um passeio no sopé das montanhas. Amanhã o Senhor Yama leva-o até à orla da Floresta. No dia seguinte, acompanhá-lo-ei entre as árvores e os arbustos, as flores e as trepadeiras. Depois, veremos.

—Faça-se como dizes — aquiesceu Yama. E assim se fez.

Nas semanas que se seguiram, Sam empreendeu esses passeios com crescente prazer até que começou a desejá-los com ansiedade. Passou a sair sozinho, demorando-se cada vez mais tempo longe do mosteiro: primeiro, varias horas durante a manhã, depois, um dia inteiro, e uma ocasião ficou ausente um dia e uma noite.

NO FIM DA TERCEIRA SEMANA, Yama e Ratri estavam a discutir o assunto na varanda durante as primeiras horas da manhã.

—Não me está a agradar este seu hábito — disse Yama. — Seria um insulto impor-lhe a nossa companhia, quando ele não a deseja: mas existem perigos na floresta, sobretudo para alguém que regressou há pouco a este mundo. Devíamos saber como ele passa o tempo.

Mas faça ele o que fizer, está a ajudá-lo a reintegrar-se no mundo — disse Ratri devorando mais um doce. — Está menos reservado, fala mais e até graceja; bebe o vinho que lhe trouxemos e está a recuperar o apetite.

—Mas se ele encontrasse um enviado de Trimurti, poderia ser o seu fim.

Ratri mastigou lentamente.

—É pouco provável que eles se aventurem nesta região —declarou ela —Os animais vê-lo-ão como uma criança e não lhe farão mal; os homens tomá-lo-ão por um santo eremita, os demônios sempre o temeram e portanto, respeitam-no.

Yama, porém, abanou a cabeça.

—Senhora, não é assim tão simples. Embora tenha desmontado quase toda a minha maquinaria e a tenha escondido a centenas de léguas daqui, a quantidade maciça de energias que libertei não pode ter passado despercebido. Mais cedo ou mais tarde, este local será visitado. Utilizei tabiques e deflectores mas, em certas regiões, deve ter parecido que o Fogo Universal executou uma dança sobre o mapa desta zona. Teremos de nos mudar brevemente. Preferia esperar até o nosso protegido ter recuperado completamente, mas...

—Não poderiam certas forças naturais ter desencadeado os mesmos efeitos energéticos que as tuas manipulações?

—Sim, e tal regista-se nesta zona, por isso a seleccionei para nossa base: é muito possível que nada venha a suceder, mas tenho as minhas dúvidas. Os meus espiões nas aldeias não relatam qualquer actividade desusada. Mas no dia em que ele regressou, cavalgando a crista da tempestade, alguns viram o carro trovejante sulcar os céus. Isso passou-se longe daqui, mas não posso acreditar que não esteja relacionado.

—Nunca mais voltou, porém.

—Que nós saibamos; mas receio...

—Partamos, então, imediatamente. Confio nos teus pressentimentos. Possuis mais poder que qualquer outro dos Caídos. Quanto a mim, assumir uma forma agradável, nem que seja por alguns minutos, representa um enorme esforço.

—Os poderes que possuo — disse Yama, enchendo de chá a chávena de Ratri

— estão intactos porque não são da mesma natureza que os teus.

Ele sorriu, mostrando fileiras regulares de dentes longos e brilhantes. O sorriso repuxou a extremidade de uma cicatriz na face esquerda e estendeu-se até ao canto do olho. Retomando uma expressão séria, continuou:

—A maior parte do meu poder reveste a forma de conhecimento e nem os Senhores do Karma me poderiam ter arrebatado. O poder de quase todos os Deuses, porém, assenta na fisiologia especial que perdem parcialmente quando incarnados num novo corpo: o espírito, dir-se-ia que, recordando, acaba por alterar o corpo até certo ponto, formando uma nova homeostase, permitindo, desse modo, uma recuperação gradual do poder. No entanto, o meu regressa rapidamente e, neste momento, possuo-o na sua totalidade. Mas mesmo que assim não fosse, posso servir-me do meu conhecimento como de uma arma, e isso é um poder.

Ratri continuou a bebericar o chá.

— Qualquer que seja a sua origem, se teu poder diz que devemos partir, então partamos. Quando ?

Yama abriu uma bolsa de tabaco e enrolou um cigarro enquanto falava. Ratri reparou que os dedos trigueiros e ágeis de Yama se moviam com a destreza dos de alguém que tocasse um instrumento musical.

—Acho que não nos devemos a tardar aqui mais de uma semana ou dez dias. Nessa altura, teremos de o afastar desta região.

Ela aquiesceu.

—Para onde?

—Talvez um pequeno reino no sul, onde possamos ir e vir sem sermos incomodados.

Acendeu o cigarro e puxou uma fumaça.

—Tenho uma ideia melhor — disse ela. — Fica sabendo que, sob um nome mortal, sou senhora do palácio de Kama em Khaipur.

—O Fornicatório, senhora?

Ela fez uma expressão de desagrado.

—A gente grosseira conhece-o frequentemente por esse nome, mas considero-o ofensivo. É um local de repouso, de prazer, de santidade e a fonte dos meus proventos. Penso que seria um bom esconderijo para o nosso protegido, enquanto ele recupera e nós fazemos os nossos planos.

Yama deu uma palmada na coxa.

—Que excelente ideia! Quem se lembraria de procurar o Buda num bordel? Ótimo! Vamos então para Khaipur, querida deusa, para Khaipur e para o palácio do amor!

Ela levantou-se e bateu iradamente o pé.

—Não admito que fales assim do meu estabelecimento!

Ele baixou os olhos e o sorriso desapareceu-lhe do rosto. Depois, levantou-se e disse com uma reverência:

—Peço-te perdão, querida Ratri, mas foi para mim uma grande surpresa —Engasgou-se e desviou o olhar. Quando voltou a encarar Ratri havia sobriedade e compostura no seu rosto: — Fiquei surpreendido pela aparente incongruência. Agora, porém, compreendo como a solução é avisada. É uma cobertura perfeita, uma fonte de rendimentos e, o que é mais importante, o modo ideal de obter informações secretas entre os negociantes, os guerreiros e os sacerdotes. Proporciona-te posição social e dá-te voz nos assuntos civis. Ser deus é uma das mais velhas profissões do mundo. É, portanto, apropriado que nós, os caídos, procuremos protecção no seio de outra venerável tradição. Felicito-te; dou graças pela tua sensatez e prudência. Não difamo os empreendimentos de uma benfeitora e co-conspiradora. Na realidade, estou ansioso pela visita.

Ela sorriu e voltou a sentar-se.

—Aceito tua hábil desculpa, filho da serpente. De qualquer maneira, é muito difícil ficar zangada contigo. Serve-me de mais chá, por favor.

Recostaram-se. Ratri bebendo o chá, Yama fumando. Ao longe, a tempos lado obscurecia o céu. Sobre eles, porém, o sol continuava a brilhar, e a brisa fresca acariciou-lhes o rosto.

— Viste o anel de ferro que ele usa? — perguntou Ratri, comendo outro doce.

— Vi.

— Sabes onde o arranjou ?

—Não.

—Nem eu, mas acho que devíamos averiguar a sua origem.

— Tens razão.

—Como havemos de fazer?

— Incumbi Tak da tarefa, pois ele conhece a floresta melhor que nós. Está, neste momento, a seguir a pista. Ratri mostrou-se satisfeita.—Ótimo! — disse ela .—Ouvi dizer — confidenciou Yama — que os deuses ainda visitam ocasionalmente os palácios mas s famosos de Kama, geralmente sob disfarce, mas às vezes sem dissimularem os seus poderes. É verdade?

—É. Ainda no ano passado o Senhor Indra foi a Khaipur; há três anos o falso Krishna fez-nos uma visita. Entre toda a corte celeste, Krishna, o Infatigável, é quem causa maior consternação junto do pessoal. Permaneceu durante um mês e registraram-se muitos distúrbios que provocaram estragos exigiram os serviços de muitos médicos .Quase esvaziou a adega e a despensa. Uma noite, porém, tocou-nos as suas flautas, cujo som lhe mereceria o perdão de quase qualquer ofensa. Mas não foi a verdadeira magia que ouvimos essa noite, pois só existe um verdadeiro Krishna: moreno e hirsuto, de olhos vermelhos e ardentes. Este dançou em cima das mesas provocando grandes estragos, e o seu acompanhamento musical deixava muito a desejar.

—Ele ofereceu alguma reparação pela carnificina, além das melodias? Ela deu uma gargalhada.

— Vamos lá, Yama, nada de perguntas retóricas entre nós.

Yama expeliu uma baforada de fumo.

—Surya, o Sol, está prestes a ser circundado — disse Ratri. Perscrutando os céus — , e Indra aniquila o dragão. As chuvas vão chegar a qualquer momento.

Um manto cinzento pairava sobre o mosteiro; o vento soprou mais forte e a água começou a escorrer pelas paredes, uma espessa cortina de chuva cerrou a abertura da varanda.

Yama serviu mais chá; Ratri comeu outro doce.

Tak embrenhou-se na floresta; saltava do árvore para árvore, de ramo para ramo, enquanto ia observando a pista. Tinha o pêlo molhado, pois, à sua passagem, as folhas derramavam pequenos aguaceiros. As nuvens elevavam-seno horizonte, mas o sol da madrugada brilhava ainda no nascente, e a floresta revestia-se de magníficos coloridos na luminosidade dourada. As aves cantavam no emaranhado de ramos, de cipós e de folhas que formavam uma barreira de cada lado da vereda; os insectos zumbiam e, de vez em quando ouvia-se um uivo ou um latido, o vento fazia sussurrar a folhagem. A certa altura, a pista descrevia uma curva abrupta e perdia-se numa clareira.

Tak desceu das árvores e continuou a pé .Na outra extremidade da clareira trepou novamente para as árvores reparou que o caminho se tornara quase paralelo às montanhas; ouviu-se o ribombar distante do trovão e, daí a pouco, começou a soprar uma brisa fresca. Tak prosseguiu balouçando-se entre os galhos, rompendo teias de aranha cravejadas de gotículas, assustando os pássaros que dispersavam em bandos coloridos e barulhentos. A vereda corria agora em direcção às montanhas, serpenteando ligeiramente. Por vezes, bifurcava em várias direcções e Tak descia e observava cuidadosamente os rastos. Sim. Sam tinha virado aqui; Sam detivera-se junto deste charco para beber, aqui, onde os cogumelos atingem quase a altura de um homem e constituem um excelente abrigo contra a chuva; Sam tomou aquela direcção; acolá parara novamente para atar a correia da sandália; e mais adiante encostara-se a uma árvore que parecia albergar uma dríade...

Tak prosseguiu, dando, segundo calculava, meia hora de avanço à Sam, permitindo-lhe, assim, iniciar qualquer actividade que lhe parecesse interessante.

Sobre os cumes da montanha, os relâmpagos riscaram o céu; ouviu-se mais uma vez o ribombar do trovão. A pista desviava-se para o sopé da serra, onde a floresta era mais esparsa, e Tak continuou de atas entre a vegetação rasteira. Começou a escalar a montanha escarpada e agreste. Sam passara por ali e Tak seguiu a sua pista sem hesitação.

Lá em cima, a Ponte dos Deuses, de reflexos dourados, desapareceu quando as nuvens correram para oriente. Os raios zigzaguearam no céu e ouviu-se o trovão. O vento soprava com maior violência em campo aberto e fazia vergar os arbustos: a temperatura descera vertiginosamente.

Tak sentiu as primeiras gotas de chuva e procurou refúgio sob um rochedo. A sua volta, tudo se tornara cinzento e frio. a natureza parecia ter sofrido uma metamorfose.

No céu explodiu um violento clarão que lançou três torrentes de luz sobre os rochedos escarpados quase no topo da montanha.

Quando recuperou a visão, Tak compreendeu o que se passara. Era como se cada raio que caíra tivesse deixado ficar uma parte de si mesmo oscilando no ar cinzento, dardejando faíscas, apesar da torrente que se despenhava sobre o solo.

Tak ouviu então uma gargalhada, ou seria ainda um eco do trovão que ficara nos seus ouvidos?

Não, era realmente uma gargalhada — gigantesca, inumana.

Passados momentos ouviu-se um uivo de raiva. Depois, outro clarão, outro estrondo.

Outra coluna de fogo oscilou junto do rochedo. Tak permaneceu em silêncio durante cerca de cinco minutos. Ouviu-se novamente um uivo, seguido de três clarões e um estrondo. Viu então sete colunas de fogo.

Ousaria Tak aproximar-se e, contornando aqueles fenômenos, espreitar o que se passava do outro lado da escarpa?

Se o fizesse e se, como temia, aquele fenômeno estivesse relacionado com Sam, que poderia ele fazer se o próprio Iluminado não conseguia dominar a situação?

Não sabia que fazer, mas, instintivamente, começou a rastejar entre a erva molhada, descrevendo uma curva para a esquerda.

Quando estava a meio caminho o fenômeno repetiu-se, e aquelas coisas elevaram-se nos ares e começaram a oscilar violentamente, como se as bases estivessem solidamente fixas no solo.

Tak ficou agachado, encharcado e trêmulo, e constatou que a sua coragem era, afinal, bem pequena. Prosseguiu, porém, e contornou aquele lugar estranho.

Deteve-se por detrás dele, num ponto semeado de grandes pedregulhos, feliz por ter encontrado um abrigo onde não podia ser visto de baixo, avançou lentamente, sem despregar os olhos da escarpa.

Verificou, então, que era parcialmente oca. Na base havia uma caverna seca e pouco profunda onde se encontravam duas silhuetas ajoelhadas. Seriam santos homens em oração

Nesse momento, um clarão medonho e assustador abateu-se sobre os rochedos, era como se um monstro com língua de fogo lambesse repetidamente a rocha, lançando, ao mesmo tempo, rugidos tremendos, durante talvez um quarto de minuto.

Quando abriu os olhos, Tak contou vinte colunas de fogo. Um dos santos homens inclinou-se para a frente e fez um gesto; o outro riu, e as palavras que ele pronunciou chegaram aos ouvidos de Tak.

— Olhos de serpente! Os meus agora!

—Qual é a quantidade? — perguntou o outro, e Tak reconheceu a voz da grande Alma Sam.

—Duas vezes ou nenhuma! — bramiu o outro homem, oscilando para a frente e para trás; imitou, então, o gesto de Sam.

— Nina de Srinagina! — entoou ele; novamente se balouçou e gesticulou.

— Sagrado Sete — disse Sam em voz baixa, outro rugiu.

Tak fechou os olhos e tapou os ouvidos, à espera do que se seguiria ao rugido.

Não se enganou.

Quando o clarão e o tumulto se dissiparam, Tak viu diante dele uma cena claramente iluminada. Não se deu ao trabalho de contar; era evidente que havia 40 línguas de fogo suspensas sobre o local, projectando um brilho sobrenatural; o seu número tinha duplicado.

O ritual prosseguiu. Na mão esquerda do Buda. o anel de ferro emitiu uma luz pálida e esverdeada.

Tak ouviu novamente as palavras: "Duas vezes ou nenhuma", e a resposta do Buda. «Sete Sagrado».

Dessa vez. pensou que o flanco da montanha se ia desintegrar e que o clarão era uma imagem consecutiva gravada na retina através das pálpebras cerradas; estava enganado.

Quando abriu os olhos viu um verdadeiro exército de raios em movimento. O seu fulgor ofuscou-o e ele protegeu os olhos.

—Então, Raltariki? — perguntou Sam, enquanto um brilho cor de esmeralda dançava na sua mão esquerda.

—Mais uma vez, Siddhartha. Duas vezes ou nenhuma !

As chuvas pararam por um momento, e no fulgurante clarão produzido pelos raios na encosta, Tak viu que Raltariki tinha cabeça de búfalo e quatro braços. Estremeceu de pavor. Tapou os olhos e os ouvidos, cerrou os dentes, e ficou à espera.

Passados momentos, aconteceu. Desencadeou-se uma série de bramidos e clarões e Tak perdeu os sentidos. Quando recuperou a consciência, não viu mais que uma chuva miúda e a bruma. Na base do rochedo estava sentado um vulto, sem chifres, e apenas com um par de braços, como o comum dos mortais. Tak ficou imóvel, na expectativa.

—Isto —disse Yama, entregando-lhe um aerossol — afasta os demônios .De futuro, sugiro que te pulverizes cuidadosamente quando pretenderes aventurar-te tão longe do mosteiro. Pensei que esta região estava livre dos Rakasha, senão ter-to-ia dado há mais tempo.

Tak pegou no recipiente e colocou-o sobre a mesa.

Estavam sentados nos aposentos de Yama, onde haviam tomado uma refeição ligeira. Yama recostou-se na cadeira, segurando um copo de vinho do Buda na mão esquerda, e uma garrafa meia cheia na direita.

—Então o denominado Raltariki é, realmente, um demônio? — perguntou Tak.

—Sim e não — respondeu Yama. —Se por «demônio» te referes a uma criatura maléfica e sobrenatural, possuindo grandes poderes, vida suficientemente longa e capacidade de assumir temporariamente qualquer forma, então a resposta é não. É esta a definição geralmente aceite, mas não corresponde à realidade num aspecto.

—Ah, sim? E qual é?

—Não é um ser sobrenatural.

—Mas é todas as outras coisas?

—É.

—Então não compreendo que importância tem ser ou não sobrenatural desde que seja maléfico, possua grandes poderes e uma vida suficientemente longa que lhe permita mudar de aspecto quando lhe apetece.

—Mas existe uma grande diferença: a diferença entre o desconhecido e o insondável, entre a ciência e a fantasia, é uma questão de essência. Os quatro pontos cardeais são a lógica, o conhecimento, a sabedoria e o desconhecido. Alguns inclinam-se nesta última direcção; outros progridem sobre ela. Submeter-se diante de uma é perder de vista as outras três. Posso submeter-me ao desconhecido mas nunca ao insondável. O homem que segue essa última direcção ou é santo ou louco. Nem um nem outro me serve.

Tak encolheu os ombros e continuou a beber o vinho

—Mas e os demônios...?

—Cognoscíveis. Realizei experiências com eles durante muitos anos, e fui um dos Quatro que desceram aos Infernos, se bem te recordas,

depois de Taraka ter fugido do Senhor Agni em Palamaisu. Não és tu Tak dos Arquivos ?

—Fui.

—Leste, então, os relatos dos primeiros contactos com os Rakasha ?

—Li os relatos dos dias em que eles foram subjugados...

—Sabes então que eles são os habitantes originais deste mundo, que estavam aqui antes da chegada do Homem posteriormente ao desaparecimento de Urath.

.—Sim

—São seres de energia, não de matéria. Segundo reza a sua tradição, possuíram, outrora, corpos e viveram em cidades. A procura da imortalidade pessoal, porém, levou-os a caminhos diferentes dos seguidos pelo Homem. Descobriram um modo de se perpetuarem como campos energéticos estáveis. Abandonaram os corpos a fim de viverem eternamente como turbilhões de energia. Mas não são puros intelectos: conservaram os seus egos íntegros e, sendo nascidos da matéria, sentem-se constantemente atraídos pela carne. Embora possam assumir temporariamente a sua aparência, não o podem fazer sem auxilio. Durante muito tempo, vaguearam sem objetivo por este mundo; mas a chegada do Homem despertou-os da sua letargia. Revestiram as formas dos pesadelos do Homem a fim de o atormentarem. Foi por isso que tiveram de ser submetidos e relegados para as profundezas do Ratnagaris. Não conseguimos destruí-los todos; não podíamos permitir que eles continuassem a tentar apoderar-se das máquinas da incarnação e dos corpos dos homens. Foram, por isso, capturados e encerrados em grandes garrafas magnéticas. Tak.—No entanto, Sam libertou muitos para realizar a sua vontade — disse

—Sim, fez um pacto, e alguns deles continuam à solta no mundo. O único homem que respeitam é talvez Siddhartha, e partilham um

grande vício com todos os homens .

—Qual?

—A paixão do jogo, fazem todo o gênero de apostas e as dívidas de jogo são o seu único ponto de honra. É indispensável que assim seja, pois, de outro modo perderiam a confiança os outros jogadores e o que é talvez o seu único prazer. Como detêm grandes poderes até os príncipes jogam com eles, esperando ganhar os seus favores. Assim se perderam reinos.

—Se, como tu pensas—disse Tak —. Sam estava empenhado num jogo

com Raltariki, qual seria a aposta?

Yama acabou de beber o vinho e tornou a encher o copo.

—Sam é tolo. Não, é um jogador. Há uma diferença. Os Rakasha dominam categorias inferiores de seres energéticos. Sam, graças ao seu anel, comanda agora uma guarda de elementos do fogo que conquistou a Raltariki. São seres destruidores e implacáveis e cada um possui a força de um raio.

Tak acabou de beber o vinho.

—Mas, que estaria em jogo durante a partida? Yama suspirou.

—Todo o meu trabalho, todos os nossos esforços de mais de meio século.

—Referes-te ao corpo de Sam?

Yama aquiesceu.

— Um corpo humano é o melhor que um demônio pode desejar,

— Por que haveria Sam de arriscar o seu próprio corpo?

Yama olhou para Tak sem o ver.

— Deve ter sido o único modo que arranjou para o prender novamente à missão, ou seja, colocando-se ele próprio em risco, arriscando a sua própria vida a cada lançamento de dados.

Tak encheu mais uma vez o copo e esvaziou-o de um trago.—Isso é insondável para mim — disse ele.Yama abanou a cabeça.

— Apenas desconhecido — disse ele—Sam não é exactamente um santo também não é parvo.

“Mas quase”, pensou Yama, e nessa noite espalhou repelente de demônios a volta do mosteiro.

NA MANHÃ SEGUINTE, um homem de pequena estatura aproximou-se do mosteiro e sentou-se em frente da porta principal, colocando uma tigela de esmolas aos pés . Usava uma túnica puída, de tecido castanho grosseiro que chegava aos tornozelos; sobre o olho esquerdo tinha uma venda negra. Os cabelos esparsos eram negros e longos. O nariz afilado, o queixo fugidio e as orelhas grandes e espalmadas davam-lhe o aspecto de uma raposa. Tinha a pele retesada e curtida pelas intempéries; o único olho visível era verde e parecia nunca pestanejar.

Ficou ali sentado durante uns vinte minutos até que um dos monges e Sam notou a sua presença e a comunicou a um dos membros da ordem de Ratri. Esse monge, por sua vez, relatou o facto a um sacerdote. O sacerdote, desejoso de causar uma boa impressão a deusa, mandou entrar o mendigo, deu-lhe de comer, roupas novas e uma cela onde poderia dormir enquanto desejasse permanecer no mosteiro.

O mendigo aceitou a comida com cortesias dignas de um brâmane, mas só quis comer pão e fruta. Aceitou igualmente o hábito escuro da ordem de Ratri. Despojando-se da sua túnica suja. Inspeccionou, depois, a cela e a enxerga limpa que foi posta à sua disposição.

—Agradeço-te, venerável sacerdote — disse ele, numa voz profunda e grave, que contrastava com a sua pequena estatura — Agradeço-te e rogo a tua deusa que te cubra com os seus favores pela amabilidade e generosidade que me dispensas em seu nome.

O sacerdote sorriu discretamente, desejando que a deusa passasse por ali naquele momento e presenciasse a sua amabilidade e generosidade. Tal não sucedeu, porém. Na realidade, poucos membros da ordem a tinham visto, mesmo na noite em que ela se revestira do seu poder e caminhara entre eles: pois só os da túnica cor de açafão haviam assistido ao despertar de Sam e sabiam realmente quem ele era. Normalmente, ela percorria o mosteiro enquanto os seus devotos estavam em oração, ou depois de se terem retirado para as celas. Dormia, sobretudo, durante o dia.

Quando os monges acidentalmente se cruzavam com ela nos corredores do mosteiro, a deusa estava sempre embuçada e envolta na sua capa; comunicava directamente os seus desejos e ordens a Gandhiji, o superior da ordem, que tinha 91 anos e era quase cego.

For essa razão, tanto os seus monges como os da túnica açafão sentiam grande curiosidade quanto à aparência da deusa e procuravam cair-lhe nas boas graças. Dizia-se que a sua bênção garantia a reencarnação como brâmane.

Apenas Gandhiji parecia indiferente a essa vantagem, pois aceitara a morte verdadeira.

Como Ratri continuava invisível, o sacerdote prolongou a conversa.

—Sou Balarma — declarou ele. — Posso saber o teu nome, bom senhor, e talvez o teu destino?

—Chamo-me Aram — respondeu o mendigo —. e fiz um voto de pobreza por dez anos e de silêncio por sete. Felizmente, os sete anos já passaram e assim posso agradecer aos meus benfeitores e responder às suas perguntas. O meu destino são as montanhas onde desejo encontrar uma caverna a fim de meditar e orar. Poderei aceitar a vossa bondosa hospitalidade durante alguns dias antes de prosseguir a minha jornada.

—Com efeito — disse Balarma — , sentir-nos-emos honrados pela presença de um santo homem no nosso mosteiro; és bem-vindo. Não hesites em pedir-nos algo de que necessites para a tua viagem: estamos ao teu dispor.

Aram fitou-o com o seu olho verde.

—O primeiro monge que me viu não usava a túnica da tua ordem — disse ele, tocando o hábito escuro.

— e o meu pobre olho não me enganou, era de outra cor.

—Sim — respondeu Balarma. — Os seguidores do Buda procuram refúgio no nosso mosteiro onde repousam das suas peregrinações.

—Isso é muito interessante disse Aram — pois gostaria de falar com eles para conhecer um pouco melhor a sua doutrina.

—Terás ampla oportunidade para isso, se decidires ficar conosco durante algum tempo.

— É o que vou fazer. Quanto tempo permanecem eles aqui ?

— Não sei.

— Quando poderei falar com eles ?

—Esta noite, todos os monges se reúnem durante uma hora e podem falar livremente, excepto aqueles que fizeram voto de silêncio.

— Permanecerei em oração até lá — disse Aram. —Obrigado. Fizeram uma ligeira vénia e Aram entrou na sua cela.

NESSA NOITE, Aram participou na hora de recreação dos monges. Os membros das duas ordens confraternizaram e entabularam conversa. Nem Sam nem Tak estavam presentes; Yama nunca participava pessoalmente. Aram sentou-se na longa mesa do refeitório, em frente de vários monges do Buda. Conversou um pouco com eles, discorrendo sobre doutrina e prática, castas e convicções, o tempo e os assuntos do dia.

—Parece-me estranho — disse ele, passados momentos — que os da vossa ordem tenham vindo tão inesperadamente para o sudoeste.— Somos uma ordem itinerante — explicou o monge a quem Aram se tinha dirigido. — Seguimos o vento, seguimos os nossos corações .

— Para a terra do solo cor de ferrugem, na estação dos relâmpagos? Vai se verificar-se alguma revelação que poderia alargar o meu espírito sea observasse?

—Todo o universo é uma revelação — respondeu o monge. Todas as coisas mudam e, no entanto, permanecem. O dia segue-se à noite... cada dia é diferente mas não deixa de ser um dia. O mundo é uma ilusão, mas as formas dessa ilusão seguem um modelo que é uma parte da realidade divina.—Sim, sim — aquiesceu Aram — sou versado nos segredos da ilusão e da realidade; o que pretendo saber é se surgiu um novo professor na região, ou algum outro, ou se ocorre uma manifestação divina que poderia ser benéfica para a minha alma.

Enquanto falava, o mendigo empurrou para o chão um escaravelho vermelho, do tamanho da unha do polegar, e preparou-se para o esmagar com a sandália.

— Por favor, irmão, não lhe faça mal — disse o monge .

—Mas há escaravelhos por todo o lado, e os mestres do Karma disseram homens não podem reencarnar sob a forma de insecto, e que matar um é um acto karmicamente inofensivo.

—Não obstante — disse o monge —. como a vida constitui uma unidade, neste mosteiro praticamos a doutrina da ahimsa e abtemo-nos de tirar qualquer vida, seja qual for a forma que ela revista.

—No entanto — observou Aram . — Patanjali afirma que o que conta é a intenção, não o acto. Portanto, se matasse com amor e não com crueldade; seria como se não tivesse morto. Confesso que não foi o caso, e que havia maldade em meu gesto; em consequência, mesmo que não mate sou culpado devido à minha intenção. Ainda que esmagasse agora o insecto não seria pior, de acordo com o princípio da ahimsa. Visto que sou vosso hóspede, porém, respeito os hábitos deste mosteiro e não farei tal coisa. Dizendo estas palavras afastou a sandália do insecto, que permaneceu imóvel, com as antenas vermelhas erectas.

—É na realidade, um entendido — disse um monge da ordem de Ratri . Aram sorriu

— Agradeço-te o elogio, mas não corresponde à verdade — declarou. —Limito-me a procurar humildemente a verdade, e tive em tempos passados; o privilégio de ouvir as prelecções dos entendidos. Oxalá pudesse ter nova mente essa oportunidade! Se por acaso se encontrasse nas imediações um grande professor ou um sábio, caminharia sem hesitar sobre brasas escaldantes apenas para me sentar a seus pés e escutar as suas palavras ou observar o seu exemplo. Se...

Calou-se, pois, nesse momento, todos os olhares se voltaram bruscamente para a porta que se encontrava atrás dele. Não voltou a cabeça, mas esmagou um escaravelho que se encontrava perto da sua mão. Do dorso fragmentado do insecto sobressaíram uma pequena ponta de cristal e dois minúsculos arames.

Então, virou-se, o seu olho verde percorreu a fila de monges sentado atrás dele e foi pousar em Yama, que envergava calças, botas, camisa, faixa, capa e luvas, tudo vermelho, e cuja cabeça estava envolta num turbante cor de sangue.

—Se... — repetiu Yama. — Estava a dizer « se »? Se um sábio ou uma encarnação da divindade habitasse nas redondezas, gostarias de o conhecer? É isso que estavas a dizer, forasteiro?

O mendigo levantou-se e fez uma reverência.

—Sou Aram — declarou ele — um viajante em busca da verdade.

Yama não retribuiu a saudação.

—Por que dizes o teu nome ao contrário, Senhor da Ilusão, quando toda as tuas palavras e gestos o proclamam inequivocamente? O mendigo pareceu perplexo. —Não compreendo o que pretendes dizer. Mas o sorriso voltou aos seus lábios. —Sou alguém que procura o Caminho e a Verdade — acrescentou.

—Custa-me a crer em tal, depois de ter testemunhado a tua perfídia durante, pelo menos, mil anos.

—Só os deuses vivem tanto tempo.

—Assim é, com efeito. Cometeste um grave erro, Mara.

—Qual, posso saber?

—Julgar que poderás sair vivo daqui.

—Admito que conto com isso.

—Esqueces-te dos inúmeros acidentes que podem sobrevir a um viajante solitário nesta região inóspita...

— Há muitos anos que viajo sozinho. Os acidentes acontecem sempre aos outros.

—Talvez penses que mesmo que o teu corpo fosse destruído aqui, a tua atman seria transferida para outro corpo que se encontrasse num local diferente. Segundo vejo, alguém decifrou as minhas notas, e é agora possível recorrer a essa astúcia.

O mendigo franziu imperceptivelmente os sobrolhos.—Não conheces as forças que se ocultam neste edifício e que impedem essa transferência. O mendigo dirigiu-se para o centro da sala. —Yama disse ele —. és tolo se pensas que podes equiparar os teus débeis poderes aos do Sonhador. —Talvez seja, Senhor Mara — replicou Yama — mas esperei demasiado tempo por esta oportunidade para a poder adiar por mais tempo.

—Lembraste da minha promessa em Keenset? Se desejas prolongar a tua cadeia de vidas sucessivas, terás e passar por esta porta e eu impeço-lhe o caminho. Nada fora desta sala te pode ajudar agora.

Mara ergueu as mãos e o fogo irrompeu.

Tudo ficou envolto em chamas .Colunas de fogo jorraram das paredes de pedra, das mesas, das túnicas dos monges. Yama permaneceu impávido no meio do braseiro.

— É o melhor ue sabes fazer ? perguntou. As tuas chamas lambem tudo mas não queimam.

Mara bateu as palmas e as chamas extinguiram-se.

No seu lugar, enorme, de cabeça prateada oscilante, a mecobra assumiu a posição de ataque em forma de S.

Yama ignorou-a e o seu olhar tenebroso trespassou o único olho de Mara como o agulhão de um insecto negro.

A mecobra desvaneceu-se antes de ter atacado . Yama deu um passo em frente.

Mara recuou um passo.

Assim permaneceram durante alguns segundos; depois, Yama avançou mais dois passos e Mara recuou novamente. Ambos tinham a testa perlada de suor.

O mendigo tornara-se mais alto, e o seu cabelo mais espesso; era mais robusto e os seus ombros pareciam mais largos. Havia uma certa harmonia nos seus movimentos, o que anteriormente não se notara.

Recuou mais um passo.

—Sim, Mara, há um deus da morte — disse Yama de dentes cerrados. Caído ou não, a verdadeira morte habita nos meus olhos; tens de os enfrentar. Quando chegares a parede não podes recuar mais. Sente a força abandonar os teus membros, sente o frio que ganha as tuas mãos e os teus pés.

Mara descobriu os dentes com uma rosnadela: o seu pescoço era possante como o de um touro, os seus biceps. tão grossos como a coxa de um homem. O seu peito arqueou-se e as suas pernas pareciam grandes árvores da floresta.

—Frio? — perguntou ele, estendendo os braços. — Posso quebrar um gigante com estas mãos. Yama; não passas de um repugnante deus escorraçado. A tua carranca pode assustar os velhos e os

fracos, os teus olhos podem paralisar os animais e as classes inferiores da humanidade. Estou tão acima de ti, como uma estrela acima do fundo do mar.

As mãos enluvadas de Yama apertaram o pescoço de Mara como um par de cobras-capelo.—Sente então esta força de que tanto troças, Sonhador. Revestiste a aparência do poder; serve-te dele! Não tentes vencer-me com palavras!

O rosto de Mara tornou-se escarlate quando as mãos de Yama lhe apertaram o pescoço, o seu olho pareceu saltar da órbita, como um holofote verde varrendo o mundo.

Mara caiu de joelhos.

— Basta, Senhor Yama! — disse ele, debatendo-se para respirar.

— Desejas, porventura, matar-te a ti próprio? As suas feições descontrairam-se e esbateram-se, como se estivesse sob águas agitadas.

Yama olhou para o seu próprio rosto, viu as suas próprias mãos sacudindo os seus pulsos.

—Estás a ficar desesperado, Mara, sentes que a vida te abandona; mas Yama não é uma criança que receie quebrar o espelho em que te transformaste. Recorre a todos os estratagemas ou morre como um homem, o resultado será o mesmo.

Verificou-se nova metamorfose.

Dessa vez, Yama hesitou, a energia abandonou-o.

Os cabelos femininos afloraram-lhe as mãos: os olhos pálidos ergueram numa súplica; à volta do pescoço tinha um colar de crânios de marfim, pouco mais claro que a pele; o sari era cor de sangue; as mãos pousaram sobre as dele, quase numa carícia...

—Deusa! —balbuciu ele.

—Não serias capaz de matar Kali?... Durga?... — disse ela, com voz sufocada. —Enganaste mais uma vez, Mara—murmurou ele —Não sabias que o homem mata aquilo que mais ama? — Apertou as mãos com mais força a voltado pescoço e ouviram-se os ossos estalar.

—Mil vezes sejas maldito — disse ele, de olhos firmemente fechados. Não haverá renascimento.

Abriu as mãos.

A seus pés jazia um homem alto, bem proporcionado, de cabeça tombada sobre o ombro direito.

O olho fechara-se finalmente. Yama rolou o cadáver com a ponta da bota.

—Preparem uma pira e incinerem este corpo —ordenou, sem se virar para os monges. Observem todos os rituais; hoje morreu um dos seres mais importantes.

Então, desviou o olhar da obra das suas mãos, girou sobre os calcanhares e saiu da sala.

Nessa noite, os relâmpagos riscaram os céus e a chuva diluviana abateu-se sobre a terra.

Encontravam-se os quatro no quarto da elevada torre que se erguia na extremidade nordeste do mosteiro.

Yama caminhava com impaciência de um lado para o outro, parando frequentemente junto da janela.

Os outros observavam-no, a espera das suas palavras.

—Eles suspeitam — disse ele —, mas não sabem. Não ousariam saquear mosteiro de um deus, oferecendo aos homens o espectáculo da divisão na hierarquia divina, a não ser que tivessem a certeza. Como não tinham a certeza investigaram; isso quer dizer que ainda temos tempo.

Eles aquiesceram.

—Um brâmane que renunciou ao mundo a fim de encontrar a sua alma passou por aqui, sofreu um acidente, e morreu a morte verdadeira. O seu corpo foi incinerado, as cinzas lançadas ao rio que corre para o mar .Foi isto que aconteceu. Os monges itinerantes do Iluminado estavam de visita nesse momento, e partiram pouco depois do incidente. Quem sabe para onde foram !

Tak empertigou-se.

—Senhor Yama — disse ele — Essa versão pode ser aceite durante uma semana, um mês, mas cairá por terra quando o Mestre julgar o primeiro dos que estiveram aqui no mosteiro que entrar nas salas do Karma. Sob as circunstâncias, penso que alguns deles serão submetidos a um julgamento prematuro só por essa razão. Que acontecerá então?

Com gestos cuidadosos e precisos, Yama enrolou um cigarro.— Temos de tomar providencias para que o que eu acabei de dizer seja o realmente sucedeu.

— Como será isso possível?

— Quando o cérebro de um homem é submetido a playback kármico, todos os acontecimentos que ele presenciou durante o seu mais recente ciclo de vida se desenrolam diante do juiz e da máquina, como um de rolo de pergaminho.

— É Verdade, concordou Yama. — E tu, Tak dos Arquivos, nunca ouviste falar em palimpsestos, pergaminhos já utilizados que são apagados e reutilizados?

— Claro que sim, mas o espírito não é um pergaminho.—Não? — perguntou Yama com um sorriso. Bem, a comparação é tua, não minha, mas afinal, que é a verdade? É o que nós quisermos que seja. Acendeu o cigarro. —Estes monges presenciaram uma coisa estranha e terrível — prosseguiu. — Viram-me assumir o meu aspecto e exercer um atributo. Viram Mara fazer a mesma coisa aqui, neste mosteiro, onde restaurámos o principio da ahimsa. Eles sabem que um deus pode realizar essas coisas sem o fardo kármico. Mas foi para eles um grande choque que lhes deixou uma impressão indelével; e a incineração ainda não se realizou; nesse momento, a versão que acabei de contar tem de ser a verdadeira no espírito dos monges.

— Como ? — perguntou Ratri.

— Neste preciso momento — disse ele —. enquanto a imagem do episódio presente na consciência deles e os seus pensamentos estão perturba os, a nova verdade será forjada e implantada no seu lugar. Sam, já descansaste o suficiente; incumbo-te desta tarefa. Deves fazer lhes um sermão, apelar para os sentimentos mais nobres e as mais elevadas qualidades do espírito que tornam os homens receptíveis à intervenção divina. Ratri e eu conjugaremos então os nossos poderes e nascerá a nova verdade.

Sam baixou os olhos, pouco à vontade .

— Não sei se conseguirei fazê-lo. Há já tanto tempo...—Quem foi Buda uma vez, será sempre Buda, Sam. Desempoeira alguma das velhas parábolas; tens cerca de quinze minutos. Sam estendeu a mão.

— Um pouco de tabaco e uma mortalha.

Pegou na bolsa de tabaco e enrolou um cigarro.

— Lume ? ... Obrigado. Inalou profundamente, expirou, tossiu.—
Estou farto de lhes mentir — disse ele, por fim — É esse realmente o problema.

—Mentir? — perguntou Yama. Quem te pediu para mentires? Cita-lhes o sermão da Montanha, se quiseres; ou qualquer passagem do Popul Noh, ou da Ilíada. Não quero saber, desperta-os um pouco, conforta-os. É tudo o que te peço.

— E depois ?

— Depois, tratarei de salvá-los a eles e a nós!

Sam assumiu uma atitude pensativa.

— Sob esse prisma... mas sinto-me pouco em forma para esse gênero de coisas .Claro que hei-de arranjar umas quantas verdades e algumas devoções. Concede-me vinte minutos.

— Está bem, vinte minutos. Depois, fazemos as malas. Amanhã partimos para Khaipur.

—Já? — perguntou Tak.

Yama abanou a cabeça.

—Já não é sem tempo.

Os monges estavam sentados no chão do refeitório. As mesas tinham sidos empurradas contra a

parede: os insectos haviam desaparecido. Lá fora, a chuva continuava a cair.

A Grande Alma Sam, o Iluminado, entrou e sentou-se diante deles. Ratri entrou vestida de monja budista, com o rosto oculto por um véu. Yama e Ratri sentaram-se ao fundo da sala. Algures, Tak estava igualmente atento, longe dos olhares.

Sam ficou em silêncio, de olhos fechados, durante alguns minutos, e de pois, disse em voz baixa:

—Tenho muitos nomes, mas nenhum interessa.

Entreabriu os olhos mas não moveu a cabeça. O seu olhar estava fixo no vácuo.

—Os nomes não são importantes prosseguiu ele. Falar é dizer nomes mas falar não é importante. Acontece uma coisa que nunca tinha acontecido; ao vê-la, o homem vê a realidade, não pode dizer aos outros o que viu. Os outros, porém, desejam saber e per untam-lhe: «Como é essa coisa que viste? »Ele teria explicar-lhes. Talvez tenha visto o primeiro fogo do mundo e diz-lhes: «É vermelho como uma papoula, mas nele bailam outras cores. Não tem forma como a água, e flui por toda a parte. É quente como o sol do verão, mas ainda mais. Durante uns momentos, brinca sobre um pedaço de madeira mas, depois, a madeira desaparece como se tivesse sido devorada, deixara uma substância negra e fina como a areia. Quando a madeira desaparece o fogo também desaparece.

Portanto, os ouvintes devem pensar que a realidade é como uma papoula, como a água, como o sol, como aquilo que devora e excreta. Pensam que se assemelha a algo que lhes foi descrito pelo homem que a viu; mas não viram o fogo, não sabem realmente como é, só ouviram a sua descrição.

Mas o fogo volta a surgir, muitas vezes: outros homens observam. Passado algum tempo, o fogo é tão vulgar como a erva, e as nuvens e o ar que eles respiram. Compreendem que, embora se pareça com uma papoula, não é uma papoula, embora se assemelhe à água, não é água, embora seja parecido com o sol, não é o sol, embora seja

como algo que devora e excreta, não é uma coisa que devora e excreta, é diferente de todas essas coisas consideradas individualmente e em conjunto. Observam essa nova realidade e inventam uma nova palavra para a designar; chamam-lhe « ogo».

<<Se encontram alguém que ainda não viu o fogo e lhe falam dele, essa pessoa não sabe de que é que eles estão a falar. Assim, por sua vez, descrevem-lhe o fogo, e, ao fazê-lo, sabem por experiência que aquilo que dizem não é verdade, apenas uma parcela da verdade. Sa em que aqui o homem nunca chegará a conhecer a realidade a partir das palavras que dizem, embora disponham de todas as palavras para a descrever. Aquele homem tem de ver o fogo, cheirá-lo, aquecer as mãos ao seu calor e olhar labaredas, caso contrário permanecerá ignorante. Em consequência, «fogo» não interessa, «terra», «ar» e «água» não interessam «Eu» não interessa. Nenhuma palavra importa; mas o homem esquece a realidade e recorda as palavras. Quanto mais palavras ele recordar, mais inteligente será considerado. Observa as grandes transformações do mundo, mas não as vê como foram vistas quando o homem observou a realidade pela primeira vez. Os nomes das coisas afloram-lhe aos lábios se ele sorri ao saboreá-las, pensando que conhece só porque sabe o seu nome. O que nunca aconteceu está ainda para acontecer; é ainda um milagre .A grande flor ardente desabrocha no ramo do mundo, eliminando a cinza do mundo, não sendo nenhuma dessas coisas que enumerei e ao mesmo tempo todas elas, e isto é a realidade: o Indizível.>>

<<Assim ordeno-vos que esqueçais os vossos nomes, que esqueçais as palavras que digo assim que forem pronunciadas. Considerai antes o Indizível que dentro e vós, que se ergue quando o evoco. Ele não presta atenção às minhas palavras mas à realidade que está dentro de mim, da qual faz parte, é o atman, que me ouve a mim, não as minhas palavras. Tu o o mais é ilusão. Definir é perder. A essência de todas as coisas é o Indizível, ele é insondável, ainda mais poderoso que Brama. As coisas passam, mas a essência permanece. Viveis, portanto, no meio de um sonho. A essência sonha um sonho de forma. As formas passam, mas a essência

permanece, sonhando novos sonhos. O homem dá nome a esses sonhos e julga ter apreendido a essência, sem saber que invoca o irreal. Estas pedras, estas paredes, estes corpos que vemos à nossa volta são papoulas, água e sol .São os sonhos do Indizível. São fogo, se quiserdes.>>

<<Por vezes, pode surgir um sonhador que sabe que está a sonhar; pode controlar algo da matéria dos sonhos, dobrá-lo à sua vontade, ou adquirir maior autoconhecimento. Se optar pelo caminho do autoconhecimento, é grande a sua glória e assemelhar-se à uma estrela. Se preferir, porém, o caminho do Tantras, associando Samsara e Nirvana, penetrando a realidade do mundo. Continuando a viver nele. Tornar-se-á poderoso entre os sonhadores, poderoso para o bem ou para o mal, embora também estes termos sejam desprovidos de sentido fora das denominações de Samsara.>>

<<Porém, habitar no interior de Samsara é estar submetido às obras dos que são poderosos entre os sonhadores. Se forem poderosos para o bem, será época áurea; se forem poderosos para o mal, será um período de trevas e o sonho pode transformar-se em pesadelo. Está escrito que viver é sofrer. Assim é, dizem os sábios, pois o homem deve libertar-se do fardo do karma se quiser alcançar o esclarecimento. Por esta razão, perguntam os sábios, para que serve ao homem debater-se dentro de um sonho contra o seu destino que é o caminho que ele deve seguir para alcançar a libertação? À luz dos eternos valores, afirmam os sábios, o sofrimento é nada, segundo as vias de Samsara, dizem os sábios, conduz ao bem. Que justificação tem então um homem para lutar contra aqueles que são poderosos para o mal?>>

Calou-se durante um momento e ergueu mais a cabeça.

<<Esta noite, o Senhor da Ilusão passou no meio de vós: Mara, poderoso entre os sonhadores, poderoso para o mal. Encontrou outro que pode manipular a matéria dos sonhos de modo diferente: encontrou Dharma, que pode expulsar um sonhador do seu sonho. Lutaram, e o Senhor Mara deixou de viver. Porque lutaram eles, o

deus da morte contra o criador de ilusões? Dizeis que o comportamento deles era incompreensível, visto que eram deuses. Não é essa a resposta. A resposta, a justificação é a mesma para os deuses e para os homens. Bem e Mal dizem os sábios, nada significam pois são conceitos de Samsara. Concordai com os sábios que ensinam as nossas gentes desde os tempos mais remotos. Concordai, mas lembrai-vos de uma coisa que os sábios não referem. Essa coisa é a beleza , que é uma palavra, mas procurai por detrás da palavra e observai o caminho do Indizível .>>

<<E qual é o caminho do Indizível ?>>

<<É o caminho do Sonho. E por que sonha o Indizível? Nenhum dos que habitam dentro de Samsara conhece a resposta. Perguntai antes com que sonha o Indizível.>>

<<O Indizível, do qual todos fazemos parte, sonha com formas. Qual é o mais elevado atributo que uma forma pode possuir ? É a beleza. >> O Indizível é, portanto, um artista. Nesse caso, o problema é de estética, não de ética. Lutar contra aqueles que são poderosos entre os sonhadores e poderosos para o mal, ou para a fealdade, não é lutar por aquilo que os sábios nos ensinaram ser sem sentido em termos de Samsara ou de Nirvana, é antes lutar pela perfeição simétrica de um sonho, em matéria de ritmo e de grau, de equilíbrio de antítese, que o tornarão algo de belo. Quanto a isto, os sábios nada dizem. Esta verdade é tão elementar que eles simplesmente a ignoraram. Por esta razão, a estética da situação obriga-me a chamar a vossa atenção para ela. Lutar contra os sonhadores que sonham a fealdade, sejam eles homens deuses, não pode deixar de ser a vontade o Indizível. Esta luta implicarás sofrimento e o nosso fardo kármico será aliviado, como seria suportando a fealdade, mas esse sofrimento leva a um objectivo mais elevado à luz dos eternos valores de que os sábios tantas vezes falam. >>

<<Em consequência, digo-vos que a estética do que presenciastes esta noite pertencia a uma categoria mais elevada. Podeis perguntar-me então: «Como hei-de saber o que é belo e o que é

feio, e agir em conformidade?» Podeis responder vós próprios a esta pergunta. Para tal, começai por esquecer o que eu disse, pois nada disse. Pensai agora no Indizível. >>

Ergueu a mão direita e baixou a cabeça.

Yama levantou-se, Ratri imitou-o, e Tak surgiu sobre uma mesa. Saíram os quatro, sabendo que os mecanismos do karma tinham sido iludidos por algum tempo.

CAMINHARAM ATRAVÉS DA claridade rendilhada da floresta, sob a Ponte dos Deuses. Grandes fetos, ainda molhados da chuva nocturna, ladeavam o caminho. As copas das árvores e os cumes das montanhas distantes erguiam-se acima das brumas matinais. O céu estava sem nuvens e a brisa ligeira transportava ainda um pouco da friúra da noite. Os múltiplos sons da floresta acompanhavam os monges na sua caminhada. Ao longe, avistavam-se as torres do mosteiro por cima das copas das árvores; das chaminés elevava-se uma espiral de fumo.

No meio dos monges, Ratri viajava numa liteira; a seu lado, marchava os servos e uma pequena corte de guerreiros. À frente, seguiam Sam e Yama. Saltitando agilmente entre os ramos, Taka acompanhava a comitiva.

—A pira continua a arder — disse Yama.

— É verdade.

—Estão a incinerar o viajante que sofreu um ataque cardíaco enquanto pousava no mosteiro.

—É verdade.

—Para uma improvisação, o teu discurso foi bastante convincente.

—Obrigado.

—Acreditas realmente no que disseste?

Sam riu.—Deixo-me convencer facilmente pelas minhas próprias palavras. Acredito em tudo o que digo, embora saiba que sou um mentiroso. Yama emitiu um ronco.

— O bastão de Trimurti ainda se abate sobre as costas dos homens. Nirriti agita-se no seu covil, perturba as rotas dos mares do sul . Tens a intenção passar outra vida dedicando-te à metafísica, a fim de encontrares justificação para combateres os teus inimigos? Pelas tuas palavras de ontem, dir-se-ia que voltaste a preocupar-te com o «porquê», em vez do «como».

— Não—disse Sam.—Quis apenas experimentar outra tática. É difícil suscitar a revolta naqueles para quem todas as coisas são boas. No seu espírito não há espaço para o mal, apesar de serem suas vítimas. O escravo torturado que sabe que nascerá novamente (talvez como um gordo comerciante). Morrer com resignação, não encara a sua sorte como um homem que apenas tem uma vida para viver, pode sofrer seja o que for, pois sabe que quanto maior for a sua dor maior será a felicidade futura. Se esse homem não acredita no bem e no mal, talvez a beleza e a fealdade o possam servir do mesmo modo.

—Então é essa a nova linha oficial de conduta? — perguntou Yama.

—É. —respondeu Sam.

A mão de Yama penetrou numa fenda dissimulada na túnica e retirou de lá um punhal que ergueu numa saudação.

—À beleza! — exclamou ele —Abaixo a fealdade!

Fez-se um silêncio total na floresta, todos os sinais de vida foram suspensos.

Yama ergueu uma mão, e com a outra voltou a introduzir o punhal na bainha oculta.

—Alto! — gritou ele. Olhou para cima, semicerrando os olhos contra os raios de sol, com a cabeça inclinada para a direita.

— Deixemos a pista! Embrenhemo-nos na floresta ! — ordenou. As túnicas cor de açafreão abandonaram apressadamente a vereda, a liteira de Ratri foi transportada para a floresta. Ratri aproximou-se de Yama.—Que é? — perguntou.

— Escuta! Houve um enorme estrondo, rasgou os céus sobre os cumes das montanhas, passou por cima do mosteiro, dissipando o fumo. Ouviram-se explosões e o ar estremeceu quando ela cortou o vento e a luz. Era uma grande cruz em forma de T com um rasto de fogo.

—O exterminador anda a caçar — disse Yama.

— O carro do trovão! — gritou um dos guardas, apontando para o céu. Shiva vai a passar — balbuciou um monge, de olhos esbugalhados de medo.

— O Exterminador...

— Se na altura tivesse sabido como sou bom artífice, poderia ter limitado intencionalmente os seus dias —disse Yama. — Por vezes, lamento o meu gênio.

A cruz passou por debaixo da Ponte dos Deuses, oscilou sobre a floresta e afastou-se para o sul. O estrépito diminuiu gradualmente, até que se instalou novamente o silêncio.

Um pássaro pipilou cautelosamente; outro respondeu-lhe.

Em breve a floresta se encheu outra vez de sons, e os viajantes regressaram à pista.

—Ele vai voltar — disse Yama, e não se enganou. Durante aquele dia, tiveram de abandonar a pista mais duas vezes, quando o carro do trovão ribombou por cima das suas cabeças. Na sua última passagem contornou o mosteiro, provavelmente para observar os ritos funerários que ali se desenrolavam. Depois, atravessou as montanhas e desapareceu.

Nessa noite e na seguinte acamparam debaixo das estrelas.

NO TERCEIRO DIA, chegaram ao rio Deeva e à pequena cidade portuária de Kooná. Foi lá que encontraram o transporte que pretendiam, e nessa mesma noite meteram-se num barco rumo ao sul, onde o Deeva conflui com o grande Vedra. Alcançaram finalmente os montes de Khaipur, que era o seu destino. Enquanto navegavam, Sam ia escutando os sons do rio. Estava na cobertura; escura, de mãos apoiadas sobre a amurada; perscrutava o céu pontilhado de estrelas. Foi então que à noite lhe falou com a voz de Ratri.

—Já passaste por aqui, Tathagatha?

—Muitas vezes — respondeu ele.

—O Deeva é belo sob as estrelas, com as suas águas murmurantes e revoltas.

—Com efeito.

—Vamos agora a Khaipur e ao palácio de Kama. Que farás quando chegarmos?

—Passarei algum tempo em meditação, deusa.

—Qual será o tema da tua meditação?

—As minhas vidas passadas e os erros de cada uma delas. Preciso de rever as minhas tácticas e as do inimigo.

—Yama acha que a Nuvem Dourada te modificou. Talvez...

—Pensa que te amoleceu, te enfraqueceu. Sempre te fizeste passar por um místico, mas ele acha que agora te transformaste realmente num, para tua e nossa ruína.

Sam abanou a cabeça e voltou-se, mas não a viu. Estaria ela ali invisível ou ter-se-ia afastado? Ele falou em voz baixa e inexpressiva:

—Arrancarei estas estrelas do céu — declarou ele — e lançá-las-ei aos rostos dos deuses, se for necessário; blasfemarei em todos os templos do país. Arrebatarei vidas como um pescador apanha peixes numa rede, se for necessário. Voltarei a subir à Cidade Celeste, mesmo que cada degrau seja uma chama ardente ou uma espada nua e o caminho esteja guardado por tigres. Um dia, os deuses debruçar-se-ão do Céu e ver-me-ão na escada, levando-lho o presente que eles mais temem. Nesse dia, começará o novo Yuga.— Mas, primeiro, tenho de meditar durante algum tempo — concluiu.

Voltou-se novamente e olhou para além das águas. Uma estrela cadente cortou os céus; o barco continuou a sulcar o rio; a noite envolveu tudo com o seu suspiro. Sam olhou para cima e recordou.

II

Um dia, um pequeno rajá de um pequeno principado chegou com o seu séquito a Mahārtha, a cidade a que chamam Porta do Sul e Capital da Aurora, a fim de comprar um novo corpo. Nessa altura, ainda a trama do destino podia ser recuperada da valeta, os deuses eram menos solenes, os demônios estavam cativos, e a Cidade Celeste ocasionalmente acessível aos homens. Esta é a narrativa de como o príncipe insultou o depositário das devoções diante do Templo, incorrendo assim na ira do Céu pela sua presunção...

***Poucos são os seres renascidos entre os homens:
são mais numerosos noutros lugares.***

Auguttara-nikaya (I,35)

Ao entrar na capital da aurora, ao meio da tarde, montado numa égua branca, o príncipe percorreu a vasta avenida de Surya, seguido pelos cem membros do seu séquito, com o conselheiro Strake à sua esquerda, a cimitarra na cinta, e parte da fortuna em sacas transportados sobre os cavalos de carga.

O sol incidia sobre os turbantes dos homens, e a calçada sobreaquecida disprendia vapor. Aproximou-se lentamente uma carruagem vinda em sentido contrário, e o cocheiro olhou com curiosidade o estandarte que o chefe da comitiva empunhava, uma cortesã estava à porta a ver quem passava; uma matilha de rafeiros perseguia os cavalos ladrando furiosamente.

O príncipe era alto e tinha bigode cor de fumo; as suas mãos, escuras como o café, estavam sulcadas de grossas veias; tinha um porte erecto e olhos vivos e claros como os de um pássaro. A multidão aglomerou-se para ver passar a comitiva. Poucos eram suficientemente ricos para poderem possuir um cavalo; a montada

mais comum era o sagarto, um animal com escamas, pescoço de serpente, muitos dentes, origem incerta, vida curta e carácter rebelde. Por razões desconhecidas, os cavalos tinham se tornado estéreis durante as últimas gerações.

O príncipe continuou a sua cavalgada, sob os olhares dos curiosos.

Deixaram a avenida do sol e tomaram uma artéria mais estreita. Passaram pelos edifícios comerciais, pelas grandes lojas dos grandes comerciantes, pelos bancos, templos, estalagens e bordéis. Quando chegaram à extremidade do bairro comercial, avistaram a imponente hospedaria de Hawkana, o Estalajadeiro Perfeito. Pararam junto do portão, pois Hawkana em pessoa aí os esperava, vestindo sobriamente, corpulento e sorridente, a fim de ele próprio conduzir a égua branca para o interior do pátio.

—Bem-vindo, senhor Siddhartha! — exclamou ele com voz sonora, para que todos ficassem a saber a identidade do hóspede. — Bem-vindo a esta terra onde cantam os rouxinóis, aos jardins perfumados e às salas de mármore deste humilde estabelecimento. Bem-vindos são também os teus cavaleiros que, depois de uma longa jornada, desejam certamente encontrar um local digno onde repousar das suas fadigas. Espero que encontres tudo a teu gosto dentro destas paredes, como tantas vezes sucedeu no passado quando chegaste na companhia de outros ilustres hóspedes e nobres visitantes, demasiados numerosos para que os possa mencionar todos, como por exemplo ...

—Recebe também as minhas saudações, Hawkana! — atalhou o príncipe pois o dia estava quente, e os discursos do estalajadeiro, tal como os rios, ameaçavam sempre fluir indefinidamente. — Entremos rapidamente dentro das tuas paredes, onde para além de muitas outras virtudes, demasiado numerosas para que as possa mencionar todas, também está fresco.

Hawkana não se fez rogar e, segurando as rédeas da égua, levou-a para o pátio; segurou o estribo enquanto o príncipe desmontava,

confiou os cavalos aos moços de estrebaria, e mandou um rapazinho limpar a rua onde os cavalos tinham esperado.

Já na hospedaria, os cavaleiros foram banhados por servos que lhes derramaram água sobre os ombros na sala de banhos de mármore. Depois foram ungidos, segundo o costume da casta dos guerreiros, vestiram roupas limpas e passaram à sala de jantar.

A sumptuosa refeição prolongou-se durante toda a tarde. Ao lado direito do príncipe, que estava sentado à cabeceira de uma mesa baixa e comprida, três bailarinas executaram um complicado bailado, acompanhando os seus movimentos com címbalos e assumindo as expressões adequadas para cada gesto, enquanto quatro músicos tocavam uma melodia tradicional. A mesa estava coberta por uma rica tapeçaria em tons de azul, castanho, amarelo, vermelho e verde, com cenas de caça e de guerra: cavaleiros montados em sagartos e cavalos e, empunhando lanças e arcos, investiam contra pandas, galos e plantas cravejadas de pedras preciosas; macacos verdes lutavam no topo das árvores; o pássaro Gan da segurava entre as garras um demônio dos céus dilacerando-o com o bico e fustigando-o com as asas, das profundezas do mar surgia um exército de peixes com chifres que brandiam pontas de coral rosado nas barbatanas e arremetiam contra uma fileira de homens com túnicas e capacetes que, com lanças e archotes, procuravam impedir o seu avanço sobre a terra.

O príncipe comeu frugalmente; escutou a música, rindo ocasionalmente com as gracejos ditos pelos seus homens. Bebeu lentamente um sumo de fruta, fazendo os anéis tinir contra o copo. Hawkana aproximou-se. —Está tudo a correr a teu contento, senhor? — perguntou. —Sim, bom Hawkana, está tudo perfeito — respondeu o príncipe —Não comes como os teus homens, a refeição não é do teu agrado?

—A comida é excelente e está magnificamente preparada, mas o meu apetite não tem sido grande ultimamente.

—Ah! — disse Hawkana, com ar entendido. Tenho exactamente o que te convém. Só uma pessoa como tu pode realmente apreciá-lo. Encontra-se há muito tempo na prateleira especial da minha adega. O bom Krishna conseguiu preservá-lo ao longo dos tempos e deu-me há muitos anos porque este estabelecimento não lhe desagradou. Vou buscá-lo.

Afastou-se com uma vénia.

Quando regressou trazia uma garrafa. Mesmo antes de ver o rótulo, o príncipe reconheceu o feitio da garrafa.

—Borgonha! — exclamou.

—Exactamente — disse o estalajadeiro. — Trazido de Urath, há muito tempo.

Aspirou o néctar e sorriu. Verteu uma pequena quantidade num cálice em forma de pêra e colocou-o em frente do hóspede.

O príncipe ergueu-o e aspirou o aroma. Bebeu um pequeno golo e fechou os olhos.

Fez-se um silêncio reverente na sala.

O príncipe pousou o cálice e Hawkana voltou a enchê-lo com sumo da uva pinot noir que não podia ser cultivada naquele planeta.

O príncipe não tocou no cálice e voltou-se para Hawkana.

—Quem é o músico mais velho desta casa?

—É Mankara — respondeu o anfitrião, apontando para um homem de cabelo branco que repousava junto de uma mesa ao canto da sala.

—Velho, não no corpo mas em anos — disse o príncipe.

—Então, é Dele — disse Hawkana. Se é que o podemos considerar um músico: diz que outrora o foi.

—Dele?

—O moço de estrebaria.

—Ah, sim, manda-o chamar.

Hawkana bateu as palmas e ordenou ao servo, que acorreu ao chamamento, que fosse ao estábulo, tornasse o moço de estrebaria apresentável e o trouxesse sem demora à presença dos convivas.

—Não te preocupes com a indumentária dele, trá-lo simplesmente aqui — disse o príncipe.

Reclinou-se e ficou à espera, de olhos fechados. Quando o rapaz chegou, perguntou-lhe:

—Diz-me, Dele, que música tocas?

—Aquela que já não agrada aos ouvidos dos brâmanes — respondeu o rapaz.

—Qual era o teu instrumento?

—Piano — respondeu Dele.

—Sabes tocar algum daqueles? — perguntou o príncipe, apontando para os instrumentos que se encontravam sobre o pequeno estrado junto da parede.

Depois de olhar para os instrumentos, o rapaz respondeu:

—Talvez consiga tocar a flauta, se for necessário.

— Sabes algumas valsas?

— Sei.

—És capaz de tocar o Danúbio Azul ?

O rapaz pareceu subitamente embaraçado, lançou uma rápida olhadela a Hawkana, que fez um sinal de assentimento.

—Siddhartha é um príncipe entre os homens, e um dos Primeiros — declarou o estalajadeiro.

—O Danúbio Azul numa daquelas flautas?

—Por favor.

—O rapaz encolheu os ombros.

—Vou tentar. mas já há muito tempo... tens de ser indulgente.

Aproximou-se dos instrumentos e segredou qualquer coisa ao proprietário da flauta que seleccionou; o homem acenou com a cabeça; ele levou então a flauta aos lábios e tocou algumas notas. Parou, experimentou novamente e depois voltou-se.

Ergueu novamente a flauta e executou os primeiros acordes da valsa: o príncipe escutou-o enquanto bebia o vinho.

Quando interrompeu a execução para tomar fôlego, o príncipe mandou-o prosseguir. Tocou sucessivas melodias proibidas e os músicos profissionais não esconderam o seu desdém, mas, debaixo da mesa, vários pés batiam em compasso ao ritmo a música.

O príncipe acabou de beber o vinho; a noite caia sobre a cidade de Mahartha. Lançou ao rapaz uma bolsa com moedas e não notou as lágrimas que lhe corriam pelo rosto quando saiu da sala. O príncipe

levantou-se. espreguiçou-se e reprimiu um bocejo com as costas da mão.

—Vou retirar-me para os meus aposentos — disse ele aos homens. — Durante a minha ausência não percam as vossas heranças ao jogo. Eles riram-se e desejaram-lhe boa noite; depois, pediram bebidas fortes e salgados. Ao afastar-se. O príncipe ouviu o rolar dos dados.

O príncipe recolheu-se cedo a fim de poder levantar-se antes da aurora. Recomendou a um servo que ficasse junto da porta durante todo o dia seguinte e que não deixasse entrar ninguém sob o pretexto de que ele estava indisposto.

SAIU DA HOSPEDARIA ANTES de as primeiras flores abrirem as pétalas para insectos da manhã, e apenas um velho papagaio verde o viu partir .Não se revestiu de sedas e de pérolas, mas de farrapos como costumava fazer nessas ocasiões . Não se fez preceder por trombetas e tambores, mas percorreu em silêncio as ruas sombrias da cidade, apenas atravessadas por um médico e uma prostituta que regressavam de uma visita tardia. Um cão vadio acompanhou-o enquanto atravessava o bairro comercial em direcção ao porto.

Sentou-se sobre uma grade de madeira à borda do molhe. Os primeiros alvares da madrugada afastaram a escuridão da noite . Ficou a observar os barcos que oscilavam ao sabor da maré, de velas arriadas, com monstros e donzelas esculpidos nas proas. Sempre que visitava Mahartha passava alguns momentos no cais.

Por cima das nuvens esparsas o céu tornou-se róseo e o molhe foi percorrido por uma brisa fresca. Os abutres emitiam gritos roucos enquanto esvoaçavam à volta das torres, e depois desciam sobre as águas da baía em voo rasante.

Observou um navio que se fazia ao mar, de velas enfunadas contra a brisa salgada. Nos outros barcos, ainda ancorados, já era visível uma certa azáfama, com as tripulações carregando ou descarregando incenso, coral, óleos e todas as espécies de tecidos, assim como metais, gado. Madeiras e especiarias. Sentiu os odores do comércio e ouviu as pragas dos marinheiros, tanto uns como outras do seu agrado: os primeiros porque evocavam riqueza, as segundas porque associavam os seus outros dois principais interesses : a teologia e a anatomia.

Passado algum tempo. entabulou conversa com um comandante estrangeiro que tinha supervisionado o descarregamento de sacos de cereal e se encontrava a descansar à sombra dos caixotes.

—Bom dia! — saudou ele — Que a tua viagem não conheça tempestades nem naufrágios, e que os deuses te levem a um porto seguro e te proporcionem bons negócios. O homem ergueu-se, sentou-se sobre um caixote e começou a encher um pequeno cachimbo de barro.

—Obrigado, ancião — disse ele. — embora reze aos deuses dos templos da minha preferência, aceito as bênçãos de qualquer um. São sempre bem-vindas, especialmente para um marinheiro.. — Tiveste uma viagem tormentosa?

—Menos que poderia ter sido — respondeu o comandante — Aquela montanha incandescente, o canhão de Nirriti, lança novamente os seus dardos contra o céu.

—Ah, vieste do sudoeste?

—Vim; Chatisthan, de Ispar. Os ventos são favoráveis nesta época do ano, mas também transportam as cinzas do Canhão para muito mais longe que se poderia prever. Durante seis dias, essa neve negra tombou sobre nós, e os odores dos infernos perseguiram-nos, contaminando a comida e a água, inflamando os olhos e a garganta .Demos acções de graça quando, finalmente, nos libertamos daquele

flagelo. Vês como o casco está sujo? Devias ter visto as velas, negras como o cabelo de Ratri!

O príncipe observou o navio com mais atenção.

—Mas as águas não estavam particularmente revoltas? — perguntou ele .

O marinheiro abanou a cabeça

—Passamos por um cruzador e a tripulação disse-nos que as mais violentas erupções do Canhão e tinham verificado seis dias antes. Nessa altura, queimava as nuvens e formava enormes vagas que afundaram dois navios e provavelmente um terceiro. O marinheiro recostou-se e espevitou o cachimbo.

— Por isso, como já disse, todas as bênçãos são bem vindas para um homem do mar.—Ando à procura de um comandante chamado Jan Olvegg, ou talvez ele agora seja conhecido por Olvagga.

— Conhece-lo? — perguntou o príncipe.

— Conheci-o. — respondeu o marinheiro —. mas já não navega há muito tempo.

—Ah, sim? Que é feito dele?

O homem lançou-lhe um olhar interrogador.

—Quem és tu para queres saber? — perguntou ele por fim.

— Chamo-me Sam; Jan é um velho amigo meu.—Que queres dizer por «velho»?—Há muitos, muitos anos, noutra lugar, conheci-o quando era comandante de um navio que não sulcava estes mares.

Com um gesto brusco, o comandante apanhou um pedaço de madeira e atirou-o a um cão que tinha aparecido na extremidade do molhe. O cão começou a ganir e correu para dentro de um armazém. Era o mesmo cão que seguira o príncipe nas ruas de Mahartha.

—Cuidado com os cães do inferno — disse o comandante. — Há cães e cães, e ainda cães: três espécies diferentes, e neste caos evita-as todas. — Retornou então a observação do seu interlocutor —As tuas mãos — disse ele, apontando com o cachimbo usaram recentemente muitos anéis, ainda se vêem as marcas

Sam olhou para as mãos e sorriu.

—Os teus olhos são perspicazes, marinheiro; rendo-me à evidência, usei recentemente anéis.

—Então, tal como os cães, não és o que pareces, e estás a perguntar por Olvagga usando o seu antigo nome. Chamas-te Sam, segundo dizes. Serás, por ventura, um dos Primeiros?

Sam não respondeu imediatamente . Fixou o seu interlocutor, como se estivesse à espera da sequência.

Parecendo interpretar-lhe o silêncio, o comandante prosseguiu:

—Sei que Olvagga se contava entre os Primeiros, embora nunca o dissesse. Que sejas um dos Primeiros ou um dos Mestres, sabes disso. Portanto, não atraíço Olvagga, admitindo-o . No entanto, desejo saber se estou a falar com um amigo ou com um inimigo.

Sam franziu a testa

—Jan nunca teve fama de criar inimigos — disse ele. — Falas como se ele agora os tivesse entre aqueles a quem chamas os Mestres.

O marinheiro continuou a olhar para ele.

—Não és um Mestre — disse ele por fim —. e vens de longe.

—Tens razão — disse Sam —. mas diz-me como sabes essas coisas.

—Em primeiro lugar — disse o outro —. és um velho. Um Mestre também poderia ter um corpo velho, mas não o faria, assim como também não permaneceria com a forma de cão durante muito tempo. O receio de morrer sutilmente a morte verdadeira, como acontece aos velhos, seria demasiado grande. Não conservaria, portanto, o corpo de um velho durante tanto tempo que acabasse por ficar com as marcas dos anéis gravadas nos dedos. Os ricos nunca são espojados dos seus corpos. Se o renascimento lhes é recusado, vivem toda a duração dos seus dias. Os Mestres receariam uma insurreição armada dos seguidores de um rico que não morresse de morte natural. Em consequência, um corpo como o teu não poderia ter sido obtido desse modo. Por outro lado, um corpo dos viveiros não teria marcas de anéis nos dedos. Portanto — concluiu ele —, penso que és um homem importante, se não um Mestre. Se conheces Olvagga há muito tempo, então és também um dos Primeiros, como ele. Pelo gênero de informações que procuras, deduzo que vens de longe. Se fosses de Mahartha, conhecerias os Mestres e saberias porque razão Olvagga não pode navegar!

—O teu conhecimento dos assuntos de Mahartha parece maior que o meu, ó marinheiro recém-chegado.

—Também eu venho de um lugar distante — confessou o comandante com um leve sorriso —. Mas no espaço de doze meses posso visitar o dobro de portos. Ouço notícias e boatos em mais de duas dezenas de portos. Ouço as intrigas do palácio e os mexericos do Templo; ouço os segredos murmurados à noite aos ouvidos das donzelas debaixo do arco de cana-de-açúcar de Kama; ouço falar nas campanhas de Khshatriva e nos negócios dos grandes comerciantes em cereais e especiarias, pedras preciosas e sedas. Bebo com os bardos e com os astrólogos, com os actores e com os servos, com os cocheiros e com os alfaiates. Por vezes, fundeio num

porto onde se encontram corsários e conheço o destino daqueles que eles detêm sequestrados para o resgate. Não aches, portanto, estranho que eu, que venho de longe, conheça melhor Mahartha que tu, que talvez habites à distância de uma semana de viagem. Por vezes, até ouço falar dos feitos dos deuses.

—Nesse caso, podes falar-me dos Mestres e dizer-me por que é que eles devem ser considerados inimigos? — perguntou Sam.

—Posso dizer-te alguma coisa a seu respeito. Pois deves ficar de sobreaviso —replicou o comandante. — Os comerciantes de corpos são agora os Mestres do Karma . Os seus nomes individuais são agora secretos, a exemplo dos deuses, de modo que parecem tão impessoais como a Grande Roda que pretendem representar. Já não são simples mercadores de corpos, mas aliados dos templos. Estes também mudaram pois os Primeiros, que agora são deuses. estão em contacto constante com eles a partir do Céu. Se és realmente Um dos Primeiros, Sam, estás destinado ou àdivinização ou à extinção quando enfrentares esses novos Mestres do Karma.

—Como? — perguntou Sam.

Não te posso fornecer os pormenores, não conheço o modo como essas coisas se processam. Procura Jannaveg, o fabricante de velas, na rua das Tecelões.—Então é esse o nome actual de Jan? O comandante aquiesceu.—E cuidado com os cães —advertiu ele —, aliás, com tudo o que é vivo e possa ter inteligência.—Qual é o teu nome, comandante?—Neste porto, não tenho nome, ou então, um nome falso, e não vejo razão a te mentir. Adeus, Sam.—Adeus, comandante. Obrigado pelas tuas palavras. Sam levantou-se e abandonou o cais, em direcção ao bairro comercial e às ruas dos ofícios.

O disco vermelho do sol subia nos céus, aproximando-se da Ponte dos Deuses o príncipe percorreu as ruas buliçosas por entre tendas onde estavam expostos os trabalhos dos pequenos artífices. A sua volta, circulavam vendedores ambulantes de unguentos e pós, de

perfumes e de óleos. As floristas brandiam as grinaldas e os ramos, procurando atrair a atenção dos transeuntes: vinhateiros estavam sentados em silêncio junto dos odres dispostos em fila sobre as bancadas, à espera dos clientes habituais. O ar da manha cheirava a lida. a almíscar, a carne, a excrementos, a óleo e a incenso, e todos esses odores formavam uma nuvem invisível que envolvia a cidade. Como estava vestido de mendigo, não lhe pareceu deslocado deter-se junto um corcunda com uma tigela de esmolas, e dirigiu-lhe a palavra:

— Boa tarde, irmão — cumprimentou ele. — Não moro aqui no bairro; pode dizer-me onde fica a rua dos Tecelões? O corcunda fez um sinal afirmativo e agitou sugestivamente a tigela. Sam retirou uma pequena moeda de uma bolsa que trazia escondida debaixo dos farrapos e lançou-a dentro da tigela.

—É por ali — disse o homem, indicando a direcção com a cabeça. Tomas a terceira rua à esquerda e continuas sempre em frente até chegares ao Largo da Fonte em frente do templo de Varuna. A rua dos Tecelões está assinalada por uma tabuleta com uma sovelá.

Sam agradeceu-lhe dando-lhe uma palmada amigável na corcunda, e continuou o caminho.

Quando chegou ao Largo da Fonte parou. Várias dezenas de pessoas formavam uma bicha ondulante em frente do templo de Varuna, a mais severa e augusta de todas as divindades. Aquela gente não se preparava para entrar no templo, dedicava-se a qualquer ocupação que exigia espera e marcação de vez.

Ouviu o tilintar de moedas e aproximou-se. As pessoas desfilavam diante de uma máquina de metal reluzente.

Um homem introduziu uma moeda dentro da boca de um tigre de aço. A máquina começou a ronronar; ele premiu botões que representavam animais e demônios. As Nagas, duas serpentes

sagradas entrelaçadas em volta da parte superior da máquina, começaram a emitir clarões.

Sam aproximou-se mais.

O homem accionou uma alavanca na face lateral da máquina que se assemelhava a uma cauda de um peixe.

Uma misteriosa luz azulada iluminou o interior da máquina; as serpentes começaram a vibrar e tornaram-se vermelhas; então, por entre a luz e uma música suave, surgiu uma roda de orações que iniciou uma rotação vertiginosa.

O homem assumiu uma expressão beatífica. Passados minutos, a máquina desligou-se. Ele introduziu outra moeda, carregou novamente na alavanca, provocando protestos no fim da fila, onde alguém fez notar que era a sétima moeda, que o dia estava quente, que havia mais gente à espera de vez para obter orações, e terminou perguntando por que é que ele não entrava no templo e não entregava o substancial donativo directamente aos sacerdotes. Outro observou que o homenzinho devia ter muitas faltas a expiar. Começaram então as conjecturas sobre a natureza dos seus pecados, tudo acompanhado de estrondosas gargalhadas.

Vendo que havia outros mendigos à espera da vez, o príncipe foi colocar-se no fim da fila. A medida que as pessoas iam avançando, reparou que algumas premiam os botões, enquanto outras introduziam simplesmente um disco metálico na bocado segundo tigre no lado oposto da estrutura. Quando a máquina parava de funcionar, o disco caía numa taça onde era recuperado pelo seu proprietário. O príncipe resolveu averiguar.

Dirigiu-se ao homem que estava à sua frente:

—Por que é que algumas pessoas têm discos?

—É porque estão inscritas — respondeu o inquirido, sem se voltar.

—No Templo?

—Sim.

—Ah!

Esperou meio minuto, e depois perguntou:

—Os que não estão inscritos têm de premir os botões?

—Sim — replicou o outro. Soletrando o nome, profissão e morada.

—E os que não são daqui, como eu?

—Tens de acrescentar o nome da tua cidade.

—E quem for analfabeto, como eu?

O outro acabou por se voltar, um pouco relutante.

—Talvez fosse melhor —disse ele — rezares à moda antiga e entregares o nativo directamente aos sacerdotes . Ou então, inscreveres-te e obteres um disco.

—Estou a compreender — disse o príncipe. — Sim, tens razão, tenho de pensar nisso. Obrigado.

Saiu da fila e contornou a fonte, penetrando depois na rua dos Tecelões. Perguntou três vezes por Jannaga, o fabricante de velas, a última das quais a uma mulher atarracada de braços musculosos e um pequeno bigode que estava de pernas cruzadas a tecer um tapete numa pequena bancada debaixo de um beiral do que devia ter sido um estábulo e que conservava o seu odor característico. Forneceu-lhe as informações num tom mal-humorado, depois de o ter observado dos pés à cabeça com um par de olhos inesperadamente belos e aveludados. Seguindo a direcção indicada,

Sam subiu uma viela tortuosa, desceu uma escada no exterior de um edifício de cinco pisos até chegar à entrada de uma cave. No interior estava escuro e húmido.

Bateu na terceira porta do lado esquerdo e alguém veio abrir passado um bom bocado.

O homem olhou para ele.

—Sim?

—Posso entrar ? É um assunto urgente...

O homem hesitou um pouco; depois, afastou-se e deixou-o entrar. O príncipe avançou e penetrou no quarto. No chão, estava estendida uma grande peça de lona, e em frente um banco onde o homem se voltou a sentar. Fez sinal ao príncipe para que se sentasse na única cadeira que havia no quarto.

O homem era baixo e de ombros largos, tinha o cabelo branco de neve, e as pupilas dos olhos pareciam opacificas por cataratas incipientes; as mãos eram trigueiras e rugosas, os dedos, nodosos.

—Sim? — repetiu ele.

—Jan Olvegg — disse Sam.

O velho teve um gesto de surpresa; depois, semicerrou os olhos, enquanto brincava distraidamente com uma tesoura.

—It 's a long way lo Tipperary — disse o príncipe.

O homem olhou para ele, perplexo, e depois sorriu e completou a estrofe:

—If your heart is not here — disse, colocando a tesoura sobre a banca,—Há quanto tempo foi, Sam? —perguntou.

— Já perdi a conta dos anos.

—Também eu, mas não nos vemos ver há quarenta ou quarenta e cinco anos. Muita água correu debaixo das pontes . Nem sei bem por onde começar — disse o homem.

—Para já. Porquê «Janagga»?

—Por que não? — respondeu o outro — É um nome sério que soa a classe trabalhadora. E tu, continuas príncipe ?

—Continuo a ser eu — disse Sam — e continuo a chamar-me Siddhartha. Quando me vêm ver. O outro deu uma pequena risada.

—É Subjugador dos Demônios — acrescentou ele. — Muito bem. Presumo, portanto, já que a tua indumentária não condiz com a tua condição, que estás a fazer uma das tuas habituais digressões incógnito .

Sam aquiesceu.

—E encontrei muitas coisas que não compreendo.

Jan suspirou

—Como hei-de começar? Como ? Vou falar-te de mim, é isso. Acumulei demasiado mau karma para poder ter direito a uma transferência.

—Quê ?

—Mau karma, disse eu. A velha religião não é só a religião, é a religião revelada, imposta e assustadoramente demonstrável. Mas não menciones esta última parte. Há uns dez anos o Conselho autorizou o emprego de psicossondas naqueles que se preparavam

para a renovação. Foi logo a seguir à cisão celeracionistas-Deicratas, quando a santa coligação expulsou os tecnocratas. A solução mais simples era deixar que o problema fosse esquecido com o tempo. Então, os funcionários do templo fizeram um acordo com os vendedores de corpos, os clientes foram submetidos à sonda craniana e a renovação recusada aos aceleracionistas, é tão simples como isso . Agora já não há muitos aceleracionistas; mas isso foi só o princípio. Os deuses depressa compreenderam que aí residia o segredo do poder. Tornou-se prática corrente sondar o cérebro das pessoas, imediatamente antes de uma transferência. Os comerciantes de corpos tornaram-se mestres de Karma e parte da estrutura do templo. Examinam a vida passada das pessoas, avaliam o seu karma e determinam a sua vida futura. É um método perfeito para manter o sistema de castas e assegurar o controle deicrático. A propósito, quase todos os nossos velhos conhecidos estão metidos nisto até às auréolas.

—Deus do céu! — exclamou Sam.

—Plural — corrigiu Jan. — Sempre foram considerados deuses com os seus Aspectos e Atributos, mas agora é absolutamente oficial, e nos tempos que correm, quem pertencer aos Primeiros é conveniente que saiba se quer uma rápida divinização ou a pira quando entrar na sala do karma.

—Quando é a tua entrevista?

—Amanhã à tarde — respondeu Sam.

— Por que é que ainda andas por aqui se não tens auréola nem feixe de raios?

—Porque tenho dois amigos que sugeriram que continuasse a viver discretamente, em vez de me submeter à sonda. Segui à letra o sábio conselho e por isso aqui continuo a reparar velas e a provocar, de vez em quando, distúrbio no café do sitio. Senão — ergueu a mão calejada e fez estalar os dedos

— Ou é a morte verdadeira ou talvez um corpo minado pelo cancro, ou a vida apaixonante de um búfalo castrado, ou... —Um cão? — perguntou Sam.

—Exactamente —replicou Jan.

Encheu dois copos com álcool.

—Obrigado.

—Isto é melhor que o fogo do inferno! — Pousou a garrafa sobre a banca.

—Sobre o estômago vazio... É feito por ti ?

—É, tenho um alambique na sala ao lado.

—Felicitações. Se tivesse mau karma já estaria dissipado neste momento.

—A definição de mau karma é algo de que os nossos amigos deuses não gostam.

— Que te levou a pensar que o tinhas?

— Quis começar a fazer contrabando de máquinas entre os nossos descendentes e fui espancado pelo conselho. Regenerei-me e esperava que eles esquecessem o incidente, mas o Aceleracionismo atingiu ta s proporções que nunca conseguirei ser remido durante esta vida. É pena, pois gostaria de me fazer ao mar, conhecer novos horizontes.

—A sonda é tão sensível que detecte algo de tão intangível como uma atitude aceleracionista?

—A sonda — respondeu Jan — é tão sensível que pode descobrir o que comemos ao pequeno-almoço há onze anos, o local exacto onde nos cortamos ao fazer a barba nessa manhã enquanto cantarolávamos o hino nacional de Andorra.

—Ainda estavam em fase experimental quando saímos da nossa terra—disse Sam. — As duas que trouxemos eram simples transmissores de ondas cerebrais. Quando é que se deu o passo decisivo?

—Escuta, meu patego — disse Jan , lembra-te de um miúdo ranhoso, de ascendência duvidosa, da terceira geração, chamado Yama? Um que se entretinha a aumentar a potência dos geradores, até que um dia um explodiu e ele ficou tão queimado que lhe deram um segundo corpo, um corpo com mais de 51 anos, quando ele só tinha 16 ? O garoto que gostava de armas? O tipo que anesthesiava e dissecava todo o que era ser vivo, e encontrava tanto prazer nesses exames que lhe chamávamos deus da morte?

—Sim, lembro-me dele. Ainda está vivo?

— Se quiseres exprimir-te assim. Agora é um deus da morte, não por alcunha, mas por título. Aperfeiçoou a sonda há cerca de 40 anos, mas os Deicratas mantiveram-na secreta até à pouco tempo. Ouvei dizer que ele também inventou outras pequenas maravilhas para servir a vontade dos deuses, como uma cobra-capelo mecânica capaz de registrar encefalogramas a mais de um quilómetro de distância quando se empina e dilata o capelo: consegue descobrir um homem no meio de uma multidão, seja qual for o corpo que ele tem. Não se conhece qualquer antídoto para o seu veneno. Bastam quatro segundos ... Ou a vara de fogo que, segundo se diz, sulcou as superfícies das três luas quando o Senhor Agni a brandiu. Ouvei dizer que está neste momento a projectar um carro a jacto para o Senhor Shiva.

— Estou a ver — disse Sam.

—Queres ser submetido à sonda? — perguntou Jan.

—Acho que não — respondeu Sam. — Diz-me uma coisa: esta manhã vi uma máquina de orações. São muito vulgares?

— São — respondeu, Jan. — Apareceram há cerca de dois anos, foram instaladas uma noite por um jovem Leonardo. Agora que a moda do karma pegou, são melhores que cobradores de impostos. Diz-se que quando o cidadão se apresenta na clínica do deus do templo que ele seleccionou na véspera do teu sexagésimo ano de vida, tanto o seu rol de orações como o seu rol de pecados são tomados em consideração para decidir em que casta ele vai ingressar, assim como a idade, o sexo e a saúde do corpo que lhe será atribuído. Belo. Perfeito.

— Não me submeterei à sonda — declarou Sam — nem que tenha de acumular uma soma maciça de orações. Apanham-me na armadilha quando for questão de pecado.

—Que espécie de pecado?

—Pecados que ainda hei-de cometer, mas que estão a ser gravados no meu espírito visto que estou a planeá-los.

— Tencionas opor-te aos deuses ?

—Tenciono.

— Como?

— Ainda não sei; mas começarei por entrar em contacto com eles. Quem é o chefe deles?

— Não posso indicar-te nenhum. Trimurti governa, ou seja, Brama, Vishnu, e Shiva. Não sei qual destes deterá realmente o poder supremo. Alguns dizem que é Brama...

— Quem são eles realmente? —perguntou Sam.

Jan abanou a cabeça.

—Não sei. Todos têm corpos diferentes dos que tinham há uma geração, todos usam nomes de deuses. Sam levantou-se. —Voltarei mais tarde e mandar-te-ei chamar.

— Espero que sim. Outra bebida?

Sam recusou.

—Vou retomar a identidade de Siddhartha, comer na estalagem de Hawkanna e anunciar-lhe a minha intenção de visitar os templos. Se os nossos amigos agora são deuses, devem então comunicar com os seus sacerdotes . Siddartha vai orar.

—Então, não fales de mim — disse Jan, enchendo novamente o copo. —Não sei se resistiria a uma visita divina. Sam sorriu.

—Eles não são onnipotentes.

—Espero bem que não — retorquiu Jan —. mas temo que esse dia não esteja longe.

— Boa viagem, Jan.

—Skaal

A CAMINHO DO TEMPLO DE BRAMA, o príncipe Siddhartha parou na rua dos Ferreiros. Meia hora mais tarde, saiu de uma loja, acompanhado por Strakee por três membros do seu séquito. Com um sorriso nos lábios, como se tivesse tido uma antevisão do que estava para acontecer, atravessou o centro de Mahartha e chegou ao imponente templo do Criador.

Ignorando os olhares dos que estavam em frente da máquina de orar, subiu a longa escadaria ao encontro do sumo-sacerdote que o esperava à entrada do templo, e que fora previamente avisado da sua visita.

Siddhartha e os seus homens entraram no templo, despojando-se das armas e fazendo vénias em direcção à câmara central antes de se dirigirem ao sacerdote.

Strake e os outros mantiveram-se a uma distância respeitosa, enquanto o príncipe colocava uma pesada bolsa nas mãos do sacerdote e lhe dizia em voz baixa:

—Gostaria de falar com Deus.

O sacerdote examinou-o e replicou:

—O templo está aberto a todos, Senhor Siddhartha, e todos podem comunicar com o Céu durante o tempo ue desejarem.

—Não era exactamente isso que eu queria dizer — respondeu Siddhartha — Refiro-me a algo de mais pessoal que um sacrifício e uma longa litania.

—Não estou a entender...

—Mas entendes o peso dessa bolsa, não é verdade ? Contém prata. Tem aqui outra com ouro, pagável contra-entrega. Quero servir-me do teu telefone.

—Tele...?

—Sistema de comunicação. Se fosses um dos Primeiros, como eu, compreenderias as minhas palavras.

—Eu não...

—Asseguro-te de que a minha chamada não se reflectirá negativamente no teu cargo de guardião. Estou a par desses assuntos e a discrição sempre foi um lema entre os Primeiros. Telefona para a Primeira Base e averigua; se isso te pode sossegar; espero aqui na câmara exterior. Diz-lhes que Sam quer falar com Trimurti. Eles receberão a chamada.

—Não sei...

Sam retirou a segunda bolsa da algibeira e fê-la saltar sobre a palma da mão. Os olhos do sacerdote luziram de cobiça.

—Espera aqui — disse ele, e saiu da câmara.

Ili, a quinta nota da harpa, soou no jardim do Lótus Púrpura.

Brama preguiçava na borda da piscina aquecida onde costumava banhar-se com o seu harém. Estava apoiado sobre os cotovelos, com os pés balouçando dentro de água e parecia ter os olhos fechados.

Mas atrás das longas pestanas observava as doze raparigas que jogavam dentro da piscina, na esperança de surpreender um ou mais olhares admirativos ao seu corpo trigueiro e musculoso. Tinha o bigode castanho-escuro e a espessa cabeleira negra molhados e em desalinho. Os seus lábios abriram-se num largo sorriso.

Nenhuma das raparigas, porém, pareceu dar-lhe atenção — o sorriso desvaneceu-se. Brama concentrou a sua atenção na partida de polo aquático que elas estavam a disputar.

III, a campainha de comunicação, soou mais uma vez quando uma brisa artificial levou o perfume dos jasmims às suas narinas. Suspirou. Desejava tanto que elas o adorassem, admirassem o seu corpo robusto, as suas feições bem modeladas; o adorassem como homem, não como deus.

Mas embora o seu corpo especial e aperfeiçoado lhe permitisse realizar proezas que nenhum mortal poderia igualar, sentia-se pouco à vontade na presença de um velho cabo de guerra como o Senhor Shiva que, apesar do seu apego ao corpo vulgar, parecia exercer muito maior atracção sobre as mulheres.

Era quase como se o sexo fosse algo que transcendia a biologia, e por mais que tentasse suprimir a recordação e destruir essa parte do seu espírito. Brama tinha nascido mulher, e apesar de tudo, continuava a ser mulher, odiando esse facto, tinha decidido reencarnar sucessivamente como homem eminentemente viril, mas, não obstante todas as tentativas, continuava a sentir-se desajustado como se ostentasse o estigma do seu verdadeiro sexo. Tinha vontade de bater o pé e fazer uma birra.

Levantou-se e pavoneou-se até ao pavilhão, passando por árvores anãs cujos troncos se contorciam com uma certa beleza grotesca, latadas onde brincava o sol matinal, lagoas cobertas de nenúfares azuis, colares de pérolas suspensas em anéis de ouro branco, candeeiros com a forma de donzelas, tripés de onde se desprendia o cheiro acre do incenso, e uma estátua com oito braços de uma deusa azul que tocava veena quando se pronunciava determinada fórmula.

Brama entrou no pavilhão e aproximou-se do écran de cristal à volta do qual estava entrelaçada uma Naga de bronze com a cauda entre os dentes. Accionou o mecanismo.

Depois de uma breve hesitação, surgiu a imagem do sumo-sacerdote do templo e Mahartha. O sacerdote caiu de joelhos e tocou três vezes no chão com o seu sinal decasta.

— Das quatro categorias de deuses e dos dezoito exércitos do Paraíso, «rama» é o mais poderoso — disse o sacerdote. — Criador do universo. Senhor dos céus e de todas as coisas debaixo deles. Do teu umbigo brota um lótus, as tuas mãos agitam os oceanos, com

três passadas os teus pés abarcam o mundo inteiro... O tambor da tua glória semeia o terror nos corações dos teus inimigos. .

A tua direita está a roda da lei . Tu dominas os cataclismos servindo-te de uma serpente à laia de corda. .Salve! .Digna-te aceitar a oração do teu sacerdote . Abençoa-me e escuta-me, ó Brama! .

— Ergue-te, sacerdote — disse Brama, sem se lembrar do nome dele. —Que assunto tão importante te traz à minha presença?

O sacerdote levantou-se, lançou um olhar rápido ao corpo gotejante de Brama e desviou os olhos.

— Senhor — disse o sacerdote —. não queria incomodar-te enquanto estavas no banho, mas um dos teus fiéis pretende falar contigo sobre um assunto que penso ser muito urgente.

— Um dos meus fiéis! Diz-lhe que Brama está sempre pronto a escutar todos os fiéis e manda o rezar no templo, como é hábito!

Brama aproximou a mão do interruptor, mas deteve-se.

—Como é que ele soube da existência da linha entre o templo e o Céu? perguntou — E da comunicação directa entre santos e deuses?

—Ele diz — retorquiu o sacerdote , que é um dos Primeiros, e que eu devia transmitir a mensagem de que Sam pretende falar com Trimurti.

—Sam? — perguntou Brama — Sam? Não pode ser o Sam que eu penso.

—Aqui ele é conhecido por Siddhartha, o Subjugador de Demônios.

—Espera aí — disse Brama ; e vai cantando vários versículos apropriados dos Vedas.

—Às tuas ordens, meu Senhor. — disse o sacerdote, e começou a cantar.

Brama dirigiu-se ao guarda-fatos, a fim de escolher uma indumentária.

Ao ouvir pronunciar o seu nome, o príncipe interrompeu a contemplação do interior do templo. O sacerdote, cujo nome tinha esquecido, conduziu-o longo de um corredor. Chegaram a um armazém onde o sacerdote accionou um mecanismo que fez deslocar uma fileira de prateleiras.

O príncipe atravessou a porta secreta e entrou num santuário ricamente decorado. Sobre o altar/painel de controlo, havia um écran iluminado cingido por uma Naga de bronze que segurava a cauda entre os dentes.

O sacerdote fez três vénias.

— Salve. Senhor do universo, o mais poderoso entre as quatro categoria de deuses e os dezoito exércitos do Paraíso ... Do teu umbigo brota o lótus, tuas mãos agitam os oceanos, com três passadas... .

—Reconheço a verdade do que dizes — respondeu Brama. — És abençoado e ouvido. Podes retirar-te agora.

—Estás certo. Sam com certeza que te pagou por uma linha privada, não foi?

—Senhor!

—Basta! Vai-te embora!

O sacerdote fez uma vénia apressada e foi-se embora, fechando as prateleiras atrás de si.

Brama observou Sam, que trazia calças escuras, um khameez azul-celeste, o turbante azul-turquesa de Urath e uma bainha vazia presa a um cinturão de ferro.

Sam, por sua vez, estudou Brama que, sobre uma cota de malha, envergava uma capa de penas segura no pescoço por um broche de opala. Sobre a cabeça tinha uma coroa vermelha cravejada de ametistas rutilantes, e, na mão direita, um ceptro onde estavam encastoadas as nove pedras preciosas portadoras de bom augúrio. Os seus olhos eram duas manchas escuras sobre o rosto trigueiro. Envolviam-no os acordes suaves de uma veena.

—Sam? — perguntou ele.

Sam acenou afirmativamente.

—Estou a tentar adivinhar a tua verdadeira identidade, Senhor Brama—confesso que não consigo.

—É assim que deve ser — respondeu Brama —, para quem quer ser deus que foi, é, e sempre será.

—Envergas belas roupagens — disse Sam. — São encantadoras.

—Obrigado. Custa-me a crer que ainda estejas vivo. Verifiquei que, durante os últimos 50 anos, não procuraste um novo corpo. É bastante arriscado.

—A vida é cheia de riscos e de incertezas — observou Sam.

—É verdade — respondeu Brama — Puxa uma cadeira e senta-te. Põe-te à vontade.

Sam assim fez, e quando olhou novamente para Brama viu-o sentado sobre um imponente trono talhado em mármore vermelho e encimado por um guarda-sol da mesma cor.

—O teu trono não parece muito confortável — disse Sam. —Tem uma almofada de espuma de borracha — respondeu o deus com um sorriso.

— Podes fumar, se quiseres.

—Obrigado. — Sam retirou o cachimbo da bolsa que trazia no cinto, encheu-o cuidadosamente e acendeu-o.

—Que tens feito todo este tempo desde que abandonaste a morada do Céu? perguntou Brama.

—Tenho cultivado os meus jardins — respondeu Sam.

—Poder-nos-ias ter sido útil aqui — disse o deus —. na nossa secção de cultivo de plantas sem terra. Aliás, talvez ainda o possas fazer. Conta-me mais coisas sobre a tua permanência entre os homens.

—Caçadas ao tigre, escaramuças fronteiriças com reinos vizinhos, manter o moral do harém, um pouco de investigação botânica, enfim, o dia-a-dia. respondeu Sam. —Os meus poderes estão a enfraquecer e procuro recuperar a minha juventude, mas, segundo ouvi dizer, para tal é necessário que o teu cérebro seja purificado, é verdade?

—De certo modo — respondeu Brama.

— Com que finalidade?

—Para que o mal seja eliminado e o bem prevaleça — disse o deus com sorriso.

—Supondo que sou mau — perguntou Sam —. como será eliminado o mal que está dentro de mim?

—Terás de te libertar do teu fardo kármico sob uma forma inferior.

—Dispões de números quanto as porcentagens de bons e de maus?

— Não ponhas em dúvida a minha onisciência — disse Brama, reprimindo um bocejo com o ceptro — se confessar que, de momento, não me recordo desses números.

Sam deu uma pequena risada.

—Dizes que precisas e um jardineiro aqui na Cidade Celeste?

— Preciso — respondeu Brama. — Queres candidatar-te ao lugar?

— Não sei, talvez — respondeu Sam.

—Talvez não?

— Talvez não — admitiu Sam. — Dantes, não havia tantas hesitações quanto ao espírito dos homens. Se um dos Primeiros desejava a renovação, pagava um novo corpo e era servido.

— Isso era antigamente, agora os tempos são outros.

—Sou levado a crer que pretendes eliminar os Primeiros que não se deixem subjugar por ti.

— Num panteão há lugar para muitos, Sam. Existe um nicho para ti, se o reivindicares.

—E se não o fizer?

—Nesse caso, pergunta pelo teu corpo na sala do Karma.

—E se eu optar pela natureza divina?

—O teu cérebro não será submetido à sonda. Os Mestres receberão ordens para te servirem bem e depressa. Será enviada uma máquina

voadora para te transportar ao Céu.

—Tenho de reflectir sobre o assunto. Gosto deste mundo, embora esteja atolado no obscurantismo. Por outro lado, o facto e gostar do mundo não me garante que desfrute das coisas que desejo, se for decretado que morra a morte verdadeira ou assuma a forma de um macaco e erre pelas florestas; mas também não me agrada muito a perfeição artificial que existia no Céu da última vez que lá estive . Concede-me um momento para reflexão.

—Considero presunçosa a tua indecisão — disse Brama — depois da proposta que te fiz.

—Eu sei e, no teu lugar, talvez pensasse o mesmo, mas se eu fosse Deus e tu fosses Sam, acho que concederia um momento de misericordioso silêncio enquanto um homem toma uma decisão importante sobre a sua vida.

—Sam, és um regateador incorrigível! Quem, além de ti, me faria esperar enquanto a sua mortalidade está pendente ? Certamente, não pretendes regatear comigo?

—Bem, pertença a uma longa linhagem de negociantes de sagartos e tem uma coisa que pretendo obter a todo o custo...

—Qual é?

—Respostas a algumas perguntas que me preocupam há já algum tempo.

—Tais como...

—Como sabes, deixei de assistir às reuniões do Conselho há mais de 1 século, pois tinham-se tornado sessões intermináveis destinadas a adiar decisões e eram, antes de mais nada, um pretexto para o festival dos Primeiros. Não que tenha alguma coisa contra os festivais: aliás, durante um século e meio frequentei-os apenas para

poder beber um bom copo de vinho da Terra. Mas acho que devíamos tomar medidas em relação aos passageiros e à progenitura dos nossos variados corpos, em vez de os deixarmos andar por um mundo corrupto a acabarem por voltar ao estado selvagem. Acho que nós, os tripulantes, os devíamos ajudar, concedendo-lhes o benefício da tecnologia que tínhamos preservado, em vez de construirmos para nós um paraíso inexpugnável e tratarmos o mundo como um misto de reserva de caça e bordel. Portanto, há muito que me pergunto por que é que isto não foi feito. Parece-me um modo justo e equitativo de governar o mundo.

—Deduzo que és Aceleracionista?

—Não — respondeu Sam —. simplesmente curioso: gostava de conhecer as razões.

—A resposta — disse Brama — é que ainda não estão preparados. Se tivéssemos agido imediatamente, teria sido possível; mas a princípio éramos indiferentes. Depois, quando a questão se levantou, estávamos divididos: passou-se demasiado tempo. Eles não estão preparados nem o estarão durante vários séculos. Se, neste momento, fossem confrontados com uma tecnologia avançada, as guerras que daí resultariam provocariam a destruição do que eles já realizaram. Deram início a uma civilização segundo o modelo dos seus antepassados, mas continuam a ser crianças, e como crianças brincariam com os nossos presentes e seriam queimados por eles. Eles são os nossos filhos gerados pelos nossos sucessivos corpos e temos a responsabilidade como pais em relação a eles. Não devemos permitir que sejam precipitados a uma revolução industrial e destruam a primeira sociedade estável deste planeta. A melhor maneira de exercermos as nossas funções de pais é guiando-os por intermédio dos templos, tal como fazemos agora. Os deuses e as deusas são essencialmente figuras paternas e maternas. Portanto, que pode haver mais acertado e justo que assumirmos esse papel e desempenhá-lo conscienciosamente?

—Então, por que é que vocês destroem a sua tecnologia incipiente ? A imprensa foi descoberta pelo menos três vezes, que eu me lembre, e sempre reprimida.

— Pela mesma razão; eles ainda não estavam preparados para ela; além disso, não foi realmente descoberta, simplesmente recordada. Foi uma espécie de recordação que alguém se lembrou de reproduzir. As invenções devem ser o resultado de factores já presentes na cultura, e não algo que se vai buscar ao passado, como um coelho que sai de um chapéu.

—Parece que estás a traçar um limite muito apertado, Brama. Pelo que dizes, depreendo que os teus esbirros correm o mundo destruindo todos os sinais de progresso que encontram?

— Isso não é verdade — disse o deus. — Falas como se desejássemos perpetuar este fardo da divindade, como se desejássemos manter o obscurantismo e suportar para sempre a fatigante condição da nossa divindade imposta!

—Exactamente! — exclamou Sam. — Que dizes da máquina de orações que se encontra à porta deste templo? É culturalmente equiparável a um carro?

—Isso é diferente — disse Brama. — Como manifestação divina é referenciada pelos cidadãos e, por razões religiosas, não é posta em questão. Não pode ser comparada à descoberta da pólvora.

—Supondo que um ateu a rouba e a desmonta? Suponho que esse ateu é um Thomas Edison? Então?

— Elas têm fechaduras complexas com segredo. Se forem abertas por além que não seja sacerdote, explodem e matam a pessoa.

— Reparei que não conseguiste suprimir a redescoberta do alambique, embora tenhas tentado. Como represália, aplicaste uma taxa sobre o álcool, pagável nos templos.

—A humanidade sempre procurou uma fuga na bebida — disse Brama. O álcool figura normalmente nas suas celebrações religiosas, o que ajuda a atenuar o sentimento de culpa. É verdade que, a princípio, tentamos suprimi-la, mas em breve nos apercebemos de que não seria possível. Assim, em troca do imposto, eles recebem uma bênção sobre as bebidas. Menos culpa, menos ressacas, menos recriminações; é psicossomático; de resto, o imposto não é assim tão pesado.

— Tem piada, muitos preferem as bebidas profanas.

— Vieste rezar e ficaste para escarnecer, não foi, Sam? Propus-me responder às tuas perguntas, não, discutir contigo a política da Deicracia. Já tomaste a decisão quanto à minha proposta?

— Já, Madeleine — respondeu Sam —, e já alguém te disse como és encantadora quando te zangas?

Brama levantou-se de um salto.—Como é que sabes? Como é que conseguiste descobrir? — vociferou o deus.

— Não sabia — respondeu Sam. — Foi uma suposição baseada em certos maneirismos na tua linguagem e gestos de que me lembrava. Conseguiste finalmente realizar a tua velha ambição? Aposto que também tens um harém, como é a sensação, minha senhora, de ser um autêntico garanhão depois de sido mulher. Aposto que todas as garotas do mundo te invejariam se soubessem. Parabéns.

Brama empertigou-se e lançou-lhe um olhar dardejante. Por detrás dele, o trono rutilava; a veena continuava a tocar imperturbavelmente. Ergueu o ceptro e falou:

—Prepara-te para receberes a maldição de Brama... — começou ele.

— Por que razão? — perguntou Sam. — Por que adivinhei o teu segredo? Se vou ser deus, que importância tem? Deve haver outros

que o conheço. Estás zangado porque só consegui descobrir a tua verdadeira identidade provocando-te um pouco? Pensei que me apreciasses mais se exibisse o espírito, realçando desse modo o meu valor. Se te ofendi, peço-lhe perdão.

— Não é por teres adivinhado, nem pelo modo como adivinhaste, mas que troçaste de mim que te amaldiçoou.

— Trocei de ti? Não compreendo; não tinha a intenção de te faltar ao respeito. Nos velhos tempos, sempre mantive relações cordiais contigo. Se tiveres ao trabalho de os recordar, verás que é verdade. Por que haveria de comprometer a minha posição troçando de ti?

—Porque disseste o que tinhas no coração sem pensares segunda vez.

—Não, meu Senhor Apenas graciei contigo como qualquer homem discutisse estes assuntos com um dos seus semelhantes, lamento que te tenhas melindrado. Aposto que tens um harém que me causaria inveja e em uma noite destas, hei-de tentar lá entrar sub-repticiamente. Se me amaldiçoas por ter ficado surpreendido, então está bem. — Chupou o cachimbo e expeliu baforada de fumo.

Passado um momento. Brama deu uma pequena gargalhada.

—É verdade que perco facilmente a calma, e sou talvez demasiado susceptível acerca do meu passado — admitiu ele. — É claro que já graciei muitas vezes com outros homens. Suspendo a minha maldição.

— Suponho que aceitas a minha proposta? — prosseguiu ele.

— É verdade — respondeu Sam.

—Ótimo; sempre senti por ti uma afeição fraterna. Vai-te embora e manda o meu sacerdote para que lhe dê instruções sobre a tua reincarnação, breve.

—Certamente, Senhor Brama. — Sam ergueu o cachimbo e fez um gesto de aquiescência. Depois, empurrou a fila de prateleiras e foi à procura do sacerdote. Vários pensamentos lhe atravessaram o espírito mas dessa vez guardou-os para ele.

NESSA TARDE, o príncipe reuniu conselho com os membros da sua comitiva que tinham visitado parentes e amigos, e com os que haviam percorrido a cidade recolhendo notícias e mexericos.

Os últimos informaram-no de que havia dez Mestres do Karma em Mahartha que se encontravam instalados num palácio situado nas encostas a sudeste da cidade. Faziam visitas regulares às clínicas, ou salas de leitura, dos templos, onde os cidadãos compareciam para julgamento quando se candidatavam a uma renovação.

A sala Karma era um sólido negro dentro do pátio do palácio, onde, pouco depois julgamento, as pessoas pediam a transferência para um novo corpo. Strake acompanhado de dois conselheiros, partiu antes do anoitecer a fim de elaborar uma planta das fortificações do palácio.

Dois mensageiros do príncipe foram levar um convite para um banquete ao Shande Irabek, um velho conhecido de Siddhartha que com ele tivera três escaramuças fronteiriças e que acompanhara ocasionalmente em caçadas ao tigre. O Shan encontrava-se e casa de familiares enquanto esperava uma entrevista com os mestres do Karma. Outro homem foi enviado à rua dos Ferreiros onde pediu aos artífices que duplicassem a encomenda do príncipe e a tivessem pronta no dia seguinte. Logo pela manhã. Entregou-lhes mais dinheiro a fim de assegurar a diligência na execução da encomenda.

Mais tarde, o Shan de Irabek chegou à hospedaria de Hawkana acompanhado por seis parentes que pertenciam à casta das comerciantes mas iam armados como se fossem guerreiros. Porém,

ao verem que a hospedaria era um local pacato e que nenhum dos outros hóspedes estava armado, desembaraçam-se das armas e sentaram-se perto da cabeceira da mesa, ao lado do príncipe.

O Shan era um homem alto mas bastante curvado. Usava uma túnica castanha e um turbante escuro que lhe chegava quase até às sobrancelhas hirsutas que eram cor de leite; a barba era branca de neve e espessa, os dentes pareciam cepos escuros quando ele ria, e as pálpebras inferiores estavam inflamadas e intumescidas, talvez devido ao esforço de manterem no seu lugar os globos oculares injectados de sangue que pareciam querer saltar das órbitas. Deu uma gargalhada catarrosa e murros na mesa enquanto repetia pela sexta vez:

—Os elefantes estão caros de mais. e não servem para nada na lama! —Referia-se à conversa que tinham tido sobre a melhor época do ano para empreender uma guerra . Ficou assente que só quem não percebesse nada da arte de governar seria tão grosseiro que insultasse o embaixador do vizinho durante a estação das chuvas, e que esse seria apelidado de nouveau roi.

Já no fim do festim, o médico do príncipe retirou-se a fim de superintender a preparação da sobremesa e introduzir um narcótico nos doces que seriam ao Shan. A sobremesa foi servida e, à medida que a noite se prolongava o Shan parecia cada vez mais sonolento e permanecia longos momentos de olhos fechados, cabeceando.

— Bela festa — murmurava ele entre roncões. E, por fim: — os elefantes não prestam para nada — acabando por cair num sono profundo. Os parentes não julgaram conveniente acompanhá-lo a casa, pois o médico do príncipe tinha-lhes deitado hidrato de cloral no vinho e estavam estendidos no chão, a rressonar. O chefe da comitiva do príncipe tomou providências junto de Hawkana quanto ao alojamento das convivas adormecidas, e o próprio Shan foi levado para a suite de Siddhartha; o médico foi visitá-lo pouco depois, desapertou-lhe as roupas e sussurrou-lhe num tom persuasivo:

— Amanhã à tarde, serás o príncipe Siddhartha e estes homens serão a tua comitiva. Irás com eles à sala do Karma e pedirás o corpo que Brama te prometeu sem necessidade de julgamento prévio. Permanecerás Siddhartha durante a transferência e regressarás aqui com a tua comitiva, a fim de que eu o examine.

—Sim — murmurou Shan.

— Então, repete o que te disse.

— Amanhã a tarde — disse o Shan —, serei Siddhartha e irei com o meu séquito...

A MANHÃ ESTAVA RESPLANDECENTE e as contas foram ajustadas sob os céus límpidos. Metade dos homens do príncipe deixaram a cidade a cavalo, rumo ao norte. Quando já estavam suficientemente afastados da cidade, desviaram para sudeste, atravessaram as colinas, e só pararam para envergar o equipamento de combate.

Meia dúzia de homens foram enviados à rua dos Ferreiros e regressaram com pesados sacos de lona cujo conteúdo distribuíram pelas bolsas de três homens que partiram para a cidade depois do pequeno-almoço.

O príncipe trocou impressões com Narada, o médico, e disse-lhe:

— Se avaliei mal a clemência do céu, então estou realmente amaldiçoado. Mas o médico sorriu e respondeu:

—Duvido que a tenhas avaliado mal.

Assim se passou a manhã e parte da tarde, enquanto a Crista dos Deuses brilhava no Céu.

Quando os convivas acordaram, o príncipe e o médico tomaram medidas quanto à forte ressaca que os afligia. Administraram um pós-hipnótico ao Shan e enviaram-no para o palácio dos Mestres na companhia de seis homens. Garantiram aos parentes que ele continuava a dormir nos aposentos do príncipe.

—O maior risco neste momento — disse o médico — é o Shan .Reconhece-lo-ão? Os factores a nosso favor são: em primeiro lugar, que ele é um pequeno potentado de um reino distante; em segundo, esteve pouco tempo na cidade quase sempre em casa dos parentes, e ainda não se apresentou para julgamento. Os Mestres não devem conhecer a tua aparência física...

—A não ser que Brama ou o sacerdote lhes tenham dado a minha descrição, disse. — Além disso, a minha comunicação pode ter sido gravada e a fita enviada ao palácio para fins de identificação.

—Por que haviam de ter feito tal coisa? — perguntou Narada. — Eles não estão certamente à espera de precauções secretas e elaboradas por parte de alguém a quem vão fazer um favor. Não, acho que vamos conseguir. O Shan não conseguiria iludir a sonda, mas não deve haver problema com o exame superficial, visto que está acompanhado pelos teus homens. Neste momento está convencido de que é Siddhartha e passaria sem dificuldade qualquer teste detector de mentiras a esse respeito; acho que é esse o mais sério obstáculo com que ele pode deparar.

Passado algum tempo, os homens regressaram com as bolsas vazias, reuniram os seus haveres, montaram os cavalos, e um a um dispersaram pela cidade como se fossem em busca de divertimentos, mas, na realidade dirigiam-se lentamente para sudeste.

—Adeus, bom Hawkana — disse o príncipe. quando os últimos homens montaram. — Como sempre, farei boa propaganda da estalagem a todos que encontrar nas imediações. Lamento que a minha estada tenha sido interrompida inesperadamente, mas tenho

de ir reprimir uma insurreição nas províncias, assim que deixar a sa a do Karma. Bem sabes como essas coisas acontecem mal um governante volta as costas. Embora gostasse de ficar mais uma semana debaixo do teu tecto, terei de adiar esse prazer para outra ocasião !Se alguém perguntar por mim, diz que me procure no Hades.

—No Hades, meu Senhor?

—É a província no extremo meridional do meu reino, conhecida pelo clima excessivamente quente. Não te esqueças de dar esta indicação precisa especialmente aos sacerdotes de Brama, que podem ficar preocupados quanto ao meu paradeiro nos próximos dias.

—Não esquecerei, meu Senhor.

—E cuida bem do jovem Dele. Espero ouvi-lo tocar outra vez quando da minha próxima visita.

Hawkana curvou-se numa profunda reverência e preparava-se para iniciar um discurso, o que decidiu o príncipe a lançar-lhe a última bolsa de moedas e a fazer um último comentário sobre os vinhos de Urath; antes de montar apressadamente e gritar ordens aos seus homens numa voz tão tonitruante que impossibilitava qualquer outra conversa.

Atravessaram o portão e partiram, deixando para trás apenas o médico e três guerreiros que deviam receber tratamento durante mais um dia para um estranho mal relacionado com a mudança de clima; mais tarde ,alcançariam os outros.

PERCORRERAM A CIDADE usando ruas secundárias até que chegaram à estrada que conduzia ao palácio dos mestres do Karma. Enquanto cavalgavam pela estrada, Siddhartha ia trocando sinais secretos com as três dúzias de guerreiros que estavam escondidos em vários pontos da floresta.

Depois de terem percorrido mais de metade da distância que os separava do palácio, o príncipe e os oito homens que o acompanhavam pararam como quisessem descansar, mas na realidade, estavam à espera que os outros alcançassem, deslocando-se cautelosamente entre as árvores. Em breve, porém, viram aproximar-se sete cavaleiros e o príncipe deduziu que se tratava dos seus seis lanceiros e do Shan. Quando já estavam mais perto, o cavaleiro alto, de olhar penetrante, montado na égua branca, perguntou:

— Quem sois vós que ousais impedir o caminho ao príncipe Siddhartha, subjugador dos Demônios?

Era um homem musculoso e bronzeado, de feições aquilinas e porte imponente; o príncipe pensou imediatamente que as suas suspeitas tinham sido infundadas e que a sua desconfiança o traíra. A avaliar pelo esbelto espécime montado na sua própria égua. Brama dera provas de boa-fé, permitindo-lhe usar um corpo belo e vigoroso, agora possuído pelo antigo Shan.

— Senhor Siddhartha — disse o cavaleiro, que acompanhava o Senhor de Irabek e que pertencia a comitiva do verdadeiro Siddhartha —, tudo leva a crer que eles cumpriram as promessas; ele parece estar de perfeita saúde.

—Siddhartha! — exclamou o Shan — Quem é esse a quem ousas dirigir-te pelo nome do teu senhor?

— Siddhartha sou eu, Subjugador dos.... Inclinou bruscamente a cabeça para trás e as palavras gorgolejaram-lhe na garganta.

O Shan sofreu um ataque; o seu corpo tornou-se rígido e caiu da sela. Siddhartha precipitou-se para junto dele; ao canto da boca viam-se pequenas bolhas de espuma e tinha o olhar vítreo.

—Epiléptico! — exclamou o príncipe. — Queriam que eu tivesse um cérebro lesado. Os outros aproximaram-se e ajudaram o príncipe a cuidar do Shan, até que o ataque passou e ele recuperou os sentidos.

— Q... que aconteceu? — balbuciou ele.

—Traição — disse Siddhartha. — Traição, ó Shan de Irabek! Um dos meus homens vai levar-te ao meu médico pessoal para que ele te examine. Depois de teres repousado, sugiro que apresentes um protesto na sala de leitura de Brama. O meu médico cuidará de ti na hospedaria de Hawkana e, depois, serás deixado em liberdade. Lamento o sucedido: espero que o mal seja reparado, mas se tal não acontecer, lembra-te do último cerco de Kapil e considera que estamos quites. Boa tarde, irmão príncipe. — Fez uma vénia, e os seus homens ajudaram o Shan a montar o cavalo baio que Siddhartha pedira emprestado a Hawkana.

O príncipe montou a sua égua, viu-os afastarem-se, e depois dirigiu-se aos homens numa voz suficientemente forte para que fosse ouvida pelos homens que aguardavam longe da estrada:

—Nós os nove entraremos; ao segundo toque do clarim, vocês seguir-nos-ão. Se eles resistirem, façam-nos desejar terem sido mais prudentes, pois, quando o clarim tocar mais três vezes, os cinquenta lanceiros descerão das colinas, se forem necessários. Trata-se de um palácio tranquilo e não de uma fortaleza onde se costumam travar combates. Façam os mestres prisioneiros. Não danifiquem as máquinas deles nem permitam que outros o façam. Se eles não resistirem, tanto melhor; se resistirem, percorreremos o palácio e a sala dos mestres do Karma como um rapazinho que explora um formigueiro longo e serpenteante. Boa sorte, e que os deuses não vos acompanhem!

Esporeou o cavalo e pôs-se a caminho, seguido pelos oito lanceiros que cantavam em surdina.

O príncipe atravessou o grande portão que estava aberto e não tinha sentinela. Avançou cautelosamente, pensando que poderia haver defesas secretas que Strake não tivesse visto.

O pátio tinha uma área empedrada e outra ajardinada, onde os criados estavam a podar, a mondar e a cultivar. O príncipe procurou descobrir armas mas não encontrou nenhuma. Os criados ergueram o olhar quando ele entrou mas não interromperam o trabalho.

Ao fundo do pátio encontrava-se a sala de pedra negra. Aproximou-se, seguido pelos cavaleiros, até que foi interpelado por uma voz proveniente da escadaria do palácio, que ficava do seu lado direito.

Fez parar o cavalo e olhou nessa direcção. O homem tinha uma túnica negra com um círculo amarelo no peito, e empunhava um bastão de ébano. Era alto, entroncado e estava embuçado. Ficou à espera e não repetiu a saudação.

O príncipe dirigiu a montada para o fundo da larga escadaria.

—Desejo falar com os mestres do Karma — declarou ele.

—Tens entrevista marcada? — perguntou o homem.

—Não — respondeu o príncipe —, mas é um assunto importante.

—Então, lamento que tenhas feito a viagem inutilmente — retorquiu o outro. — É necessário marcar entrevista; podes fazê-lo em qualquer templo Mahartha.

Apoiou o bastão na escada, voltou-se e começou a afastar-se.

—Destruam aquele jardim — disse o príncipe aos seus homens. — Derrubem as árvores, reúnam tudo numa pilha e peguem-lhe fogo.

O homem de negro deteve-se e voltou-se. O príncipe ficou à espera no fundo da escadaria, enquanto os homens se encaminhavam para

o jardim.

—Não podem fazer isso — disse o homem.

O príncipe sorriu. Seus homens desmontaram e começaram a mutilar os arbustos, pisando impiedosamente os canteiros de flores.

—Diz-lhes que parem!

—Por que havia de fazê-lo? Vim falar com os mestres do Karma e dizes-me que não posso. Digo-te que posso e que o farei. Vejamos qual de nós tem razão.

—Ordena-lhes que parem! — disse o homem. — Levarei a tua mensagem aos mestres.

—Parem! — ordenou o príncipe. — Mas estejam a postos para recomeçar

O homem de negro subiu a escada e desapareceu no interior do palácio.

O príncipe acariciou o clarim que trazia ao pescoço. Passado pouco tempo, começaram a sair homens armados do palácio. O príncipe ergueu o clarim e tocou três vezes.

Os homens traziam armaduras de couro, que alguns afivelavam ainda apressadamente, e capacetes do mesmo material; tinham os braços direitos enchumaçados até ao cotovelo, empunhavam pequenos escudos ovais de metal onde estava gravada uma divisa que consistia numa roda amarela sobre fundo negro e longas adagas. Encheram por rompido a escadaria e ficaram. Aparentemente, à espera de ordens.

O homem do negro voltou a aparecer e postou-se no topo da escada.

— Muito bem — disse ele —, se tens uma mensagem para os mestres, diz qual é!

— És um deles? — perguntou o príncipe.

—Sou.

— Então, deves ocupar o último lugar na hierarquia, visto que também desempenhas a função de porteiro. Deixa-me falar com o teu chefe.

— A tua insolência será punida, tanto agora como numa vida futura — observou o mestre.

Nesse momento, três dúzias de lanceiros irromperam pelo portão e colocaram-se à volta do príncipe. Os outros homens que tinham começado a devastar o jardim montaram novamente indo juntar-se ao destacamento, de espadas desembainhadas.

—Queres que penetremos no palácio a cavalo? — perguntou o príncipe—, vais chamar os outros mestres com quem desejo falar?

Sobre a escadaria, havia perto de oitenta homens de armas em punho, muitos a fazer-lhe frente. O mestre pareceu avaliar o equilíbrio das forças e achou mais prudente não arriscar uma confrontação.

—Não te precipites — disse ele —, pois os meus homens defender-se-ão ferozmente. Espera um pouco, vou chamar os outros.

O príncipe encheu o cachimbo e acendeu-o. Os seus homens permaneceram imóveis, de lanças em riste. Os rostos dos soldados que se encontravam primeiro degrau da escada estavam perlados de suor.

Entretanto, o príncipe disse aos seus lanceiros:

—Não pensem exhibir a vossa perícia como fizeram no cerco de Kapil, apontem para o peito, não para a cabeça. Além disso — continuou ele —, não mutilem os feridos e os mortos como de costume, pois estamos num lugar sagrado que não deve ser profanado por tais actos.

— Por outro lado — acrescentou ainda. —considerarei uma ofensa pessoal não houver dez prisioneiros para sacrificar a Nirriti, o Negro, o meu protector fora destas muralhas, é claro, onde o ritual da Festa Negra não será tão severamente julgado.

Ouviu-se um fragor do lado direito, quando um soldado, que tinha estado a observar o comprimento da lança de Strake, desmaiou e caiu do último degrau da escada.

— Parem! — bradou uma figura de negro que apareceu no topo da escada na companhia de mais seis homens que envergavam uma indumentária semelhante. — Não profanem o palácio do Karina com derramamento de sangue. O sangue desse guerreiro tombado já...

—Já lhe está a subir ao rosto — completou o príncipe —, se estiver consciente, pois morto não está.

—Que pretendes? — O homem que assim falou era de estatura mediana mas tinha uma enorme barriga; empunhava igualmente um bastão.

— Estou a ver sete — replicou o príncipe. — Sei que residem aqui dez mestres, onde estão os outros três?

—Neste momento, estão ocupados em três salas de leitura de Mahārtha. Que pretendes de nós?

— És tu quem comanda aqui?

— Aqui só comanda a Grande Roda da Lei.

—És o principal representante da Grande Roda dentro destas paredes?

—Sou.

—Muito bem. Desejo falar contigo em particular, ali! — disse o príncipe, apontando para a sala negra.

—Impossível!

Com uma pancada no salto da bota, o príncipe esvaziou o cachimbo, limpou-o com a ponta do punhal e guardou-a na bolsa. Depois, empertigou-se na sela e segurou no clarim com a mão esquerda. Os seus olhos encontraram os do mestre.

— Tens a certeza absoluta? — perguntou. A boca do mestre, pequena e húmida, entreabriu-se. mas as palavras não foram pronunciadas. Passado um momento, decidiu-se a falar:

—Seja como pretendes. Deixem-me passar. — Atravessou as fileiras do guerreiros e deteve-se junto da égua branca.

O príncipe voltou a montada na direcção da sala.

—Manter a formatura! — ordenou o mestre.

—Vocês façam o mesmo! — disse o príncipe aos seus homens.

Os dois homens atravessaram o pátio e o príncipe desmontou em frente da sala

—Deves-me um corpo — disse ele com voz calma.

—Que conversa é essa? — perguntou o mestre.

— ou o príncipe Siddhartha e Kapil. Subjugador dos Demônios.

—Siddhartha já foi servido —retorqui o outro.

—É o que tu pensas — respondeu o príncipe. — Servido com um corpo epilético por ordem de Brama. Mas tal não é o caso, o homem que serviste esta manhã era um impostor involuntário. Sou o verdadeiro Siddhartha e venho reclamar o meu corpo, um corpo saudável e forte, sem doenças ocultas; é isso que vais fazer, ou a bem, ou a mal.

—Pensas que sim?

—Tenho a certeza — respondeu o príncipe.

—Atacar! — bradou o mestre, fazendo rodopiar o bastão sobre a cabeça do príncipe.

O príncipe, porém, esquivou-se e desembainhou a espada. Aparou dois golpes mas o terceiro atingiu-o no ombro fazendo-o vacilar. Servindo-se, então da égua como escudo entre ele e o adversário, levou o clarim aos lábios e tocou três vezes. As notas sobrepuseram-se ao clangor do combate que se travava na escadaria do palácio. Ofegante, voltou-se e ergueu o escudo a tempo de evitar um golpe na têmpora que o teria, certamente, liquidado.

—Está escrito — disse o mestre, quase soluçando —. que aquele que dá ordens que não pode fazer cumprir é um imbecil.

—Ainda há dez anos — disse o príncipe arquejando —. não terias ousado erguer esse bastão contra mim.

Com a espada tentou fender o bastão, mas o mestre conseguiu evitar os golpes, e, apesar de alguns entalhes e raspões, o bastão manteve-se inteiro.

O mestre aplicou então uma violenta pancada no dorso do príncipe, que sentiu as costelas estalar e caiu por terra.

Ao cair, largou a espada e esta foi atingir os tornozelos do mestre que caiu de joelhos com um uivo de dor.

—Estamos em igualdade de circunstâncias — disse o príncipe, ofegando —A minha idade contra a tua gordura...

Enquanto jazia por terra desembainhou o punhal mas não conseguiu segurá-lo firmemente; apoiou-se sobre o cotovelo. O mestre, de lágrimas nos olhos, tentou levantar-se mas caiu novamente sobre os joelhos.

Nesse momento, ouviu-se um tropel de cavalos.

—Não sou um imbecil — disse o príncipe —, e agora já posso fazer cumprir as minhas ordens.

— Que se passa?

— Acaba de chegar o resto dos meus lanceiros. Se tivesse penetrado aqui todos os meus guerreiros, ter-te-ias escondido como um lagarto numa pilha de lenha, e poderia ter levado vários dias para dismantelar o teu palácio e obrigar-te a sair. Agora tenho-te na palma da mão.

O mestre ergueu o bastão.

O príncipe recuou o braço.

— Baixa-o — disse ele — , senão atiro o punhal . Não sei se acerto ou se falho, mas posso acertar. Não estás muito interessado em arriscar a morte verdadeira, pois não?

O mestre baixou o bastão.

—Conhecerás a morte verdadeira — disse o mestre , quando os meus guardas tiverem transformado os teus soldados em picado para cães.

O príncipe cuspiu e lançou um olhar desinteressado à saliva ensanguentada.

— Entretanto, falemos de política — sugeriu ele.

Quando se extinguiu o fragor da batalha Strake, alto, coberto de poeira, e o cabelo empastado de sangue, aproximou-se do príncipe e disse-lhe:

— Terminou.—Estás a ouvir, mestre do Karma? — perguntou o príncipe. — Os teus soldados foram transformados em picado para cães.

O mestre não respondeu.

— Serve-me agora, e poupar-te-ei a vida — disse o príncipe. — Se recusares tiro-ta.

— Servir-te-ei — respondeu o mestre.

— Strake — ordenou o príncipe — , envia dois homens à cidade, um para ir ao meu médico Narada, outro para ir à rua dos Tecelões buscar Janna, o fabricante de velas. Dos três lanceiros que ficaram em casa de Hawkana, deixa ficar só um para vigiar o Shan de Irabek até ao pôr do Sol; nessa altura, deve amarrá-lo e deixá-lo e vir juntar-se a nós. Strake sorriu e despediu-se.

—Agora manda vir alguns homens para me transportarem à sala e manterem este mestre sob vigilância.

INCINEROU O SEU VELHO CORPO e todos os outros. Nenhum dos soldados do Karma sobrevivera ao combate. Dos sete Mestres apenas o gordo ficou com vida. Embora os bancos de esperma e de óvulos, os reservatórios de reprodução e os depósitos de corpos não

pudessem ser transportados, o equipamento de transferência foi desmontado sob a direcção do Dr. Narada, e os seus componentes, carregados nos cavalos dos que tinham morrido durante a batalha.

O jovem príncipe montou a égua branca e ficou a observar as línguas de fogo que lambiam os corpos. Oito piras ardiam contra o céu da madrugada. Aquele que tinha sido fabricante de velas olhou para a pira junto do portão, a última que fora acesa e cujas chamas só agora atingiam a parte superior onde se encontrava o volumoso corpo de túnica negra com um círculo amarelo no peito. Quando as labaredas o atingiram e a túnica começou a arder, o cão que estava agachado no jardim devastado ergueu a cabeça e lançou um uivo que quase parecia um soluço.

— Hoje a tua conta de pecados transbordou — disse o fabricante de velas.

—E então a minha conta de orações? — retorquiu o príncipe. — Para já conto com ela. No entanto, os teólogos futuros terão de tomar a decisão final quanto à validade de todos aqueles discos nas máquinas de orações. Que o Céu se interrogue sobre o que hoje aqui se passou: onde estou, se existo, quem sou. Chegou o momento de partirmos, comandante. Para as montanhas, durante algum tempo, e, depois, separar-nos-emos por razões de segurança. Não sei bem que caminho devo tomar, apenas sei que leva às portas do Céu e que devo ir armado.

—Subjugador de Demônios — disse o comandante com um sorriso.

O lanceiro-chefe aproximou-se; o príncipe fez-lhe um sinal e deu-lhe ordens.

Os cavaleiros formaram uma coluna e atravessaram os portões do palácio do Karma; afastaram-se da estrada e tomaram a direcção da colina que ficava a sudeste de Mahartha, enquanto o sol despontava no horizonte.

III

Conta se que quando o Professor apareceu, homens de todas as castas foram escutar os seus ensinamentos, assim como animais e um ou outro deus, a fim de se aperfeiçoarem e renovarem espiritualmente. Todos reconheciam que ele tinha recebido iluminação, excepto os que pensavam que era um impostor, um pecador, um criminoso ou que, simplesmente, se divertia à custa dos outros.

Nem todos os últimos eram seus inimigos, mas, por outro lado, nem todos os que se aperfeiçoaram e renovaram podiam ser considerados seus amigos e partidários. Os seus seguidores chamavam-lhe Mahasamatman, e alguns diziam que era um deus.

Assim, depois de ter sido aceite como professor, considerado com respeito, de ter conquistado apoio de muitos homens abastados e granjeado reputação que chegou a terras distantes, passou a ser designado por Tathagatha. Aquele que conseguiu. Deve ficar registrado que, se bem que nunca tenha emitido uma opinião formal quanto à legitimidade de fama de Mahasamatman, a deusa Kali (por vezes chamada Durga. nos seus momentos mais ternos) concedeu-lhe a singular honra de enviar o seu santo verdugo pagar-lhe tributo, em vez de um simples assassino contratado...

O verdadeiro Dhamma nunca desaparece Até que surja no mundo um falso Dhamma. Quando o falso Dhamma aparece Faz desaparecer o verdadeiro Dhamma.

Samyutha-nikaya (11. 224)

Perto da cidade de Alundil havia um frondoso bosque com árvores de cor azul e folhagem púrpura que se assemelhava a penas. Era famoso pela beleza e pela tranquilidade mística da sua sombra. Pertencera ao comerciante Vasu até à sua conversão, que então o oferecera ao professor Mahasamatman, também conhecido por Tathagatha e o Iluminado.

O professor residia nesse bosque com os seus seguidores e quando, ao meio-dia, iam à cidade, nunca regressavam com as tigelas vazias.

Havia sempre grande número de peregrinos no bosque que era constantemente percorrido por fiéis, curiosos e ladrões. Chegavam a cavalo, de barco e a pé. Alundil não era uma cidade muito grande; tinha algumas cabanas com telhados de colmo, assim como casas de madeira: a rua principal não era empedrada e estava sulcada de trilhos; tinha dois bazares grandes e muitos pequenos. À volta da cidade ondulavam vastos campos de cereais que pertenciam aos Vaisyas e eram cultivados pelos Sudras; havia também muitas boas padarias, embora nenhuma tão famosa como a lendária estalagem de Hawkana, na distante Mahartha, devido à constante presença de forasteiros, a cidade possuía igualmente os seus santos homens, os seus contadores de histórias e o seu templo.

O templo ficava situado sobre uma pequena colina perto do centro da cidade e tinha grandes portões nas quatro fachadas. Esses portões e as paredes estavam decorados com baixos relevos representando músicos e bailarinas, guerreiros e demônios, deuses e deusas, animais e artistas, pares de namorados e semideuses, guardiões e devas. Esses portões abriam sobre o primeiro adro onde havia mais paredes e mais portões que, por sua vez, levavam ao segundo pátio. No primeiro havia um pequeno bazar onde se vendiam oferendas aos deuses, além de inúmeros pequenos santuários dedicados a divindades menores. Esse pátio estava sempre cheio de mendigos, de santos homens mergulhados em meditação, de crianças barulhentas, de mulheres que contavam os

últimos mexericos, de pássaros cujos trinados se misturavam ao zumbido das máquinas de orações por entre o borbulhar das piscinas de purificação e os vapores do incenso.

O pátio interior, porém, com os seus imponentes santuários dedicados a grandes divindades, era o centro da actividade religiosa, os fiéis entoavam ou gritavam orações, murmuravam versículos dos Vedas, de pé, de joelho ou prostrados diante de enormes imagens de pedra, por vezes tão sobrecarregadas de flores, untadas de kumkum vermelho e rodeadas de pilhas de oferendas que era quase impossível saber qual a divindade tão espalhafatosamente adorada. As trombetas do templo soavam periodicamente, provocando um silêncio momentâneo entre os adoradores, mas o clamor recomeçava pouco depois.

Ninguém poria em dúvida o facto de que Kali era a rainha daquele templo. A sua grande estátua de pedra branca, encerrada num gigantesco santuário dominava o pátio interior. O seu leve sorriso, que traía talvez um certo desprezo pelos outros deuses e seus fiéis, era, de certo modo, tão intimidante como os rictos das caveiras que pendiam do seu colar; nas mãos, brandia punhais e parecia hesitar entre dançar e aniquilar os que tinham ido visitá-la. Os seus lábios eram carnudos, e os olhos, rasgados. A luz dos archotes, dava a sensação de estar em movimento.

Era, por conseguinte, apropriado que o seu santuário se encontrasse em frente do de Yama, deus da Morte. Os sacerdotes e os arquitectos haviam decidido que Yama era a divindade mais indicada para corresponder ao sorriso equívoco da deusa com o seu esgar malévolos. Até os mais devotos evitavam passar entre os dois santuários fazendo um desvio, e, assim que escurecia aquela zona do pátio ficava mergulhada no mais profundo silêncio.

Quando os ventos da Primavera sopraram na região, chegou do norte aquele quem chamavam Rild. Rild, um homem baixo, de cabelo branco, embora ainda jovem, envergava o traje sombrio dos peregrinos mas, quando foi encontrado numa vala, vítima das

febres, trazia à volta do braço o cordão vermelho da sua verdadeira profissão: Rild. Na Primavera, na época do festival, Rild chegou a Alundil dos campos verde-azulados, das cabanas com telhado de colmo e das casas de madeira, das ruas de erra batida e dos albergues, bazares, santos homens e contadores de histórias, do grande ressurgimento religioso do seu Professor cuja fama se tinha espalhado pelo país, a Alundil do templo, onde a sua deusa padroeira era rainha.

Estava-se na época do festival.

Vinte anos atrás, o pequeno festival de Alundil não passava de um acontecimento quase exclusivamente local, mas agora, com o constante vaivém de inúmeros forasteiros devido à presença do Iluminado, que ensinava o Caminho da Via Óctupla, o festival de Alundil atraía tantos peregrinos que os albergues e as estalagens estavam superlotados. Os que possuíam tendas alugavam-nas por bom preço, os estábulos ficavam cheios de gente, e até os terrenos vagos se transformavam em acampamentos. Alundil amava o seu Buda. Muitas outras cidades tinham tentado incitá-lo a abandonar o seu bosque púrpura; Shengodu, a Flor das Montanhas, oferecera-lhe um palácio e um harém para que ele levasse para lá as seus ensinamentos; mas o Iluminado não foi para as montanhas; Kannaka do Rio da Serpente, oferecera-lhe elefantes e barcos, uma casa na cidade e uma vivenda no campo, cavalos e criados para que ele fosse pregar nos seus cais: mas o Iluminado não foi para o rio.

O Buda permaneceu no seu bosque e todas as coisas iam a ele. Com o correr dos anos, o festival tornou-se maior, mais longo e elaborado, como um dragão bem nutrido, de escamas reluzentes. Os brâmanes da região reprovavam os ensinamentos anti-ritualistas do Buda mas a sua presença enchia-lhes os cofres e eles aprenderam a viver na sua sombra, sem nunca pronunciarem palavra tirthika — herege.

Assim, o Buda permaneceu no seu bosque e todas as coisas foram ter com ele, incluindo Rild.

Estava-se em pleno festival.

Os tambores começaram a rufar na noite do terceiro dia.

No terceiro dia, os enormes tambores de kathakali começaram a rufar freneticamente; o seu staccato estrondoso ressoava através dos campos, da cidade, do bosque púrpura até aos pântanos que ficavam para além. Os tocadores, envergando mundus brancos, de torso nu reluzente de suor, trabalhariam por turnos, tão fatigante era a sua tarefa; o rufar dos tambores nunca era interrompido, nem sequer quando a equipa de tocadores era substituída. Quando a escuridão cobriu a Terra, os forasteiros e os habitantes da cidade que se tinham posto a caminho aos primeiros toques dos tambores, começaram a chegar ao recinto do festival, tão vasto como um antigo campo de batalha. Instalaram-se, ficaram à espera que a noite se adensasse e o espectáculo começasse, saboreando o chá aromático que compraram nos quiosques montados debaixo das árvores. No centro do campo encontrava-se um grande vaso de latão cheio de óleo qual pendiam pavios que foram acesos e emitiram uma luz bruxuleante sobre as tendas dos actores.

O rufar dos tambores era ensurdecedor e hipnotizante; o ritmo, sincopado e insidioso. Perto da meia-noite iniciaram-se os cânticos religiosos, à cadênciados tambores, numa melopeia que subjugava os sentidos.

Fez-se um breve silêncio quando chegou o Iluminado acompanhado pelos seus monges de túnicas alaranjadas; retiraram os capuzes e sentaram-se no chão, de pernas cruzadas. Passado algum tempo, apenas os cânticos e o rufar dos tambores enchiam o espírito dos espectadores.

Quando os actores apareceram, com uma caracterização impressionante e guisos à volta dos tornozelos, não houve aplausos, apenas um êxtase pleno de expectativa. Os dançarinos do Kathakali eram famosos e peritos em acrobacia e dança clássica, conhecendo os nove movimentos distintos do pescoço e dos olhos e as centenas

de posições das mãos exigidas para representar as antigas epopeias de amor e de guerra, dos reencontros entre Deuses e demônios, das heróicas lutas e das sanguinárias traições da tradição. Os músicos iam narrando episódios enquanto os actores, que nunca falavam, reconstituíam os temíveis feitos de Rama e dos irmãos Pandava. Caracteriza os de verde e encarnado, ou de preto e branco, pavoneavam-se pelo campo, de saias onduladas ao vento, e auréolas espelhadas reverberando à luz do lampião. Por vez a chama subia ou bruxuleava e um halo de luz sagrada ou diabólica parecia dançar sobre as suas cabeças, fazendo os espectadores esquecer, por um momento, que se tratava de uma representação, e sentir que eles próprios eram a ilusão, e as gigantescas figuras da dança ciclópica, as únicas coisas reais do mundo.

A dança prolongava-se até à alvorada e terminava ao nascer do Sol. Antes da aurora, porém, um monge de túnica açafraão chegou da direcção da cidade, atravessou a multidão e falou ao ouvido do Iluminado.

O Buda começou a levantar-se, mas pareceu mudar de ideias e voltou a sentar-se. Transmitiu uma mensagem ao monge e este fez um gesto de anuência, afastando-se do recinto do festival.

O Buda, aparentemente imperturbável, concentrou novamente a atenção no espectáculo. Um monge que estava perto reparou que ele tamborilava com os dedos no chão e deduziu que o Iluminado acompanhava o ritmo dos tambores, pois todos sabiam que ele não estava sujeito a coisas tão mesquinhas como a impaciência.

Quando a representação terminou, e o sol tingiu de rosa o nascente, era como se a noite que findara tivesse mantido a multidão prisioneira num sonho apaixonante e assustador de cujo fascínio acabava de despertar, exausta e enfeitada.

O Buda e os seus seguidores levantaram-se e puseram-se a caminho da cidade. Não se detiveram para repousar, e atravessaram a cidade num passo rápido mas digno.

Quando chegaram ao bosque púrpura, o Iluminado disse aos seus monges que repousassem e encaminhou-se para um pequeno pavilhão nas profundezas da floresta.

O monge que levava a mensagem durante a representação encontrava-se no interior do pavilhão a cuidar do viajante que encontrara nos pântanos, onde frequentemente passeava, meditando sobre a corrupção que o seu corpo conheceria depois da morte.

Tathagatha observou o homem que jazia sobre a esteira. Tinha os lábios morenos e pálidos, a testa alta, maçãs o rosto salientes, sobrancelhas brancas e orelhas pontiagudas; Tathagatha adivinhou que, por detrás das pálpebras cerradas, os olhos eram azul pálido ou cinzentos; aquele corpo inconsciente possuía algo de translúcido, de frágil, talvez devido, em parte, à febre que o consumia, mas que não lhe podia ser inteiramente atribuído. Aquele homem de aparência tão delicada não parecia ser o gênero de pessoa para usar o objecto que Tathagatha segurava entre os dedos. A primeira vista, dava a impressão de ser muito velho, mas, observando melhor, havia algo de pueril na sua expressão, apesar do cabelo branco e da constituição débil. Pela textura da pele, Tathagatha deduziu que ele não devia precisar de se barbear com frequência. Entre a face e os cantos da boca talvez estivesse dissimulada. Uma ruga ligeiramente malévola: ou talvez não.

O Buda ergueu o cor ão vermelho, que só os carrascos da deusa Kali usavam. Percorreu com os dedos o cordão sedoso que aderiu levemente à pele e que se destinava a estrangulá-lo. Quase inconscientemente, as suas mãos realizaram os gestos da execução.

Reparou, então, na expressão de surpresa do monge, fez o seu sorriso imperturbável e pousou o cordão. Com um pano húmido, o monge limpou a pálida testa, banhada em suor, do viajante.

O homem teve um estremecimento e abriu subitamente os olhos que brilhavam com o delírio da febre. Tathagatha recuou instintivamente sob aquele olhar vítreo.

Os olhos eram de um negro de azeviche, e não se distinguia a pupila da íris. Era inquietante a impressão causada por aqueles olhos poderosos num corpo tão frágil e debilitado.

Tathagatha estendeu o braço e tocou as mãos do homem; o contacto era semelhante ao do aço, frio e impermeável: raspou a unha sobre as costas da mão direita e ela deslizou, como sobre o vidro, sem deixar qualquer vestígio. Apertou a unha do polegar do homem e largou-a, não se verificou qualquer mudança de cor; aquelas mãos pareciam objectos mortos ou mecânicos.

Continuou o exame; o fenómeno interrompia-se um pouco acima dos pulsos e reaparecia noutros pontos do corpo. As mãos, o peito, o abdômen, o pescoço e algumas zonas das costas tinham sido imersas no banho da morte, o que lhes conferia aquela dureza inflexível. É claro que a imersão total teria sido fatal, mas graças à imersão parcial o homem havia-se tornado invulnerável apenas em determinadas zonas do corpo. Era, de facto, um dos assassinos de elite da terrível deusa.

—Quem mais sabe da existência deste homem? — perguntou o Buda.

— O monge Simha que me ajudou a trazê-lo para aqui — respondeu ele.

—Ele viu aquilo? — perguntou o Buda, apontando para o cordão.

O monge respondeu afirmativamente.

— Então vai buscá-lo imediatamente. Não fales a ninguém sobre o assunto, diz apenas que um peregrino adoeceu e que o estamos a tratar aqui. Eu próprio me ocuparei dos cuidados.

—Sim, Ilustre.

O monge saiu apressadamente do pavilhão.

Tathagatha sentou-se ao lado da esteira e ficou à espera.

SÓ PASSADOS DOIS DIAS a febre cedeu e o homem recuperou a lucidez; mas, durante esses dois dias, quem tivesse passado pelo pavilhão teria ouvido o Iluminado murmurar continuamente, como se falasse com o doente. Por vezes, o homem balbuciava e falava em voz alta, como acontece frequentemente a quem sofre de febre elevada.

No segundo dia, o homem abriu bruscamente os olhos e pousou-os sobre Tathagatha; franziu o sobrolho e virou a cabeça.

— Bom dia, Rild — saudou Tathagatha.

— Tu és... — perguntou o homem, com uma inesperada voz de barítono.

— Aquele que ensina o caminho da libertação — respondeu ele. — O Buda. Assim me têm chamado.

— Tathagatha.

— Também me têm dado esse nome.

O homem tentou erguer-se, mas não conseguiu os seus olhos não se pregaram do semblante sereno de Tathagatha.

— Como é que sabes o meu nome ? — perguntou ele por fim.

— Falaste muito enquanto tiveste febre.

—Sim, estive muito doente e certamente delirei. Foi naquele maldito pântano que apanhei a febre.

Tathagatha sorriu.

—Um dos inconvenientes de viajar sozinho é que quando adoecemos não há ninguém que cuide de nós.

—É verdade — concordou o outro: fechou novamente os olhos e a sua respiração tornou-se mais profunda. Tathagatha permaneceu na posição do lótus, à espera.

JÁ ERA DE NOITE quando Rild voltou a acordar.

— Tenho sede — disse ele

Tathagatha deu-lhe água.

— Tens fome? — perguntou.

— Não ainda não. O meu estômago revoltar-se-ia.

Apoiou-se sobre os cotovelos e olhou para Tathagatha.

— Tu és o tal... — declarou ele.

— Sou — admitiu o outro.

— Que vais fazer?

— Dar-te de comer, quando disseres que tens fome.

— Mas a seguir?

— Vigiar-te durante o sono, não vá a febre voltar.

— Não é a isso que me refiro.

— Eu sei.

—Quando tiver comido, descansado e recuperado as forças, que vais fazer? Tathagatha sorriu e tirou o cordão de seda que trazia oculto debaixo da túnica

—Nada — respondeu — Absolutamente nada. — Colocou o cordão sobre o ombro de Rild.

Rild abanou a cabeça e encostou-se. Ergueu a mão e passou-a ao longo cordão. Entrelaçou-o nos dedos e, depois, à volta do pulso, acariciando-o.

— É sagrado — disse, passados momentos.

— Assim parece.

— Sabes para que serve, qual a sua finalidade?

— Claro.

— Então, por que é que não farás nada?

—Não necessito de me mover ou agir. Tudo o que desejo vem a mim. Se alguma coisa tiver de ser feita, serás tu a fazê-la.

—Não compreendo.

—Também sei que não compreendes.

Rild fixou o olhar nas sombras.

—Vou tentar comer agora — disse.

Tathagatha deu-lhe um caldo e pão que ele engoliu com esforço; bebeu mais água e depois da ligeira refeição a sua respiração era ofegante.

— Ofendeste o Céu — declarou ele.

— Tenho consciência disso.—E depreciaste a glória de uma deusa cuja supremacia ninguém ousara ainda contestar.

—Eu sei.

—Mas salvaste-me a vida e deste-me o teu pão e... Não houve resposta.

—Por essa razão tenho de quebrar um voto sagrado — prosseguiu Rild .

—Não posso matar-te, Tathagatha.

— Então, devo a minha a vida ao facto de te ter salvo a tua; digamos que estamos quites. Rild deu uma curta risada.

—Seja como dizes.

— Que farás, agora que abandonaste a tua missão?

— Não sei. O meu pecado é demasiado grande para que possa regressar. Agora, também eu ofendi o Céu, e a deusa desviará o rosto das minhas orações; desobedeci-lhe.

—Nesse caso, fica aqui; pelo menos, estarás acompanhado na tua maldição.

— Muito bem — concordou Rild. — Não tenho outra alternativa. Voltou a adormecer e o Buda sorriu.

NOS DIAS QUE SE SEGUIRAM, enquanto o festival prosseguia, o Iluminado pregou às multidões que percorriam o bosque púrpura. Falou da unidade de todas as coisas, grandes e pequenas, da lei da causa, da evolução e da morte, da ilusão do mundo, da centelha da atman, do caminho da salvação, através da renúncia ao eu e da união com o todo; falou da plenitude e do esclarecimento, da futilidade dos rituais brâmanes, comparando as suas formas a recipientes vazios.

Muitos ouviram; alguns deixaram-se seduzir pelas suas palavras e permaneceram no bosque púrpura a fim de tomarem a túnica açafraão daquele que procurava a verdade.

Sempre que ele ensinava, Rild sentava-se perto, com as suas vestes negras e a armadura de couro, sem desprezar os seus estranhos olhos escuros do Iluminado.

Duas semanas depois do seu restabelecimento, Rild aproximou-se do mestre enquanto ele passeava pelo bosque absorto em meditação. Acompanhou-o durante uns momentos e, depois, falou:

— Iluminado, ouvi os teus ensinamentos, prestei atenção às tuas palavras e meditei sobre elas.

O Buda fez um gesto de aprovação.

— Sempre fui um homem religioso — prosseguiu ele — de outro modo não teria sido seleccionado para a função que, outrora, desempenhei. Quando compreendi que era impossível cumprir a minha missão, senti um grande vazio, desobedecera à minha deusa e a vida deixara de ter sentido para mim.

Tathagatha continuava a escutar, em silêncio.

— Mas ouvi as tuas palavras —, continuou Rild —, e elas encheram-me de uma espécie de júbilo; mostraram-me outro caminho para a

salvação, um caminho que sei ser superior ao que anteriormente seguira .

O Buda observou-o com atenção.

—O teu caminho de renúncia é austero, e é exactamente o que me convém. Portanto, peço-te que me admitas na tua comunidade e me permitas seguir a tua via.

—Tens a certeza — perguntou o Iluminado — de que não procuras simplesmente punir-te pelo que te pesa na consciência como um fracasso ou um pecado?

—Tenho a certeza — respondeu Rild. — Guardei as tuas palavras no meu coração e compreendi a verdade que elas contêm. Enquanto estive ao serviço da deusa, matei mais homens que as folhas que brotam naquele ramo, e nem conto as mulheres e as crianças. Não me deixo facilmente iludir pelas palavras, pois já ouvi demasiadas pronunciadas em todos os tons: de suplicas de persuasão, de maldição: mas as tuas tocam-me e são superiores aos ensinamentos dos brâmanes. De boa vontade me tornaria o teu carrasco, anulando os teus inimigos com o cordão cor de açafraão, ou uma espada, ou uma lança, ou com as mãos nuas, pois manejo todas as armas com perícia, já que durante três vidas me familiarizei com elas; mas sei que não é esse o teu caminho. Para ti, a vida e a morte constituem uma unidade e não procuras a destruição dos teus inimigos. Peço-te, portanto, que me deixes ingressar na tua ordem. Para mim, não é tão difícil como seria para outro. É preciso renunciar ao lar e à família, às suas raízes e aos seus bens, ora eu não possuo qualquer dessas coisas. É necessário renunciar à vontade própria, o que já fiz. Só me falta a túnica amarela.

— É tua — disse Tathagatha —, com a minha bênção.

Rild envergou a túnica de monge budista e consagrou-se ao jejum e à ditação. Passada uma semana, quando o festival estava prestes a terminar, Rild foi à cidade com a tigela das esmolas na companhia de

outros monges porém, não regressou com eles. O sol declinou no horizonte e, finalmente caiu a noite. As trombetas do templo já tinham tocado as últimas notas da gaswaram, e muitos forasteiros já haviam deixado o festival. O Iluminado percorreu o bosque mergulhado em meditação, até que, por fim, também ele desapareceu.

O Buda saiu do bosque, deixando para trás os pântanos, e encaminhou-se para a cidade. Ao longe, avistavam-se as colinas rochosas, e à volta estendiam-se os campos verde-azulados. Na cidade de Alundil reinava ainda o bulício dos viajantes, inebriados pelos festejos. O Buda pôs-se a caminho do templo situado na colina.

Entrou no primeiro pátio envolvido em silêncio; os cães, as crianças e mendigos já tinham partido; os sacerdotes estavam a dormir. No bazar, dormitava um funcionário. Muitos dos santuários estavam vazios, pois as estátuas tinham sido levadas para dentro do templo. Alguns fiéis faziam as últimas orações. Penetrou no pátio interior. Um asceta encontrava-se sentado sobre esteira em frente da estátua de Ganesha, tão imóvel como a própria estátua.

Quatro lamparinas a óleo tremeluziam no pátio e a sua luz bruxuleante acentuava as sombras que envolviam a maior parte dos santuários. Pequenos cirrios votivos lançavam uma luz tênue sobre algumas estátuas.

Tathagatha atravessou o pátio e deteve-se em frente da imponente e Kali, aos pés da qual cintilava uma minúscula lamparina. Os lábios da Deusa pareciam abrir-se num sorriso dirigido ao homem que a observava. A volta da mão estendida e do punhal estava enrolado um cordão vermelho. Tathagatha retribuiu-lhe o sorriso e a deusa pareceu franzir a testa.

— É uma humilhação, minha querida — disse-lhe ele —, perdeste esta jogada. Ela pareceu concordar com um aceno.

— Sinto-me orgulhoso por ter alcançado tal renome em tão pouco tempo — prosseguiu ele — , mas mesmo que tivesse sido bem sucedida, minha cara amiga, de pouco te teria servido; é demasiado tarde, comecei algo que não podes destruir; as palavras antigas já foram ouvidas por muitos. Pensavas que elas estavam perdidas, e eu também, mas estávamos ambos enganados. A religião segundo a qual governas é muito antiga, ó deusa, mas o meu protesto também provém de uma venerável tradição. Chama-me protestante, se quiseres, e lembra-te de que agora sou mais que um simples homem . Boa noite.

Deixou o templo e o santuário de Kali, onde os olhos de Yama se haviam fixado nas suas costas.

DECORRERAM MUITOS MESES antes que se registrasse o milagre, e quando ocorreu não foi considerado um milagre, pois há muito vinha germinando entre eles.

Rild, que viera do norte com os ventos da Primavera, trazendo a morte e o fogo negro nos olhos, Rild das sobrancelhas brancas e das orelhas pontiagudas, falou uma tarde quando a Primavera já findara e os longos dias de Verão aqueciam a Terra sob a Ponte os Deuses. Falou, com a sua inesperada voz de barítono, para responder a uma pergunta que um peregrino lhe fizera.

O homem fez-lhe uma segunda pergunta e, depois, uma terceira.

Ele continuou a falar e à sua volta foram-se aglomerando outros monges e alguns peregrinos. As respostas, a perguntas feitas por todos os ouvintes, tornavam-se cada vez mais longas, pois transformaram-se em parábolas, analogias, alegorias.

Subjugados pelo fascínio das suas palavras, os ouvintes sentaram-se a seus pés, observando os seus olhos escuros, que se assemelhavam a estranhas lagoas, e escutando a sua voz que parecia descer do Céu, clara e suave, melodiosa e persuasiva.

Depois de o terem ouvido, os forasteiros continuaram o seu caminho, mas falaram com outros viajantes que encontraram na estrada e, antes do Verão terminar, o bosque era invadido por grande número de peregrinos que também desejavam escutar as palavras do discípulo do Buda. Tathagatha pregava com ele e ambos ensinavam o Caminho da Via Óctupla, a glória do Nirvana, a ilusão o mundo e as cadeias com que o mundo enleia os homens.

A partir de determinado momento, até o eloquente Tathagatha escutava as palavras do discípulo, que tinha assimilado os seus ensinamentos, meditado profundamente essas verdades, e, como se tivesse descoberto o acesso a um mar secreto, mergulhava a mão invulnerável em águas ocultas e aspergia a cabeça dos ouvintes com gotas de verdade e de beleza. O Verão terminou; não restava dúvida de que, nesse momento, dois homens haviam alcançado, o esclarecimento: Tathagatha e o seu pequeno discípulo, a quem chamavam Sugata. Até se dizia que Sugata possuía poderes de cura e que quando os seus olhos adquiriam um brilho estranho e as suas mãos glaciais tocavam um membro aleijado este ficava novamente são. Contava -se que um cego tinha recuperado a vista durante um sermão de Sugata. E Sugata acreditava em duas coisas: O caminho da Salvação e Tathagatha, o Buda.

— Ilustre — disse-lhe ele um dia —. a minha vida era vazia até me teres revelado o Caminho Verdadeiro. Quando recebeste o teu esclarecimento, antes de começares a ensinar, era como uma irrupção de fogo e o bramido das águas, e tu em toda a parte e parte de todas as coisas: as nuvens e as árvores, os animais da floresta, todas as pessoas, a neve no cume da montanha e os ossos no campo de batalha?

—Era. — respondeu Tathagatha.

—Também eu conheço a alegria de todas as coisas — disse Sugata.

—Sim, eu sei — respondeu Tathagatha.

—Agora compreendo por que me disseste um dia que todas as coisas vão ter contigo. Ter difundido tal doutrina no mundo! Entendo porque é que os deuses tinham inveja! Pobres deuses! São de lamentar; mas tu sabes. Sabes todas as coisas.

Tathagatha não respondeu.

QUANDO OS VENTOS DA PRIMAVERA voltaram a soprar, e o ano completou um ciclo desde a vinda do segundo Buda, ouviu-se um dia um tremendo grito vindo dos céus.

Os habitantes de Alundil saíram de casa e olharam para o céu; nos campos, os Sudras interromperam o trabalho e olharam para cima; no grande templo fez-se um súbito silêncio; no bosque púrpura, para além da cidade, os monges ergueram a cabeça.

Aquele que nascera para governar percorria os céus. Chegou do norte, verde e vermelho, amarelo e castanho, executando um bailado nos ares...

Ouviu-se outro grito e o agitar de vigorosas asas quando ele se elevou para além das nuvens e se transformou num minúsculo ponto negro.

Depois despenhou-se como um meteoro, irrompendo em chamas resplandecentes de todas as cores, atingindo um tamanho inimaginável, esplendido e magnífico...

Meio espírito, meio pássaro, uma lenda obscurecendo os céus.

Monte de Vishnu, cujo bico esmaga os carros. O pássaro Garuda pairou sobre Alundil.

Sobrevoou a cidade e atravessou as colinas rochosas que ficavam mal além.

—Garuda! — A palavra correu a cidade, os campos, o templo, o bosque.

Se não viesse sozinho; sabia-se que só um deus se podia servir de Garuda como montada. Fez-se um silêncio. Depois dos gritos e do estrondo das asas. ninguém se atrevia a elevar a voz acima de um murmúrio. O Iluminado encontrava-se na estrada em frente do bosque, rodeado pelos monges, voltado, para as colinas rochosas.

Sugata aproximou-se:

—Foi apenas há uma Primavera — disse ele.

Tathagatha acenou com a cabeça.

—Rild falhou — disse Sugata. — Que coisa nova vem do céu?

O Buda encolheu os ombros, sem saber que responder.

—Temo por ti, professor — disse ele. — Em todas as vidas que tive, foste o meu único amigo; os teus ensinamentos trouxeram-me paz. Por que é que não te deixam sossegado? Tu és o homem mais inofensivo, e a tua doutrina, a mais branda. Que mal lhes poderás fazer?

O Buda afastou-se.

Nesse momento, com um estrondoso bater de asas e um grito entrecortado, o Pássaro Garuda elevou-se novamente sobre as colinas. Dessa vez, não sobrevoou a cidade, subiu a grande altura e afastou-se em direcção ao norte. A sua velocidade era vertiginosa e, em poucos segundos, desapareceu de vista.

— O seu passageiro desmontou e ficou para trás — alvitrou Sugata.

O Buda penetrou no bosque púrpura.

Veio de além das colinas de pedra, a pé

Chegou a um desfiladeiro e as suas botas de couro vermelho trilharam silenciosamente o caminho pedregoso.

Um pouco adiante, ouviu-se o som da água a correr e avistou uma pequena torrente. Empurrando para trás as abas da capa cor de sangue, tomou uma curva do caminho, com os co as da cimitarra rutilando na faixa carmesim . Contornou um rochedo escarpado e deteve-se.

Alguém esperava ao lado do tronco que servia da ponte sobre a corrente. Semicerrou os olhos durante um momento e, depois, prosseguiu. Era um homem de pequena estatura que ali se encontrava, envergando o traje escuro de peregrino preso numa armadura de couro da qual pendia uma cimitarra curta de aço rutilante. Tinha a cabeça raspada, à excepção de um pequeno tufo de cabelo branco; as suas sobancelhas eram brancas, e olhos, escuros; tinha a pele pálida e as orelhas pareciam pontiagudas. O viajante ergueu a mão e dirigiu-se ao homem:

—Boa tarde, peregrino.

O homem não respondeu, mas impediu-lhe o caminho, colocando-se em frente do tronco que dava acesso ao outro lado do rio.

— Perdoa-me, bom peregrino, mas pretendo atravessar aqui e estás a bloquear-me o caminho — disse o viajante.

— Estás enganado, Senhor Yama, se pensas que vais passar por aqui — retorquiu o outro.

O de Vermelho sorriu, descobrindo uma fileira de dentes brancos e regulares.

—É sempre um prazer ser-se reconhecido — admitiu —, mesmo por alguém que transmite informações erradas sobre outros assuntos...

—Não esgrimo com palavras — disse o homem de negro.

—Ah, não? — exclamou o outro, erguendo as sobrancelhas numa expressão de surpresa exagerada. — Com que esgrimas então, Senhor? Certamente não é com um pedaço de metal curvo que trazes à cinta.

—É exactamente com ele.

—A principio pensei que se tratava de uma bárbara vara de orações. Segundo vejo, esta região é fértil em cultos estranhos e seitas primitivas. Durante alguns momentos, tomei-te por um seguidor de uma dessas superstições. Mas se, como dizes, se trata de uma arma, suponho que sabes manejá-la?

— Um pouco — respondeu o homem de negro.

— Ainda bem —disse Yama , pois detesto ter de matar um homem que não sabe defender-se. No entanto, sinto-me na obrigação de te chamar a atenção para o fato e que, quando compareceres diante do Altíssimo, julgamento, serás acusado de suicídio.

O outro fez um leve sorriso.

—Quando estiveres pronto, deus da morte, facilitarei a saída do teu espírito do seu invólucro carnal.

—Só mais uma coisa — disse Yama, e acabarei imediatamente a conversa. Dá-me um nome para eu indicar aos sacerdotes, a fim de que saibam por quem devem oferecer os rituais.

—Renunciei há pouco tempo ao meu nome — respondeu o peregrino —por essa razão o consorte de Kali arrebatará a vida de um homem sem nome.

— Rild, és um imbecil — disse Yama, desembainhando a arma.

O homem de negro desembainhou também a sua.

—É justo que compareças no teu julgamento sem nome, traíste a deusa.

— A vida é cheia de traições — retorquiu o peregrino, antes de brandir a cimitarra. — Pegando em armas contra ti também estou a trair os ensinamentos do meu novo mestre, mas devo seguir os ditames do meu coração. Portanto, não mereço nem o nome antigo nem o novo, e não deves chamar-me qualquer um deles.

Flamejante, a lâmina cortou os ares e abateu-se sobre Yama.

Yama recuou, foi cedendo terreno, apenas girando o punho para aparar os golpes.

Depois de ter recua o dez passos, estacou e enfrentou a investida do adversário com maior decisão. As suas paradas tornaram-se ligeiramente mais largas, mas as suas respostas eram mais bruscas e intercaladas por fintas e ataques inesperados.

Continuaram a lutar, até que o suor lhes escorria em grossas gotas; Yama começou, então, a atacar com maior insistência, obrigando o adversário a recuar, e recuperou os dez passos que cedera.

Quando se encontravam na posição inicial, Yama elevou a voz sob o clangor do aço e disse:

—Aprendeste bem as lições, Rild, melhor que pensava. Felicito-te!

Enquanto falava, o adversário recorrendo a uma astuciosa finta, desferiu-lhe um pequeno golpe no ombro, que começou a sangrar, o sangue confundi-se com o escarlata da capa.

Yama fez uma furiosa investida, e aplicou um golpe tão vigoroso no pescoço de Rild que o teria decapitado.

O homem de negro ergueu a espada abanando a cabeça, aparou o golpe, atacou, mas não conseguiu ferir o adversário.

— Segundo vejo, tens o pescoço protegido por um banho de morte — disse Yama, — mas hei de encontrar um ponto vulnerável, — e visou mais abaixo.

Yama desencadeou toda a sua fúria, brandindo a arma com a perícia dos mestres; mas Rild esquivou-se ao ataque, recuando cada vez mais depressas sem, no entanto, deixar de ripostar.

Continuou a recuar até que chegou junto da torrente. Então, Yama espaçou as arremetidas e disse:

— Há meio século, quando foste meu aluno durante um breve período, disse para comigo: "Este tem estofo de mestre", e não me enganei. És talvez o maior espadachim de todos os tempos. Ao admirar a tua perícia quase posso perdoar a apostasia. É , realmente, uma pena.

Simulou um ataque à zona do peito, e quando Rild aparou o golpe. Yama desviou a lâmina para o pulso do adversário.

Dando um salto para trás, o homem de negro esquivou-se, investiu impetuosamente, visando a cabeça de Yama, e colocou-se na extremidade do tronco que conduzia à outra margem do rio.

— A mão também, Rild! A deusa é realmente pródiga na sua protecção! Vê lá se aparas este!

O aço silvou e com um golpe contundente fez uma incisão no biceps de Rild.

— Ah!, ela esqueceu-se desse ponto! Experimentemos outro!

As armas entrecruzaram-se, numa demonstração alucinante e perícia.

Yama ripostou com um ardiloso ataque a outra investida, e desferiu novo golpe no braço do adversário.

O homem de negro saltou para cima do tronco fazendo rodopiar a arma, mas Yama aparou o golpe dirigido à cabeça. Yama fez nova arremetida, obrigando Rild a recuar sobre o tronco, ao qual deu, depois, um pontapé.

Rild saltou para trás, indo pousar sobre a outra margem. Assim que os seus pés tocaram o solo, deu também um pontapé no tronco e este desviou-se.

Antes que Yama tivesse tempo de subir, o tronco desprendeuse das margens e foi arrastado pela corrente.

—São só dois ou três metros, Yama! Salta! — gritou Rild.

O deus da morte sorriu.

— Recupera o fôlego depressa, enquanto tens tempo — disse ele. — O sopro é a menos apreciada dádiva dos deuses, ninguém lhe canta hinos, exaltando o bom ar respirado tanto por reis como por mendigos, por mestres como pelos teus cães. Aprecia bem cada golfada de ar, Rild, como se fosse a última, pois essa está próxima!

— Tens fama de ser versado nesses assuntos, Yama — disse aquele que se chamara Rild e Sugata — Dizem que és um deus, cujo reino é a morte e cujo saber supera o dos mortais. Vou, por conseguinte, fazer-te algumas perguntas, agora que estamos ociosos.

Yama não fez o sorriso trocista com que sempre respondera às perguntas do adversário; o sorriso que os seus lábios esboçaram tinha algo de ritual.

—Que desejas saber? Concedo-te o benefício de uma pergunta.

Então, usando as palavras antigas da katha Upanishad, aquele que se chamara Rild e Sugata entoou:

— Existem dúvidas sobre um homem que está morto. Alguns dizem que ele ainda está vivo, outros dizem que não. Gostaria que me esclarecesses!

Yama respondeu com as palavras antigas.

—Até os deuses têm dúvidas sobre esse assunto. Não é fácil compreender, pois a natureza da atman é uma coisa subtil . Faz-me outra pergunta, dispensa-me deste benefício!

—Perdoa-me se é a minha maior preocupação, ó morte, mas não há outro professor como tu, nem outro benefício por que eu mais anseie neste momento.

— Conserva a vida e segue o teu caminho — disse Yama, embainhando a cimitarra. — Liberto-te da tua condenação; pede filhos e netos, pede elefantes, cavalos, manadas de gado e ouro; pede qualquer outra mercê: belas donzelas, carruagens, instrumentos musicais, dar-los-ei e eles esperarão por ti. E não me faças perguntas sobre a morte.

— Ó Morte — prosseguiu Rild —, essas coisas são efêmeras; guarda para ti suas donzelas, os cavalos, as danças e as canções, só aceitarei o favor que pedi: fala-me, ó Morte, do que existe para além da vida, dessas realidades que os homens e os deuses desconhecem.

Yama permaneceu imóvel e não continuou o poema.

—Muito bem, Rild —disse ele, fixando o olhar do interlocutor—, mas não é um reino que se possa exprimir por palavras: tenho de te

mostrar.

Ficaram assim durante uns momentos; depois, o homem de negro vacilou; cobriu os olhos com a mão e da sua garganta escapou-se um soluço.

Nesse momento, Yama lançou a capa sobre a torrente como se fosse uma rede e ela envolveu Rild.

Enquanto se debatia para se libertar, o homem de negro ouviu passos rápidos e um impacto quando as botas vermelhas de Yama pousaram ao seu lado libertando-se finalmente da capa. Rild ergueu a arma e repeliu o novo ataque de Yama. Por detrás dele, o terreno formava uma elevação e Rild foi recuando até que a cabeça de Yama ficou ao nível da sua cintura. Arremeteu então contra o adversário: brandindo a arma. Yama foi subindo lentamente a colina.

—Deus da Morte, Deus da Morte — entoava Rild—, perdoa a minha pergunta insolente e diz-me que não mentiste.

—Em breve saberás — respondeu Yama, desferindo-lhe um golpe nas pernas.

Yama vibrou um golpe que teria trespassado o coração de qualquer homem, mas a lâmina deslizou sobre o peito de Rild.

Ao chegar a um ponto onde o terreno era irregular, o homem de negro começou a lançar poeira e cascalho com os pés sobre o adversário. Yama protegeu os olhos com a mão esquerda mas, nesse momento, começaram a chover calhaus maiores. Algumas pedras alojaram-se debaixo das suas botas ele perdeu o equilíbrio, escorregando pela encosta abaixo. O homem de negro empurrou, então, grandes pedregulhos e começou a descer a vertente de arma em riste.

Incapaz de recuperar o equilíbrio a tempo de repelir o ataque, Yama rebolou até à beira do precipício: nesse momento, viu aproximar-se

um pedregulho e tentou desviar-se. Ao apoiar-se no chão com duas mãos, a cimitarra escorregou e foi cair dentro do rio.

Agachou-se rapidamente, desembainhou o punhal e aparou o golpe de Rild. O pedregulho despenhou-se nas águas.

Com um movimento brusco, segurou o punho direito do adversário com a mão esquerda. Brandiu o punhal mas sentiu o pulso preso.

Ficaram os dois enlaçados, até que Yama se sentou e rebolou para o lado, afastando Rild.

O impulso fê-los rolar pela encosta e ambos se despenharam na torrente. Ao embater no leito do rio, Yama sentiu o punhal escapar-se-lhe da mão.

Quando voltaram à superfície, ofegantes, nas suas mãos apenas havia água.

—Chegou o momento do baptismo final — disse Yama, desfechando um golpe com a mão esquerda.

Rild aparou-o e ripostou.

A corrente arrastou-os para a esquerda, e, quando tiveram pé, continuaram a lutar, sempre impelidos pelas águas.

O rio ia-se tornando mais largo e menos profundo à medida que avançavam, até que a água lhes chegou ao nível da cintura. Em certos pontos, as margens já eram mais baixas.

Yama vibrava golpe sobre golpe, mas era como se desencadeasse a sua fúria contra uma estátua, pois aquele que fora o santo carrasco de Kali aparava-os com uma expressão imperturbável e ripostava com uma força contundente. Quase todos os seus socos eram atenuados pela água ou aparados por Yama, mas um deles atingiu-o

entre as costelas e o osso íliaco, e outro resvalou sobre o ombro esquerdo e feriu-lhe a maçã do rosto.

Yama deu algumas braçadas de costas e chegou a águas menos profundas.

O homem de negro seguiu-o e lançou se sobre ele, mas uma bota vermelha atingiu-o no abdómen invulnerável quando a parte superior das suas roupas se levantou com o ímpeto. Voou sobre a cabeça de Yama e foi cair numa zona argilosa.

Yama pôs-se de joelhos e voltou-se, e viu o adversário levantar-se e retirar um punhal do cinto: com a mesma expressão impassível, agachou-se. Os seus olhares encontraram-se mas, essa vez, o de Rild não vacilou.

— Agora posso enfrentar o teu olhar de morte, Yama — disse — , e ele não me deterá. Aprendi bem as tuas lições!

Quando se preparava para investir, Yama despreendeu subitamente a cinta molhada, e, fazendo a rodopiar como um chicote, enrolou-a à volta das coxas de Rild.

Puxou-o para si, e Rild desequilibrou-se, deixando cair o punhal: ambos foram arrastados para águas mais profundas.

— Ninguém canta hinos ao ar — disse Yama —, mas como é terrível ficar privado dele !

Mergulhou e arrastou Rild com ele, envolvendo-o no amplexo inflexível dos seus braços.

Mais tarde, muito mais tarde, quando o vulto molhado se encontrava de pé ao lado da torrente, ele falou numa voz ofegante:

— Eras... o maior que me podia enfrentar... É realmente uma pena. Atravessou o rio e prosseguiu a viagem por entre as colinas

pedregosas.

QUANDO ENTROU NA CIDADE de Alundil, o viajante parou na primeira estalagem que encontrou: alugou um quarto, mandou vir uma banheira com água, e tomou banho enquanto um criado limpava as suas vestes.

Antes do jantar, aproximou-se da janela e olhou para a rua. Pairava no ar um cheiro penetrante a sagartos e elevava-se um burburinho de vozes.

Muita gente deixava a cidade naquele dia: no pátio da estalagem, uma caravana fazia os preparativos para a partida que teria lugar na manhã seguinte. A razão da azáfama é que o festival terminava naquela noite. Na rua, fechavam-se os últimos negócios, as mães acalmavam as crianças exaustas, e um príncipe regressava da caça com os seus homens e dois galos de fogo amarrados na garupa de um sagarto feroso. Observou uma prostituta fatigada que discutia qualquer assunto com um sacerdote de aspecto ainda mais extenuado que abanava constantemente a cabeça e acabou por se afastar. Uma lua já ia alta no céu e tinha uma aparência dourada através da Ponte dos deuses, e uma segunda, mais pequena, elevava-se no horizonte. Soprava uma brisa fresca do fim do dia que lhe levou às narinas os odores da cidade, os perfumes de Primavera — os jovens rebentos e a erva tenra, o cheiro fresco do trigo verde. da terra húmida, o rumorejar do rio impetuoso debruçando-se, avistava o templo sobre a colina

Chamou um criado, pediu-lhe que trouxesse o jantar e que mandasse chamar um comerciante da cidade.

Comeu lentamente, sem dar atenção aos alimentos, e, quando terminou, mandou entrar o comerciante.

O homem trazia uma capa cheia de amostras entre as quais seleccionou uma cimitarra longa e um punhal curto que introduziu

na cinta.

Depois, saiu e caminhou ao longo da rua principal da cidade. Nos vãos das portas viam-se namorados enlaçados. Passou por uma casa onde os familiares e amigos choram a morte de alguém.

Um pedinte seguiu-o a coxear durante meio quarteirão, até que ele se voltou, o fixou nos olhos e lhe disse: «não és coxo». O homem fugiu a bom correr e desapareceu no meio da multidão. Os primeiros fogos-de-artifício estalejaram no céu, sulcando-o de faixa cor de cereja; do templo, chegou o som das trombetas que tocavam a música negaswaram. Um homem saiu de uma porta aos tropeções, chocou com ele e roubou-lhe a bolsa; mas o viajante reagiu imediatamente e partiu-lhe o pulso; o homem soltou uma praga e gritou por socorro, mas ele empurrou-o para a valeta e continuou a andar, afastando com um olhar ameaçador os dois comparsas do ladrão.

Chegou finalmente ao templo, e, depois de uma breve hesitação, entrou.

Penetrou no pátio interior atrás de um sacerdote que transportava uma pequena estátua de um nicho exterior.

Olhou à volta e dirigiu-se rapidamente à estátua da deusa Kali. Comtemplou-a durante um longo momento, desembainhou a cimitarra e colocou-a aos pés da deusa. Apanhou-a de novo, voltou-se e viu que o sacerdote estava a observar . Fez-lhe um sinal com a cabeça, o homem aproximou-se e saudou-o.

—Boa noite, sacerdote — respondeu ele.

—Que Kali abençoe a tua arma, guerreiro.

—Obrigado, ela já o fez.

O sacerdote sorriu.

—Falas como se tivesses a certeza.

—Achas que é presunção da minha parte?

— Bem, talvez não seja do melhor gosto.—Não obstante, senti que o poder da deusa desceu sobre mim quando olhei para o seu santuário.

O sacerdote estremeceu.

—Apesar da minha profissão — declarou ele—, dispenso essa sensação de poder.

—Receias o poder de Kali?

—Digamos que — replicou o sacerdote—, não obstante a sua magnificência, o santuário de Kali é menos visitado que os de Lakshmi, Sarasvati, Shakti, Sitala, Ratri e de outras deusas menos terríveis.

—Mas ela é maior que qualquer uma dessas.

—E mais terrível.

—Ah, sim? Apesar o seu poder, não é uma deusa injusta. O sacerdote sorriu de novo.

— Qual é o homem que, depois de ter vivido mais de vinte anos, ainda deseja justiça? Quanto a mim, acho a misericórdia infinita mais atraente. Prefiro as divindades compassivas.

—Tens toda a razão — concordou o viajante—, mas sou, como dizes, um guerreiro, e a minha natureza parece-se com a dela; eu e a deusa pensamos da mesma maneira e estamos sempre de acordo. Quando não estamos lembro-me de que ela, além de deusa, também é mulher.

—Vivo aqui —disse o sacerdote—, e não falo com tanta intimidade sobre os deuses que me estão confiados.

— Em público, queres tu dizer; não me fales de sacerdotes; já bebi com muitos dos teus confrades e sei que são tão blasfemos como o resto da humanidade.

— Há um momento e um local apropriados para cada coisa — disse o sacerdote, lançando uma olhadela à estátua de Kali.

— Bem, bem, diz-me por que é que a base do santuário de Yama não foi limpo, está cheio de pó?

— Foi limpo ontem, mas passaram por lá tantas pessoas que está outra vez sujo.

O viajante sorriu.

— Então, por que não há oferendas a seus pés nem restos de sacrifícios?

—Ninguém oferece flores à morte — ,respondeu o sacerdote. — Os peregrinos vêm apenas vê-lo e vão-se embora. Nós, os sacerdotes, sempre achamos que as suas estátuas estão bem situadas. Fazem um belo par, não achas? A morte e a deusa da Destruição

— Uma magnífica parelha—concordou o guerreiro. — Mas queres dizer que ninguém oferece sacrifícios a Yama? Absolutamente ninguém?

—Além dos sacerdotes, quando o calendário das devoções o exige, e de uma ou outra pessoa quando um ente querido se encontra no leito de morte e lhe foi recusada a reencarnação directa, não, nunca vi oferecerem sacrifícios a Yama com uma devoção desinteressada e simples, com boa vontade ou afeição.

— Ele deve sentir-se ofendido.

— Não pensas tal coisa, guerreiro. Não são, porventura, todos os seres vivos sacrifícios à morte?

—Tens razão, para que é que ele precisa de boa vontade ou simpatia?

As oferendas são supérfluas, ele toma aquilo que quer. Tal como Kali —acrescentou o sacerdote. — Muitas vezes, procurei uma justificação para o ateísmo nessas duas divindades. Infelizmente, elas manifestam-se no mundo com demasiada evidência para que a sua existência possa ser negada. É pena !

O guerreiro eu uma gargalhada

—Um sacerdote que acredita contra a sua própria vontade! Essa é ótima ! Foi de morrer a rir! Toma, compra um barril de somapara os sacrifícios.

— Obrigado. Guerreiro. Queres acompanhar-me numa pequena libação?... No templo?

— Por Kali, de boa vontade! — respondeu o guerreiro. Mas pequena.

Entraram no edifício central, desceram uma escada e penetraram na adega, encheram dois copos de soma que estava guarda a num barril.

—A tua saúde! — disse o guerreiro, erguendo o copo.

— Aos teus maléficos protectores, Yama e Kali! — disse o sacerdote.

— Obrigado.

Engoliram a bebida de um trago, e o sacerdote voltou a encher os copos.

— É para te aqueceres contra o frio da noite.
— É muito bom.

—É um alívio quando os peregrinos se vão embora — disse o sacerdote. As suas devoções enriquecem o templo mas deixam o pessoal exausto.

— À partida dos peregrinos!

— À partida dos peregrinos!

Esvaziaram os copos.

—Pensava que a maior parte deles vinha ver o Buda. — disse Yama.

—É verdade — respondeu o sacerdote—, mas, por outro lado, não quero suscitar a hostilidade dos deuses.

—Que sabes acerca daquele que é chamado Tathagatha e dos seus ensinamentos?

O seu interlocutor desviou o olhar.

—Sou brâmane e sacerdote dos deuses, guerreiro. Não desejo falar-lhe de Tathagatha.

—Então, também te sentes afectado pela sua presença?

—Basta! Já te dei a conhecer os meus desejos; não estou disposto a discutir o assunto.

—Não importa; brevemente, ainda menos importará. Obrigado pelo soma. Boa noite, sacerdote.

—Boa noite, guerreiro. Que os deuses iluminem o teu caminho.

—E o teu também.

Subiu as escadas e, depois de ter saído do templo, prosseguiu o caminho através da cidade.

QUANDO CHEGOU AO BOSQUE PÚRPURA havia três luas no céu, pequenos piões por detrás das árvores, pálidos clarões no firmamento e uma brisa húmida que fazia ondular a vegetação.

Caminhando silenciosamente, entrou no bosque.

Quando chegou à zona iluminada viu fileiras sucessivas de vultos sentados, imóveis. Todos usavam uma túnica amarela e um capuz amarelo sobre a cabeça; eram centenas e estavam em silêncio absoluto.

Aproximou-se do que estava mais próximo.

—Vim ver Tathagatha, o Buda — disse ele. O homem não pareceu ouvi-lo.

—Onde está?

O homem não respondeu.

Inclinou-se e observou os olhos semicerrados do monge, que não deu sinais de se ter apercebido da presença do estranho. Então, ergueu a voz para que todos o ouvissem:

—Vim ver Tathagatha, o Buda, onde está? Os monges continuaram imóveis e silenciosos.

—Julgam que o podem esconder? — perguntou ele, em voz alta. — Pensam que, como são muitos e todos vestidos da mesma maneira, e como não me respondem, não conseguirei descobri-lo no meio de vós?

Apenas se ouvia o sussurrar do vento que percorria o bosque. A luz vacilou e a folhagem estremeceu. Ele riu.

—Talvez tenhais razão — reconheceu ele —, mas tereis de acabar por mexer, se quiserdes continuar a viver; e posso esperar tanto como qualquer homem.

Sentou-se no chão, encostado ao tronco azul-escuro de uma grande árvore e colocou a arma sobre os joelhos.

Sentiu-se imediatamente tomado de uma irresistível sonolência; começou a cabecear, até que adormeceu.

Estava a caminhar numa planície verde azulada, e a erva vergava-se abrindo caminho para ele passar; à sua frente, erguia-se uma enorme árvore; uma árvore tão imensa que as suas raízes abraçavam o mundo inteiro e os seus ramos tocavam as estrelas. A seus pés, estava sentado um homem de pernas cruzadas, com um leve sorriso nos lábios. Sabia que aquele era o Buda e aproximou-se dele.

— Salve, ó Morte! — disse o homem sentado, sobre cuja cabeça resplandecia uma auréola rosada.

Yama não respondeu, mas desembainhou a cimitarra, o Buda continuou a sorrir, e, quando se aproximou mais, Yama ouviu um som semelhante a uma música distante.

Yama deteve-se e olhou à volta, de arma em riste.

Vinham de todas as direcções, os quatro Regentes do mundo; desceram o monte Sumernu, o Mestre do Norte, seguido pelos seus Yakshas, vestidos de ouro, montados em cavalos amarelos, empunhando escudos dourados esplendentes; o Anjo do Sul, seguido pelos seus exércitos, os Kumbhandas, montados em corcéis azuis e empunhando escudos de safira; do Oriente chegou o

Regente cujos cavaleiros estavam vestidos de prata e empunhavam escudos de madrepérola; do Ocidente veio aquele cujos Nagas montavam cavalos vermelhos, estavam vestidos de vermelho e empunhavam escudos de coral. Os cascos dos cavalos pareciam não tocar o solo e apenas se ouvia a música, cada vez mais forte.

—Por que se aproximam os regentes do mundo? — perguntou Yama.

— Vêm basear os meus ossos — respondeu o Buda, sem deixar de sorrir, Os quatro Regentes estacaram, assim como os seus exércitos, e Yama olhou para eles.

—Viestes buscar os ossos dele — disse Yama —, mas quem virá buscar os vossos?

Os Regentes desmontaram.

—Não podes levar este homem, ó Morte — disse o Regente do Norte —, pois ele pertence ao mundo, e nós, os do mundo, defendê-lo-emos.

—Escutai, Regentes que habitais no monte Sumernu — disse Yama, revestindo o seu Aspecto. — O mundo está nas vossas mãos, mas a Morte levará quem quiser, e quando quiser. Não vos compete contestar os meus Atributos, nem meus métodos.

Os quatro Regentes interpuseram-se entre Yama e Tathagatha.

—Neste caso, contestamos o teu método, senhor Yama, pois este homem tem nas mãos o destino do nosso mundo. Só lhe tocarás depois de teres aniquilados os quatro Poderes.

—Seja como dizes — respondeu Yama — Qual de vós será o primeiro a enfrentar-me?

— Eu — disse o que falara, desembainhando a espada dourada.

Yama, revestido do seu Aspecto, cortou o metal macio como se fosse manteiga e abateu a lâmina da cimitarra sobre a cabeça do Regente, fazendo-o estatelar-se no chão.

Das fileiras dos Yakshas elevou-se um grande brado, e dois dos cavaleiros dourados levaram o seu chefe. Esporearam as montadas e regressaram ao Norte.

— Qual é o seguinte?

O Regente do Oriente avançou, brandindo uma espada de prata e uma rede tecida de raios de luar.

— Eu — disse ele, e lançou a rede, Yama prendeu-a com os pés e puxou-a com as mãos, obrigando o adversário a perder o equilíbrio. Quando o Regente cambaleou, Yama atingiu-o no maxilar com o punho da cimitarra.

Dois cavaleiros prateados aproximaram-se de olhos baixos e levaram seu mestre para o Oriente, seguidos por uma música dissonante.

—O seguinte! — clamou Yama.

Aproximou-se o corpulento chefe dos Nagas, que largou as armas e despiu a túnica, dizendo:

—Lutarei contigo de mãos nuas, deus da Morte.

Yama despojou-se igualmente das armas e desnudou o tronco.

Enquanto isso, o Buda continuava sentado à sombra da grande árvore. Sorrindo, como que indiferente aos combates que se travavam diante dos seus olhos.

O chefe dos Nagas agarrou o pescoço de Yama com a mão esquerda, puxando-lhe a cabeça para a frente; Yama fez-lhe a

mesma coisa; o Regente passou o braço direito sobre o ombro e por detrás do pescoço de Yama, imobilizando-lhe a cabeça; depois, puxou-lha para baixo e arrastou o adversário para a frente, enquanto ele próprio se voltava de costas.

Yama libertou-se e prendeu o ombro esquerdo do chefe os Nagas com a mão esquerda; depois envolveu-lhe os joelhos com o braço direito, ergueu-o do solo e segurou-o nos braços.

Manteve-o nessa posição durante um momento, depois levantou-o à altura dos ombros e largou-o.

Yama caiu de joelhos sobre o adversário que jazia por terra e voltou a erguer-se, mas o Mestre permaneceu imóvel no chão.

Depois de os cavaleiros do Ocidente terem partido, apenas o anjo do Sul, vestido de azul, se encontrava diante do Buda.

—E tu? — perguntou o deus da Morte, apanhando as armas.

—Não empunharei armas de aço, ou de couro ou de pedra para te enfrentar, deus da Morte, nem medirei forças contigo, pois sei que levarás a melhor, já que ninguém te consegue superar no manejo das armas.

—Então, monta o teu garanhão azul e vai-te embora — disse Yama
—Já que não queres lutar.

O Anjo não respondeu, e lançou ao ar o seu escudo azul que ficou a rodopiar como uma roda de safira, tornando-se cada vez maior, até que se despenhou e começou a enterrar-se no solo, sem um ruído e sem deixar de aumentar de tamanho; por fim, desapareceu e a erva voltou a cobrir o local onde se afundara.

—Que significa isso? — perguntou Yama.

—Não contesto abertamente, limito-me a defender. Possuo o poder de resistência passiva; tenho o poder da vida, como tu tens o poder da morte, apesar de conseguires destruir o que enviar contra ti, não consegues destruir tudo, morte. Detenho o poder o escudo, não o da espada. A vida opor-se-á a ti Senhor Yama, para defender a tua vítima.

O Anjo Azul voltou-se, montou o garanhão azul e rumou ao sul, seguido pelos Kumhandas. A música não se desvaneceu com ele, continuou a preencher o espaço que ele ocupara.

Yama aproximou-se mais uma vez, de espada em punho.

—De nada serviram as tentativas deles, chegou a tua hora — disse ao Buda.

Desfechou um golpe com a arma, mas não atingiu o Buda, pois um ramo interpôs-se e fez-lhe saltar a cimitarra da mão.

Baixou-se para a apanhar, mas a erva dobrou-se sobre ela, formando rede inextricável à sua volta.

Soltando uma praga, desembainhou o punhal e vibrou novo golpe.

Um grosso tronco vergou-se e a lâmina foi cravar-se profundamente nas fibras. O tronco endireitou-se, levando a arma para fora do alcance de Yama.

O Buda estava absorto em meditação, de olhos fechados, e a sua auréola resplandecia nas sombras. Yama avançou um passo, ergueu as mãos, mas as ervas enredaram-se à voltados seus tornozelos, tolhendo-lhe os movimentos. Tentou desembaraçar os pés mas não conseguiu; ergueu, então, as mãos, lançou a cabeça para trás, coma morte nos olhos.

— Escutai-me, ó Poderes! — bradou ele. — A partir de agora, este local está amaldiçoado por Yama! Nenhum ser vivo pisará este solo!

Não mais se ouvirá o canto das aves, nem o silvo das serpentes! Esta terra será estéril e ressequida, apenas terá pedras e areias movediças! Dela nunca mais brotará um rebento de erva. Lanço esta maldição sobre os defensores do meu inimigo!

A erva começou a afrouxar a sua pressão à volta dos tornozelos de Yama, mas, antes de o ter libertado, ouviu-se um grande estrépito, e a árvore, cujas raízes envolviam o mundo e em cujas ramos as estrelas estavam cativas como peixes numa rede, oscilou e fendeu-se de alto a baixo; os seus troncos rasgaram os céus, as suas raízes abriram fendas no solo, e as folhas caíram como chuvas verde azulada. Um enorme tronco seccionado tombou na direcção de Yama, projectando uma sombra negra como a noite.

O Buda continuava sentado em meditação, indiferente aos caos que se gerava à sua volta. Depois ficaram só trevas e um ruído semelhante ao ribombar do trovão.

YAMA ACORDOU EM SOBRESSALTO. Estava sentado no bosque púrpura, encostado ao tronco de uma árvore azul, com a cimitarra sobre os joelhos.

Nada parecia ter mudado à sua volta. Os monges continuavam sentados em meditação; a brisa soprava ainda, fresca e húmida, e as lâmpadas bruxuleavam à sua passagem.

Yama levantou-se e, de súbito, soube onde devia dirigir-se para encontrar aquele que procurava.

Atravessou as fileiras dos monges, e seguiu uma vereda que conduzia ao interior do bosque.

Encontrou um pavilhão púrpura, mas estava vazio. Prosseguiu até que chegou a um ponto onde o bosque era menos denso. A terra estava húmida e exalava uma ligeira bruma, mas as três luas iluminavam claramente o caminho.

A vereda descia e as árvores azuis e púrpuras tornaram-se mais pequenas e contorcidas; começaram a aparecer pequenas poças e água onde flutuavam fragmentos de espuma acinzentada; um odor pútrido fustigou-lhe as narinas e, dos arbustos rasteiros, elevou-se a respiração sibilante de estranhas criaturas.

Chegou-lhe aos ouvidos o som distante de cânticos e verificou que os monges tinham despertado do seu torpor e se moviam no bosque. Haviam cumprido a tarefa de associar os seus pensamentos a fim de o convencerem da invencibilidade do seu chefe. Os cânticos eram, provavelmente, um sinal destinado a indicar...

Ali!

Estava sentado sobre um rochedo no meio de um campo e o luar incidia sobre ele.

Yama desembainhou a arma e aproximou-se.

Quando se encontrava a cerca de vinte passos, o Buda voltou a cabeça.

Salve, ó Morte — disse ele.

— Salve, Tathagatha!

—Diz-me por que estás aqui?

—Foi decidido que o Buda deve morrer.

—Isso não responde à minha pergunta. For que vieste aqui?

—Não és o Buda?

—Foi-me dado o nome de Buda, Tathagatha e o Iluminado, e muita outros ainda, mas em resposta à tua pergunta, não, não sou o Buda. Já conseguiste os teus intentos; aniquilaste hoje o verdadeiro Buda.

—A minha memória deve estar a fraquejar, pois não me recordo de o ter feito

—Chamávamos Sugata ao verdadeiro Buda — respondeu o outro. — antes disso, o seu nome era Rild.

—Rild! — exclamou Yama com um riso trocista. — Queres dizer que ele era mais que um carrasco a quem tu dissuadiste de cumprir a sua missão.

—Muitas pessoas são carrascos dissuadidos de cumprir as suas missões — retorquiu o que se encontrava sobre o rochedo.

— Rild abandonou voluntariamente a sua missão e tornou-se seguidor do Caminho. Foi o único homem que conheci que realmente alcançou a iluminação.

—Não é, porventura, pacifista a religião que tens propagado?

— É.

Yama lançou a cabeça para trás e deu uma gargalhada.

—Deuses! O que faria se fosse militante! O teu mais notável discípulo com todo o seu esclarecimento, quase me ia cortando a cabeça esta tarde.

O semblante sereno do Buda assumiu uma expressão fatigada.

—Pensas que ele te poderia ter realmente vencido?

Yama permaneceu silencioso durante alguns instantes; depois disse:

— Não.

—Achas que ele o sabia?

—Talvez .— respondeu Yama.

—Não se conheciam antes do vosso encontro de hoje? Não tinham ocasião de verificar as vossas respectivas capacidades?

—Sim — admitiu Yama. — Já nos conhecíamos.

—Então, ele conhecia a tua perícia e sabia qual seria o resultado da confrontação.

Yama não fez comentários.

—Ele submeteu-se voluntariamente ao martírio sem meu conhecimento. Penso que nunca se convenceu de que te poderia derrotar. —Então porquê?—A fim de provar um facto.

— Que facto poderia ele esperar provar desse modo?

—Não sei, apenas sei que deve ser como eu disse, pois conhecia-o. Ouvei muitas vezes os seus sermões, as suas parábolas subtis e não acredito que fizesse tal coisa sem uma finalidade. Mataste o verdadeiro Buda, deus da Morte. Sabes quem eu sou?

—Siddhartha — respondeu Yama —, sei que és um impostor; sei que és um Iluminado. Compreendo agora que a tua doutrina é algo que poderia ter sido recordada por qualquer dos Primeiros. Decidiste ressuscitá-la fazendo-te passar pelo seu criador. Resolveste difundi-la na esperança de suscitar uma oposição a religião segundo a qual os verdadeiros deuses regem; admiro o teu esforço; a tua ideia foi astuciosamente planeada e posta em prática, mas o teu maior erro foi teres escolhido uma doutrina pacifista para derrubares outra activista. Tenho curiosidade em saber por que o fizeste, quando existem muitas outras religiões mais adequadas a essa finalidade.

—Talvez quisesse apenas ver que efeito produziria essa contracorrente—respondeu Siddhartha.

—Não, Sam, não foi essa a razão — replicou Yama. — Tenho o pressentimento de que faz parte de um plano mais vasto, e que durante todos estes anos, em que te fizeste passar por um santo e pregaste doutrinas em que não acreditavas, tens estado a maquinar outros desígnios. Um numeroso exército de constituir uma ameaça durante um curto período de tempo; um homem solitário tem de disseminar a sua doutrina durante muitos anos, se quiser ter uma hipótese de êxito. Sabes tudo isso e, agora que lançaste os germes dessa doutrina, planeias passar a outra fase da oposição. Estás a tentar tornar-te uma antítese do Céu, rebelando-te contra a vontade dos deuses ao longo dos anos, de muitas maneiras e servindo-te de muitas máscaras. Mas tudo isso vai acabar neste momento, falso Buda.

—Porquê, Yama? —perguntou ele.

—Tudo foi cuidadosamente ponderado .— disse Yama. — Não queríamos transformar-te num mártir, estimulando a propagação das doutrinas que tens ensinado. Por outro lado, elas continuariam a florescer se não puséssemos fim à tua actividade. Foi, por conseguinte, decidido que morrerás às mãos de um enviado do Céu, o que demonstrará qual das religiões tem a supremacia, portanto, com ou sem mártir, o Budismo será, a partir de agora, uma religião de segunda classe. É por essa razão que tens de morrer a morte verdadeira.

—Quando perguntei «porquê» referia-me a outra coisa. Respondeste-a na pergunta que não te fiz. O que eu queria saber é por que te encarregaste pessoalmente desta missão, Yama. Por que é que tu, mestre das armas e asciências, vieste como lacaios de um bando de mercadores de corpos bêbados que nem sabem polir a tua espada ou lavar os teus tubos de ensaio. Por que é que tu, que poderias ser o espírito mais livre, te humilhas, servindo os teus inferiores?

—Pela tua insolência, não terás uma morte limpa.

—Porquê ? Limitei-me a fazer uma pergunta que já deve ter atravessado o espírito de muitos outros. Não me ofendi quando me chamaste falso Buda; sei que o sou. E tu quem és, deus da Morte?

Yama embainhou a espada e tirou da cinta um cachimbo que comprara na estalagem nesse dia; encheu-o de tabaco, acendeu-o e começou a fumar.

—Parece-me evidente que temos de prolongar um pouco a nossa conversa, quanto mais não seja, para encontrar resposta a todas as nossas perguntas —disse Yama —, portanto, mais vale instalar-me confortavelmente.

Sentou-se sobre uma pedra.

— Em primeiro lugar, um homem pode saber que é superior, apesar disso, servir os outros, se todos juntos servirem uma causa maior que qualquer um deles individualmente. Creio servir uma dessas causas, de outro modo não faria o que estou a fazer. Suponho que sentes o mesmo em relação ao que fazes, caso contrário não te sujeitarias a essa vida de ascetismo e de despojamento, embora tenha reparado que não és tão magro como os teus seguidores. Se bem me lembro, há alguns anos propuseram-te a natureza divina em Mahartha e tu troçaste de Brama, assaltaste o palácio do Karma, encheste as máquinas de orações de chumbos...

O Buda deu uma risada. Yama seguiu-lhe o exemplo e depois continuou.

—Tu és o único Aceleracionista que resta no mundo; estás num beco sem saída. Sinto uma certa admiração pelo modo como te desenvencilhaste ao longo dos anos. Chego a pensar que se te convencesse da futilidade da tua cruzada, talvez ainda te decidisses a ingressar nas fileiras do Céu. Se bem que tenha vindo para te matar, se te persuadir da veracidade dos meus argumentos e me deres a tua palavra de que pões termo à tua luta insensata, eu

prometo-me a responsabilizar-me por ti. Levar-te-ei comigo para a Cidade Celeste, onde poderás aceitar o que outrora recusaste. Eles dar-me-ão ouvidos, pois precisam de mim.

—Não — disse Sam —, não me consegues convencer da futilidade da minha luta e tenho a intenção de continuar a obra em que me empenhei.

Os cânticos no bosque púrpura diminuíram de intensidade: uma das luas desapareceu por detrás das copas das árvores.

—Por que é que os teus seguidores não fazem uma batida para te encontrar?

—Por que não os chamei nem preciso de o fazer.

—Porque me provocaram eles aquele sonho absurdo?

O Buda encolheu os ombros.

— Por que não me mataram enquanto estava a dormir?

—Porque não adoptam esses métodos.

—Mas tu não terias hesitado se tivesses a certeza de não sofrer as consequências, se ninguém soubesse que o Buda tinha praticado um acto tão reprovável?

—Talvez — respondeu o Buda. — Como sabes, as forças e as fraqueza de um chefe não reflectem necessariamente os méritos da causa que ele defende. Yama puxou uma fumaça do cachimbo. O fumo elevou-se em espiral e fundiu-se com as brumas que se tinham adensado.

—Sei que estás só e desarmado — disse Yama.

—Estamos sós. O meu equipamento de viagem está escondido mais adiante.

—O teu equipamento de viagem?

—Já terminei a minha missão aqui. Adivinhaste, já lancei as sementes do que pretendia iniciar; partirei quando terminarmos a nossa conversa.

Yama deu uma risada trocista.

—O optimismo dos revolucionários nunca deixa de me surpreender. Como pretendes partir? Sobre um tapete mágico?

—Partirei como os outros homens.

— É muita condescendência da tua parte. Os poderes do mundo erguer-se-ão para te defender? Não vejo qualquer árvore imponente que te proteja com os seus ramos, nem ervas astutas que me prendam os pés. Diz-me como te propões partir?

—Prefiro fazer-te a surpresa.

—E se lutarmos? Não gosto de matar homens desarmados. Se realmente tens apetrechos dissimulados aqui perto, vai buscar a tua arma, mais vale isso que nada. Ouvi mesmo dizer que o Senhor Siddhartha foi, em tempos, um grande espadachim.

—Não, obrigado, talvez noutra ocasião.

Yama expeliu outra baforada, espreguiçou-se e bocejou.

— Não tenho mais perguntas a fazer-te, é inútil discutir contigo. Nada mais tenho a dizer. Desejas acrescentar alguma coisa?

— Não — disse Sam. — Como é essa cadela da Kali? Dizem-me tantas coisas que começo a acreditar que ela é tudo para todos os

homens...

Yama arremessou o cachimbo que foi cair sobre o ombro de Buda e lhe lançou uma chuva de fagulhas pelo braço abaixo . Brandiu a cimitarra cintilante e deu um salto para a frente.

Yama sentiu-se imobilizado quando pousou sobre o terreno arenoso em frente do rochedo. Contorceu-se desesperadamente e manteve-se de pé, mas apesar dos esforços não conseguia mover-se.

— Há areias movediças que se movem mais depressa que outras— disse Sam. Felizmente estás preso nas que se movem mais lentamente e dispões de bastante tempo. Gostaria de prolongar a conversa se pensasse ter alguma hipótese de te convencer a seguires-me, mas sei que tal é impossível, como também tu não me poderias convencer a ir para o Céu.

— Libertar-me-ei disse Yama lentamente, já sem se debater. — Acabarei por me libertar e irei no teu encalço.

— Sei que falas verdade. Aliás, dentro de pouco tempo dir-te-ei o que deves para tal; mas para já, és aquilo com que sonham todos os pregadores: um público cativo que representa a oposição. Por consequência, tenho um sermão para te fazer, Senhor Yama.

Yama ergueu a cimitarra, mas mudou de ideias e voltou a introduzi-la na bainha.

— Faz lá o teu sermão — disse Yama, captando o olhar de Sam. Sam vacilou mas prosseguiu:

— É extraordinário — disse ele —, como esse teu cérebro mutante gerou um espírito capaz de transferir o seu poder para qualquer outro cérebro que decidas ocupar. Já não exerço o meu dom há vários anos, mas o meu cérebro se comporta de modo semelhante. Qualquer que seja o corpo que eu habite, meu poder parece seguir-me .Segundo creio, passa-se a mesma coisa com quase todos nós.

Ouvi dizer que Sítala consegue controlar a temperatura num grande perímetro à sua volta. Quando assume um novo corpo, o poder acompanha-o no seu novo sistema nervoso, se bem que débilmente, a princípio. Agni consegue incendiar objectos simplesmente olhando para eles durante algum tempo e desejando que isso aconteça. Vejamos, por exemplo, esse olhar de morte que neste momento lanças sobre mim. Não é espantoso que tenhas conservado esse dom ao longo dos séculos em todas as ocasiões e lugares. Tentei, muitas vezes, descobrir o fundamento biológico do fenómeno. Fizeste alguma investigação nesse campo?

— .Já — respondeu Yama, de olhos ardentes sob as sobrancelhas negras

—Qual é a explicação? Uma pessoa nasce com um cérebro excepcional, o seu espírito é mais tarde transferido para um cérebro normal, e, no entanto, capacidades excepcionais não são destruídas no decorrer da transferência. Por que é que tal sucede ?

—Porque só temos uma imagem corporal cuja natureza é simultaneamente elétrica e química, e que começa imediatamente a modificar o seu novo ambiente fisiológico. O novo corpo rejeita os elementos estranhos, como se tratasse de uma doença, tentando adaptá-los às estruturas do velho corpo. Se o corpo que revestimos numa reencarnação se tornasse fisicamente imortal, um dia assemelhar-se-ia ao nosso corpo original.

— Que interessante!

— É por essa razão que o poder transferido é débil de princípio, mas vai-se fortalecendo progressivamente. É por isso que é conveniente cultivar um Atributo, e talvez utilizar igualmente auxílios mecânicos.

— Bom muitas vezes me interroguei sobre esse ponto. Obrigado. A propósito, continua a exercitar o teu olhar de morte, é bastante doloroso. Quanto ao sermão, um homem orgulhoso e arrogante como tu, que possuía um indiscutível e admirável dom pedagógico,

costumava dedicar-se à pesquisa de determinada doença desfigurante e degenerativa. Um dia, ele próprio contrai doença, e como ainda não tinha encontrado cura para ela, olhou-se num espelho e disse: «A mim fica-me bem!» Tu és como esse homem, Yama. Não tentaras lutar contra o teu mal, pelo contrário, tens orgulho nele. Traíste-te durante o teu acesso de fúria, e se que tenho razão quando digo que a tua doença se chama Kali . Não conferirias poder aos que não o merecem, se essa mulher não te ordenasse. Conheço-a há muito e estou certo de que não mudou, é incapaz de amar um homem, só se interessa pelos que lhe oferecem presentes e caos. Se deixares de servir os seus interesses, ela pôr-te-á de lado, deus da Morte. Não te digo isto porque somos inimigos, mas de homem para homem. Podes acreditar no que te digo. Talvez seja pena que nunca tenhas sido jovem, Yama, e não tenhas conhecido o teu primeiro amor nos dias de Primavera.... Portanto, a moral do meu sermão nesta pequena montanha é que nem um espelho, te mostrará a tua verdadeira imagem, se não a quiseres ver. A fim de verificares a veracidade das minhas palavras, contraria-a uma vez, nem que seja numa insignificância, e verás como ela reage. Que farás se as tuas próprias armas se virarem contra ti, ó Morte?

—Já terminaste? — perguntou Yama.

— Acho que sim. Um sermão é um aviso, e já estás avisado.

—Qualquer que seja o teu poder, Sam, vejo que ele, neste momento, constitui uma prova contra o meu olhar de morte. Considera-te feliz por eu estar em situação de inferioridade...

—Podes ter a certeza que sim, pois a minha cabeça está prestes a estourar. Diabos levem os teus olhos!

—Um dia, porei novamente o teu poder à prova, e mesmo que ele se capaz de enfrentar o meu, nesse dia tombarás, se não graças ao meu Atributo, então ao fio da minha espada.

—Se isso é um desafio, prefiro não o aceitar já. Sugiro que verifique a veracidade das minhas palavras antes de passares à acção.

Yama já estava enterrado na areia até às coxas.

Sam suspirou e desceu do rochedo.

—Só existe um caminho seguro para sair deste rochedo e é esse que vou tomar. Vou dizer-te como podes salvar a vida, se não fores demasiado orgulhoso. Disse aos monges que viessem em meu auxílio neste lugar se ouvissem um grito de socorro. Já anteriormente te disse que não pediria socorro, o farei, mas se os chamares com a tua voz tonitruante, eles chegarão antes que estejas demasiado enterrado. Levar-te-ão para terra firme e não te farão mal, pois não utilizam tais métodos. Agrada-me a perspectiva de o deus da Morte ser salvo pelos monges do Buda. Boa noite, Yama, vou deixar-te.

Yama sorriu.

—Haverá outro dia, ó Buda, e esperarei por ele. Foge o mais depressa que poderes; o mundo não é suficientemente grande para te esconder da minha ira. Hei-de encontrar-te e ensinar-te o esclarecimento que é puro fogo do Inferno.

—Entretanto — disse Sam —, sugiro que peças auxílio aos meus seguidores, ou aprendas a difícil arte de respirar debaixo da lama.

Afastou-se cautelosamente, enquanto o olhar de Yama lhe fulminava as costas.

Quando chegou à vereda, virou-se:

—Talvez queiras dizer no Céu que tive de me ausentar por causa de negócios.

Yama não respondeu.

—Acho que vou comprar armas — concluiu Sam —. mas armas muito especiais. Portanto quando vieres no meu encalço traz a tua namorada; se ela gostar do que vir, talvez te convença a mudar de campo.

Voltou às costas e afastou-se na noite, assobiando enquanto no céu brilhavam uma lua branca e uma dourada.

IV

Conta-se como o Senhor da Luz desceu ao Poço do Inferno a fim de fazer um pacto com o chefe dos Rakasha.

Ele estava de boa fé, mas os Rakasha são os Rakasha, ou seja, seres maléficos. Eles detém grandes poderes, uma vida suficientemente longa e a capacidade de assumirem praticamente qualquer forma. Os Rakasha são quase indestrutíveis; a sua principal carência é um verdadeiro corpo, a sua principal virtude, a honra em relação às dividas de jogo. O simples facto de o Senhor da Luz ter ido ao Poço do Inferno demonstra, talvez, que estava um pouco preocupado com a situação do mundo...

Quando os deuses e os demônios, ambos descendentes de Prajapati, se degladiaram, os deuses apoderaram-se princípio do vida de Udgitha, pensando que, com ele, poderiam vencer os demônios.

Meditaram sobre o Udgitha , que funcionava através do nariz, mas os demônios trespassaram com o mal. Em consequência, quando respiramos, sentimos tanto os cheiros agradáveis como os repugnantes; a respiração está contaminada pelo mal.

Meditaram sobre o Udgitha como palavras mas os demônios trespassaram com o mal, em consequência, tanto dizemos verdades como falsidades, as palavras estão contaminadas pelos mal.

Meditaram sobre o Udgitha que funciona através dos olhos, mas os demônios trespassaram com o mal. Em consequência, vemos tanto o que é belo como o que é feio; o olhar foi contaminado pelo mal.

Meditaram sobre o Udgitha com o ouvido, mas os demônios trespassaram-no com o mal. Em consequência, ouvimos tanto coisas boas como más; o ouvido está contaminado pelo mal.

Depois meditaram sobre o Udgitha como espírito, mas os demônios trespassaram-no com o mal. Em consequência pensamos coisas puras, verdadeiras e belas, mas também impuras, falsas e depravadas, o espírito foi contaminado pelo mal.

Chhandogva Upanishad (I.ii. 1-6)

O Poço do Inferno encontra-se no topo do mundo e chega até às suas raízes

É provavelmente tão antigo como o próprio mundo e, se não for, deveria ser, pois parece sê-lo.

Começa com uma entrada; tem uma enorme porta de metal polido, construída pelos Primeiros, tão pesada como o pecado, três vezes mais alta que um homem, e cuja largura é metade dessa extensão. Tem um metro e espessura e uma argola de latão do tamanho de uma cabeça, uma complicada fechadura blindada e uma inscrição com os seguintes dizeres: «Vai-te embora este lugar não te convém. Se tentares entrar, os teus esforços serão vão e, além disso, serás amaldiçoado. Se por acaso, conseguires, não digas que não foste

avisado, nem nos aborreças com as últimas orações.» Assinado: «Os Deuses»]

Está situado, perto do cume de uma grande montanha chamada Channa, no centro da imponente cordilheira de Ratnagaris. Nesse local há sempre neve sobre o solo, e os arco-íris brincam sobre os pingentes de gelo que se formam nas arestas dos penhascos. O ar é cortante como uma espada; o céu cintilante como um olho de um gato.

Poucos pés pisaram o caminho que conduz ao Poço do Inferno. Os que se aventuraram até lá foram levados pela curiosidade, apenas para verem se a grande porta realmente existia, e quando regressaram às suas terras e disseram que a tinham visto, foram alvo da chacota.

Alguns arranhões na chapa da fechadura demonstram que houve quem tentasse realmente entrar. No entanto, não é possível transportar nem instalar o equipamento indispensável para forçar a enorme porta. Os últimos 100 m da ladeira que conduz ao Poço do Inferno medem menos 25cm de largura e, no que resta da grande plataforma, que outrora se encontrava em frente da porta cabem apenas seis homens de pé.

Conta-se que Pannalal, o Sábio, depois de ter aguçado o espírito com meditação e diversos ascetismos, adivinhara o funcionamento da fechadura e entrara no Poço do Inferno, tendo passado um dia e uma noite nas entranhas da montanha. Depois dessa proeza passou a ser conhecido por Pannalal, o louco.

O pico Channa, onde se encontra a grande porta, fica a cinco dias de distância de uma aldeia, no extremo norte do reino e Malwa. Essa aldeia não tem nome e é habitada por um povo fioso e independente que não está interessado em que a sua povoação figure nos mapas dos cobradores de impostos do rajá. Acerca do rajá, basta dizer que é de estatura mediana, astuto, um pouco corpulento, não excessivamente piedoso nem goza de reputação pior

do que é comum, além de ser fabulosamente rico. A imensa fortuna provém dos elevados impostos que cobra aos seus súditos. Quando eles começam a protestar e o reino é agitado por sobressaltos de revolta, o rajá declara guerra a um reino vizinho e duplica os impostos. Se a guerra não se desenrola a seu favor, executa vários generais e manda o ministro da Paz negociar um tratado.

Se, por acaso, a guerra corre favoravelmente, exige tributo por qualquer insulto que tivesse estado na sua origem. Geralmente, porém, tudo termina numa trégua, quando os súditos já estão cansados dos combates e, finalmente, resignados com os pesados impostos. O rajá chama-se Videghae e tem, muitos filhos. Gosta muito de gralhas, que podem aprender canções brejeiras; cobras, às quais dá, por vezes, a comer, as gralhas que não conseguem aprender uma canção, e jogar aos dados. Não tem predilecção por crianças.

O Poço o Inferno começa com a grande porta na montanha, na extremidade setentrional do reino de Videgha, ara além do qual não existem reinos de homens. Desce em espiral pelo coração da montanha Channa, subdividindo-se em vastas cavernas nunca exploradas, nas entranhas da cordilheira Ratnagaris, e as suas galerias mais profundas atingem as raízes do mundo.

O viajante chegou a essa porta

Estava vestido simplesmente; viajava sozinho, e parecia saber exatamente onde ia e o que estava a fazer. Tomou a vereda e escalou a vertente escarpada do monte Channa.

Levou quase toda a manhã para alcançar o seu destino — a porta.

Quando lá chegou, repousou um momento, bebeu um pouco de água do cantil, limpou a boca com as costas da mão, e sorriu.

Depois, sentou-se encostado à porta e almoçou. Quando terminou, lançou fora os papéis e viu-os cair lentamente, oscilando ao sabor

dos ventos, até que desapareceram. Então, acendeu o cachimbo e começou a fumar.

Depois de ter descansado, levantou-se e voltou-se novamente para a porta.

Colocou a mão sobre a chapa e executou uma série e movimentos lentos. Quando retirou a mão, ouviu-se um som musical vindo do interior.

Segurou a argola e puxou-a, retesando os músculos do ombro. A porta moveu-se; primeiro lentamente, depois mais depressa, desviou-se, e a porta girou nos gonzos, ultrapassando a plataforma.

Havia outra argola, igual à primeira, no lado interior da porta. Agarrou-a com um movimento rápido, para impedir que a porta se abrisse completamente.

Do interior saiu uma lufada de ar quente.

Depois de ter fechado a porta, acendeu um dos archotes que levava, e caminhou ao longo de uma galeria que se ia alargando.

A certa altura, o piso inclinava-se bruscamente, e uns cem passos mais adiante, o tecto era tão alto que deixava de se ver.

Fez mais duzentos passos e chegou à beira do Poço.

A sua volta, a escuridão era total, apenas rasgada pela luz do archote. As paredes tinham desaparecido, excepto a que ficava atrás dele do lado direito. Um pouco mais à frente, o chão terminava.

Para além da borda ficava o que parecia ser um abismo sem fundo, conseguiu a ver a extremidade oposta, mas sabia que tinha uma forma levemente circular; também sabia que a circunferência se alargava à medida que descia.

Desceu o caminho que contornava a parede do poço e sentiu uma baforada de ar quente que se elevava das profundezas. Apesar de muito íngreme, via-se que a pista tinha sido talhada pelo homem: era precária e estreita; estava fendida em vários pontos e viam-se montículos e cascalho; mas o seu declive uniforme demonstrava que tinha sido construída intencionalmente.

Foi avançando cautelosamente; à sua esquerda ficava a parede, à direita, o vazio.

Depois do que lhe pareceu uma eternidade, vislumbrou uma luz tênue lá embaixo, suspensa no ar. A medida que avançava, a luz ia-se aproximando, até que ficou um pouco abaixo dele e ligeiramente para a direita.

Quando desceu um pouco mais o caminho em espiral, a luz, ficou directamente à sua frente.

Ao passar pelo nicho onde se encontrava a chama, ouviu uma voz gritar d dentro do seu espírito:

—Liberta-me, mestre, e colocarei o mundo a teus pés!

Mas ele não se deteve, continuou apressadamente, quase sem olhar para a espécie de rosto que estava na fenda da parede.

Viu então outras luzes que flutuavam no oceano de escuridão lá mais embaixo.

O poço continuava a alargar; estava cheio de lampejos cintilantes, que pareciam chamas, mas não eram chamas; cheio de formas, rostos, imagens semi-recordadas. De cada um erguia-se um grito quando ele passava:

—Liberta-me, mestre! Liberta-me!

Mas ele não parou.

Chegou ao fundo do poço e percorreu-o, assando entre pedras partidas e fendas no solo rochoso. Alcançou, por fim, a parede oposta, onde dançava uma grande labareda alaranjada.

Quando ele se aproximou, tornou-se cor de cereja, e, por fim, azul como uma safira.

Tinha o dobro da altura dele, vibrava e contorcia-se. Projectava pequenas chamas que pareciam colidir contra uma barreira invisível e não o atingiam.

Durante a descida passara por tantas chamas que já lhes perdera a conta: sabia que havia outras escondidas nas cavernas que partiam do fundo do poço.

Cada chama por onde ele passara se lhe tinha dirigido, utilizando o seu próprio código de comunicação, e as palavras martelavam-lhe na cabeça: palavras de ameaça, de súplica, de promessa; mas aquela grande labareda, maior que as outras, não lhe transmitia qualquer mensagem. No seu núcleo cintilante não se moviam formas atormentadoras; era uma chama e assim permaneceu.

Acendeu outro archote e introduziu-o entre dois rochedos.

—Então regressaste. Odiado! As palavras atingiram-no como chicotadas.

Retomando a compostura, encarou a chama azul e perguntou:

—Chamaste Taraka?

—Aquele que me aprisionou aqui deve saber o meu nome . — foi a resposta.

—Não penses, ó Siddhartha. que estás irreconhecível lá por que tens um corpo diferente. Vejo os fluxos de energia que constituem o teu verdadeiro ser, não a carne que os encobre.

—Compreendo — respondeu Siddhartha.

—Vieste trocar de mim durante o meu cativeiro?

—Troçei de ti nos dias da Subjugação?

—Não, não troçaste.

—Fiz o que tinha de ser feito a fim de preservar a minha espécie. Os homens eram pouco numerosos e fracos, a tua espécie dominou-os e tê-los-ia destruído.

—Arrebataste o nosso mundo, Siddhartha; acorrentaste-nos aqui. Que nova ignomínia nos infligirás?

— Talvez seja possível fazer uma reparação.

— Que pretendes?

— Aliados.

— Queres que te ajudemos num combate?

— É isso mesmo.

— Quando terminar, tentarás novamente aprisionar-nos.

— Não, se fizermos previamente um acordo.

— Diz-me quais as tuas condições, — disse a chama.

—Em tempos passados, o teu povo percorria as ruas da Cidade Celeste visível e invisível.

— É verdade.

— Agora está mais bem fortificada.

— Como?

—Vishnu, o Preservador, e Yama-Dharma, Senhor da Morte, revestiram todo o Céu, e não apenas a Cidade, como antigamente, com o que dizem ser uma cúpula impenetrável.

— Não existem cúpulas impenetráveis.

—Digo apenas o que ouvi dizer.

— Há muitos modos de penetrar numa cidade, senhor Siddhartha.

— Vais dizer-me quais são?

— Será esse o preço da minha liberdade?

— Da tua própria liberdade... sim.

— E a dos outros da minha espécie?

— Se também quiserem ser libertados, terão de se comprometer a ajudar-me a cercar a cidade e capturá-la.

— Liberta-nos, e o Céu tombará.

— Falas pelos outros?

— Sou Taraka, falo por todos.

— Que garantias me dás, Taraka, de que o pacto será respeitado?

— minha palavra. Estou pronto a jurar pelo que quiseres .

— A prontidão em fazer juramentos não é a qualidade mais tranquilizadora quando se trata de chegar a um acordo; além disso, a tua força é também a tua fraqueza. És tão poderoso que não podes conferir a outro o poder de te controlar. Não podes jurar por qualquer deus, a única coisa que respeitas são as dívidas de jogo e não se trata disso.

— Tu deténs o poder de nos controlar.

— Individualmente, talvez, mas não colectivamente.

— É um problema difícil — disse Taraka. — Daria tudo para ser livre, e a única coisa que tenho é poder, e esse é intransmissível por natureza. Uma força maior poderá subjugar-lo, mas não é essa a resposta. Realmente não sei comodar-te garantias satisfatórias de que a minha promessa será cumprida. No teu lugar, não confiaria em mim.

— É, de facto, um dilema. Para já, vou libertar-te só a ti, a fim de que faças um reconhecimento e estudes as defesas do Céu. Durante a tua ausência analisarei o problema. Pensa também no assunto e, quando regressares, talvez cheguemos a um acordo equitativo.

— Aceito! Liberta-me da minha maldição!

— Conhece, então, o meu poder, Taraka. Assim como subjugo, também posso libertar...

A chama desprende-se impetuosamente da parede. Transformou-se numa bola de fogo e rodopiou dentro do poço como um cometa; emitia uma luz semelhante à de um pequeno sol que iluminava a escuridão, e ia mudando de cor enquanto girava, dando aos rochedos um aspecto ao mesmo tempo sinistro e agradável. Depois ficou suspensa sobre a cabeça de Siddartha e pronunciou as suas palavras vibrantes:

—Não sabes o prazer que experimento ao sentir a minha energia novamente libertada. Apetece-me pôr o teu poder à prova mais uma vez.

Siddhartha permaneceu imperturbável. A bola de fogo tornou-se mais compacta; diminuiu de volume e o seu brilho intensificou-se; depois, pousou lentamente no chão. Ficou fremente, como uma pétala caída de uma flor gigantesca e, então, atravessou lentamente o solo do Poço do Inferno e voltou a entrar no nicho.

—Estás satisfeito ? — perguntou Siddhartha.

— Estou — respondeu Taraka, depois de uma pausa. —O teu poder não enfraqueceu, liberta-me novamente.

— Começo a estar farto desta brincadeira, Taraka. Talvez seja melhor deixar-te como estás e procurar auxílio noutro lugar.

— Não! Fiz-te uma promessa, que mais queres?

— Não quero discussões entre nós. Ou me prestas esse serviço, ou não; escolhe e permanece fiel à tua opção e à tua palavra.

— Muito bem; se me libertares, rei fazer um reconhecimento ao Céu sobre a sua montanha de gelo e informar-te-ei sobre os seus pontos fracos.

— Vai então! Dessa vez, a chama elevou-se mais lentamente. Oscilou diante dele e assumiu uma forma vagamente humana.

— Qual é o teu poder, Siddhartha ? Como é que fazes o que fazes?— perguntou-lhe.

—Podes chamar-lhe electrodirecção, o espírito sobre a energia, — respondeu Siddhartha. — Esse termo pode servir; mas seja qual for o nome que lhe deres, não tentes contestá-lo novamente. Posso

matar-te com ele, embora nenhuma arma feita de matéria te possa atingir. Agora vai.

Taraka extinguiu-se, como um tição mergulhado num rio, e Siddhartha permaneceu no meio das pedras, iluminando as trevas que o envolviam com o archote.

Ficou imóvel e um burburinho de vozes encheu o seu espírito: prometedoras, tentadoras, suplicas. Diante dos seus olhos desfilarão imagens de opulência e de esplendor. Viu magníficos haréns e sumptuosos banquetes; eflúvios de almíscar e de lavanda, a névoa azulada do incenso encheu a atmosfera serenando a sua alma, caminhou no meio de flores, seguido por donzelas de olhos brilhantes e sorridentes que transportavam taças de vinho; ouviu uma voz melodiosa que cantava para ele, e viu criaturas etéreas que dançavam sobre a superfície de um lago.

— Liberta-nos, liberta-nos — imploravam elas. Ele apenas sorriu e continuou a olhar. Gradualmente, as orações, as súplicas e as promessas deram lugar a um choro de maldições e ameaças. Esqueletos couraçados com crianças empaladas nas espadas avançaram sobre ele. À sua volta havia abismos de onde jorravam labaredas que cheiravam a enxofre. Uma serpente suspensa num tronco oscilou diante do seu rosto cuspidando veneno. Caiu sobre ele uma chuva de aranhas e sapos.

— Liberta-nos, ou a tua agonia não terá fim. — gritavam as vozes.

—Se não param com isso, Siddhartha zanga-se e vocês perderão a única hipótese de liberdade que têm.

Então, tudo ficou silencioso à sua volta, e ele deixou-se vencer pela sonolência, libertando o espírito.

Tomou duas refeições na caverna, e voltou a adormecer.

MAIS TARDE, Taraka regressou sob a forma de um pássaro com grandes garras, e disse-lhe.

—Os da minha espécie podem entrar pelos respiradouros, mas os homens não. Existem também muitas caixas de elevador no interior da montanha, muitos homens poderiam facilmente escalá-las; claro que estão guardadas mas se as sentinelas fossem eliminadas e os alarmes desligados, o plano seria realizável. Por vezes, a cúpula está aberta em vários pontos para permitir a aterragem e a descolagem das aeronaves.

—Muito bem disse — Siddhartha. — Posso um reino que fica a algumas semanas de distância daqui. Nomeei um regente há muitos anos que governa em meu lugar, mas se lá regressar poderei reunir um exército. Tem-se infundido uma nova religião no país e agora os homens receiam menos os deuses que antigamente.

—Pretendes saquear o Céu?

—Sim, desejo revelar os seus tesouros ao mundo.

—Essa idéia agrada-me; não será fácil, mas com um exército de homens e outros aos da minha espécie, conseguiremos. Libertemos agora o meu povo para que possamos começar.

—Acho que terei simplesmente de confiar em ti, disse Siddhartha.

—Sim, comecemos — e dirigiu-se ao primeiro túnel que partia do fundo do Poço do Inferno.

Nesse dia, libertou sessenta e cinco, enchendo as cavernas com suas cores, movimentos e luzes. As paredes ecoavam com os gritos de júbilo e alvoroço que eles faziam — mudando constantemente de forma e exultando com a sua liberdade recuperada.

Inesperadamente, um deles assumiu a forma de uma serpente voadora e aproximou-se dele, de garras estendidas.

Durante um momento, Siddhartha concentrou a atenção naquela criatura.

A serpente emitiu um grito débil e breve e depois desfez-se, caindo forma de uma chuva de centelhas branco-azuladas.

As centelhas extinguiram-se e o ser desapareceu por completo.

Restabeleceu-se o silêncio, e as luzes cintilaram e bruxulearam junto das paredes.

Sidhartha dirigiu o olhar para a maior dessas luzes.

—Aquele atacou-me a fim de pôr à prova a minha força, Taraka? — perguntou Siddhartha, — Para ver se eu também posso matar, como afirmei?

Taraka aproximou-se e ficou suspenso no ar diante dele.

—Não foi por minha ordem que ele atacou; deve ter ficado meio louco devido à reclusão.

Siddhartha encolheu os ombros.

—Divirtam-se à vontade durante uns momentos — disse ele. —Vou repousar um pouco — e saiu da caverna mais pequena.

Regressou ao fundo do poço; deitou-se sobre a manta e adormeceu.

Começou a sonhar

Estava a correr.

A sua sombra precedia-o e ia-se tornando cada vez maior à medida que ele avançava.

Continuou a aumentar de volume até que se transformou numa figura grotesca. De súbito, compreendeu que a sua sombra tinha sido coberta pela do seu perseguidor: coberta, subjugada, submersa e dominada. Conheceu depois um momento de pânico indescritível sobre a planície inóspita onde corria. Compreendeu, então, que se tratava da sua própria sombra. Maldição que o perseguia já não se encontrava atrás dele. Compreendeu que ele era a sua própria maldição. Sabendo que se tinha finalmente alcançado a ele próprio, soltou uma gargalhada e sentiu vontade de gritar.

QUANDO ACORDOU ESTAVA a caminhar. Estava a escalar a parede tortuosa do Poço do Inferno. Durante o trajecto, passou pelas chamas aprisionadas. Elas gritaram novamente à sua passagem:

—Libertai-nos, mestres!

Lentamente, o gelo do seu espírito começou a fundir.

Mestres.

Plural, não singular.

Mestres, tinham elas dito. Compreendeu então que não caminhava sozinho. Nenhuma das formas dançantes e bruxuleantes se movia na escuridão que o envolvia. As que tinham estado prisioneiras, continuavam prisioneiras; as que ele libertara, haviam desaparecido. Subiu a íngreme parede do Poço do Inferno, sem archote para lhe iluminar o caminho, mas, mesmo assim, conseguia ver claramente. Via todas as irregularidades da parede rochosa como se houvesse luar. Sabia que os seus olhos eram incapazes de semelhante proeza. E elas tinham-se-lhe dirigido no plural.

E o seu corpo movia-se, independentemente da sua vontade. Fez um esforço para se deter, para ficar imóvel. Mas continuou a

avançar: então os seus lábios pronunciaram as palavras :—Vejo que acordaste, bom dia.

Uma pergunta surgiu no seu espírito e a sua boca respondeu imediatamente:

— Sim, qual é a sensação de seres prisioneiro do teu próprio corpo? Siddhartha formulou outro pensamento:

— Nunca pensei que um da tua espécie pudesse dominar-me contra a minha vontade, mesmo durante o sono.

— Para te falar francamente, nem eu —retorquiu o outro — Mas tinha ao meu dispor os poderes conjugados de muitos da minha espécie, e valia a pena tentar.

—E os outros, onde estão?

—Foram-se embora; vagueiam pelo mundo até que os convoque .

—E aqueles que continuam presos? Se tivesses esperado, tê-los-ia libertado também.—Que me importam os outros? Estou livre e habito de novo um corpo, só isso me interessa.

—Deduzo, portanto, que a tua promessa fica sem efeito?

— De modo nenhum — respondeu o demônio. — Debruçar-nos-emos de novo sobre esse assunto dentro de, digamos, uma lua menor. A idéia entusiasma-me; pressinto que uma guerra com os deuses seria uma coisa excelente, mas primeiro quero desfrutar durante algum tempo dos prazeres da carne. Por que te hás-de opor a que me divirta um pouco, depois dos séculos de tédio e de imobilidade a que me obrigaste?

—Devo confessar, no entanto, que não me agradou o modo como te serviste da minha pessoa.

—De qualquer maneira, vais ter de te resignar durante algum tempo. Também poderás desfrutar do que eu desfruto, por conseguinte, aconselho a tirares o melhor partido possível da situação.

—Afirmas que tencionas fazer guerra contra os deuses?

—É verdade; foi pena não me ter lembrado disso nos velhos tempos. Talvez nunca tivéssemos sido aprisionados; talvez já não existissem homens e deuses neste mundo. É verdade que nunca fomos muito dados a agir em conjunto: a independência de espírito acompanha naturalmente a nossa independência pessoal. Cada um de nós travava as suas próprias batalhas no conflito geral com a humanidade. Sou um chefe graças ao facto de ser mais velho, poderoso e sábio que os outros. Eles pedem-me conselho e obedecem às minhas ordens. No entanto, nunca ordenei que desencadeassem uma guerra em conjunto, mas fá-lo-ei mais tarde . Será uma variante para aliviar a monotonia.

—Aconselho-te a que não esperes, pois não haverá «mais tarde», Taraka.

—Por que não?

—Ao vir ao Poço do Inferno desencadeei a fúria dos deuses. Agora andam sessenta e seis demônios à solta no mundo e a tua presença em breve será detectada. Os deuses hão de descobrir quem foi responsável por essa situação e tomarão medidas contra nós. O factor de surpresa será perdido.

—Em tempos passados, lutámos contra os deuses...

—Isso foi em tempos passados, Taraka . Os deuses agora são mais fortes, muito mais fortes. Estiveste preso durante muito tempo e o poder deles aumentou com o correr dos séculos. Mesmo que comandes o primeiro exército de Rakasha da história e eu constitua um poderoso exército de homens para vos apoiar, mesmo assim, o

resultado da batalha será incerto. Adiar as decisões equivale a deitar tudo a perder.

—Siddhartha, peço que não fales desse modo, pois as tuas palavras perturbam-me.

—É exactamente isso que pretendo. Não obstante todas os teus poderes, já encontrares O de Vermelho, ele beber-te-á a vida com os olhos. Ele há-de vir aqui a Ratnagaris, pois segue-me. A liberdade dos demônios servirá de pia de sinalização e conduzi-lo-à aqui. Trará, talvez, outros com ele, e todos juntos far-vos-ão frente.

O demônio não respondeu. Alcançaram o topo do poço, e Taraka percorreu duzentos passos que o separavam da grande porta, que se encontrava aberta. Avançou até a plataforma e olhou ara baixo.

—Duvidas do poder dos Rakasha, Subjugador? — perguntou ele. — Olha !

Ultrapassou a beira da plataforma.

Não caíram.

Ficaram a pairar, como os papéis que tinha lançado fora; há quando tempo?

Desceram suavemente.

Pousaram sobre a vereda, a meio da vertente da montanha chamada Channa.

— Não só controlo o teu sistema nervoso — disse Taraka , mas penetrei todo o teu corpo e envolvi-o com as energias do meu ser. Podes enviar-me o tal de Vermelho, que bebe a vida com os olhos; gostaria de o conhecer.

—Embora possas caminhar sobre o ar — disse Siddhartha, — as tuas palavras são irreflectidas. A corte do príncipe Videgha não fica longe daqui, disse Taraka —. fui visitá-lo quando regressei do Céu. Ele gosta de jogar, vamos fazer-lhe uma visita.

— E se o Deus da Morte se associasse à partida ?

—Deixa-lo! gritou o outro — Já não te estou a achar graça, Subjugador. Boa noite, volta a adormecer.. Fez-se uma pequena escuridão e um grande silêncio, que aumentava e diminuía

OS DIAS QUE SE SEGUIRAM foram fragmentos luminosos.

Chegavam até ele fragmentos de conversas e de canções, visões coloridas de galerias, quartos, jardins. Uma vez, viu uma masmorra onde estavam homens submetidos a torturas e ouviu as suas próprias gargalhadas.

Entre esses fragmentos, tinha sonhos e quase sonhos. Eram abrasados pelo fogo, inundados de sangue e de lágrimas. Numa catedral sombria e imensa, lançou dados que eram sóis e planetas; sobre a sua cabeça, explodiam meteoros, e cometas descreviam curvas fulgurantes sobre uma abóbada de vidro negro. Foi percorrido por um misto de júbilo e de terror, e sabia que esse sentimento era em parte dele e em parte do demônio que o possuía . O medo, esse era todo dele.

Quando Taraka bebia vinho demais, e jazia ofegante sobre o seu enorme divã no harém, afrouxava um pouco o domínio que exercia sobre o corpo que usurpara; mas Siddhartha sentia ainda o espírito enfraquecido, e o corpo ébrio ou fatigado, e sabia que ainda não chegara o momento de se rebelar contra o domínio do mestre diabólico.

Por vezes, via, embora não fosse com os olhos do corpo que fora seu, mas como um demônio, em todas as direcções, e, para além da carne e dos ossos dos que passavam, distinguia as chamas dos seus seres, coloridas com os matizes e as tonalidades das suas paixões, vibrantes de avareza, concupiscência e cobiça, frementes de ganância e desejo, ardente de ódio. definhando de medo e de dor. O seu inferno era um lugar multicolor, mitigado apenas pelo racionalismo frio de um cérebro erudito, pela luminosidade branca de um monge moribundo, pela aura rósea de uma nobre dama que evitava o seu olhar, e pelas cores simples e dançantes das crianças entregues aos folguedos.

Percorreu demoradamente as imponentes salas e as vastas galerias do palácio real e Palamaisu, que eram a sua recompensa. O príncipe Videgha estava acorrentado na sua própria masmorra. Os súditos não sabiam que um demônio havia usurpado o trono, e tudo parecia decorrer normalmente.

Siddhartha via-se percorrendo as ruas da cidade montado num elefante. Todas as mulheres da cidadela viam recebido ordens de se postarem à porta de suas casas, e ele escolhera as que lhe agradavam e levava-as para o seu harém. Siddhartha verificou, com horror, que também participara na selecção, sentindo com Taraka as virtudes desta ou daquela mulher. Havia sido contaminado pela concupiscência do demônio que o possuía, e partilhava-a. Quando o compreendeu, tornou-se mais alerta, e nem sempre era a mão do demônio que levava o odre de vinho aos seus lábios, ou brandia o chicote na masmorra. Conservava a consciência durante periodos mais longos e verificou, com certo horror, que dentro dele, como dentro de qualquer homem, existe um demônio capaz das maiores atrocidades.

Então, um dia, rebelou-se contra o poder que dominava o seu corpo e submeteu o seu espírito. Tinha recuperado e co-existia com Taraka em todas as suas acções, tanto como observador silencioso, quanto como participante activo.

Encontrava-se na varanda sobranceira ao jardim, observando o dia. Comum simples gesto, Taraka tinha tornado negras todas as flores. Criaturas semelhantes a lagartos haviam-se instalado nas árvores e nas lagoas, coaxando e movendo-se entre as sombras. Os incensos e os perfumes que enchiam o ar eram espessos e enjoativos. Junto do solo, fumos negros ondulavam como serpentes.

Fora vítima de três tentativas de assassinio; o capitão da guarda do palácio fora o último a tentar matá-lo, mas a sua espada transformara-se num réptil, arrancara-lhe os olhos e enchera-lhe as veias com um veneno que fizera tisonar e inchar, e ele acabara por morrer implorando uma gota de água. Siddhartha observou os hábitos do demônio e, nesse momento, atacou.

O Seu poder tinha-se intensificado gradualmente, desde a última vez que exercera no Poço do Inferno. Estranhamente independente do cérebro do seu corpo, como Yama um dia lhe dissera, o seu poder girava como um lento catavento no centro do espaço que era ele próprio.

Girava de novo mais depressa e ele lançou-o contra o poder do outro. Taraka deixou escapar um grito, e um contragolpe de energia pura atingiu Siddhartha como uma lança.

Conseguiu desviá-lo parcialmente, e observou algum do seu Ímpeto. Apesar disso, houve dor e dilaceramento dentro dele quando o impacto atingiu seu ser.

Não se deteve devido à dor, voltou a atacar, como um caçador que introduz a lança no covil de um animal feroz .

Os seus lábios emitiram outro grito. O demônio ergueu, então, barreiras negras contra o seu poder. Mas, uma a uma, essas barreiras tombaram sob o seu assalto. Enquanto estavam a lutar, falaram:

—Ó homem de muitos corpos — disse Taraka —, por que me pretendes negar alguns dias dentro do teu? Não é o corpo com que

nasceste, e também ocupas apenas temporariamente. Por que razão, então, consideras a presença como uma usurpação? Um dia, poderás ter outro corpo que não tocarei. Por que tomas a minha presença como uma poluição, uma doença? É porque dentro de ti existe algo de semelhante a mim? É por que também te comprazes com os actos de Rakasha. Experimentas a dor que provocas como um prazer, exercendo a tua vontade ao seleccionares as tuas vítimas? É por essa razão? Porque também tu conheces e desejas essas coisas, mas carregas a maldição humana que se chama culpa? Se assim é, troço da tua fraqueza, Subjugador, e prevalecerei contra ti.

—É porque sou o que sou, demônio — disse Siddhartha, lançando energias contra o usurpador. — É porque sou um homem que ocasionalmente aspira a coisas mais elevadas que o estômago e o sexo. Não sou o santo por quem os budistas me tomam, nem um herói lendário. Sou um homem que conhece o medo, e, por vezes, o remorso. Sou, sobretudo, um homem que propôs fazer uma coisa e tu estás a servir-me de obstáculo. Assim, herdaste minha maldição, quer vença quer perca, Taraka, o teu destino já foi alterado. É esta a maldição do Buda: nunca mais voltarás a ser o que eras.

Ficaram todo o dia na varanda, com as roupas encharcadas de suor. Permaneceram imóveis como uma estátua, até que o Sol desapareceu no horizonte e o rasto dourado sulcou a abóbada celeste. Uma lua espreitou sobre o muro do jardim; mais tarde, surgiu outra.

—Qual é a maldição do Buda? — perguntou Taraka repetidas vezes, mas Siddhartha não respondeu. Derrubara a última barreira e lutava com energias semelhantes a flechas dardejantes.

Da direcção do templo chegou o rufar monótono do tambor; de vez em quando, ouvia-se o coaxar de um habitante do jardim, o canto breve de um pássaro e o zumbido de um enxame de insectos que se afastavam depois de terem comido.

Então, como uma chuva de estrelas, eles chegaram com o vento da noite... Os Libertos do Poço do Inferno, os outros demônios que tinham sido soltos e vagueavam pelo mundo.

Atenderam ao chamado de Taraka e uniram os seus poderes ao dele.

Taraka tornou-se semelhante a um turbilhão, a uma onda de maré, a uma cascata de relâmpagos.

Sidhartha sentiu-se arrebatado por uma avalanche gigantesca, esmagado, sufocado, enterrado. A última coisa que sentiu foi uma gargalhada dentro da garganta.

NÃO SABIA QUANTO TEMPO levava a recuperar. Foi um processo lento, e acordou num palácio onde os criados eram demônios. Quando se libertou dos efeitos anestésicos da fadiga mental, teve uma sensação estranha.

As orgias grotescas continuaram: havia festins nas masmorras, onde os demônios ressuscitavam os cadáveres a fim de perseguirem as suas vítimas e beijá-las.

Realizavam-se sinistros milagres, como o bosque de árvores contorcidas que brotou das lajes de mármore da sala do trono — uma floresta onde os homens dormiam e gritavam quando novos pesadelos sucediam aos anteriores.

Mas outra coisa bizarra penetrara no palácio.

Taraka já não estava satisfeito.

— Qual é a maldição do Buda? — voltou ele a perguntar, quando sentiu a presença de Siddhartha dentro de si.

Siddhartha não respondeu imediatamente.

O outro prosseguiu:

—Acho que em breve te devolvo o teu corpo. Estou a ficar farto desta brincadeira, deste palácio. Estou fatigado e aproxima-se o dia em que devemos iniciar a guerra contra o Céu. Que dizes, Subjugador ? Prometi cumprir a minha promessa.

Siddhartha não respondeu.

—O meu prazer diminui de dia para dia. Sabes porquê, Siddhartha? Sabes dizer-me por que é que estranhos sentimentos se apoderam de mim, esmoreci os meus momentos mais fortes, enfraquecendo-me e deprimindo-me, quando devia exultar de alegria? É esta a maldição do Buda?

—É —respondeu Siddhartha.

Então, levanta a tua maldição, Subjugador, e partirei hoje mesmo. Devolver-te-ei este invólucro de carne. Sinto nostalgia dos ventos frios e puros das alturas! Libertas-me agora?

— É demasiado tarde, chefe dos Rakasha. Tu próprio provocaste o teu cativo.

—Como? De que modo me aprisionaste desta vez?

—Lembraste de que troçaste de mim quando estávamos na varanda? Disseste que também eu experimento prazer na dor que tu provocas. Tinhas razão, pois todo o homem tem dentro de si trevas e luz: o homem possui facetas, não é uma chama pura e luminosa como outrora foste; a razão debate-se contra as emoções, a vontade, contra as inclinações....os ideais entram em conflito com o meio em que vive, e se os seguir, sente amargamente a perda das coisas antigas, mas, se não os seguir, experimenta a dor de ter abandonado um sonho novo e nobre. Tudo o que faz é, ao mesmo tempo, ganhar e perder, ponto de chegada e de partida. Lamenta sempre o que perdeu e receia o que é desconhecido. A razão opõe-

se à tradição: as emoções esbarram com as restrições impostas pelos seus semelhantes. Da fricção estes valores surge sempre aquilo que designaste por maldição do homem, e de que troçaste, o sentimento de culpa !

—Fica, então, sabendo que enquanto coexistimos no mesmo corpo e partilhei a tua maneira de viver, aliás nem sempre a contragosto, o caminho que percorremos não tinha trânsito num único sentido. Quando submetias a minha vontade à tua, também a tua era violentada por sua vez devido à repugnância que alguns dos teus actos me provocavam. Aprendeste que é o remorso e ele cairá sempre como uma sombra sobre aquilo que fizeres. É por essa razão que o teu prazer está toldado, e agora queres fugir; mas de nada te servirá; perseguir-te-á por todo o mundo até a região dos ventos frios e puros, onde quer que vás. É esta a maldição do Buda.

Taraka cobriu o rosto com as mãos.

—Então é isto chorar — disse ele, passados momentos.

Siddhartha não respondeu.

—Maldito sejas, Siddhartha, aprisionaste-me de novo, numa prisão ainda mais terrível que o Poço do Inferno.

—Tu próprio te encarceraste. Foste tu quem quebrou o nosso pacto, eu respeitei-o.

—Os homens sofrem quando quebram pactos com os demônios — ,disse Taraka —, mas nunca um Rakasha tinha sofrido tanto.

Siddhartha ficou em silêncio.

NA MANHÃ SEGUINTE, quando estava a tomar o pequeno-almoço, alguém bateu brutalmente à porta dos seus aposentos.

—Quem ousa? — bradou ele, e a porta abriu-se com violência, saltando das dobradiças.

O Rakasha irrompeu no quarto, uma cabeça de tigre com cornos sobre um tronco e macaco, enormes cascos no lugar dos pés, garras em vez de mão, expelindo fumo pela boca, desapareceu durante um momento, voltou a aparecer; novamente desapareceu e reapareceu; das suas garras gotejava algo que não era sangue, e no peito tinha uma grande queimadura. O ar encheu do cheiro do pêlo chamuscado e da carne queimada.

—Mestre! — exclamou o monstro — Chegou um desconhecido que pretende de ter uma audiência contigo!

—Não conseguiste convencê-lo de que não estou disponível ?

—Senhor, vinte guardas humanos caíram sobre ele, e ele fez um gesto. Agitou a mão e houve uma explosão de luz tão ofuscante que nem os Rakashaa podiam olhar. Durou apenas um instante e todos desapareceram, como se nunca tivessem existido. . . Depois ficou um grande buraco na parede atrás do local onde eles tinham estado... Não se via entulho, era uma abertura regular e limpa.

—Lançaste-te, então, sobre ele?

—Muitos Rakasha se precipitaram sobre ele, mas ele possui algo que nos repele. Fez outro gesto e três dos nossos desapareceram no clarão que ele projectou... Não me atingiu em cheio, apenas me tocou ao de leve; mandou-me trazer-te a sua mensagem... As forças abandonam-me...

Desapareceu e, no espaço que ocupara, ficou suspensa uma esfera de fogo.

Suas palavras surgiam no espírito, em vez de serem pronunciadas através o ar:

—Ele ordena-te que vás ter com ele sem demora, caso contrário, destruirá o palácio.

—Os três que ele fulminou também retomaram as suas formas?

—Não — respondeu o Rakasha —, deixaram de existir.

— Descreve esse estranho — ordenou Siddhartha, obrigando os seus lábios a pronunciarem as palavras.

— É muito alto — disse o demônio —, e usa calças e botas negras. Acima da cintura traz uma estranha indumentária; apenas na mão direita tem uma espécie de luva branca sem costuras que se prolonga pelo braço, envolve os ombros, o pescoço e ergue-se à volta da cabeça. Apenas a parte inferior do rosto é visível, pois tem grandes lentes negras que se projectam a meio palmo da cara. Do cinto pende uma curta bainha do mesmo tecido branco, mas em vez de um punhal, tem uma vara. Sobre as costas, no ponto onde a indumentária branca se cruza, tem uma protuberância, como se fosse um pequeno embrulho.

—O Senhor Agni! — exclamou Siddhartha. — Acabas de descrever o Deus do Fogo!

— Sim, deve ser — concordou o Rakasha —, pois ao olhar através da carne para ver as cores do seu verdadeiro ser, vi um fulgor como o núcleo do sol. Se existe um deus do fogo, então, é ele.

—Temos de fugir —disse Siddhartha . — Vai haver um grande braseiro; não o poderemos evitar, portanto, partamos rapidamente.

—Não temo os deuses — disse Taraka —, e gostaria de pôr à prova o poder deste.

—Não poderás levar a melhor contra o deus do fogo — disse Siddhartha.— sua vara de fogo é invencível; foi-lhe oferecida pelo deus da morte.

—Então, arrebatá-la-ei e voltá-la-ei contra ele.—Quem a manipular ficará cego e perderá uma mão.

— É por isso que ele usa aquela estranha indumentária. Não há tempo a perder!

— Tenho de ver com os meus próprios olhos — disse Taraka.

—Não permitas que a tua culpa recém-adquirida te obrigue a arriscar a autodestruição.

— Culpa? — perguntou Taraka. — Esse rato desprezível que corrói o espírito? Não, não é culpa, Subjugador. É que agora surgiram poderes no mundo, onde outrora apenas tu eras mais forte que eu. Os deuses não eram tão poderosos antigamente, e se, de facto, os seus poderes aumentaram, tenho de pô-los à prova. Faz parte da minha natureza, que é poder opor-me aos novos poderes que se manifestam, e triunfar ou ser subjugado por eles. Tenho de medir forças com o Senhor Agni!

— Mas somos dois dentro deste corpo!

— É verdade. Se este corpo for destruído, prometo levar-te comigo. Já intensifiquei as tuas chamas para que se tornassem semelhantes às dos da minha espécie. Se este corpo morrer, continuarás a viver como um Rakasha! Outrora, o nosso povo também possuía corpos, e lembro-me do modo como se reforçam as chamas para que passam arder independentemente do corpo, já fiz isso, portanto, não temas.

—Obrigado.

—Enfrentemos agora a chama e enfraqueçamo-la!

Saíram dos aposentos reais e desceram a escada. Lá em baixo, prisioneiro na sua própria masmorra, o príncipe Videgha soluçava enquanto dormia.

Entraram pela porta que se encontrava atrás do trono, dissimulada por reposteiros. Quando os afastaram, viram que na sala havia apenas alguns homens que dormiam na floresta, e uma personagem de braços cruzados, um nú, outro revestido e branco, que segurava uma vara com a mão enluvada.

—Vês a atitude dele? — perguntou Siddhartha — Confia no seu poder, e tem razão para isso. Consegue ver até ao horizonte, tão bem como vê as pontas dos dedos; e é capaz de alcançar essa distância. Conta-se que, numa noite sulcou as luas com aquela vara. Se a fizer funcionar, o Fogo Universal desencadear-se-á com um fulgor ofuscante, pulverizando a matéria e neutralizando as energias que se encontram no caminho. Ainda estamos a tempo debater em retirada...

—Agni! — gritou a boca de Siddhartha — Pediste audiência com o quem governa aqui?

As lentes negras voltaram-se para ele. Os lábios de Agni abriram-se num sorriso que se desvaneceu em palavras.

—Pensei que te encontraria aqui. — disse ele com uma voz anasalada e estridente.

— Tanta santidade foi mais do que pudeste suportar, e tiveste de fugir, não foi? Como queres que te chame, Siddhartha, Tathagatha, Mahasamatman, ou simplesmente Sam?

—Imbecil! — replicou o demônio. — Aquele que conhecestes por Subjugador de Demônios, ou por qualquer um desses nomes, está ele próprio prisioneiro. Tens o privilégio de te dirigires a Taraka dos Rakasha, Senhor do Inferno!

Ouviu-se um estalido e as lentes tornaram-se vermelhas.

—Sim, vejo que estás a dizer a verdade — respondeu Agni —, encontro-me perante um caso de possessão demoníaca. Muito interessante. — Encolheu ombros e acrescentou: — Mas posso destruir dois tão facilmente como um.

—Pensas que sim? — perguntou Taraka, erguendo os dois braços.

Ao fazê-lo, ouviu-se um ruído surdo, e o bosque negro ultrapassou os seus limites, engoliu Agni e envolveu-o nos seus troncos negros. O fragor continuou e o chão deslocou-se vários centímetros debaixo dos seus pés. Ouviu-se, então, um rangido vindo do tecto e começou a cair o entulho.

Viu-se depois um clarão fulgurante e as árvores desapareceram, deixando cepos e manchas enegrecidas no chão.

Com um gemido e um portentoso estrondo, o tecto desabou.

Quando saíram pela porta atrás do trono, viram a figura que continuava no meio da sala, erguer a vara sobre a cabeça e descrever com ela um pequeno círculo.

Dela jorrou um cone de luz que destruía tudo à sua passagem. Havia um sorriso nos lábios de Agni quando as grandes pedras começaram a cair, sem no entanto, lhe tocarem.

O ruído posseguiu, o chão estalou e as paredes começaram a oscilar.

Fecharam a porta, e Sam sentiu uma súbita vertigem, quando viu uma janela, que momentos antes se encontrava ao fundo do corredor, passar por ele vertiginosamente.

Voaram através dos céus e ele experimentou uma sensação de efervescência e de formigueiro, como se fosse um ser líquido percorrido por uma corrente eléctrica.

Ao olhar para trás, com o dom do demônio que via em todas as direcções, avistou Palamaisu, já tão distante que poderia ser emoldurado e pendurado na parede como um quadro. Sobre a elevada colina no centro da cidade, o palácio de Videgha continuava a desmoronar-se, e grandes feixes luminosos, como relâmpagos invertidos, projectavam-se das ruínas para o céu.

—Essa é a tua resposta, Taraka ? — disse ele. — Queres que regressemos para pôr o poder dele novamente à prova?

—Tinha de verificar — disse o demônio.

—Deixa que te faça outra advertência. Não estava a brincar quando disse que ele podia ver até ao horizonte. Se se libertar depressa, e olhar nesta direcção, detectar-nos-á. Como não me parece que nos possamos deslocar mais depressa que a luz, sugiro que voes mais baixo e utilizes o terreno como protecção.

— Tornei-nos invisíveis, Sam.

—Os olhos de Agni conseguem ver na gama dos infravermelhos e dos ultravioletas, o que não acontece com os homens.

Perderam rapidamente altitude. Sam olhou novamente para trás, e viu que do palácio de Videgha restava apenas uma nuvem de poeira sobre a encosta cinzenta.

Rodopiando como um tornado, voaram para o norte até que alcançaram Ratnagaris. Quando chegaram à montanha chamada Channa, desceram e pousaram sobre a plataforma em frente da porta do Poço do Inferno, que estava aberta. Entraram e fecharam a porta.

—Haverá perseguição — disse Sam — , e nem o Poço do Inferno poderá resistir.

— Que confiança eles têm no seu poder para mandarem só um — disse Taraka.

— Achas que esta confiança é infundada?

—Não — respondeu Taraka. — Mas Aquele de Vermelho de quem falaste, aquele que bebe a vida com os olhos? Não pensavas que enviariam o Senhor Yama, em vez de Agni ?

—Pensava — respondeu Sam, enquanto se dirigiam para o Poço. — Tinha a certeza de que ele viria, e continuo a ter. A última vez que estive com ele causei-lhe sérios embaraços e acho que ele é capaz de vir atrás de mim fosse para onde fosse. Quem sabe se não está emboscado no fundo do Poço?

Chegaram à beira do Poço e tomaram o atalho.

— Ele não está lá dentro — afirmou Taraka. — Os que estão presos ter-me-iam avisado se tivesse passado por aqui alguém que não fosse Rakasha

— Ele virá — disse Sam — E quando o Vermelho vem ao Poço do Inferno ninguém o detém.

—Muitos tentarão — disse Taraka —, ali está o primeiro.

Avistaram o primeiro, no seu nicho junto ao caminho.

Quando passaram por ele, Sam libertou-o e ele lançou-se nos ares, como um pássaro dardejante, e desceu o poço voando em espiral.

Desceram passo a passo e de cada nicho jorrava fogo. Sob as ordens de Taraka, alguns elevavam-se e desapareceram para além da borda do poço e saíram pela grande porta que ostentava as palavras dos deuses na face exterior.

Quando chegaram ao fundo do poço, Taraka disse:

—Libertemos também os que estão encarcerados nas cavernas.

Percorreram as galerias e os túneis libertando os que lá se encontravam prisioneiros.

Passado algum tempo, não sabia quanto exactamente, todos tinham sido libertados.

Os Rakasha reuniram-se então na caverna em grandes legiões de fogo e seus gritos uniram-se numa única nota prolongada e estridente que ribombou e ressoou na cabeça de Sam, até que compreendeu, com estupefacção, que estava a cantar.

— Sim — disse Taraka —, é a primeira vez desde que há memória que eles fazem tal coisa.

Sam ouviu as vibrações do seu cérebro e, por entre os silvos e o fulgor apreendeu os sentimentos que se traduziam em palavras com as quais o seu espírito estava mais familiarizado:

*Somos a legiões malditas do Poço do Inferno,
Os bandidos da chama caída.
Somos a raça aniquilada pelo homem.*

*Amaldiçoemos o homem, esqueçamos o seu nome.
Este mundo pertencia-nos antes dos deuses.*

*Antes da raça dos homens.
Quando os homens e os deuses desaparecerem.
Este mundo voltará a ser nosso.*

*As montanhas desabarão, os mares secarão.
As luas despenhar-se-ão do céu.
A Ponte de Ouro ruirá um dia.
E tudo o que respira um dia morrerá.
Mas nós do Poço do Inferno prevaleceremos.*

*Quando já não houver homens nem deuses.
As legiões dos danados não morrem.
Esperamos, esperamos, até que nos reergamos.*

Sam estremeceu ao ouvir aquele cântico prolongado que exaltava as glórias passadas, exprimia a certeza de sobreviverem a qualquer circunstância, de derrubarem qualquer poder com uma arremetida cósmica e uma longa espera, enquanto viam tudo o que rejeitavam serdestruído pelo seu próprio poder . Quase acreditou que o que eles cantavam era verdade, e que um dia Rakasha seriam os senhores absolutos de um mundo desabitado e devastado.

Concentrou a atenção noutros assuntos e fez um esforço por mudar de disposição. Mas nos dias que se seguiram, e, por vezes, até anos depois esses sentimentos voltavam a afligi-lo e destruíam a sua alegria, enchendo-o de dúvidas, de culpa, de tristeza e de humilhação.

Passado algum tempo, um dos Rakasha que saíra, voltou a entrar e desceu o Poço. Ficou a pairar no ar e relatou o que tinha visto. Enquanto falava, suas chamas assumiram a forma de uma cruz em T.

—É esta a forma da nave que atravessou os céus e caiu no vale além do Pico do Sul.

—Subjugador, conheces esse veículo? — perguntou Taraka.

—Já ouvi a sua descrição — respondeu Sam. — É o carro do Senhor Shiva.

—Descreve o seu tripulante — ordenou ele ao demônio.

—Eram quatro, Senhor.

—Quatro!

—Sim, aquele que descreveste como sendo Agni, Senhor do Fogo, acompanhado por aquele que tem cornos de touro sobre um capacete reluzente; a sua armadura parece de bronze antigo, mas não é de bronze; está ornamentada com serpentes e não parece dificultar-lhe os movimentos. Empunha um tridente rutilante na única mão que tem e não usa escudo.

—É Shiva — disse Sam.

—Há depois outro todo vestido de vermelho cujo olhar é sombrio; não pronuncia qualquer palavra, mas, por vezes, o seu olhar pousa sobre a mulher que caminha à sua esquerda. É loura e de tez clara, e tem uma armadura vermelha; os seus olhos são como o mar, e os seus lábios, cor de sangue, abrem-se frequentemente num sorriso; usa um colar feito de crânios, um arco e uma espada curta no cinto. Nas mãos, segura um estranho instrumento, como um ceptro negro terminado por um crânio de prata que é também uma roda.

—Esses dois são Yama e Kali — disse Sam. — Escuta, Taraka, chefe dos Rakasha, vou dizer-te o que vem ao nosso encontro. Conheces bem o poder de Agni e já te falei do de Vermelho. Aquela que caminha à esquerda da Morte possui igualmente um olhar capaz de arrebatam a vida. O seu ceptro-roda soa como as trombetas que assinalam o fim de Yuga, e todos os que ouvem esse queixume são derrubados e confundidos. Ela é tão temível como o seu senhor, e é implacável e invencível. Aquela que empunha o tridente é o Senhor da destruição. É verdade que Yama é o rei dos Mortos, e Agni, o Senhor das Chamas, mas o poder de Shiva é o poder do Caos. A sua força separa os átomos uns dos outros e pulveriza todas as coisas que se encontram ao seu alcance. Contra esses quatro nem todos os libertos do Poço do Inferno levarão a melhor. Portanto, partamos sem demora, pois eles dirigem-se certamente para aqui.

— Não prometi, Subjugador, que te ajudaria a lutar contra os deuses? — perguntou Taraka.

— Sim, mas referia-me a um ataque de surpresa. Estes quatro deuses revestiram os seus Aspectos e assumiram os seus Atributos. Se quisessem, mesmo sem pousarem a nave, Channa já não existiria, e no lugar desta montanha haveria uma profunda cratera, no meio da Ratnagaris. Temos de fugir, atacá-los outro dia.

— Lembras-te da maldição do Buda? — perguntou Taraka. — lembraste-me de me teres ensinado o que é a culpa? Tenho de reparar o sofrimento que te usei e, para tal, entregarei estes deuses nas tuas mãos.

—Não! Se me queres prestar um serviço, fá-lo noutra ocasião. Agora, a única coisa que desejo é que me leves para bem longe daqui, e depressa!

—Tens medo de os enfrentar, Senhor Siddhartha ?

— Sim, tenho! É uma temeridade! Parece que te esqueceste do vosso cântico :«Esperamos, esperamos até que nos reergamos'» Onde está a paciência Rakasha ? Dizem-se prontos a esperar que os mares sequem, que as montanhas desabem, e que as luas desapareçam dos céus, e não podem esperar que eu indique o momento e o campo de batalha ?Conheço os deuses melhor que tu, pois já fui um deles. Não tomes essa decisão precipitada. Se me queres fazer um favor, poupa-me a esta confrontação.

—Muito bem, Siddhartha. As tuas palavras encontram eco no meu coração, mas gostaria de pôr a força deles à prova. Vou enviar alguns Rakasha ao seu encontro, mas tu e eu partiremos para longe, até aos alicerces do mundo onde esperaremos as notícias da batalha. Se, por acaso, os Rakasha forem derrotados, levar-te-ei para longe daqui e restituir-te-ei o teu corpo. No entanto, vou usá-lo durante mais algumas horas, a fim de fruir das tuas emoções durante a batalha.

Sam inclinou a cabeça.

—Amém — disse ele, e com uma sensação de formigueiro e efervescência sentiu-se elevado do solo e transportado ao longo de vastas galerias nunca antes exploradas.

Enquanto percorriam velozmente câmaras abobadadas, túneis, abismos, poços, labirintos, grutas e galerias de pedra. Sam deixou divagar o espírito e explorar os meandros tortuosos de memória. Lembrou do seu recente ministério — quando procurara enxertar os ensinamentos de Gotama no cepo da religião segundo a qual o mundo era regido . Pensou no estranho Sugata, cujas mãos tanto podiam dispensar a morte como a benção; com o correr dos anos, os seus nomes fundir-se-iam e as suas obras seriam associadas. Já vivera o suficiente pára saber que o tempo deturpa a visão dos factos. Sabia que tinha havido um Buda autêntico; a doutrina que ele propagara, se bem que ilegítimamente, atraíra esse verdadeiro crente, que alcançara o esclarecimento, impressionara pela sua santidade e se entregara voluntariamente nas mãos da própria Morte. Tathagatha e Sugata faziam arte de uma única lenda e Tathagatha beneficiaria do esplendor do seu discípulo.

Só o Dhamma sobreviveria. A sua memória recordou, então, a batalha da sala do Karma e a maquinaria que continuava escondida num local secreto. Lembrou-se das inúmeras reencarnações que sofrera antes disso, das batalhas que travara, mulheres que amara ao longo dos tempos; pensou no que o mundo poderia ser, no que era, e porquê. Sentiu renascer a ira contra os deuses ao lembrar-se do tempo em que um punhado deles havia derrotado os Rakasha e os Nagas, os Gandharvas e o Povo-do-Mar os demônios Kataputnae as Mães do Temível Fulgor, os Dakshinis e os Pretas, os Skandas e os Pisakas, salvando o mundo do caos e construindo a primeira cidade de homens. Vira essa cidade atravessar todas as fases que uma cidade pode conhecer, até à época actual em que era habitada por seres capazes de fazerem rodopiar os seus espíritos durante um momento e de se transformarem em deuses, revestindo um aspecto que lhes fortalecia os corpos, intensificava as vontades e ampliava o poder dos seus desejos em Atributos, que se abatiam com uma força mágica sobre aqueles contra quem eram dirigidos. Pensou nessa

cidade e nesses deuses, cuja beleza e integridade, fealdade e iniquidade ele conhecia. Pensou no seu esplendor e colorido que contrastava com o resto do mundo, chorou e enfureceu-se, pois sabia que nunca teria a certeza absoluta de agir bem ou mal debelando-se contra ele. Agora, o que quer que fizesse resultaria tanto em vitória como em derrota, em êxito como em fracasso; e quer os seus actos originassem o aniquilamento ou a continuidade do sonho da cidade, teria de suportar o fardo da culpa.

ESPERARAM NA ESCURIDÃO. Esperaram durante um longo momento em silêncio. O tempo passou como um velho escalando uma encosta.

Encontravam-se sobre um rochedo sobranceiro a uma lagoa negra, e esperaram.

— Não deveríamos já ter tido notícias?

— Talvez sim, talvez não.

—Que havemos de fazer?

—Que queres dizer?

—Se eles não vierem; quanto tempo havemos de esperar?

—Hão-de-vir, cantando.

—Espero que sim.

Não se ouviram cânticos, e tudo permaneceu silencioso e imóvel.

—Há quanto tempo estamos à espera?

—Não sei, há muito.

—Pressinto que as coisas não decorreram bem.

—Talvez tenhas razão. Queres que subamos um pouco e investiguemos, ou preferes que te restitua já a tua liberdade?

—Esperemos mais um pouco.

—Muito bem.

Instalou-se novamente o silêncio cheio de expectativa.

—Que foi aquilo?

—Quê?

—Um ruído.

—Não ouvi nada, e servimo-nos dos mesmos ouvidos.

—Não me refiro aos ouvidos do corpo. Lá está outra vez!

—Não ouvi nada, Taraka.

—Continua, é como um grito sem fim.

—Longe!

—Sim, muito longe: escuta como eu

— Sim, parece-me que é o ceptro de Kali. Nesse caso, a batalha continua.

—Ainda ? Os deuses devem ser mais fortes do que tinha pensado.

—Não, os Rakasha é que são mais fortes o que tinha pensado.

—Seja qual for o resultado da batalha, os deuses estão ocupados neste momento. Se conseguirmos passar, talvez a nave deles esteja sem vigilância.

Queres experimentar ?

—Roubar o carro trovejante? É uma idéia...

—É uma arma poderosa, além de servir de meio de transporte. Que hipóteses teremos de êxito?

—Tenho a certeza de que os Rakasha os conseguem demorar o tempo necessário, e o Poço do Inferno ainda fica longe. Não precisamos de utilizar o caminho. Estou cansado mas ainda nos consigo transportar pelos ares.

—Subamos um pouco e investiguemos.

Deixaram o rochedo junto da lagoa negra e o tempo começou novamente a fluir quando se elevaram nos ares.

Uma esfera de luz foi ao encontro deles; pousou sobre o solo da caverna e transformou-se numa árvore de fogo verde.

—Como decorre a batalha? — perguntou Taraka

—Fazemos-lhes frente — respondeu o Rakasha —,mas não conseguimos aproximar-nos o suficiente para a luta corpo-a-corpo.

—Por que não?

—Eles têm aquela coisa que repele; não sei como chamar-lhe, mas não nos conseguimos aproximar muito deles.

—Então, como é que lutam?

—Com uma chuva de pedras, também lhes lançamos fogo, água e grandes turbilhões de vento.

—Como ripostam eles?

—O tridente de Shiva derruba tudo a sua frente, mas por mais que ele destrua, nós erguemos novos obstáculos. Está de pé como uma estátua, dissipando tempestades que nós não deixamos extinguir. Por vezes, serve-se do tridente para matar, enquanto o Senhor do Fogo repele o ataque. O ceptro da deusa reduz o ímpeto dos que o enfrentam, e, nesse momento, ficam à mercê do tridente, da mão, ou dos olhos da Morte.

—E vocês não conseguiram feri-los?

—Não.

—On e se encontram eles?

— Ainda estão perto da borda do Poço; descem lentamente.

—Quantos perdemos dos nossos ?

— Dezoito.

—Foi um erro termos iniciado esta batalha. O preço é demasiado elevado e nada ganhámos... . Sam, queres tentar a nave?

—Vale a pena arriscar.... Sim, tentemos.

— Vai então — disse ele ao Rakasha que oscilava diante dele. — Vai, e nós seguir-te-emos mais devagar. Subiremos pelo lado oposto da parede; quando iniciarmos a subida, redobra o ataque e mantém-os ocupados até termos passado. Depois, retém-os o tempo suficiente para que possamos roubar a nave que está no vale. Quando tivermos terminado a operação, irei ter contigo sob a minha forma verdadeira e poremos fim ao combate.

— Obedeço — respondeu o Rakasha.

Deixou-se cair no chão e transformou-se numa serpente verde de luz, e afastou-se com movimentos ondulantes.

Eles precipitaram-se, percorrendo parte do trajecto a correr, a fim de preservarem a força do demônio para o impulso final contra a força da gravidade.

Tinham percorrido uma longa distância sob a Ratnagaris, e a viagem de regresso parecia infundável.

Chegaram finalmente ao fundo do poço; estava suficientemente iluminado, e Sam via claramente mesmo com os olhos do corpo; o barulho era ensurdecedor. Se Sam e Taraka dependessem da linguagem para se comunicarem não teria havido comunicação.

O fogo jorrava das paredes do poço como uma orquídea fantástica num ramo de ébano. Quando Agni brandia a vara, o fogo mudava de forma e contorcia-se. Os Rakasha dançavam no ar como insectos cintilantes. Os ventos furiosos e o estrépito das pedras constituíam dois ruídos distintos. Acima desse fragor, elevava-se o grito ululante do crânio-roda de prata que Kali agitava como um leque diante o rosto, era ainda mais terrível quando ultrapassava o limite do audível. Pedras fendiam-se, fundiam-se e dissolviam-se no ar, e os seus fragmentos incandescentes saltavam como centelhas do uma forja, executando uma dança diabólica nas sombras do Poço do Inferno. As paredes do Poço estavam lascadas, riscadas e rachadas onde as chamas e o caos as tinham tocado.

—Agora! — exclamou Taraka. —Aí vamos!

Elevaram-se nos ares e subiram junto à superfície da parede. O ataque dos Rakasha recrudescceu e o contra-ataque intensificou-se. Sam tapou os ouvidos com as mãos, mas nada podia fazer contra as

agulhas ardentes que lhe queimavam os olhos cada vez que o crânio de prata se movia na sua direcção.

Um pouco à sua esquerda, um grande fragmento de rocha desapareceu abruptamente.

—Não deram pela nossa presença — disse Taraka.

—Ainda não — respondeu Sam. — Aquele maldito deus do fogo é capaz de descobrir um grão da areia através de um mar de tinta. Se ele se voltar para aqui, espero que consigas esquivar-te ao seu...

—Que tal? — perguntou Taraka, quando de súbito se encontraram cem metros mais acima e um pouco mais à esquerda.

Elevaram-se rapidamente e um fragmento de rocha incandescente perseguiu-os, até que os demônios emitiram um queixume e soltaram pedregulhos gigantescos que arremessaram sobre os deuses, juntamente com furacões e uma chuva de fogo.

Chegaram à borda do Poço, passaram-lhe por cima e fugiram para longe do campo de batalha.

—Temos de dar a volta para chegarmos ao corredor que conduz à saída.

Um Rakasha elevou-se do poço e juntou-se a eles.

—Eles batem em retirada! — exultou ele. —A deusa caiu e o de Vermelho ampara-a durante a fuga!

—Eles não batem em retirada — disse Taraka. — Vão mudar de estratégia para nos liquidarem. Impede-lhes o caminho! Destrói a pista! Depressa! O Rakasha lançou-se para o interior do poço como um meteoro.

—Subjugador, estou a ficar fatigado; não sei se consigo levar-nos desde a plataforma até ao sopé do monte.

— Achas que consegues fazer metade do percurso?

— Acho que sim.

— Os primeiros cem metros onde a pista é estreita?

—Acho que sim.

—Ótimo!

Começaram a correr.

Quando contornaram a borda do poço, outro Rakasha foi ao seu encontro.

—Destruímos duas vezes a pista e o Senhor do Fogo reconstruiu-a novamente.

—Então, nada mais podemos fazer! Fica connosco. Precisamos do teu auxílio para outra coisa.

O Rakasha correu à frente deles, iluminando-lhes o caminho como um pedaço de metal incandescente.

Contornaram o poço e começaram a subir o túnel; quando chegaram à extremidade, empurraram a porta e saíram. O Rakasha que os precedera fechou a porta e disse:

—Eles vêm aí!

Sam aproximou-se da borda da plataforma e deu um passo em frente. Quando caiu a porta tornou-se incandescente e depois fundiu-se.

Com o auxílio do segundo Rakasha, desceram a encosta até ao sopé da montanha e tomaram um caminho que descrevia uma curva; a montanha servia-lhes de escudo contra os deuses, mas, em breve, os penhascos foram lambidos pelas chamas.

O segundo Rakasha ergueu-se nos ares, descreveu um semicírculo e desapareceu.

Correram pelo caminho em direcção ao vale onde se encontrava a nave. Quando lá chegaram, o Rakasha já tinha regressado.

— Kali, Yama e Agni vêm aí — anunciou ele — Shiva ficou para trás de guarda ao corredor; Agni dirige a perseguição; o de Vermelho ampara a deusa que coxeia.

Em frente deles, no vale, estava o carro trovejante. Esbelto e sóbrio, de bronze, embora não fosse de bronze, encontrava-se sobre uma planície vasta e coberta de erva. Parecia um minarete tombado ou a chave da casa de um gigante, ou ainda uma peça de um instrumento musical celeste que tivesse caído de uma constelação. Parecia incompleto, embora aparentemente nada lhe faltasse. Tinha aquela beleza ímpar as armas perfeitas que só ficam completas quando utilizadas para a finalidade a que são destinadas.

Sam aproximou-se, abriu a escotilha e entrou.

—Sabes conduzir esta nave, Subjugador? — perguntou Taraka. — Fazê-la voar através dos céus, semeando a destruição sobre a Terra?

—Tenho a certeza de que Yama quis controlos muito simples; ele prefere veículos aerodinâmicos. Já voei em jactos celestes e espero que este seja do mesmo tipo.

Introduziu-se na cabina, instalou-se em frente do painel de controlo e observou-o.

—Diabos levem! exclamou.

O outro Rakasha apareceu subitamente, passando através da parede metálica da nave, e ficou a pairar sobre o painel de instrumentos.

—Os deuses deslocam-se rapidamente — anunciou ele — ,especialmente Agni.

Sam accionou uma série de interruptores e premiu um botão. Acenderam-se várias luzes no painel e ouviu-se um zumbido.

—A que distância está ele?

—Quase a meio caminho. Alargou o atalho com as suas chamas e percorre-o como se fosse uma estrada; vai queimando os obstáculos que se lhe deparam e abrindo caminho.

Sam empurrou uma alavanca e regulou um mostrador, enquanto observavam os ponteiros dos instrumentos. A nave foi percorrida por um estremeçimento.

—Estás pronto? — perguntou Taraka.

—Não posso descolar sem aquecer os motores. Além disso, estes instrumentos são mais complicados que pensava.

—Não temos tempo a perder.

—Eu sei.

Ouviram-se, ao longe, estrondos provocados por várias explosões que se sobrepuseram ao rugir dos motores. Sam empurrou um pouco mais a alavanca e olhou para o mostrador.

—Vou empatá-los um pouco— disse o Rakasha, e desapareceu como tinha surgido.

Sam empurrou um pouco mais a alavanca, a nave deu um estalido e ficou novamente silenciosa e imóvel.

Voltou a colocar a alavanca na posição inicial, rodou o mostrador e carregou, de novo, no botão.

A nave vibrou e ouviu-se um ruído surdo e regular. Sam empurrou a alavanca e regulou o mostrador.

Passado um momento, repetiu o gesto, e o ronronar transformou-se num rugido.

—Pronto — disse Taraka. — Morreu.

— Quem? Quê?

—O Rakasha que foi ao encontro do Senhor das Chamas; foi aniquilado.

Ouviram-se mais explosões.

—O Poço do Inferno está a ser destruído — disse Taraka.

Com a testa perlada de suor, Sam ficou à espera, com a mão sobre a alavanca.

— Agni vem aí!

Sam espreitou pela fenda oblíqua na blindagem. O Senhor das Chamas entrou no vale.

—Adeus, Siddhartha

—Ainda não — disse Sam.

Agni olhou para a nave e ergueu a vara.

Nada aconteceu.

Continuou de vara em riste, depois baixou-a e agitou-a.

Ergueu-a novamente

A vara não expeliu qualquer chama.

Com a mão esquerda, regulou algo no volume que trazia às costas. Nesse momento, a vara emitiu um raio de luz que fez um grande buraco no chão Apontou novamente a vara para a nave.

Nada.

Começou então a correr em direcção à nave.

—Electro-direcção ? — perguntou Taraka.

—Sim.

Sam empurrou a alavanca e rodou o mostrador. Ouviu-se um poderoso bramido.

Premiu outro botão e ouviu-se um estalido na retaguarda da nave. Quando Agni chegou à escotilha. Sam girou outro mostrador. seguiram-se um clarão e um tinido metálico. Sam levantou-se, saiu da cabine e penetrou na coxia. Agni tinha entrado e apontou a vara

—Não te mexas... Sam!

— Demônio! — gritou Agni, sobrepondo-se ao rugido dos motores, enquanto falava, as suas lentes tornaram-se vermelhas com um estalido e sorriu.

— Demônio! — repetiu — não te mexas, caso contrário tu e o teu anfitrião morrerão calcinados!

Sam lançou-se sobre ele. Agni caiu, pois fora apanhado desprevenido.

—Um curto-circuito, não foi ? — , e desfechou lhe um golpe na garganta,

—Ou manchas solares?— e feriu-o na têmpora.

Agni caiu e Sam aplicou-lhe um golpe final com a mão logo acima da clavícula. Deu um pontapé na vara que foi cair na extremidade da coxa, e quando se preparava para fechar a escotilha compreendeu que era demasiado tarde.

—Vai-te embora, Taraka — disse ele. — Este combate diz-me respeito só a mim, nada mais podes fazer.

—Prometi ajudar-te.

—Não me podes ajudar agora. Sai enquanto é tempo.

—Se é essa a tua vontade; mas tenho uma última coisa a dizer-te...

—Depois, quando nos voltarmos a encontrar.

—Subjugador, é o que tu me ensinaste.... — desculpa eu

Teve uma terrível sensação de dilaceramento e de torção quando o olhar de morte de Yama o penetrou até ao mais profundo do seu ser. Kali também o fixou nos olhos, erguendo o ceptro ululante. Foi como se uma sombra se tivesse levantado e outra caído.

—Adeus, Subjugador — disse o seu espírito. Então, o crânio emitiu o seu grito estridente.

SENTIU-SE CAIR.

Sentiu uma vibração.

Dentro da cabeça e à sua volta.

Foi acordado por essa vibração e sentiu dores no corpo todo. Tinha correntes nos pulsos e nos tornozelos. Jazia sobre o chão de um pequeno compartimento: junto da porta, estava sentado o de Vermelho, a fumar.

Yama fez um aceno com a cabeça, sem pronunciar qualquer palavra.

—Por que é que estou vivo? — perguntou-lhe Sam.

—Estás vivo para compareceres a uma entrevista marcada há muitos anos em Mahartha — respondeu Yama — Brama está ansioso por te ver.

—Não estou particularmente interessado em ver Brama.

—Isso tornou-se manifesto ao longo das anos.

—Vejo que conseguiste sair da lama.

Yama sorriu.

—És um homem vil — disse ele.

—Eu sei, esforço-me por isso.

—Suponho que o teu pacto ficou sem efeito?

—Infelizmente.

—Talvez possas tentar reparar os danos. Estamos a meio caminho do Céu.

—Achas que tenho alguma hipótese?

—Talvez. Os tempos mudam e Brama pode ser um deus misericordioso esta semana.

—O meu terapeuta ocupacional aconselhou-me a especializar-me em causas perdidas.

Yama encolheu os ombros.

—Que é feito do demônio, aquele que estava comigo?

—Atingi-o em cheio — respondeu Yama. — Não sei se o liquidei, ou se simplesmente o pus em fuga . Mas não precisas de te preocupar com ele, pulverizei-te com repelente de demônios. Se ele ainda estiver vivo, vai ter muito tempo para se refazer do nosso contacto, ou talvez nunca o consiga. Mas como é que isso afinal aconteceu? Pensei que era o único homem imune à possessão diabólica.

—Também eu. Que é um repelente de demônios?

—Descobri um agente químico, inofensivo para nós, que nenhum dos seres energéticos consegue suportar. —Muito útil; tinha-me dado jeito nos dias da Subjugação.—Sim, usámo-lo quando fomos ao Poço do Inferno. —Pelo que pude ver, foi uma batalha renhida.

—Pois foi — respondeu Yama. — Como é a possessão demoníaca? Qual é a sensação de ter uma vontade que se sobrepõe à nossa?

—É estranho — respondeu Sam. — Ao mesmo tempo inquietante e instrutivo.

—Como?

— O mundo começou por lhes pertencer e nós apoderámo-nos dele. Porém que eles não hão-de ser tudo aquilo que odiamos? Para eles, nós somos os demônios.

—Mas qual é a sensação? De sentir a nossa vontade dominada por outra?

— Deves saber.

O sorriso do Yama desvaneceu-se e, depois, regressou.

—Gostarias que eu te batesse, não é Buda? Sentir-te-ias superior. Infelizmente, sou sádico e não o farei.

Sam deu uma gargalhada.

—Touché, Morte —disse ele.

Ficaram em silêncio durante alguns momentos.

—Dás-me um cigarro?

Yama deu-lhe um cigarro e acendeu-lho.

—Como está hoje a Primeira Base?

—Já não o reconhecerias — respondeu Yama. — Mesmo que todos os que a habitam morressem neste momento, daqui a mil anos continuaria perfeita. As flores continuariam a desabrochar, a música, a tocar, e as fontes, a murmurar. Continuariam a ser servidas refeições quentes nos pavilhões do jardim. A cidade em si é imortal.

—Uma morada muito conveniente para os que se intitulam deuses.

—Se intitulam? Estás enganado, Sam. A natureza divina é mais que um título, é um estado. A divindade não se alcança simplesmente sendo imortal, pois até o mais humilde camponês se pode tornar imortal. Será então a capacidade de revestir um Aspecto? Não. Qualquer hipnotizador competente consegue manipular a auto imagem. Será a posse de um Atributo ? Também não. Sou capaz de

conceber máquinas mais poderosas e precisas que qualquer dom que um homem possa cultivar. Ser deus é a capacidade de sermos nós próprios a tal ponto que as nossas paixões estejam em harmonia com as forças do universo, de modo que aqueles que nos vêem sabem que somos deuses, mesmo antes de terem ouvido o nosso nome. Um poeta antigo disse que o mundo está cheio de ecos e de correspondências. Outro escreveu um longo poema acerca de um inferno onde cada homem era submetido a uma tortura cuja natureza era igual à das forças que haviam regido a sua vida. Ser deus é ser capaz de reconhecer dentro de nós próprios essas coisas que são importantes, e tocar a única nota que as coloca em consonância com tudo o resto que existe. Desse modo, para além da moral, da lógica ou da estética, somos vento ou fogo, o mar, as montanhas, a chuva, o sol ou as estrelas, o vôo de uma flecha, o fim de um dia, o amplexo do amor. Governamos através das nossas paixões dominantes. Então, os que vêem os deuses dizem, mesmo sem conhecerem os nossos nomes: «Ele é o Fogo. Ela é a Dança. Ele é a Destruição. Ela é o Amor». Em resposta à tua afirmação, eles não se intitulam deuses, são os que os contemplam que lhes dão esse nome.

—Então eles tocam isso nos seus banjos fascistas?

—Empregas o adjectivo errado .

—Já utilizaste todos os outros.

— Parece-me que nunca estaremos de acordo sobre este ponto.

—Se alguém te perguntar por que é que oprimem o mundo e responderes com um chorrilho de banalidades poéticas, então acho que os nossos espíritos não concordarão.

— Escolhamos então outro tópico de conversa.

— No entanto, eu olho para ti e digo «Ele é a Morte».

Yama não respondeu.

— Estranha paixão dominante. Ouvi dizer que eras velho antes de teres sido jovem...

—Sabes que é verdade.

Eras um prodígio em mecânica e um mestre no manejo das armas. Perdeste a juventude numa explosão e transformaste num velho nesse mesmo dia.

—A Morte tornou-se a tua paixão dominante nesse dia? Ou foi antes? Ou depois?

—Não interessa — respondeu Yama.

—Serves os deuses porque acreditas naquilo que me disseste, ou porque odeias a humanidade?

— Não te menti.

— Então a Morte é uma idealista, tem graça.

— Não.

— Ou será que nenhuma das alternativas corresponde à verdade? Será tua paixão dominante...

— Já mencionaste o seu nome — interrompeu Yama —, quando a comparaste a uma doença. Estavas enganado nessa altura, e continuas a estar. Não quero voltar a ouvir o mesmo sermão e nada me obrigará a isso, pois neste momento não me estou a afundar em areias movediças.

— Calma — , disse Sam — Diz-me só, as paixões dominantes dos deuses podem mudar?

Yama sorriu.

—A deusa da dança foi, outrora, a deusa da guerra. Como vêς, tudo pode mudar.

—Quando morrer a morte verdadeira — disse Sam —, então, serei transformado, mas até lá, odiarei o Céu com todas as minhas forças. Se Brama me queimar cuspirei nas chamas, se me estrangular, tentarei morder a mão do carrasco, se me cortar a garganta, que o meu sangue enferruje a lâmina da espada. É isso uma paixão dominante?

—Tens o estofo de um deus — respondeu Yama.

— O estofo de um deus! — exclamou Sam.

— Mas antes que aconteça seja o que for — continuou Yama — , Já obtive autorização para que assistas ao casamento.

— Casamento? Tu e Kali ? Brevemente?

— Quando a lua menor estiver cheia — respondeu Yama. — Qualquer seja a decisão de Brama, ainda te poderei oferecer uma bebida.

— Agradeço-te, deus da morte, mas sempre ouvi dizer que no céu não realizam casamentos.

— Essa tradição vai ser rompida — respondeu Yama — Nenhuma tradição é sagrada.

— Então, desejo-te felicidades.

Yama fez um gesto de agradecimento, bocejou e acendeu outro cigarro.

— A propósito — disse Sam — , qual é a última moda em execuções celeste? Pergunto por simples curiosidade.

— As execuções não se realizam no céu — respondeu Yama, enquanto abria um armário de onde retirou um tabuleiro de xadrez.

V

Do Poço do Inferno dirigiu-se ao Céu, a fim de comunicar com os deuses. A Cidade Celeste encerra muitos mistérios, entre eles algumas das chaves do seu próprio passado. Não se sabe tudo o que se passou enquanto ele lá esteve, mas sabe-se que intercedeu junto dos deuses a favor do mundo, conquistando a simpatia de alguns e a hostilidade de outros. Dizem alguns que se ele tivesse traído a humanidade e aceitado as ofertas dos deuses, talvez lá tivesse permanecido para sempre como Senhor da Cidade Celeste em vez de encontrar a morte nas garras dos tigres fantasma de Kaniburrha. Os seus detractores, porém, afirmam que ele aceitou essas propostas, mas foi posteriormente traído, e dirigiu novamente a suas simpatias para a humanidade sofredora durante o resto dos seus dias, que não foram muitos...

**Cingida de raios, porta estandarte, armada
Com a espada, a roda, o arco.
Devoradora, consoladora, noite de destruição no
Fim do Mundo, que percorre o mundo de noite.
Protectora, enganadora, serena, amada e encantadora.
Brâmane, Mãe dos Vedas, habitante dos
Lugares silenciosos e secretos.
Bafejada pelo destino, meiga, onnisciente, rápida
como o
Pensamento, portadora de crânios, revestida de
Poder, crespúsculo, chefe invencível.
Compassiva.
Guia dos que se perderam, dispensadora de
Favores, professora, bravura sob a forma de mulher.**

**Coração inconstante, asceta.
Feiticeira, pária, imortal e eterna.**

**Āryatārābhattānkāminiāshtoltarásatakastotra
(36-40)**

Então, como tantas vezes no passado, a sua pelagem branca de neve foi alisada pelo vento. Caminhava sobre as ervas ondulantes cor de limão de um atalho que serpenteava sob as árvores sombrias e flores silvestres; do lado direito erguiam-se penhascos de jaspe; à sua volta, havia rochedos brancos percorridos por estrias alaranjadas.

Então, como já fizera tantas vezes, caminhou sobre as grandes almofadadas dos pés, com o vento acariciando-lhe a pele, branca como mármore, por entre as dez mil fragrâncias da floresta e da planície: ali, na penumbra do lugar que quase não existia.

Sozinha, seguiu a pista eterna através da selva que era parcialmente ilusão. O tigre branco é um caçador solitário, e se havia outros nas redondezas, nenhum procurava companhia.

Então, como já tantas vezes, olhou para o manto macio e cinzento da noite e para as estrelas que cintilavam como cristais de gelo. Os seus olhos em forma de meia lua dilataram-se, parou e sentou-se sobre os quadris, farejando o ar fresco.

Que pista seguiria ela?

Da sua garganta elevou-se um som cavo, como uma gargalhada que se transforma em tosse. De súbito, saltou para cima de um rochedo e começou a lambe as espáduas. Olhou para uma lua que se ergueu no céu. Parecia uma silhueta feita de neve, cujos olhos lançavam chispas cor de topázio.

Então, como antes, pensou se aquela seria realmente a selva de Kaniburrha; pressentia que ainda estava dentro dos limites da

verdadeira floresta, mas não tinha a certeza.

Que pista seguiria ela?

O Céu encontrava-se sobre um planalto que, outrora, fora uma cordilheira. Essas montanhas foram arrasadas e aplanadas a fim de proporcionarem um terreno nivelado. Do sul verdejante foi trazida terra fértil de onde brotava uma vegetação abundante. A área está coberta por uma cúpula transparente que a protege contra o vento polar e qualquer outra agressão.

O Céu desfruta de uma temperatura amena, de longos crepúsculos e dias indolentes. Através da Cidade e da floresta circula ar puro, previamente aquecido. Dentro da própria cúpula é possível produzir nuvens que se transformam em chuva para regar as zonas que precisam de água. Embora nunca tenha sido feito, também se pode produzir neve a partir dessas nuvens. No Céu reina um eterno Verão.

A cidade celeste encontra-se dentro do Verão do Céu

A Cidade Celeste não nasceu como as cidades dos homens, junto de porto ou de terrenos férteis, de florestas abundantes em caça, de rotas comerciais, ou de uma região rica em recursos naturais que atraíram os homens. Cidade Celeste foi o fruto da imaginação os seus primeiros habitantes. O crescimento não foi lento e desordenado, um edifício acrescentado aqui, uma rua desviada acolá, uma construção arrasada para dar lugar a outra, formando um conjunto irregular e pouco atraente

Não, todas as exigências práticas foram tomadas em consideração, e cada centímetro de magnificência calculado pelos urbanistas e pelas máquinas ampliadoras de projectos. Esses planos foram coordenados e postos em prática por um arquitecto sem igual, Vishnu, o Preservador, que possuía toda a Cidade Celeste dentro do seu cérebro, até ao dia em que sobrevoou o Grande Pináculo montado no Pássaro Garuda, olhou para baixo, e a Cidade concretizou-se numa gota de suor sobre a sua fronte.

Foi assim que o Céu brotou do espírito de um deus, sendo a sua concepção estimulada pelos desejos dos outros deuses. Para sua localização foi deliberadamente seleccionada uma zona desértica coberta de gelo, neve e rocha, no pólo do mundo, onde só os poderosos poderiam habitar.

(Que pista seguiria ela?)

Sob a Cúpula do Céu, junto à Cidade Celeste, ficava a grande floresta de Kaniburrha. Vishnu, na sua sabedoria, compreendeu que devia haver equilíbrio entre a metrópole e as zonas despovoadas.

Se bem que o campo possa existir independentemente das cidades, aquele que se encontra dentro dos limites de uma cidade deve exibir mais que as plantas insípidas de um jardim. Se o mundo inteiro fosse uma cidade, pensou ele, os seus habitantes transformariam uma parte dela em zona selvagem, pois todos os homens desejam que algures acabe a ordem e comece o caos. No espírito de Vishnusurgira, então uma floresta percorrida por córregos onde pairavam os odores da erva tenra e da decomposição, os gritos dos seres estranhos que habitavam nas suas sombras, encolhendo-se sob o vento e reluzindo sob a chuva, caíndo e foliando a levantar-se.

A floresta chegou à periferia da cidade e parou, pois não tinha autorização para lá entrar, tal como a cidade se mantinha dentro os seus limites. Entre os seres que habitavam a floresta alguns eram predadores: esses não conheciam fronteiras, iam e vinham a seu bel-prazer. Entre eles destacava-se o tigre albino. Assim os deuses decretaram que os tigres fantasmas não poderiam ver a Cidade Celeste, e os seus olhos tornaram-se incapazes de ver a Cidade; nos seus cérebros de tigres brancos o mundo reduzia-se à floresta de Kaniburrha, e percorriam as ruas do Céu como se se tratassem de pistas na selva. Se os deuses lhe afagavam o pêlo quando passavam, eram como a carícia do vento. Quando subiam uma escadaria, tinham a sensação escalar uma encosta rochosa. Os

edifícios eram penhascos e as estátuas, árvores; e os transeuntes eram invisíveis.

No entanto, se um habitante da Cidade peneirasse na floresta verdadeira, o tigre e os deuses encontravam-se no mesmo ambiente, a selva.

Tossiu novamente, como já tantas vezes fizera, e o seu manto branco foi alisado pelo vento. Era um tigre fantasma que há três dias percorria a floresta de Kaniburrha, matando e devorando a carne vermelha das suas presas e lançando o seu uivo de desafio, lambendo a pele com a longa língua rosada, sentindo sobre o dorso a chuva que pingava da folhagem, que se despenhava em torrentes das nuvens que se encastelavam milagrosamente no centro do Céu, sentia fogo nos quadris, tendo-se acasalado na noite anterior com uma montanha e pêlo cor da morte, cujas garras lhe tinham dilacerado o lombo, e o cheiro do sangue despertara neles um grande frenesim; ronronava enquanto o crepúsculo fresco descia sobre ela, trazendo as luas como as fendas oblíquas dos seus olhos que passavam do dourado ao prateado e ao pardo. Sentou-se sobre o rochedo, lambendo as patas, sem saber muito bem o que perseguia.

Lakshmi estava no jardim dos Lokapalas com Kubera, quarto guardião do mundo, deitada sobre um canapé perfumado junto da piscina onde brincavam as Apsarases. Os outros três Lokapalas estavam ausentes nessa noite... Por entre risadinhas, as Apsarases salpicavam o canapé com as águas perfumadas. O Senhor Krishna, porém, escolheu esse momento para tocar as suas flautas. As raparigas desviaram o olhar de Kubera, o Gordo, e de Lakshmia encantadora, apoiaram os cotovelos sobre a borda da piscina, e olharam para ele, deitado sob uma árvore florida por entre odres de vinho e restos de várias refeições.

Percorreu todas as notas da escala e produziu um som de lamento e uma série de balidos como os da cabra Guari a Bela, que ele despira durante uma hora e depois aparentemente esquecera, levantou-se,

mergulhou na piscina e desapareceu dentro de uma das numerosas grutas subaquáticas. Krishna teve um soluço, iniciou uma melodia, parou, começou outra.

—É verdade o que dizem a respeito de Kali? — perguntou Lakshmi.

—Que é que dizem? —inquiriu Kubera com um grunhido, estendendo a mão para uma taça de soma.

Ela tirou-lhe a taça das mãos, bebeu um pequeno gole e entregou-lhe novamente. Kubera engoliu a bebida de um trago, colocou a taça sobre o tabuleiro, e um criado voltou a enchê-la.

—Que ela quer um sacrifício humano para festejar o casamento?

—É possível, não me admirava — respondeu Kubera. — É uma cadelinha sanguinária; passa a vida a transmigrar para animais ferozes. Uma vez transformou-se numa galinha de fogo e dilacerou o rosto de Sitala por causa de qualquer coisa que ela tinha dito.

—Quando?

—Oh, há dez ou onze avatares. Sitala usou um véu durante muito tempo até o seu corpo estar pronto.

—Estranho par — disse Lakshmi mordiscando a orelha de Kubera, teu amigo Yama deve ser o único que quer viver com ela. Se ela se zangasse com o amante e lhe lançasse o seu olhar mortal? Quem mais poderia suportar esse olhar?

—Não brinques — disse Kubera. — Foi assim que perdemos Kartikeya, Senhor das Batalhas.

—Ah, sim?

—É verdade, ela é uma mulher estranha; é ao mesmo tempo igual a Yama e diferente dele; a verdade é que ele é o deus da morte, mas

a morte que inflige é rápida e limpa; Kali é como os gatos.

—Yama alguma vez se refere a esse fascínio que ela exerce sobre ele?

—Vieste aqui para saber os últimos mexericos ou para provocar outros?

—Ambas as coisas.

Nesse momento, Krishna revestiu o seu Aspecto, assumindo o Atributo de divina embriaguês; da sua flauta jorrou uma melodia doce-amarga. sombria ea e re. A sua ebriedade espalhou-se pelo jardim, em ondas alternadas de alegria e de tristeza. Ergueu-se sobre as pernas trigueiras e esguias e começou a dançar; o seu rosto insípido estava inexpressivo; o seu cabelo oescuro húmido tombava em caracóis rígidos como arame; até á barba era encaracolada. Quando se levantou, as Apsarases saíram da piscina e foram ter com ele. Continuava a executar melodias antigas na flauta, e a sua excitação ia recrudescendo, até que começou a dançar a Rasa-lila, a dança da lascívia acompanhado pelas raparigas que, de mãos nas ancas, faziam movimentos sensuais.

Kubera apertou com força a mão de Lakshmi.

—Aquilo é que é um Atributo — disse ela.

Rudra, o Inflexível, retesou o arco e lançou uma seta que rasgou os ares durante um longo momento e acabou por se cravar no centro de um alvo distante.

A seu lado, o Senhor Murugan deu uma risada e baixou o arco.

— Ganhas outra vez — disse ele. — Não consigo fazer melhor que isso. Largaram os arcos e aproximaram-se do alvo.

—Já o viste? — perguntou Murugan

—Conheço-o há muito tempo respondeu Rudra.

— Aceleracionista?

— Naquela altura não era; não estava politicamente empenhado mas era um dos Primeiros, um dos que vieram de Urath.

—Ah, sim?

Distinguiu-se nas guerras contra o Povo-do-Mar e contra as Mães do Terrível Fulgor. — Rudra fez um gesto no ar. — Mais tarde prosseguiu—, esses factos foram recordados e confiaram-lhe as regiões fronteiriças do norte nas guerras contra os demônios. Nessa época, era conhecido por Kalkin, e foi lá que começaram a chamá-lo o Subjugador. Inventou um Atributo que podia usar contra os demônios, e com ele destruiu quase todos os Yakshas e aprisionou os Rakasha. Quando Yama e Kali o capturaram no Poço do Inferno em Malwa, já tinha libertado os Rakasha, que, actualmente, andam livremente pelo mundo.

—Por que é que ele fez isso?

—Yama e Kali dizem que ele tinha feito um pacto com o chefe deles. Suspeitam de que o deixou ocupar temporariamente o seu corpo em troca da promessa de pôr ao seu dispor exércitos de demônios para lutar contra nós.

—Achas que nos vão atacar?

—Duvido, os demônios não são estúpidos. Se não conseguiram levar a melhor contra quatro deuses no Poço do Inferno, não acredito que nos ataquem todos aqui no Céu. Neste momento, Yama encontra-se na Grande Sala da Morte concebendo armas especiais.

—Onde está a sua futura mulher?

—Sabe-se lá! — respondeu Rudra — Que é que isso interessa?

Murugan sorriu.

— Outrora, pensei que sentias por ela mais que simples amizade...

— É demasiado fria e trocista. — replicou Rudra

— Ela repudiou-te? Rudra voltou o seu rosto moreno, que nunca sorria, para o belo deus da juventude.

—Vocês os deuses da fertilidade são piores que os marxistas — disse ele. —Julgas que as pessoas não pensam noutra coisa? Fomos amigos durante algum tempo mas ela é demasiado dura para com os amigos e perde-os.

—Mas ela repudiou-te?

—Acho que sim.

—E quando tomou por amante Morgan, o poeta das planícies (que um dia reencarnou como gralha e fugiu), começaste a matar galhas e dentro de um mês não restava quase nenhuma no Céu.—Ainda caço galhas.

— Porquê?

— Não gosto dos seus gritos.

— Ela é demasiado fria e trocista — concordou Murugan.—Não gosto que trocem de mim, deus da juventude. És capaz de lançar flechas mais longe que Rudra?

Murugan voltou a sorrir.

—Não. — disse ele — , nem os meus amigos Lokapalas; aliás, também não precisam.

—Quando revisto o meu Aspecto — disse Rudra — , e empunho o meu grande arco que me foi oferecido pela própria Morte, consigo acertar num alvo móvel a quilómetros de distância com uma flecha termoguiada.

—Falemos então de outra coisa — disse Murugan, subitamente interessado no alvo. — Segundo parece, o nosso hóspede troçou de Brama há alguns anos em Mahartha e cometeu actos violentos em lugares sagrados. Deduzo por conseguinte, que é o homem que fundou a religião de paz e esclarecimento.

—O mesmo.

—Muito interessante.

—Diria mais que isso.

—Que fará Brama?

Rudra fez um gesto evasivo

—Só Brama sabe.

NO LUGAR CHAMADO FIM DO MUNDO, onde, para além do limite do Céu, apenas se vê o cintilar distante da Cúpula, e, lá em baixo, o solo coberto por uma bruma azulada, encontra-se o Pavilhão do Silêncio, sem paredes laterais, sobre cujo telhado circular e cinzento as chuvas nunca caem; através de cujas varandas e balaustradas o nevoeiro irrompe de manhã e o vento sopra no crepúsculo, dentro de cujas arejadas salas, sentados nas cadeiras escuras e austeras, ou caminhando entre as colunas cinzentas, estão, por vezes, os deuses contemplativos, os guerreiros vencidos ou os amantes feridos, que ali se refugiam para meditarem sobre o sofrimento e a futilidade das coisas, sob um céu que fica além da Ponte dos Deuses, num local feito de pedra on e as cores são

sombrias e o único som que se ouve é o uivar do vento ali, desde os tempos que se seguiram aos Primeiros, se recolheram o filósofo e a feiticeira, o sábio e o mago, o suicida e o asceta liberto do desejo de renascimento ou renovação, ali, no meio da renúncia e do despojamento, no exílio voluntário e no isolamento, encontram-se as cinco salas chamadas Memoria, Medo, Mágoa, Angústia e Desespero; esse local foi construído por Kubera, o Gordo, que não ligava a mínima importância a esses sentimentos, mas, como amigo do Senhor Kalkin, edificara essa construção sob as ordens de Candi, a Fogosa, às vezes conhecida como Durga ou Kali, pois só Kubera, entre todos os deuses, possuía o Atributo da correspondência inanimada que lhe permitia infundir nas obras das suas mãos sentimentos e emoções que seriam experimentadas pelos que nelas habitassem.

Estavam na sala chamada Mágoa e bebiam soma, mas nunca ficavam embriagados.

O pavilhão do silêncio estava envolto pelo crepúsculo, e os ventos do céu sopravam lá fora.

Envergavam túnicas negras como as cadeiras em que estavam sentados, e a mão dele repousava sobre a dela em cima da mesa que se encontrava entre os dois; os horóscopos de todos os seus dias desfilavam sobre a parede que separava o Céu dos céus; observavam em silêncio as páginas dos seus séculos.

—Sam — disse ela por fim — , não foram bons?

—Foram — respondeu ele.

—Nesses tempos recuados, antes de abandonares o Céu para viveres entre os homens, já me amavas?

—Não me recordo — respondeu ele. —Foi há já muito tempo. Nessa altura, éramos ambos diferentes. Talvez esses dois seres, quem quer que fossem, se amassem; não me recordo.

—Mas lembro-me da Primavera do mundo como se tivesse sido ontem; esses dias quando partíamos os dois para a batalha, e essas noites em que desprendíamos as estrelas dos céus acabados de criar! O mundo era tão novo e diferente, com uma ameaça espreitando dentro de cada flor e uma bomba atrás de cada nascer do Sol. Tu e eu, sozinhos, vencemos o mundo, pois todos nos escorraçavam e se opunham à nossa vinda. Com espada e fogo avançamos pela terra e pelos mares, lutamos sob os oceanos e nos céus, até que já nada restava para nos resistir. Depois foram construídos reinos e cidades e nomeamos chefes para os governar, até que eles deixaram de nos divertir, e os depusemos. Que conhecem os deuses mais jovens desses tempos? Como podem eles compreender o poder que detivemos, nós que éramos dos Primeiros?

—Não podem — concordou ele

—Quando nos instalamos no meu palácio e te dei muitos filhos, e as nossas frotas se fizeram ao mar para conquistar as ilhas, não foram esses dias felizes e cheios de encanto? E à noite, a volúpia, o perfume e o vinho ?... Não me amavas então?

—Sim, penso que esses dois se amavam.

—Esses dois? Não estamos assim tão diferentes, não mudámos assim tanto. Embora o tempo passe, há coisas dentro de nós que nunca mudam, por muitos corpos diferentes que revistamos, por muitos amantes que tomemos, por muitas coisas belas e feias que façamos ou vejamos, por muitos pensamentos ou sentimentos que tenhamos, o nosso eu permanece no centro de tudo isso e observa.

—Abrimos um fruto e dentro dele encontramos uma semente. É isso o centro? Abrimos a semente e não á nada dentro dela. É isso o centro? Somos duas pessoas diferentes do senhor e da senhora da guerra; foi bom tê-los conhecido, nada mais.

—Foste viver longe do Céu porque estavas farto de mim?

—Queria mudar de perspectiva.

—Durante muitos anos, odiei-te por teres partido. Por vezes, sentava-me na sala chamada Desespero, mas era demasiado covarde para me aventurar além do Fim do Mundo. Também houve momentos em que te perdoei e invoquei os sete Rishi pedindo-lhes que me trouxessem a tua imagem; desse modo podia ver-te durante os teus afazeres e era quase como se caminhássemos novamente os dois. Outras vezes, desejei a tua morte, mas tu transformaste o meu carrasco em amigo, assim como transformas a minha ira em perdão. Queres dizer que não sentes nada por mim?

—Quero dizer que já não te amo. Era bom se existisse algo de constante e imutável no universo, se essa coisa existe, então tem de ser mais forte que o amor, e não sei qual é.

—Eu não mudei, Sam.

—Pensa bem, senhora, em tudo o que disseste, em tudo o que recordas-te hoje. Não foi verdadeiramente do homem que te lembraste, mas das carnificinas em que vocês ambos participaram. O mundo conhece agora tempos mais serenos; tu sentes nostalgia do fogo e do aço de outrora; pensas que é o homem, mas é o destino de vocês dois partilhado durante algum tempo, o destino que já passou, que exalta o teu espírito, e chamas-lhe amor.

—Seja qual for o nome que lhe dê, não mudou! Não é uma coisa do passado, é algo de permanente no universo, e peço que o partilhes comigo mais uma

—E o Senhor Yama? vez!—Por que te preocupas com ele? Já te desembaraçaste daqueles que seriam considerados os seus pares, se ainda estivessem vivos.

—Presumo, portanto, que é o Aspecto dele que te interessa?

Ela sorriu, entre as sombras e o vento.

—Claro.

—Senhora, senhora, senhora, esquece-me! Vai viver com Yama e sê a sua paixão; os nossos dias já passaram e não desejo recordá-los; foram bons mas pertencem ao passado. Assim como há um momento para tudo. também um momento para o fim de todas as coisas. Vivemos na época a consolidação das vantagens do homem sobre este mundo; é uma época de partilhar conhecimentos, não de terçar armas.

—Eras capaz de lutar contra o Céu por causa desse conhecimento? Não hesitarias em assaltar a Cidade Celeste para desvendar os seus tesouros ao mundo?

—Sabes bem que estou pronto a isso.

—Então, talvez ainda tenhamos uma causa comum...

—Não te iludas; a tua fidelidade está com o Céu, não com o mundo e sabe-lo. Se conquistasse a minha liberdade e lutássemos juntos, talvez te sentisses feliz durante algum tempo; mas, quer vencêssemos quer perdessem temo que acabasses mais infeliz que antes.

—Escuta, generoso santo do bosque púrpura, é muito simpático da tua parte preocupares-te com os meus sentimentos futuros, mas Kali oferece sua fidelidade a quem quer e não deve nada a ninguém. É a deusa mercenária, não te esqueças! Talvez tudo o que disseste seja verdade, mas ela mente quando diz que ainda te ama; mas como é impiedosa e sente prazer na luta, atraída pelo cheiro do sangue. Tenho a impressão de que ainda pode vir a ser Aceleracionista!!

— Tem cuidado com o que dizes, deusa. Sabe-se lá quem pode estar a ouvir

—Ninguém está a ouvir — respondeu ela —, pois neste lugar, raramente são pronunciadas palavras.

—Mais uma razão para alguém sentir curiosidade quando as ouvir.

Kali ficou um momento em silêncio, e depois acrescentou:

—Ninguém ouve.

—Os teus poderes aumentaram.

—Sim, e os teus?

—Também, acho eu.

—Então, aceitas a minha espada, a minha roda, o meu arco em nome do Aceleracionismo!

—Não.

—Por que não?

—És demasiado pródiga em promessas; quebrá-las tão facilmente como as fazes, por isso, nunca posso confiar em ti. Se lutarmos e vencermos em nome do Aceleracionismo, essa pode ser a última grande batalha deste mundo. É uma coisa que não podes desejar nem permitir que aconteça.

—És tolo em falares em últimas grandes batalhas, Sam, pois a última grande batalha é sempre a que está para vir. Queres que revista um aspecto mais atraente para te convencer e que falo verdade? Queres que te beije com um corpo selado pela virgindade? Se o fizer, confiarás na minha palavra?

—A dúvida é a castidade do espírito, e tenho o seu selo no meu.

—Então fica sabendo que só te trouxe a este lugar para te atormentar, e que tens razão: desprezo o teu Aceleracionismo e os teus dias estão contados.

—Tentei dar-te falsas esperanças para que caíesses de mais alto; apenas atua estupidez e a tua fraqueza te salvaram disso.

—Desculpa, Kali...

—Não quero as tuas desculpas: teria querido o teu amor para o usar contra ti no fim dos teus dias e torná-los mais duros. Mas, como dizes, mudámos demasiado, e não mereces que me dê a esse trabalho. Também não penses que não poderia ter-te obrigado a amares-me outra vez, com os mesmos sorrisos e carícias de outrora, pois sinto o fogo latente dentro de ti e é-me fácil atear-lo num homem. Porém, não mereces uma morte honrosa, caindo dos píncaros da paixão para as profundezas do desespero. Não tenho tempo para te dar mais nada além do meu desdém.

As estrelas rodopiaram à volta deles, cintilantes e sem atrito, e ela retirou a mão que continuava debaixo da dele, para encher mais duas taças de soma afim de se aquecerem contra o frio da noite.

—Kali?

—Sim?

— Se isso te pode dar prazer, ainda gosto de ti. Ou o amor não existe, ou a palavra não significa o que, em muitas ocasiões, pensei que significava. É um sentimento sem nome, não vale a pena falar mais nisso. Aceita-o e compraze-lo com ele. Sabes que um dia haveria novas divergências entre nós quando se esgotassem os nossos inimigos comuns. Já nos reconciliámos muitas vezes, mas, apesar de terem sido bons momentos, terão compensado o sofrimento que os recedeu? Reconheço que ganhaste e fica sabendo que és adeusa que adoro, pois não são a adoração e o temor religioso um misto de amor e de ódio, de desejo e de medo?

Beberam a soma na sala chamada Mágoa e a magia de Kubera desceu sobre eles. Kali falou:

—Queres que me atire a ti e te beije, dizendo que estava a mentir quando disse que menti, para que te possas rir e dizer que mentiste e assim obteres a vingança final? Mais valia que um de nós tivesse morrido no Poço do Inferno, pois grande é o orgulho dos Primeiros. Não devíamos ter vindo aqui.

—Pois não.

— Vamo-nos embora?

—Não

—Nesse ponto, estou de acordo. Permaneçamos aqui e adoremo-nos mutuamente durante algum tempo.

A mão dela pousou sobre a dele e acariciou-a.

—Sam?

—Sim?

—Queres fazer amor comigo?

—E selar o meu destino? Claro que quero.

—Então vamos para a sala chamada Desespero onde os ventos não sopram e há um divã...

Ele seguiu-a, sentindo o coração bater com mais força, e quando a deitou nua sobre o divã e pousou a mão sobre a brancura macia do seu ventre, compreendeu que Kubera era realmente o mais poderoso dos Lokapalas, pois sentiu-se penetrado pelo sentimento ao qual aquela sala tinha sido dedicada, apesar de o desejo crescer

dentro dele. Possuiu-a e todas as barreiras pareceram cair — com um suspiro e as últimas lágrimas ardentes.

—**QUE DESEJAS**, Senhora Maya?

—Fala-me do Aceleracionismo, Tak dos Arquivos. Tak estirou o corpo longo e magro e a cadeira reclinou-se com um estalido. Atrás dele, os bancos de dados estavam silenciosos, e as altas estantes continham registros raros com encadernações coloridas que desprendiam um odor a mofo.

Observou a mulher que estava na sua frente, sorriu e abanou a cabeça. Usava uma indumentária verde justa ao corpo e parecia impaciente; o seu cabelo era de um ruivo insolente, e o nariz, e as maçãs do rosto, levemente sardentos. Tinha ombros largas e ancas opulentas, e uma cintura inesperadamente fina.

—Por que abanas a cabeça? Toda a gente te vem pedir informações.

—Ainda és jovem; apenas conhecestes três encarnações, se não me engano. Neste momento da tua carreira, tenho a certeza de que não queres que o teu nome figure na lista especial dos mais novos que procuraram essas informações.

—Lista?

—Sim, lista.

—Para que serve essa lista?

Tak encolheu os ombros.

—Os deuses fazem as mais estranhas colecções, e alguns coleccionam listas.

—Sempre ouvi dizer que o Aceleracionismo é um movimento completamente ultrapassado.

—Então, porquê esse súbito interesse por uma coisa do passado?

Ela riu, e os seus olhos verdes fixaram os olhos cinzentos de Tak.

Os arquivos explodiram, e Tak encontrou-se na sala de baile a meia altura do Grande Pináculo. A noite já ia avançada e o Sol estava prestes a nascer. Era evidente que tinha ali havido uma festa, mas, nesse momento, a multidão estava aglomerada num canto da sala. Alguns estavam de pé, outros, sentados ou reclinados e todos escutavam o homem baixo, moreno e corpulento que falava ao lado da deusa Kali. Era a Grande Alma Sam, o Buda, que acabara de chegar com o seu assistente. Dissertava sobre o Budismo e o Aceleracionismo, os dias da Subjugação, o Poço do Inferno e as blasfêmias do Senhor Siddhartha na cidade de Mahartha. A sua voz exercia um poder hipnótico sobre a assistência e irradiava confiança e calor; as pessoas foram progressivamente perdendo a consciência. Todas as mulheres eram bastante feias, exceção de Maya que, nesse momento, deu uma pequena risada, bateu palmas, fazendo regressar os arquivos e Tak, que conservava o mesmo sorriso nos lábios.

—Porquê esse súbito interesse por uma coisa do passado? — repetiu ele.

—Ele não pertence ao passado, ainda está vivo!

—Ah sim? — surpreendeu-se Tak. — Ele não... Senhora Maya, ele morreu no momento em que entrou na Cidade Celeste; esquece-o, esquece as suas palavras, faz como se ele nunca tivesse existido, varre-o da tua memória. Um dia, há de querer renovar-te, e fica sabendo que os mestres do Karma o curarão em todos os espíritos que passam pelas suas salas. O Buda e as palavras constituem uma abominação aos olhos dos deuses.

—Mas porquê?

—Porque ele é um anarquista que lança bombas, um revolucionário perigoso que procura derrubar o próprio Céu. Se quiseres informações mais científicas, terei de recorrer às máquinas para obter os dados. Importas-te de assinar uma autorização para isso?

—Prefiro não o fazer.

—Então, expulsa-o do teu espírito e esquece o assunto

— Ele é assim tão mau?

—Ainda pior.

—Então, por que é que continuas a sorrir?

—Porque não sou uma pessoa carrancuda, mas o carácter nada tem a ver com a minha mensagem. Portanto, acautela-te.

—Pareces saber tudo a respeito dele. Os arquivistas são imunes a essas listas?

—Nem por isso; o meu nome figura em primeiro lugar, mas não por eu ser arquivista. Ele é o meu pai.

—Ele? É o teu pai?

—É. Mas bem se vê que ainda és muito jovem. Duvido que ele saiba que é o meu pai. Que representa a paternidade para os deuses, que habitam vários corpos sucessivos, têm dezenas de filhos de outros que também mudam de corpo quatro ou cinco vezes por século? Sou filho de um corpo que ele outrora ocupou, nascido de outro que também sofreu várias reencarnações, e eu próprio já não vivo no corpo em que nasci. Por conseguinte, a relação é intangível, e sobretudo interessante ao nível da metafísica especulativa. Qual é o verdadeiro pai de um homem? As circunstâncias que aproximaram

os dois corpos que o conceberam? Ou será o facto de, em determinado momento, esses dois seres se terem sentido irresistivelmente atraí os um pelo outro? E por que razão? Seria simplesmente a atracção física, ou antes a curiosidade ou a vontade? Ou então a compaixão ou a solidão? O desejo de dominar? Que sentimento ou pensamento esteve na origem do primeiro corpo que possuí? Sei que o homem que habitou esse corpo nesse preciso instante é uma personalidade forte e complexa para nós, os cromossomas nada significam: se vivemos, não carregamos essa herança genética ao longo dos séculos. Na realidade, não herdamos seja o que for. à excepção de eventuais bens ou propriedades.

— Os corpos têm tão pouca importância a longo prazo que é muito mais interessante especular sobre os processos mentais que nos arrancaram ao caos. Estou satisfeito por ter sido ele a dar-me a vida e, muitas vezes, faço conjecturas sobre as razões. Vejo no teu rosto uma súbita palidez: não queria incomodar-te com esta conversa, simplesmente satisfazer um pouco a tua curiosidade e transmitir-te a perspectiva que os mais velhos têm sobre estes assuntos. Tenho a certeza e que, um dia, também tu verás as coisas do mesmo modo; mas lamento ver-te tão angustiada: senta-te e perdoa a minha tagarelice. Tu és a Senhora da Ilusão. Não são as coisas que disse a mesma natureza do material com que lidas? Estou certo de que, pelo modo como falei, compreendes por que o meu nome figura em primeiro lugar na lista a que me referi. Suponho que é um caso de culto da personalidade. O meu criador é uma pessoa ilustre. Agora, estás um pouco ruborizada, queres uma bebida fresca? Espera aí... pronto, bebe isto. Voltando ao Aceleracionismo, é uma simples doutrina de partilha que preconiza que os habitantes do Céu partilhem o seu conhecimento, poder e natureza com os que vivem lá em baixo. Essa obra de caridade destinar-se-ia a elevar a condição os homens a níveis semelhantes ao nosso, então, os homens seriam como Deuses, e o resultado é que deixaria de haver deuses, apenas homens.

— Dar-lhes-íamos o conhecimento das ciências e das artes que possuímos, arruinando simultaneamente a sua fé ingénua e os

fundamentos da esperança de que as coisas hão de ser melhores, pois o modo mais eficaz de destruir a fé ou a esperança é deixando que elas se tornem realidade. Por que haveríamos de permitir que os homens suportem colectivamente este fardo da divindade, como desejavam os aceleracionistas, se lhe concedemos individualmente quando merecem? No seu sexagésimo ano, o homem passa pelas salas do Karma. É julgado, e, se procedeu bem, observando as normas e restrições da sua casta, cumprindo os rituais, progredindo intelectual e moralmente, será reencarnado numa casta superior, podendo vir a alcançar a natureza divina e a habitar aqui na Cidade. Cada homem vem a receber a sua justa recompensa, exceptuando os acidentes infelizes, é claro, e assim cada homem, e não a sociedade como um todo, pode ter acesso à herança divina que os ambiciosos aceleracionistas pretendiam distribuir ao desbarato, mesmo àqueles que não estavam preparados. Como vêes, esta atitude era profundamente injusta e de inspiração proletária. O que eles realmente pretendiam era tornar menos restritivos os requisitos para alcançar a divindade. Esses requisitos são necessariamente rigorosos. Entregaria o poder de Shiva, de Yama, ou de Agni a uma criança? Só se fosses insensata e quisesses acordar um dia e constatar que o mundo deixara de existir. Era isso que os aceleracionistas queriam e, por essa razão, tiveram de ser suprimidos.

— Agora sabes tudo sobre o Aceleracionismo... Pareces muito afogueada, queres tirar o casaco, enquanto te preparo outra bebida? Muito bem... Bom, onde íamos, Maya? Ah sim... Os aceleracionistas afirmavam que tudo o que acabei de dizer estaria certo, se o sistema não fosse corrupto. Difamam os que autorizaram reencarnações, e alguns até ousaram declarar que o Céu era constituído por uma aristocracia imortal de perversos hedonistas que se divertiam à custa do mundo. Outros ousaram dizer que os melhores homens nunca alcançam a divindade, mas acabam por morrer a morte verdadeira ou são reencarnados numa forma de vida inferior. Outros ainda dizem que alguns, como tu, por exemplo, tinham sido seleccionadas para a divinização apenas porque o seu aspecto e atitude originais excitaram a imaginação de uma divindade concupiscente, e não

devido a outras virtudes evidentes, minha querida... Oh, tens muitas sardas, não tens?... Sim, era isto que malditos aceleracionistas pregavam. São estas as acusações que pendem sobre o pai do meu espírito, confesso com vergonha. Que se há-de fazer de semelhante herança, senão pô-la em questão? Ele vive um ciclo muito longo e representa o último grande cisma entre os deuses. Apesar de iníquo, é poderoso e respeito-o como os filhos outrora respeitavam os autores dos seus dias. Estás com frio agora?... Vá, deixa-me... Ali... Ali... Ali... Vamos, cria uma ilusão, minha querida, em que vivemos num mundo livre essas loucuras...Vamos por aqui... Viramos aqui... Que surja um novo Paraíso dentro desta sala, minha bela de olhos verdes e lábios húmidos... Que é?... Que é mais importante para mim neste momento?... A verdade, meu amor, e a sinceridade e o desejo de partilhar...

GANESHA, O CRIADOR DE DEUSES, passeava com Shiva na floresta de Kaniburrha.

—Senhor da Destruição — disse ele —, ouvi dizer que queres fazer represálias contra aqueles que aqui na Cidade prestam atenção às palavras de Siddhartha.

—É claro — disse Shiva.

—Ao fazê-lo, destróis a sua eficácia.

—Eficácia? Explica o que pretendes dizer.

—Mata aquele pássaro verde que está acolá.

Shiva fez um movimento com o tridente, e o pássaro caiu.

—Agora, mata a fêmea.

—Não a vejo.

—Então, mata qualquer outro do bando.

—Não vejo nenhum.

—Agora que está morto já não os vê. Se quiseres, mata o primeiro que escutar as palavras de Siddhartha.

—Estou a ver o que queres dizer, Ganesha. Ele ficará em liberdade durante algum tempo.

Ganesha, o criador de deuses, olhou à sua volta. Embora caminhasse no reino dos tigres fantasma, não tinha medo, pois o Senhor do Caos seguia ao seu lado, e o Tridente da Destruição inspirava-lhe confiança.

Vishnu observou Brama...

Encontravam-se na sala dos espelhos.

Brama discursava sobre o Caminho óctuplo e a glória do Nirvana. Depois de três cigarros. Vishnu aclarou a garganta.

—Sim, Senhor? — perguntou Brama.

—Posso saber a que se deve este discurso sobre o Budismo?

— Não o achas fascinante?

—Nem por isso.

—Estás a ser hipócrita.

—Porquê?

—Um professor devia manifestar um mínimo de interesse pelas suas próprias lições.

—Professor? Lições?

—Claro. Tathagatha. Por que é que o deus Vishnu havia de se ter encarnado entre os homens durante os últimos anos se não fosse para lhes ensinar o caminho do esclarecimento?

—Eu...?

—Salve, reformador, que afastaste o medo da morte verdadeira do espírito dos homens. Os que não renasceram entre os homens penetraram no Nirvana.

Vishnu sorriu.

—Mais vale associar-se que lutar para exterminar?

—Quase um epigrama.

Brama levantou-se, olhou para os espelhos e depois para Vishnu.

— Então depois de termos eliminado Sam, terás sido o verdadeiro Tathagatha.

—Como havemos de eliminar Sam?

—Ainda não decidi, mas estou aberto a sugestões.

—Posso sugerir que ele seja reencarnado como uma gralha?

—Podes, mas outra pessoa poderia desejar que a gralha fosse reencarnada como homem. Desconfio que ele tem alguns partidários.

—Bem, temos tempo para pensar no assunto Não há pressa, agora que ele está preso no Céu. Dir-te-ei assim que decidir alguma coisa.

—Então basta, por agora.

Saíram da sala.

Vishnu deixou o Jardim das Delícias de Brama e, nesse momento, entrou a Senhora da Morte. Dirigiu-se à estátua de oito braços com o veena que começou a tocar.

Ao ouvir a música, Brama aproximou-se.

—Kali, encantadora senhora... — exclamou ele.

—Brama é poderoso — respondeu ela.

—Sim —concordou Brama—. tão poderoso como seria de desejar, e vens aqui tão raramente que me sinto muito satisfeito. Vem passear comigo nos caminhos floridos para conversarmos. O teu vestido é encantador.

—Obrigada.

Caminharam elas veredas floridas

— Como vão os preparativos para o casamento?

—Bem.

—Passam a lua-de-mel no Céu?.

—Temos a intenção de a passar longe daqui.

—Onde, posso saber?

—Ainda não concordámos quanto ao local.

—O tempo passa sobre as asas da gralha, minha querida Se quiserem, tu e o Senhor Yama podem passar uns dias no meu Jardim das Delícias.

—Obrigada, criador, mas é um local demasiado esplêndido para que os dois destruidores se possam sentir a vontade. Partiremos para longe daqui.

—Como queiras; em que mais estás a pensar?

—Que é feito daquele que é chamado Buda?

—Sam, o teu antigo amante?

—Sim, que será feito dele?

—Que queres saber acerca dele?

—Que lhe vai acontecer?

—Ainda não decidi. Shiva sugeriu que esperássemos algum tempo antes de tomarmos qualquer medida a seu respeito. Assim, poderemos avaliar a sua influência sobre os habitantes do Céu. Decidi que Vishnu terá sido o Buda para fins históricos e teológicos. Quando a Sam, tomarei em consideração qualquer sugestão sensata.

—Não lhe propuseste, outrora, a divinização?

—Sim, mas ele não a aceitou.

—E se lhe fizesses novamente a proposta?

—Porquê?

—O problema actual não existiria se ele não fosse uma pessoa muito inteligente e dotada. Os seus talentos torná-lo-iam uma aquisição preciosa para o panteão. —Também já pensei nisso; mas ele havia de aceitar, mesmo que não concordasse. Tenho a certeza de que ele quer viver.

—Existem maneiras de se certificar nesses casos.

— Quais?

—A psicossonda, por exemplo....

—E se demonstrar que há falta de empenhamento para com o céu, o que é mais que certo...

— Não poderia o seu espírito ser alterado, por exemplo, pelo Senhor Mara?

—Nunca pensei que pudesses ser sentimental, deusa. Pareces ansiosa que ele continue a viver, seja lá de que modo for.

—Talvez.

—Sabes que ele pode mudar muito, não será o mesmo, se lhe fizerem isso, o seu «talento» pode desaparecer por completo.

—Ao longo dos tempos, todos os homens evoluem naturalmente, mudam de opiniões, de convicções; algumas partes do espírito podem adormecer, e outras despertar. Acho que o talento é algo que dificilmente pode ser destruído, enquanto a vida durar. Mais vale viver que morrer.

—Talvez me consigas convencer, encantadora deusa, se tiveres tempo para tal.

—Quanto tempo?

—Três dias. digamos.

— Está bem, três dias.

—Então, vamos ao meu Pavilhão das Delícias para discutir o assunto.

—Muito bem.

—Onde se encontra neste momento o Senhor Yama?

— Está a trabalhar na oficina.

—Um projecto demorado, suponho?

—Pelo menos três dias.

—Bom, sim, talvez haja esperança para Sam. Não que eu ache a melhor solução, mas sei apreciar as vantagens. A estátua de oito braços da deusa azul tocou veena e derramou música sobre eles enquanto passeavam pelo jardim, naquele Verão.

HELBA HABITAVA NA EXTREMIDADE DO CÉU, num local chamado Pilhagem, perto da orla da floresta. Tão perto, que os animais roçavam pelo muro transparente quando por lá passavam. Da sala chamada Violação avistavam-se os atalhos sombreados da selva. Era dentro dessa sala, cujas paredes estavam revestidas de tesouros roubados devidas passadas, que Helba estava a conversar com Sam. Helba era o deus/deusa dos ladrões.

Ninguém conhecia o verdadeiro sexo de Helba, pois ela tinha o hábito de o trocarem cada reencarnação.

Sam olhou para a mulher magra e de pele escura que usava um sari e véu amarelo. As suas sandálias e unhas eram cor de canela, e tinha uma teara sobre o cabelo negro.

—Compreendo-te perfeitamente — disse Helba com uma voz doce e insinuante.— É só durante as épocas da vida em que encarno como homem que exerço o meu Atributo e me entrego à pilhagem.

—Deves ser capaz de revestir o teu Aspecto neste momento.

— Claro que sou.

—E de assumir o teu Atributo?

—Provavelmente.

—Mas não o farás?

—Enquanto tiver corpo de mulher, não. Como homem, estou pronta a roubar seja o que for. Estás a ver aquela parede onde estão alguns dos meus troféus. A grande capa de penas azuis pertencia a Srit, chefe dos demônios Kataputna. Roubei-a da caverna dele enquanto os seus cérebros dormiam, drogados por mim. A pedra preciosa que muda de forma, roubei-a da cúpula do Fulgor, que escalei com auxílio de ventosas nos pulsos, nos joelhos e nos dedos dos pés, enquanto as Mães, lá em baixo...

—Basta! —exclamou Sam—, conheço todas essas proezas, pois passas a vida a descrevê-las. Não cometes há tanto tempo um roubo audacioso como antigamente, que suponho que essas glórias passadas são repetidas vezes sem conta. Caso contrário, até os deuses mais velhos se esqueceriam do que foste. Já vi que bati à porta errada, vou procurar auxílio noutra sítio.

Levantou-se. como se se preparasse para sair.

—Espera!—disse Helba.

Sam deteve-se.

—Sim?

—Podias, ao menos, falar-me do roubo que tencionas fazer. Talvez te possa aconselhar ...

— Para que serviria o teu melhor conselho, Monarca dos ladrões? Não preciso de palavras, mas de actos.

—Talvez, quem sabe... Conta lá!

—Está bem — concedeu Sam —, embora duvide que estejas interessada numa missão tão arriscada...

— Deixa-te de rodeios e diz-me o que queres roubar.

—No Museu do Céu, que é um edifício sólido constantemente vigiado...

—E sempre aberto. Continua.

—Nesse edifício, dentro de uma vitrina protegida por um dispositivo computadorizado...

—Com um pouco de perícia, é possível iludi-los...

—Nessa vitrina, sobre um manequim está um uniforme cinzento com escamas, e à volta muitas armas.

—De quem são?

—Era o uniforme do que combateu nas zonas fronteiriças do norte durante as guerras contra os demônios.

—Não foste tu próprio?

Sem perder o sorriso, Sam prosseguiu:

—Entre os objectos expostos encontra-se o talismã do Subjugador, cuja existência poucos conhecem. Pode já ter perdido todo o seu poder, ou talvez não. Servia de foco para o Atributo especial do Subjugador, e ele agora precisa novamente desse objecto.

—Que pretendes exactamente que sejas roubado?

—O grande cinto de conchas que está à volta da cintura do uniforme. É cor-de-rosa e amarelo e está cheio de circuitos miniaturizados que hoje é impossível reproduzir.

—Não é um roubo assim tão grande. Poderíamos proceder do seguinte modo...

—O roubo terá de ser feito com a máxima brevidade, caso contrário, deixo de precisar do objecto.

—Quando?

—Dentro de seis dias.

—Que estás disposto a pagar-me, se te entregar pessoalmente?

—Estaria pronto a pagar fosse o que fosse, se tivesse alguma coisa.

—Vieste para o Céu sem fortuna?

—É verdade.

—Que infelicidade!

—Se conseguir escapar, podes dizer o teu preço.

—Se não conseguires, não recebo nada.

—Receio bem que assim seja.

—Deixa-me pensar. Talvez me seduza a perspectiva de me ficares a dever um favor.

—Peço-te que não demores muito tempo a pensar.

—Senta-te aqui ao pé de mim, Subjugador de Demônios, e fala-me dos teus dias de glória, quando, na companhia da deusa imortal, percorreste o mundo semeando o caos.

—Foi há muito tempo. — disse Sam.

—Esses dias poderiam voltar, se conseguisses libertar-te?

—Talvez.

—É bom saber isso. Sim...

—Fazes-me esse favor?

—Salve, Siddhartha! Libertador! Que a saraiva, os raios e os trovões possam voltar!

— Oxalá!

—Agora, fala-me dos dias da tua glória, e falar-te-ei novamente dos meus.

—Está bem.

CORRENDO ATRAVÉS DA FLORESTA, cingido apenas por um cinto de couro, o Senhor Krishna perseguia a Senhora Ratri, que recusara deixar-se possuir por ele, depois do jantar que precedia a boda. O dia estava claro e fragrante, mas não tão fragrante como o sari azul-escuro que ele segurava na mão esquerda. Krishna corria a frente, por entre as árvores, e ele perdeu-a momentaneamente de vista quando ela tomou um atalho que levava ao campo aberto.

Quando a avistou novamente, Ratri encontrava-se sobre uma pequena colina, com os braços nus erguidos sobre a cabeça, e com as pontas dos dedos unidas. Tinha os olhos semicerrado, e a sua

única peça de vestuário, um longo véu negro, adejava sobre o seu corpo branco e resplandecente.

Krishna compreendeu então que ela tinha revestido o seu Aspecto e se preparava provavelmente para exercer um Atributo.

Ofegante, aproximou-se dela; Ratri abriu os olhos e sorriu, baixando os braços.

Quando ele estendeu a mão para a tocar, ela lançou-lhe o véu sobre o rosto e deu uma gargalhada que ecoou na noite profunda que o envolvia.

A noite estava negra como breu, sem estrelas nem luar, sem mínima cintilação ou fulgor. Krishna sentia-se envolto numa escuridão semelhante à cegueira.

Resfolegou e o véu foi-lhe arrebatado dos dedos. Ficou trêmulo e surpreso e nova gargalhada ressoou à sua volta.

—Foste demasiado ousado, Senhor Krishna —disse-lhe ela—, e pecaste contra a santidade da noite. Como castigo, deixarei estas trevas no céu durante algum tempo.

—Não tenho medo da escuridão, deusa. — retorquiu ele, com uma risada trocista.

—Então, deves ter realmente o cérebro nas gónadas, como muitas vezes disseram, para ficares perdido e cego no meio de Kaniburrha, cujos habitantes não precisam de atacar nem de ter medo; acho que é um pouco temerário da tua parte. Adeus, Tenebroso, talvez nos encontremos no casamento.

—Espera, encantadora senhora! Aceitas as minhas desculpas?

— Certamente, pois são-me devidas!

— Então, levanta a noite que lançaste sobre este lugar.

— Noutra ocasião, Krishna; quando estiver pronta.

— Mas que hei-de fazer até lá?

— Dizem que com a flauta consegues encantar os animais mais ferozes. Se for verdade, sugiro que comeces a tocar uma melodia enfeitiçante, até que ache oportuno a luz do dia entrar novamente no Céu.

—Senhora, és bem cruel — disse Krishna

—A vida é assim, senhor das flautas — e afastou-se. Ele começou a tocar, mergulhando em pensamentos sombrios.

ELES CHEGARAM. Vieram do céu, cavalgando os ventos polares, atravessando os mares e a terra, por cima, por baixo e através da neve. Os que mudavam de forma pairavam sobre os campos revestidos de branco, e os que caminhavam no céu caíram como folhas; o som das trombetas ecoava nos ares, e os carros da neve trovejavam lançando clarões das superfícies reluzentes. Com a pelagem em chamas, expelindo baforadas de vapor, de luvas douradas e olhos dardejantes, rodopiando e correndo com grande estrépito, irromperam com os seus cinturões rutilantes, máscaras grotescas, faixas de fogo, pés dediabo, grevas brancas e capacetes; no mundo que ficava para trás deles, havia júbilo nos tem os, com cânticos e oferendas, procissões e orações, sacrifícios e revelações, esplendor e colorido; pois a temida deusa ia desposar Morte e esperava-se que esse enlace amenizasse o temperamento de ambos.

O ambiente festivo também tinha contagiado o Céu, e com a reunião dos deuses e dos semideuses, dos heróis e dos nobres, dos sumo-sacerdotes, das rajás e dos brâmanes de alta estirpe, esse ambiente atingiu o auge e manifestou-se como um turbilhão multicolor que inebriava tanto os Primeiros como os últimos. Assim chegaram à

Cidade Celeste, montados nos primos do Pássaro Garuda, vogando em gôndulas celestes, atravessando as montanhas, as imensidões geladas, fazendo o Grande Pináculo ressoar com os seus cânticos, deixando as suas gargalhadas rasgar uma breve e inexplicável escuridão que descia e se dissipava novamente; durante esses dias e essas noites em que chegaram, o poeta Adasay disse que eles se assemelhavam a, pelo menos seis coisas diferentes (ele adorava fazer comparações): uma migração de aves resplandecentes atravessando um oceano de leite sem ondas; uma procissão de notas musicais percorrendo o espírito de um compositor ligeiramente louco; um cardume de peixes de profundidade de corpos fosforescentes, nadando em círculos à volta de uma planta igualmente fosforescente num abismo frio e profundo; a Nebulosa Espiral desintegrando-se subitamente, uma tempestade, cujas gotas se transformam em penas, aves canoras ou pedras preciosas; e (talvez mais convincente) um templo cheio de estátuas terríveis e altamente decorativas que, inesperadamente, se animaram e começaram a cantar, a correr o mundo, com estandartes rutilantes ondulando ao vento, sacudindo palácios e derrubando torres, para finalmente se reunir no centro de tudo, acenderem uma enorme fogueira e dançarem à sua volta, com a constante possibilidade de ou o fogo ou a dança se tornar incontrolável.

Chegaram.

Quando o alarme secreto soou nos Arquivos, Tak tirou a Lança Flamejante do armário. Várias vezes ao longo do dia, o alarme costumava alertar diversas sentinelas. Tendo um pressentimento quanto à sua causa, Tak sentiu-se grato por ele não ter tocado a outra hora. Subiu até ao nível da cidade e dirigiu-se ao Museu sobre a colina.

Porém, já era demasiado tarde.

A vitrina estava vazia, e o guarda, inconsciente.

Não havia mais ninguém no Museu, pois todos estavam ocupados na cidade.

O edifício encontrava-se tão perto dos Arquivos, que Tak alcançou os dois furtivos na outra vertente da colina.

Agitou a Lança Flamejante, sem ousar servir-se dela.

—Alto! — gritou.

Eles viraram-se.

—Tu fizeste accionar o alarme! — exclamou um deles, num tom acusador, e apertou rapidamente o cinto.

—Vai-te embora! —disse ele. — Eu ocupo-me deste!

—É impossível ter desencadeado o alarme! — gritou-lhe o companheiro—Desaparece daqui!

Voltou-se para Tak, à espera. O outro furtivo continuou a descer a colina

Tak viu que se tratava de uma mulher.

—Restituam-no! disse Tak, ofegante. — Seja o que for que roubaram, restituam-no! Talvez possa encobrir.

—Não — disse Sam —, é demasiado tarde; agora sou igual a qualquer outro por aqui, e esta é a única hipótese que tenho de partir. Conheço-te, Tak dos Arquivos, e não quero destruir-te. Portanto, parte, depressa!

—Yama estará aqui dentro de um momento e...

— Não tenho medo de Yama. Ataca-me ou vai-te embora, já!

— Não te posso atacar.

—Então, adeus — disse Sam, elevando-se nos ares como um balão.

Mas, enquanto Sam se erguia nos ares, o Senhor Yama surgiu sobre a encosta com uma arma na mão. Era um tubo esguio e brilhante, com um pequena coronha e um grande gatilho.

Ergueu-o e fez pontaria.

—A tua última oportunidade! — gritou ele, mas Sam continuou a elevar-se.

Quando disparou, a cúpula fendeu se lá em cima.

—Ele revestiu o seu Aspecto e assumiu um Atributo — disse Tak. Domina as energias da tua arma.

—Por que não o impediste? —perguntou Yama.

— Não pude, Senhor! Fui paralisado pelo seu Atributo!

—Não tem importância —disse Yama. — A terceira sentinela dominá-lo-á.

ELEVOU-SE, vencendo a força da gravidade.

Ao afastar-se, apercebeu-se a presença de uma sombra que o perseguia, algures no limite do seu campo de visão.

Por mais que voltasse a cabeça, não conseguia vê-la, mas ela lá estava, cada vez maior.

A sua frente, havia uma fechadura. Um portão para o exterior, pairava um pouco adiante. O Talismã podia abrir aquela fechadura,

aquecê-lo contra o frio, transportá-lo onde quisesse.

Ouviu um adejar de asas

—Foge! — gritou a voz na sua cabeça. —Aumenta de velocidade, Subjugador! Foge mais depressa; Foge mais depressa!

Era uma das sensações mais estranhas que já experimentara. Sentiu-se impelido para a frente por uma força desconhecida .Mas nada mudou; o portão continuava à mesma distância: apesar da sensação de velocidade alucinante, permanecia imóvel.

—Mais depressa, Subjugador ! Mais depressa! gritava a voz urgente e tonitruante. —Tenta imitar o vento e o relâmpago!

Procurou reprimir a sensação de movimento.

Então, os ventos fustigaram-no, os ventos que sopram através do Céu.

Dominou-os, mas a voz estava muito perto, embora apenas visse sombras.

«Os sentidos são cavalos, e objectos as estradas que eles percorrem. » dizia voz «Se o intelecto está associado a um espírito perturbado, perde o seu discernimento.» Sam reconheceu as vozes potentes de Katha Upanishadri bombando atrás dele. «Nesse caso», continuou a voz, «os sentidos escapam ao controlo, como as cavalos selvagens e rebeldes sob as rédeas de um cocheiro inexperiente .»

A sua volta, o céu foi riscado por uma explosão de relâmpagos, e a escuridão envolveu-o no seu manto.

Tentou dominar as energias que o açoitavam, mas não encontrou nada com que pudesse lutar.

—Não é verdadeiro! — exclamou ele.

—Que é verdadeiro, e que não é? — replicou a voz. — Estás a perder o controlo sobre os teus cavalos.

Seguiu-se um momento de terrível escuridão, como se tivesse penetrado num vácuo dos sentidos; depois, a dor, depois, nada.

É DIFÍCIL SER SE O MAIS VELHO deus da juventude. Entrou na sala do Karma, pediu audiência com um representante da Roda e foi conduzido à presença do Senhor, que, dois dias antes, tivera de desistir de o sondar.

—Então? — perguntou ele.

— Desculpa a demora, Senhor Murugan, o nosso pessoal tem estado ocupado com os preparativos para o casamento.

— Andam a divertir-se, enquanto deviam estar a preparar o meu novo corpo?

—Não devias falar como se fosse realmente o teu corpo. É um corpo que te foi emprestado pela Grande Roda, para corresponder às tuas actuais necessidades karmicas...

—E não está lá pronto porque o pessoal anda na folia?

—Não está pronto porque a Grande Roda gira...

—Quero-o, o mais tardar, amanhã à noite. Se não estiver pronto, a Grande Roda poderá esmagar os seus ministros. Estás a ouvir-me bem, Senhor do Karma?

—Estou a ouvir-te, mas as tuas palavras não são apropriadas para este local...

—Brama recomendou a transferência e ficaria satisfeito se me visse comparecer na boda do Grande Pináculo com o meu novo corpo. Devo informá-lo de que a Grande Roda não pode aceder aos seus desejos porque gira demasiado lentamente?

—Não, Senhor, estará pronto a tempo.

—Ótimo.

Voltou-se e foi-se embora.

O Senhor do Karma fez um gesto antigo e místico quando ele voltou as costas.

—Brama.

—Sim, deusa.

—Quanto à minha sugestão...

—Será feito como pediste, senhora.

—Quero que sejas de outro modo.

—De outro modo?

—Sim, quero um sacrifício humano.

— Não...

—Sim.

—És realmente ainda mais sentimental do que tinha pensado.

—Será feito ou não?

—Para falar francamente, à luz dos recentes acontecimentos, prefiro que seja assim.

—Então, está combinado?

—Será como desejas. Ele possuía maior poder do que eu pensava. Se o Senhor da Ilusão não tivesse estado de sentinela... bem, não podia imaginar que alguém que esteve tão sossegado durante tanto tempo, fosse tão... dotado, como disseste.

— Autorizas-me a tomar as providências necessárias, Criador?

—De boa vontade.

—E a incluir a Monarca dos Ladrões como sobremesa?

—Sim, que seja como pretendes.

—Obrigada.

—Não tens que agradecer.

— Boa noite.

— Boa noite.

CONTA-SE QUE NAQUELE DIA, naquele grande dia, o Senhor Vayu susteve os ventos do Céu e uma grande calma desceu sobre a Cidade Celeste e a floresta de Kaniburrha. Citragupta, servidor do Senhor Yama, construiu uma enorme pira no Fim do Mundo com madeiras aromáticas, resinas, incensos e tecidos preciosos: sobre a pira colocou o Talismã do Subjugador e a grande capa de penas azuis que pertencera a Srit, chefe dos demônios Kataputna; também lá depositou a pedra preciosa que muda de forma pertencente às Mães, que fora roubada da Cúpula do Fulgor, e uma túnica cor de

açafrão do bosque púrpura de Alundil, que se dizia ter pertencido a Tathagatha, o Buda.

O silêncio da manhã que se seguiu à noite do Festival dos primeiros era total. Não se via qualquer movimento no céu. Diz-se que os demônios pairavam invisíveis nas camadas superiores da atmosfera, mas temiam aproximar-se do local onde se estava a acumular a energia. Diz-se que se registraram muitos sinais e prodígios que anunciavam a queda dos poderosos. Diziam os teólogos e os historiadores sagrados que Sam se havia retractado da sua heresia e procurado a misericórdia de Trimurti. Também se diz que a deusa Parvati, que tinha sido a sua esposa, ou sua mulher, ou sua filha, ou sua irmã, ou talvez todas essas coisas, fugira do Céu e se retirara para o continente oriental a fim de aí observar o luto das feiticeiras que ela considerava suas parentes.

Ao romper do dia, o grande pássaro chamado Garuda, Montada de Vishnu, cujo bico esmaga carros, despertara do seu sono e emitira um único grito rouco dentro da gaiola onde se encontrava, um grito que ressoou por todo o Céu, estilhaçando vidraças, ecoando através dos campos, acordando os que dormiam. Dentro do ameno Verão do Céu começou o dia do Amor e da Morte.

As ruas do Céu estavam desertas; os deuses ficaram em casa, à espera. Todos os portais do Céu tinham sido trancados.

O ladrão e aquele cujos seguidores denominavam Mahasamatman (tomando-o por um deus) foram libertados. Foi lançado um feitiço e um sopro frio agitou subitamente o ar.

Muito acima da Cidade Celeste, sobre uma plataforma no topo do Grande Pináculo, encontrava-se o Senhor da Ilusão, Mara o Sonhador. Envergava a sua capa multicolor; tinha os braços erguidos e os poderes dos outros deuses fluíam através dele, aumentando o seu próprio poder.

No seu espírito formou-se um sonho, depois lançou-o, como uma onda se arremessa sobre a praia.

Desde a sua criação pelo Senhor Vishnu, a Cidade e a floresta tinham existido lado a lado, mas sem realmente se tocarem, acessíveis, mas, no entanto, afastadas uma da outra, não por uma separação meramente espacial, mas por uma grande distância que existia dentro do espírito. Vishnu, o Preservador, fizera isso com uma finalidade, e não achava bem que essa divisória fosse levantada, mesmo temporária e parcialmente. Não desejava que as zonas desabitadas peneirassem na Cidade que, no seu espírito, alcançara o triunfo da forma sobre o caos.

No entanto, graças ao poder do Sonhador, os tigres fantasma tiveram a possibilidade de ver a totalidade do Céu durante algum tempo.

Percorriam, impacientes, as pistas sombrias e eternas da floresta que era parcialmente ilusão. Naquele lugar que apenas existia em parte, os seus olhos adquiriram uma nova visão que lhes despertou a impaciência e a ânsia de caçar.

Entre os homens do mar, esses incorrigíveis mexeriqueiros e boateiros, correu o rumor que alguns dos tigres fantasma que naquele dia andavam a caçar não eram realmente tigres. Contava-se nos lugares onde os deuses passaram mais tarde que alguns membros da Corte Celeste transmigraram naquele dia, revestindo corpos de tigres brancos e Kaniburrha, a fim de participarem na batida pelas alamedas do Céu ao ladrão que tinha falhado nos seus intentos e ao que fora chamado Buda.

Diz-se que enquanto Sam errava pelas ruas da Cidade, a velha gralha descreveu três círculos sobre a sua cabeça e depois lhe pousou sobre o ombros dizendo:

—Não és tu Maitreya, o Senhor da Luz, por quem o mundo tem esperado todos estes anos, aquele cuja vinda profetizei há muitos

anos numa poema?

—Não, o meu nome é Sam — respondeu ele — , e vou deixar o mundo, não entrar nele. Quem és tu?

—Sou um pássaro que, outrora, foi poeta. Voei toda a manhã, desde que o grito de Garuda iniciou o dia. Estava a sobrevoar o Céu à procura do Senhor Rudra esperando conspurcá-lo com os meus excrementos, quando senti um poder misterioso cobrir a Terra. Já viajei para muito longe, e vi muitas coisas, Senhor da Luz.

—Que coisas viste, pássaro que foste poeta?

—Vi uma pira apagada na extremidade do mundo, envolta por brumas. Vi os deuses que vêm tarde atravessando as neves e os ares, descrevendo círculos no exterior da cúpula. Vi os tocadores de ranga e de nepathya ensaiando a Máscara de Sangue para as núpcias da Morte e da Destruição. Vi o Senhor Vayu erguer a mão e deter os ventos que sopram no Céu . Vi Mara sobre o Pináculo da torre mais alta e senti o estranho poder que ele emite, pois vi os tigres fantasma agitados na floresta e correndo nesta direcção. Vi as lágrimas de um homem e de uma mulher. Ouvei o riso de uma deusa. Vi uma lança flamejante erguida contra a manhã, e ouvi pronunciar um juramento. Por fim, vi o Senhor da Luz, sobre quem escrevi há muito tempo:

*Sempre moribundo, nunca morto;
Sempre a apagar-se, nunca extinto.
Odiado nas trevas.
Revestido de Luz.
Ele vem para acabar o mundo.
Tal como a manhã pede fim da noite.
Estes versos foram escritos por
Morgan, livre.
Que, no dia em que morrer.
Ver ser cumprida esta profecia.*

O pássaro agitou as penas e depois ficou imóvel.

—Estou satisfeito por teres podido ver muitas coisas — disse Sam. — e, por teres alcançado certo contentamento com a tua metáfora, Infelizmente, a verdade profética difere consideravelmente da realidade que encontramos, quase sempre, na vida.

— Salve, Senhor da Luz! disse o pássaro, e lançou-se nos ares.

Ao elevar-se, foi trespassado por uma flecha disparada de uma janela por alguém que detestava gralhas.

Sam afastou-se rapidamente.

CONTA-SE QUE O TIGRE FANTASMA que tomou a sua vida, e a de Helba um pouco mais tarde, era, na realidade, um deus ou uma deusa, o que é muito possível.

Também se diz que o tigre fantasma que os matou não foi o primeiro nem o segundo a tentar fazê-lo. Vários tigres morreram trespassadas pela lança flamejante que, depois, sacudiu o sangue e regressou à mão que a havia arremessado.

No entanto, o próprio Tak da lança Flamejante também caiu atingido na cabeça por uma cadeira lançada pelo Senhor Ganesha, que entrara sorrateiramente na sala. Dizem alguns que a lança Flamejante foi, mais tarde, destruída pelo Senhor Agni, mas outros afirmam que a Senhora Maya a lançou para além do Fim do Mundo.

Vishnu não ficou satisfeito e diz-se que declarou que a Cidade não devia ter sido maculada com o sangue, e que, um dia, o caos havia de encontrar maneira de regressar. Mas os deuses mais jovens troçaram dele, pois ocupava um dos últimos lugares na hierarquia celeste, e as suas ideias eram ligeiramente antiquadas, já que era um dos Primeiros.

Por essa mesma razão, desmentiu qualquer envolvimento no caso e retirou-se para a sua torre durante algum tempo, o Senhor Varuna, o Justo, desviou o rosto dos acontecimentos e visitou o Pavilhão do Silêncio no Fim do Mundo, onde permaneceu durante um longo momento na sala chamada Medo. A Máscara de Sangue era encantadora, e tinha sido escrita pelo poeta Adasay, reputado pela sua linguagem elegante, visto que pertencia à escola anti-morgânica. A peça era acompanhada por fortes ilusões criadas pelo Sonhador especialmente para a ocasião. Diz-se que também Sam naquele dia entrara na ilusão, e que caminhara na escuridão parcial, por entre odores nauseabundos, gritos e queixumes, e que diante dos seus olhos desfilaram os erros que conhecera durante a vida, vividos ou esbatidos, silenciosos ou tonitruantes, recém-arrancados da memória e vibrantes das emoções do nascimento para a vida.

O que restava foi transportado em procissão até à pira no Fim do Mundo, onde foi incinerado por entre cânticos. O Senhor Agni levantara os óculos, olhara durante um momento, e depois as chamas tinham subido. O Senhor Vayu erguera a mão e levantara-se um vento para atear o fogo. Depois de tudo terminado, o Senhor Shiva tinha lançado as cinzas para longe com o seu tridente. O funeral foi, ao mesmo tempo, perfeito e magnífico.

Depois de um longo interregno, o casamento foi celebrado no Céu com toda pompa que lhe conferia o peso de uma velha tradição. O Grande Pináculo reluzia como uma estalagmite de gelo; o feitiço tinha sido levantado e os tigres-fantasma percorriam as ruas do Céu, sem verem, e o seu pêlo era alisado como se fosse pelo vento; quando subiam uma larga escadaria era como se escalassem uma encosta escarpada; os edifícios eram rochedos e as estátuas eram árvores. Os ventos que sopravam no Céu recolhiam canções e disseminavam-nas pela terra. Foi aceso um fogo sagrado na praça dentro do círculo central da cidade. Virgens importadas para a circunstância alimentavam o fogo com madeira limpa, seca aromática que crepitava e ardia com muito pouco fumo, excepto

ocasionais baforadas do ranco mais puro. Surya, o sol brilhava com tal esplendor que o dia estava vibrante e luminosidade.

O noivo seguido por um grande cortejo de amigos e servos, todos vestidos de vermelho, foi escoltado pelas ruas da Cidade até ao pavilhão de Kali, onde as criadas dela os conduziram à sala de jantar. O Senhor Kubera desempenhava as funções de anfitrião indicando os lugares à comitiva, que contava trezentas pessoas, em cadeiras pretas e vermelhas, alternadamente, a volta das grandes mesas de pau-preto com embutidos de osso. Naquela grande sala todos beberam madhuparka, uma bebida preparada com mel, coalhada e pós psicodélicos, na companhia dos membros do séquito da noiva, vestidos de azul, que entraram na sala transportando taças duplas. A comitiva da noiva também contava trezentas pessoas; depois de todos estarem sentados e terem bebido a madhuparka, Kubera tomou a palavra e fez um discurso, alternando gracejos com tiradas cheias de sensatez e algumas referências às escrituras antigas. Em seguida, a comitiva do noivo dirigiu-se ao pavilhão na praça, e o da noiva tomou a mesma direcção mas por outro caminho.

Yama e Kali entraram no pavilhão separadamente e sentaram-se um de cada lado de uma pequena cortina. Cantaram-se melodias antigas e Kubera afastou a cortina permitindo que os noivos se vissem pela primeira vez naquele dia. Kubera pronunciou algumas palavras, confiando Kali aos cuidados e Yama em troca de promessas de bondade, opulência e prazer que ele lhe daria.

Então, o Senhor Yama segurou a mão de Kali que lançou uma oferenda de trigo ao fogo, onde Yama a conduziu, depois de um dos membros da comitiva dela ter atado com um nó os trajes dos noivos. Depois, Kali subiu a uma mó e dois deram dez passos juntos, e, a cada passo, Kali pisava um montículo de arroz. Durante vários segundos, caiu do céu uma chuva leve para santificar a unia com a bênção da água. Os servos e os convidados formaram um único cortejo e percorreram a cidade em direcção ao pavilhão de Yama, onde houve um grande banquete e festejos, e onde foi representada a Mascara de Sangue.

O último tigre que Sam enfrentou abanou lentamente a cabeça, descobrindo finalmente a pista que seguira. Como não podia fugir, Sam ficou imóvel, à espera. O tigre também não se apressou. Uma horda de demônios tinha tentado assaltar a Cidade naquele momento, mas o poder do feitiço repeliu-os. A deusa Ratri foi vista a chorar e o seu nome incluído numa lista. Tak dos Arquivos esteve encarcerado durante algum tempo nas masmorras debaixo do Céu. Alguém ouviu o Senhor Yama dizer: «A vida não se ergueu», como quase tivesse esperado que tal acontecesse.

A morte foi, ao mesmo tempo, perfeita e magnífica.

A boda durou sete dias e o Senhor Mara lançou sonho após sonho sobre os convivas. Como se usasse um tapete mágico, transportou-os através do país da ilusão, erguendo palácios de fumo colorido sobre as colunas de água e de fogo, precipitando os bancos em que estavam sentados por desfiladeiros de poeira astral, tentando distender-lhes os sentidos com coral e mirra, apresentando-lhes todos os seus Aspectos, e assim os manteve, girando à volta os arquétipos em que tinham baseado os seus odores, enquanto Shiva dançava a Dança da Destruição e a Dança do Tempo num cemitério, comemorando o seu triunfo sobre as três cidades voadoras dos Titãs, e Krishna, o Sombrio, executava a Dança do Lutador em comemoração da sua vitória sobre o demônio negro Bana; Lakshmi dançava a Dança da Estátua, até o senhor Vishnu foi obrigado a executar, novamente, os passos da Dança da ânfora, enquanto Murugan, no seu novo corpo, ria do mundo revestido de todos os seus oceanos, e fazia a sua dança triunfal sobre essas águas como se tratasse de um palco, a dança que tinha executado depois da morte de Shura, que se refugiara nas profundezas do mar. Quando Mara fez um gesto, houve magia e cor e música e vinho; houve poesia e jogos; houve canções e risos; houve desporto com provas de força e de perícia. Vendo bem, só a resistência de um deus poderia suportar os sete dias de prazer.

O CASAMENTO FOI, AO MESMO TEMPO, perfeito e magnífico. Quando a boda terminou, os noivos deixaram o Céu a fim de correrem mundo e desfrutarem dos prazeres que ele tinha para lhes fazer. Partiram só os dois, sem servos nem comitiva. Não participaram o itinerário da viagem nem a sua duração, o que era mais prudente, pois os habitantes do Céu gostavam de pregar partidas.

Depois de eles terem partido, a folia ainda se prolongou durante algum tempo. O Senhor Rudra, depois de ter ingerido soma em quantidades substanciais, subiu a uma mesa e começou a fazer um discurso sobre a noiva, um discurso que teria dado origem a discussões se Yama estivesse presente. Como não estava, o Senhor Agni deu uma bofetada a Rudra e este desafiou-o imediatamente para um duelo em dois extremos do Céu.

Agni foi levado para um cume além de Kaniburrha. e o Senhor Rudra postou-se perto do Fim do Mundo. Quando foi dado o sinal, Rudra lançou uma flecha termoguiada que rasgou os ares em direcção ao adversário. A 25 km de distância, porém, Agni localizou a flecha que se aproximava e queimou-a com uma descarga de Fogo Universal, depois dirigiu essa mesma arma contra Rudra e transformou-o em cinzas, trespassando ao mesmo tempo a cúpula que ficara atrás dele. Assim foi salvaguardada a honra dos Lokapalas e um novo Rudra foi elevado das fileiras dos semideuses para ocupar o lugar do antigo, que fora eliminado.

Um rajá e dois sumo-sacerdotes morreram envenenados em circunstâncias muito coloridas, e os seus cadáveres azulados foram colocados em iras. O Senhor Krishna assumiu o seu Aspecto e tocou uma música sublime; depois deter terminado, Guari, a Bela enterneceu-se e foi ter com ele. Sarasvati na sua glória executou a dança do Encanto, e depois o Senhor Mara reconstituiu a fuga de Helba e do Buda através da Cidade. No entanto, este último sonho perturbou muitos deles e, nessa altura, foram incluídas mais nomes na lista. Um demônio com corpo de jovem e cabeça de tigre ousou penetrar no meio deles e atacou o Senhor Agni com uma fúria

terrível. Foi repellido pelos poderes conjugados de Ratri e de Vishnu, mas conseguiu refugiar-se na incorporeidade antes que Agni tivesse tempo de utilizar a sua vara contra ele.

Nos dias seguintes registraram-se alterações no céu.

Tak dos Arquivos e da lança Flamejante foi julgado pelos Senhores do Karma e transmigrou para o corpo de um macaco; no seu espírito ficou registrado um aviso de que sempre que se candidatasse a uma renovação receberia, novamente, um corpo de macaco, até que o Céu julgasse oportuno dar provas de misericórdia e libertá-lo daquela maldição. Foi, então, enviado para as florestas do sul sob o peso do seu fardo kármico.

O Senhor Varuna, o Justo, reuniu os seus servos, e partiu da Cidade Celeste para se instalar noutra lugar. Alguns dos seus detractores compararam a sua partida à de Nirriti, o Negro, deus das trevas e da corrupção, que abandonara o Céu cheio e má vontade e dos miasmas de terríveis maldições. Porém, os detractores de Varuna não eram muito numerosos, pois todos sabiam que ele merecia o título de Justo, e a sua condenação poderia facilmente repercutir -se na dignidade daquele que a pronunciara; por essa razão, pouco depois da sua partida, já quase ninguém falava dele.

Muito mais tarde, outros deuses foram exilados para o mundo, nos dias dos expurgos Celestes. A sua partida, porém, teve início quando o Aceleracionismo penetrou novamente no Céu.

Brama, o mais poderoso das quatro categorias de deuses e os dezoito exércitos do Paraíso criador de todas as coisas, senhor dos céus e de tudo que fica por baixo deles, de cujo umbigo brota um lótus e cujas mãos agitam os oceanos, ele que, com três passadas, abarca todos os mundos, cuja glória semeia o terror no coração dos inimigos, cuja mão direita empunha a roda da lei, que domina catástrofes servindo-se de uma serpente à laia de corda; Brama começou a sentir-se cada vez mais inquieto e perturbado nos dias que se seguiram devido à promessa que fizera irreflectidamente à

Senhora da Morte. Mas, vendo bem, teria provavelmente feito a mesma coisa mesmo sem o poder persuasivo da deusa. A principal consequência da atitude de Kali foi talvez, fornecer a Brama alguém a quem atribuir a responsabilidade pelos reveses que mais tarde se abaterem sobre ele. Ele também era conhecido como Brama, o Infalível.

Depois de terminados os festejos, a cúpula do Céu foi reparada em vários pontos. No Museu do Céu foi colocado um guarda armado 24 horas por dia. Foram planeadas várias batidas aos demônios, mas nenhuma se concretizou. Foi nomeado um novo arquivista que não conhecia a sua ascendência. Foi concedida representação simbólica aos tigres fantasma de Kaniburrha nos templos de todo o país.

Na última noite das festividades, um deus solitário penetrou no Pavilhão o Silêncio no Fim do Mundo e permaneceu um longo momento na sala chamada Memória. Depois deu uma estrepitosa gargalhada e regressou à cidade Celeste; o seu riso era algo de jovem e belo, vigoroso e puro, e os ventos que sopram no Céu levaram-no para longe, e todos os que o ouviram ficaram maravilhados com a estranha e vibrante nota de triunfo que continha.

O tempo do Amor e da Morte, do ódio e da Vida, e da Loucura, foi simultaneamente perfeito e magnífico.

VI

A seguir ò morte de Brama viveram-se na Cidade Celeste momentos muito conturbados. Vários deuses foram expulsos do Céu e quase todos receavam ser acusados de Aceleracionismo; a verdade é que poucos escaparam a essa acusação. Embora a Grande Alma Sam tivesse morrido, dizia-se que o seu espírito continuava vivo e desafiava o sistema.

Então, quando se instalou a desconfiança e a intriga que estiveram na origem da Grande Batalha, correu o boato de que não era apenas o seu espírito que continuava vivo...

*Quando o sal do sofrimento se põe.
Desce esta paz.
Senhor das estrelas silenciosas.
Esta paz da criação
Este local onde a mandala se torna Cinzenta,
O louco diz para consigo
Que os seus pensamentos não passam de
pensamentos...*

Saraha (98-99)

Era de manhã cedo, Brama encontrava-se junto da piscina do lótus púrpura, no Jardim das Delícias, aos pés da estátua da deusa azul com o veena.

A primeira rapariga que o encontrou pensou que ele estava a descansar, pois tinha ainda os olhos abertos; depressa verificou porém, que não respirava e que o seu rosto crispado estava imóvel.

A rapariga sentiu-se tomada de pânico, pois pensou que o mundo ia acabar, visto que Deus tinha morrido. Reflectindo um pouco, achou que a coesão terna das coisas talvez mantivesse o universo íntegro durante mais uma ou duas horas, julgou conveniente levar o caso do Yuga iminente à consideração de alguém mais bem preparado para o enfrentar.

Contou o ocorrido à primeira concubina de Brama, que foi ver com os seus próprios olhos que o Senhor estava realmente morto; depois dirigiu-se à estátua da deusa azul, que começou imediatamente a tocar a veena, e enviou mensagens a Vishnu e a Shiva convocando-os ao Pavilhão. Eles chegaram acompanhados por Ganesha.

Observaram o corpo, certificaram-se de que estava sem vida, e ordenaram que as duas mulheres recolhessem aos seus aposentos.

Depois, deliberaram.

—Precisamos imediatamente de outro Criador — disse Vishnu. — Procedamos à sua nomeação.

—Nomeio Ganesha — disse Shiva.

—Recuso — respondeu Ganesha.

—Porquê?

—Não gosto de estar em cena, prefiro ficar nos bastidores. Consideremos, então, outras alternativas, sem perda de tempo.

—Não seria prudente investigar a causa desta ocorrência antes de prosseguirmos? — perguntou Vishnu.

—Não — respondeu Ganesha. — A escolha de um sucessor é prioritária. Até a autópsia terá de ser feita depois. O Céu nunca pode estar sem um Brama.

—Que acham se for um dos Lokapalas?

—Talvez.

—Yama?

—Não, é demasiado circunspecto, demasiado consciencioso, é um técnico, não um administrador. Além disso, acho que é emocionalmente instável.

—Kubera?

—Demasiado esperto; tenho medo dele.

— Indra?

— Demasiado obstinado.

—Agni, então?

—Talvez sim, ou talvez não.

—Talvez Krishna?

—Demasiado frívolo; nunca está sóbrio.

— Quem sugerem, então?

—Qual é o nosso maior problema neste momento?

—Não me parece que tenhamos grandes problemas neste momento
— disse Vishnu.

—Então, talvez, fosse boa ideia arranjar um agora — alvitrou Ganesha.

—Acho que o nosso maior problema é a Aceleracionismo. Sam regressou e está a tornar as águas turvas.

—Sim — disse Shiva.

— Aceleracionismo? Para quê bater num cão morto?

—Ah, mas não está morto, pelo menos entre os homens. Além disso, servirá ara desviar a atenção da sucessão em Trimurti e reconquistar a solidariedade pelo menos superficial aqui na Cidade. A menos que prefiram lançar uma campanha contra Nirriti e os seus mortos-vivos?

—Não, obrigado.

—Neste momento, não.

— Mmm... sim, então o Aceleracionismo é o nosso maior problema no momento actual.

—Muito bem, o Aceleracionismo é o nosso maior problema.

—Quem é que o odeia mais que qualquer outra pessoa?

—Tu?

—Que? disparate! Tirando eu.

—Diz lá quem é, Ganesha!

—Kali.

—Duvido.

—Eu não duvido; as bestas gêmeas, o Budismo e o Aceleracionismo, puxaram um único carro. O Buda troçou dela e ela é mulher; dirigirá a campanha.

—Mas para tal terá de renunciar à sua condição de mulher.

—Não fales em insignificâncias.

—Está bem, Kali.

—E Yama?

—Deixa Yama comigo.

—Prefiro.

—Eu também.

—Ótimo. Corram, então, o mundo no carro trovejante e no dorso do grande Pássaro Garuda, encontrem Yama e Kali, e tragam-nos para o Céu. Esperarei pelo vosso regresso e estudarei o caso da morte de Brama.

—Está bem assim.

—De acordo.

— **BOM DIA.**

—Bom comerciante Vama, espera! Quero falar contigo!

—Sim, Kubada, que desejas?

—É difícil encontrar as palavras que pretendo dizer-te. Trata-se de determinada situação que suscitou considerável agitação entre os teus vizinhos.

—Ah sim? Que é?

— Diz respeito à atmosfera...

—A atmosfera?

—Os ventos e as brisas, talvez.

—Ventos? Brisas?

—E as coisas que eles transportam.

—Coisas? Por exemplo?

— Odores, bom Vama.

—Odores? Que espécie de odores?

—Odores de... bem, odores de... de matéria fecal.

—De... Ah sim, é verdade. Já estou tão habituado que nem dou por ele.

—Posso saber qual a sua origem?

—São provocadas pelo produto da defecação, Kabada.

—Isso sei eu, queria saber por que é que se sentem, não qual a sua origem e natureza.

—Sentem-se porque tenho vários baldes cheios dessa matéria no quarto dos fundos.

—Ah, sim?

—É verdade. Ando há oito dias a armazenar os produtos da minha família.

—E com que finalidade, venerável Vama?

—Não ouviste falar num invento maravilhoso onde se despejam essas coisas, depois puxa-se uma alavanca e uma cascata de água leva-as para longe, para debaixo da terra?

—Sim, já ouvi falar.

—É verdade, isso existe; foi recentemente inventado por alguém cujo nome não mencionarei, e está ligado a grandes canos e tem um assento sem tampo. É a descoberta mais genial da época e vou ter um dentro de algumas luas.

—Tu? Vais ter uma coisa dessas?

—Vou. Vai ser instalado na pequena dependência que construí nas traseiras da minha casa. Talvez dê um jantar nessa noite para que todos os meus vizinhos se possam servir dele.

— É realmente extraordinário, e tu és muito generoso.

— Também acho.

— Mas e os cheiros?

—São causados pelos baldes cheios de matéria fecal que estou a guardando em previsão da instalação desse dispositivo.

—Porquê?

— Porque prefiro que no meu registro kármico fique indicado que comecei a utilizar esse aparelho há oito dias, e não apenas daqui a várias luas. Constituirá uma prova do meu rápido progresso na vida

— Ah, agora compreendo! É realmente avisada a tua atitude. Perdoa-me se te dei a impressão de querer impedir o teu progresso.

— Os teus vizinhos gostam de ti, não obstante os cheiros. Não te esqueça disso quando tiveres alcançado uma posição mais elevada.

- Claro que não. Esse progresso deve sair caro.
- Bastante.
- Ilustre Vama, deliciar-nos-emos com esses odores penetrantes.
- Esta ainda é a minha segunda vida, bom Kabada, mas já sinto que o destino me tocou.
- Também eu. Os ventos do tempo mudam e trazem muitas coisas extraordinárias à humanidade. Que os deuses te protejam.
- E a ti também, mas não te esqueças da bênção do Iluminado, que o meu primo Vasu acolheu no seu bosque púrpura.
- Como poderia esquecer? Mahasamatman também era um deus. Alguns dizem que era Vishnu.
- Mentem, ele era o Buda.
- Que ele te abençoe também.
- Muito bem . Bom dia, Kabada
- Bom dia, venerável Vama.

YAMA E KALI ENTRARAM NO CÉU. Chegaram montados no pássaro chamado Garuda. Penetraram na Cidade acompanhadas por Vishnu e foram directamente para o pavilhão de Brama. No Jardim das Delícias encontraram Shiva e Ganesha.

- Morte e Destruição, escutai. — disse Ganesha — Brama morreu e só nós os cinco o sabemos.
- Como é que tal sucedeu? — perguntou Yama.

— Parece que foi envenenado.

— Já foi feita a autópsia?

— Ainda não.

— Então vou fazê-la.

— Está bem, mas agora há outro assunto ainda mais urgente.

—Qual é?

— Nomear um sucessor.

—É verdade, o Céu não pode deixar de ter um Brama.

—Exactamente... Kali, diz-me, gostarias de ser Brama, da sela de ouro e das esporas de prata?

—Não sei...

—Então, pensa nisso, e depressa. És a pessoa mais indicada.

—E o Senhor Agni?

—O seu nome figura muito abaixo do teu na lista dos possíveis sucessores. Não parece ser tão anti-aceleracionista como a Senhora Kali.

—Compreendo.

—Também eu.

—Portanto, ele é um bom deus, mas não um grande deus.

—De acordo.

—Quem teria morto Brama?

—Não faço a mínima ideia, e tu?

—Por enquanto, também não

—Mas vais descobrir, Senhor Yama?

—Sim, com o meu Aspecto.

—Vocês os dois talvez queiram trocar ideias.

—Queremos, sim.

—Então, vamos deixá-los. Jantamos juntos no pavilhão dentro de uma hora.

—De acordo.

—Está bem.

—Até logo.

—Até logo.

—Até logo.

—**SENHORA?**

—Sim.

—Quando muda de corpo a pessoa fica automaticamente divorciada, a não ser que assine um contrato de prolongamento.

—É verdade.

—Brama tem forçosamente de ser um homem.

—Com efeito.

—Recusa.

—Meu senhor....

—Hesitas?

—Foi tudo tão inesperado, Yama.

—Mas encaras essa hipótese?

—É o meu dever.

—Kali, causas-me um grande desgosto.

—Não foi essa a minha intenção.

—Ordeno-te que recuses a proposta.

—Sou uma deusa de pleno direito, além de ser tua mulher, Senhor Yama.

— Que significa isso?

—Que tomo as minhas próprias decisões.

—Se aceites, tudo acabará entre nós.

—Parece que sim.

—Mas, afinal, que é o Aceleracionismo senão uma tempestade dentro de um copo de água? Por que é que subitamente se lhe opõem tão ferozmente?

—Deve ser porque sentem a necessidade de ter um inimigo comum.

—Por que te escolheram para dirigir a campanha?

—Não sei.

—Para um deus, ainda sou jovem, mas ouvi dizer que nos primórdios do mundo o herói com quem partiste, Kalkin, era o mesmo a quem hoje chamam Sam. Se Sam for esse homem e tiveres razões para o odiar, então compreendo porque te indigitaram para aniquilares esse movimento que ele iniciou. Será o caso?

—Talvez...

—Então, se me amas e és realmente a mulher da minha vida, deixa que outro seja Brama.

—Yama...

—Querem uma resposta dentro de uma hora.

—Tê-la-ão.

—E qual será?

—Lamento, Yama...

YAMA SAIU DO JARDIM DAS DELÍCIAS antes da hora do jantar. Embora parecesse uma infracção nefasta das normas, Yama era considerado o mais indisciplinado de todos os deuses e estava ciente desse facto, bem como as razões a que ele se ficava a dever. Em consequência, deixou o Jardim das Delícias e dirigiu-se ao local onde termina o Céu.

Durante esse dia e essa noite permaneceu no Fim do Mundo e não foi importunado por qualquer visita. Demorou-se algum tempo em cada uma das cinco salas do Pavilhão do Silêncio. Ninguém conhece os pensamentos que atravessaram o espírito. Na manhã seguinte, regressou à Cidade Celeste.

Teve conhecimento da morte de Shiva.

O seu tridente fizera outro buraco na cúpula, mas um objecto contundente ainda não encontrado, esmagara-lhe a cabeça. Yama foi falar com o seu amigo Kubera.

—Ganesha. Vishnu e o novo Brama já pediram a Agni que ocupasse lugar do Destruidor — disse Kubera — , e acho que ele vai aceitar.

—Excelente! — disse Yama. — Quem matou Deus?

—Pensei muito no assunto — respondeu Kubera —, e, no caso de Brama deve ter sido alguém com quem ele mantinha relações suficientemente cordiais para tomarem juntos uma bebida; no caso de Shiva, alguém bastante conhecido para o ter surpreendido.

— A mesma pessoa?

—Aposto que sim.

—Será parte de uma conspiração aceleracionista?

—Não creio. Os simpatizantes do Aceleracionismo não estão suficientemente organizados; é um movimento ainda recente no Céu e não tiveram tempo para o estruturar. É talvez uma cabala. O mais provável é que tenha sido obra de um único indivíduo, sem o apoio de partidários.

—Quais seriam as outras explicações?

—Um ajuste de contas, ou uma divindade secundária que pretende subir de posição. Por que é que uma pessoa mata outra?

—Estás a pensar em alguém em particular?

— A maior dificuldade, Yama, será eliminar suspeitos, não encontrá-lo. A investigação foi te confiada?

—Já não tenho a certeza, mas penso que sim. Hei-de descobrir o autor dos crimes e matá-lo, qualquer que seja a sua posição.

—Porquê?

—Preciso de qualquer coisa para fazer, de alguém para...

—Matar?

—Exactamente.

—Lamento, meu amigo.

—Também eu, mas é esse o meu privilégio e a minha intenção.

—Preferia que não me tivesses falado sobre este assunto; é demasiado confidencial.

—Não direi a ninguém, se tu também não disseres.

—Podes contar comigo.

—E sabes que terei cuidado com às consequências kármicas. por causa da psicossonda.

—Foi por isso que falei no caso, e de Shiva também. Então ficamos assim. Bom dia, meu amigo.

—Bom dia, Kubera.

Yama saiu do pavilhão dos lokapalas. Passado algum tempo, entrou a deusa Ratri.

— Viva Kubera!

—Viva, Ratri.

— Por que estás aí sozinho?

—Porque não tenho ninguém para me fazer companhia. Por que vens sozinha?

—Porque até agora não tinha ninguém com quem falar.

—Vens pedir conselhos, ou apenas conversar?

— As duas coisas.

—Senta-te.

— Obrigada; estou com medo.

—Também estás com fome?

—Não.

— Come uma peça de fruta e bebe uma taça de soma.

—Está bem. Que receias e em que posso ajudar-te?

—Vi o Senhor Yama sair daqui...

—É verdade.

—Quando olhei para o rosto dele, compreendi que existe um deus da morte, e que há um poder que até os deuses podem recear.

—Yama é forte e é meu amigo. A Morte é poderosa e não é amiga de ninguém. No entanto, os dois coexistem, e isso é estranho. Agni também é poderoso e é o fogo. É meu amigo. Krishna poderia ser forte se quisesse, mas não quer. Desgasta os corpos a um ritmo alucinante: bebe soma, toca música e anda com mulheres; odeia o passado e o futuro. É meu amigo. Ocupo uma posição secundária entre os lokapalas e não sou forte. Qualquer corpo que eu use engorda rapidamente. Sou mais pai que irmão dos meus três amigos; posso apreciar a embriaguês e a música, o amor e o fogo dos meus amigos, pois são coisas da vida, e assim posso amar os meus amigos como homens ou como deuses. Mas o outro Yama também me atemoriza, Ratri, pois quando reveste o seu Aspecto, é um vácuo que faz estremecer esta pobre gordura. Nessa altura, ele já não é amigo de ninguém. Portanto, não se sintas embaraçada por receares o meu amigo. Sabes que quando um deus está inquieto, o seu Aspecto acorre a consolá-lo, ó deusa da noite, como neste momento desce o crepúsculo sobre este pavilhão embora o dia ainda esteja longe do fim. Fica sabendo que Yama estava perturbado quando o viste passar.

—Regressou muito inesperadamente.

—É verdade.

—Posso perguntar porquê?

—Lamento, mas o assunto é confidencial

—Está relacionado com Brama?

—Por que perguntas?

—Parece-me que Brama morreu. Receio que Yama tenha sido convocado para encontrar o assassino. Receio que me encontre, embora provoque uma noite de um século no Céu. Ele há-de encontrar-me. E eu não posso enfrentar o vácuo.

—Que sabes sobre esse alegado assassinio?

—Acho que fui a última pessoa a ver Brama vivo, ou a primeira a vê-lo morto, depende do que o seu ricto significava.

—Em que circunstâncias?

—Ontem de manhã cedo, tinha ido ao pavilhão a fim de interceder junto de Brama pela senhora Parvati para que ele levantasse a sua ira e a deixasse regressar. Disseram-me que o procurasse no Jardim das Delícias e fui.

—Disseram-te? Quem?

—Uma das mulheres dele, não sei como se chama.

—Continua. Que aconteceu depois?

—Encontrei-o aos pés da estátua azul que toca veena, contorcia-se e respirava. Depois parou de se contorcer e ficou imóvel. O seu coração deixara de bater e não conseguia encontrar-lhe o pulso. Então, ordenei que a Noite me envolvesse nas suas sombras e sai do Jardim.

— Por que não pediste auxílio? Talvez ainda chegasse a tempo.

—Porque queria que ele morresse. Odiava-o pelo que fez a Sam, por ter escorraçado Parvati e Varuna, pelo que fez a Tak, o arquivista...

—Basta! Se te deixasse, continuarias a ladainha o resto do dia. Saíste imediatamente do jardim ou detiveste-te no pavilhão?

— Passei pelo pavilhão e vi a mesma rapariga. Permitti que ela também me visse e disse-lhe que não conseguira encontrar Brama e voltaria mais tarde... Ele morreu, não foi? Que hei-de fazer?

—Come outra peça de fruta e bebe mais um pouco de soma. Sim, morreu.

—Achas que Yama vai suspeitar de mim?

—Claro que sim; há-de desconfiar de todos as que foram vistos nas proximidades . Foi, sem dúvida, um veneno de acção bastante rápida, e encontravas-te perto quando ele morreu; Yama há-de submeter-te à psicossonda, assim como todos os outros, e o teste revelará se não foste tu a autora do crime. Sugiro que esperes que te convoquem e não reveles o episódio para mais ninguém.

—Que hei-de dizer a Yama?

—Se ele te contactar antes de eu ter falado com ele, conta-lhe tudo, incluindo o facto de teres conversado comigo, porque eu nem sequer devia saber do ocorrido. A morte de alguém em Trimurti é sempre mantida secreta mesmo que isso implique em perda de vidas.

—Mas os Senhores do Karma detectá-lo-ão na tua memória quando for submetido a um julgamento.

—Mas não o detectarão hoje. O conhecimento da morte de Brama ficará restringido ao mais pequeno número possível de pessoas. Como Yama deve conduzir o inquérito oficial e foi ele quem concebeu a psicossonda, não me parece que recrutem gente da Ro a amarela para accionar as máquinas. Mas preciso de confirmar isto ou de o sugerir a Yama, imediatamente.

—Antes de ires...

—Sim?

—Disseste que apenas um pequeno número de pessoas está a par da situação, mesmo que isso implique a perda de vidas. Isso quer dizer que eu...

—Não, hás-de viver, porque eu proteger-te-ei.

— Por quê?

—Porque és minha amiga.

YAMA ACCIONOU A MÁQUINA QUE SONDA o espírito. Sondou trinta e sete pessoas que poderiam ter tido acesso a Brama no jardim durante o dia que aconteceu o deicídio. Onze delas eram deuses ou deusas, incluindo Ratri, Sarasvati, Mayu, Mara, Lakshmi, Murugan, Agni e Krishna.

Nenhum dos suspeitos foi considera o culpado.

Kubera, o artífice, encontrava-se ao lado de Yama e examinava os registros.

—Então, Yama.

—Não sei.

—Talvez o assassino estivesse invisível

—Talvez.

—Mas achas que não?

— Acho que não

.—E se todos os habitantes do Céu fossem submetidos à sonda? Todos os dias há chegadas e partidas, através de diferentes entradas e fendas.

—Já pensaste na hipótese de ter sido um dos Rakasha? Eles andam novamente pelo mundo, como sabes, e odeiam-nos.

—Os Rakasha não envenenam as suas vítimas. Além disso, não creio que algum deles pudesse penetrar no jardim devido ao incenso que

repele os demônios.

—Então?

—Vou voltar para o laboratório e estudar o assunto.

—Posso acompanhar-te até à Grande Sala da Morte?

—Se quiseres.

Kubera re ressou com Yama. Enquanto Yama pensava, Kubera examinou a lista dos registos que organizara durante os testes com as primeiras máquinas de sondar. Estavam evidentemente desactualizadas e incompletas, pois só os Senhores do Karma possuíam registos actualizados das vidas de todos os habitantes do Céu; Kubera estava ciente desse facto.

A IMPRENSA FOI DESCOBERTA NUM LOCAL chamado Keenset, à beira do rio Vedra. Nesse local também estavam a ser realizadas experiências com um moderno sistema de canalizações. Apareceram igualmente exímios artistas do templo e um velho cortador de vidro fabricou um par de óculos e começou a polir outros. Portanto, tudo levava a crer que num dos estados-cidade se estava assistir a um renascimento.

Brama achou chegado o momento de tomar medidas contra o Aceleracionismo.

Foi convocado um conselho de guerra no Céu e os templos das cidades vizinhas de Keenset lançaram um apelo aos fiéis para que se preparassem para uma guerra santa.

Shiva, o Destruidor, empunhava apenas um tridente simbólico, pois depositava toda a sua confiança na vara de fogo que usava à cinta.

Brama, de sela de ouro e esporas de prata, levava uma espada, uma roda e um arco

O novo Rudra usava o arco e a aljava do antigo.

O Senhor Mara envergava um manto fulgurante que mudava constantemente de cor, e ninguém sabia que espécie de armas ele trazia ou em que carro viajava. Quem olhasse para ele durante muito tempo sentia a cabeça andar à roda e via os objectos mudarem de forma — excepto os cavalos de Mara, de cujas bocas pingava sangue que fumegava onde caía.

Foram, então, seleccionados cinquenta dos semideuses, que se esforçavam por dominar os seus Atributos rebeldes, ansiosos por fortalecer o seu aspecto e ganhar méritos distinguindo-se na batalha.

Krishna recusou a tomar parte na batalha, e foi tocar as suas flautas em Kaniburrha.

ENCONTROU-O DEITADO SOBRE uma encosta aprazível fora da cidade, vendo o céu estrelado.

—Boa noite.

Voltou a cabeça e acenou.

— Como estás, bom Kubera!

— Bem, Senhor Kalkin, e tu?

— Muito bem. Tens, por acaso, um cigarro, meu ilustre deus?

— Nunca estão longe de mim.

— Obrigado.

— Queres lume?

— Quero.

—Foi uma gralha que pairou sobre o Buda antes de a Senhora Kali lhe arrancado as entranhas.

—Falemos de assuntos mais agradáveis.

— Mataste um Brama fraco que foi substituído por um poderoso.

— Ah, sim?

— Mataste um Shiva forte, mas outro igualmente forte tomou o seu lugar.

— A vida é cheia de mudanças.

— Que esperas conseguir, vingança?

— A vingança faz parte da ilusão do eu? Como é possível matar aquilo que não vive nem morre verdadeiramente, mas que apenas existe como um reflexo do Absoluto?

— De qualquer modo, fizeste um belo trabalho, mesmo que, como diz, tenha sido apenas uma remodelação.

—Obrigado.

— Mas, por que o fizeste? Prefiro que me dê uma resposta do que me faças um discurso.

— Pretendia aniquilar toda a hierarquia do Céu; mas agora verifico não passou de uma boa intenção.

—Diz-me por que é que o fizeste?

—Se disseres como descobriste...

—Acho justo.

—Conta-me, então....

—Achei que a humanidade viveria melhor sem deuses. Se os eliminasse todos, as pessoas poderiam possuir novamente abre-latas e latas para as outras coisas do gênero, sem recearem incorrer na ira o Céu. Já os oprimimos o suficiente; quis dar-lhes uma oportunidade de se libertarem, de construírem o que quiserem.

— Mas eles continuam a viver.

— Às vezes, e os deuses também.

—Tu eras o último aceleracionista que restava no mundo, Sam. Ninguém teria pensado que também eras o mais perigoso.

—Como é que descobriste?

— Pensei que Sam seria o suspeito número um, se não tivesse morrido.

—Pensei que esse facto seria suficiente para me colocar ao abrigo da suspeita.

—Comecei, então, a pensar se existia alguma hipótese de Sam ter escapado à morte. A única possibilidade seria uma troca de corpos.

— Perguntei então, a mim próprio quem tomou um novo corpo no dia em que Sam morreu; apenas o Senhor Murugan. No entanto, não parecia lógico, pois o facto ocorreu depois, não antes, da morte e Sam. Pus essa hipótese temporariamente de lado. Tu, Murugan,

sendo um dos trinta e sete suspeitos, foste submetido à sonda e declarado inocente pelo Senhor Yama. Tudo levava a crer que tinha seguido uma pista falsa, quando me ocorreu um modo muito simples de averiguar. Se Yama consegue iludir a psicossonda, por que é que outra pessoa não haveria de poder fazer o mesmo? Lembrei-me, então, de que o Atributo de Kalkin tinha implicado o controlo dos raios e dos fenómenos electromagnéticos. Ele poderia ter sabotado a máquina de modo que ela não detectaria qualquer mal no seu espírito: a maneira de tirar a prova, portanto, não era considerando o que a máquina tinha detectado, mas o modo como o fizera. Tal como as impressões das palmas e dos dedos das mão, não há dois espíritos que registrem o mesmo traçado; mas ao mudar de corpo, a pessoa conserva uma matriz de espírito idêntica, apesar de ter um cérebro diferente. Quaisquer que sejam os pensamentos que atravessam o espírito, cada pessoa possui um padrão de pensamento único. Comparei o teu com um registro do de Murugan que encontrei no laboratório de Yama; eram diferentes. Não sei como realizaste a transferência de corpo, mas sabia quem eras.

—És muito esperto. Kubera. Quem mais está a par desse estranho raciocínio?

—Mais ninguém, por enquanto. Mas temo que Yama, em breve, descubra. Ele resolve sempre os enigmas.

— Porque arriskas a vida procurando-me?

— Geralmente, ninguém atinge a tua idade ou a minha sem ser um pouco razoável. Sabia que haverias, pelo menos, de me escutar, antes de tentares matar-me. Também sei que nada de mal me acontecerá, visto que o que tenho a dizer é bom.

—Que propões?

—Concordo suficientemente com o que fizeste para te ajudar a fugir do Céu

—Obrigado, mas não aceito.

—Não querias ganhar essa batalha?

— Sim, mas à minha maneira.

—Como?

— Vou regressar à Cidade e destruirei tantos quantos puder antes de me deterem. Se os mais importantes forem aniquilados, os outros não conseguirão evitar o aniquilamento do Céu.

—E se fores vencido? Que acontecerá ao mundo e à causa que advogaste? Conseguirás reerguer-te e defendê-la novamente?

—Não sei.

—Como conseguiste regressar?

—Uma vez fui possuído por um demônio; ele simpatizou comigo e, numa ocasião em que corríamos perigo, disse-me que “reforçara as minhas chamas”, o que me permitiria existir independentemente o meu corpo. Só me lembrei disso quando v o meu cadáver dilacerado jazendo debaixo de mim nas ruas do Céu. Só conhecia um local onde poderia obter um novo corpo, o Pavilhão dos Deuses do Karma. Murugan precisava de ajuda; como sabes, o meu poder é a electrodirecção. No pavilhão soube que ela funciona sem o apoio de um cérebro, pois os circuitos estavam momentaneamente interrompidos, portanto, penetrei no novo corpo de Murugan e ele foi para o inferno.

—O facto de me contares tudo isso parece querer dizer que pretendes mandar-me para o mesmo lugar.

—Tenho pena, bom Kubera, pois gosto de ti. Se me deres a tua palavra que esqueces o que acabas de ouvir e deixas que outro descubra os factos permitirei que vivas e te vás embora.

—É arriscado.

—Sei que nunca faltaste à tua palavra, embora sejas tão velho como colinas do Céu.

—Qual seria o primeiro deus que aniquilarias?

—O Senhor Yama, é claro, visto ser ele quem anda na minha pista.

—Então, tens de me matar. Sam, pois ele é um irmão Lokapala e um amigo.

—Tenho a certeza de que ambos lamentaremos se tiver de te matar.

—Então, o teu convívio com os Rakasha deu-te o gosto pelas apostas?

—De que espécie?

—Se ganhares, tens a minha palavra de que não falarei sobre isto. Se ganhar, fugimos os dois sobre o dorso do Garuda.

—E a luta?

—Corpo-a-corpo.

—Contigo, gordo Kubera? E eu com o meu magnífico corpo novo?

—Sim.

—Então, podes atacar primeiro.

SAM E KUBERA ENCONTRAVAM-SE FRENTE A FRENTE sobre uma colina sombreada na extremidade do Céu.

Kubera recuou o punho direito e aplicou um golpe no maxilar de Sam.

Sam caiu, ficou imóvel durante um momento e, depois, levantou-se lentamente.

Esfregando o queixo, colocou-se na posição inicial.

—És mais forte que pareces, Kubera — disse ele, desfechando um murro.

Kubera caiu, com a respiração cortada.

Tentou erguer-se, gemeu e, por fim, levantou-se penosamente.

—Nunca pensei que conseguisses levantar-te.

Kubera voltou-se para o adversário, enquanto um fio de sangue lhe escorria pelo queixo.

Assumiu a posição de ataque, e Sam recuou Kubera ficou à espera, respirando com dificuldade. *Desce a parede cinzenta da noite. Foge! Debaixo de um rochedo. Esconde-te! O medo contrai-te o ventre. O atrito do caminho dilacera te o dorso...*

—Ataca! — exclamou Sam.

Kubera sorriu e esferiu um golpe. Caiu por terra, trémulo, e as vozes da noite, constituídas pelos zumbidos insectos, o assobiar do vento e o suspiro da treva, chegaram lhe aos ouvidos.

Estremece, como a última folha morta do ano. No teu peito há um bloco gelo. Não há palavras dentro do teu espírito, apenas as cores do pânico.

Sam abanou a cabeça e ergueu-se sobre os joelhos.

Cai novamente, enrola-te numa bola e chora, pois foi assim que o homem começou, e è assim que ele acaba. O universo é uma bola negra que rebota, que esmaga o que toca. Avança na tua direcção. Foge! Resta-te talvez uma hora antes de ela te atingir...

Levantou as mãos até ao rosto, baixou-as, olhou para Kubera e ergueu-se

—Construíste a sala chamada Me o no Pavilhão do Silêncio — disse ele. Agora me lembro do teu poder, velho deus; não é suficiente.

Um cavalo invisível corre pelas pastagens do teu espírito. Conhece-lo pelas marcas dos cascos, cada uma é uma ferida...

Sam pôs-se em posição: cerrou o punho.

O céu estala por cima de ti. O chão pode abrir-se debaixo dos teus pés. Que é naquela sombra negra e esguia que está por trás de ti?

O punho de Sam estremeceu, mas ele avançou-o. Kubera vacilou, a sua cabeça pendeu para o lado, mas manteve-se de pé. Sam permaneceu trêmulo, e Kubera recuou o braço direito, preparando-se para desferir o golpe final.

—Velho deus, estás a fazer batota — disse Sam.

Kubera entreabriu os lábios ensanguentados num sorriso, e o seu punho avançou como uma bola negra.

YAMA ESTAVA A CONVERSAR com Ratri quando o grito de Garuda rasgou a noite.

—Isto nunca tinha acontecido — disse ele, lentamente, os céus começaram a abrir-se.

—Talvez o Senhor Vishnu vá sair...

—Não costuma sair de noite. Quando há pouco falei com ele, não disse que fazia tenção de sair.

—Então foi outro deus que ousou servir-se da sua montada.

—Não! Vamos à gaiola, depressa! Posso precisar dos teus poderes.

Arrastou-a com ele em direcção à gaiola de aço da ave.

GARUDA ESTAVA ACORDADO e solto, mas continuava com a cabeça coberta pelo capuz. Kubera, que transportara Sam até à gaiola, amarrou-o à sela, ainda inconsciente.

Voltou a descer, e accionou um último controlo. A parte superior da gaiola abriu-se, Kubera agarrou, então, o longo gancho metálico e aproximou-se da escada de corda. A ave exalava um cheiro activo. Garuda agitou-se com impaciência e sacudiu as penas que tinham o dobro do tamanho de um homem.

Subiu lentamente.

Enquanto se estava a instalar, Yama e Ratri aproximaram-se da gaiola.

—Kubera! Que loucura é essa? — exclamou Yama

— Nunca gostaste das alturas!

—É um assunto urgente — respondeu Kubera —, e seria necessário um dia para acabar de reparar o carro trovejante.

—Que assunto, Kubera? Por que não levas uma gôndola?

—Garuda é mais rápido. Quando regressar, digo-te de que se trata.

—Talvez te possa ajudar...

—Não, obrigado.

— Mas o Senhor Murugan pode.

—Neste caso, pode.

—Vocês os dois nunca se entenderam muito bem.

—Pois não, mas agora preciso dos serviços dele.

—Olá, Murugan!... Por que é que ele não responde?

— Está a dormir.

— Tens sangue no rosto, irmão.

— Sofri um pequeno acidente.

—Algo de estranho se passa, Kubera. Espera, vou entrar na gaiola.

—Não entres, Yama!

—Os lokapalas não recebem ordens uns os outros; somos todos iguais.

— Não entres, Yama, vou retirar o capuz de Garuda!

—Não faças isso!

Os olhos de Yama faiscaram subitamente, e ele aumentou de estatura. Com o gancho, Kubera retirou o capuz que cobria a grande

cabeça de Garuda. A ave lançou a cabeça para trás e emitiu outro grito.

—Ratri — disse Yama —, lança sombras sobre os olhos de Garuda para que ele não possa ver.

Yama aproximou-se da porta da gaiola. A escuridão, como uma nuvem det empestade, escondia a cabeça do pássaro.

—Ratri! — exclamou Kubera — Levanta essa escuridão e lança-a sobre Yama, ou tudo estará perdido!

Ratri hesitou apenas um momento e fez como Kubera lhe dissera.

— Chega aqui, depressa! — gritou ele — Monta Garuda e vem conosco—precisamos muito de ti.

Ela penetrou na gaiola e deixou de se ver, pois a escuridão continuava a alastrar-se, como uma nódoa de tinta: Yama procurava orientar-se às apalpadelas.

Ratri subiu a escada e montou Garuda.

Garuda lançou um grito estridente e elevou-se rapidamente nos ares, pois, avançando na escuridão de arma em punho, Yama tinha cortado a primeira coisa que encontrara...

Rasgaram a noite e afastaram-se do Céu.

Quando atingiram uma grande altitude, a cúpula começou a fechar-se.

Garuda precipitou-se para o portão, lançando um novo grito. Conseguiram atravessá-lo antes de ele se fechar, e Kubera esporeou a ave.

—Onde vamos? — perguntou Ratri.

—A Keenset, à beira do rio Vedra — respondeu Kubera. — Este é Sam, continua vivo.

—Que aconteceu?

—É ele que Yama procura.

—E irá procurá-lo em Keenset .

—Sem dúvida, senhora; mas antes que ele o encontre, podemos preparar-nos melhor.

OS DEFENSORES CHEGARAM a Keenset no dia que prece eu a Grande Batalha. Kubera, Sam e Ratri levaram o alerta. Keenset já sabia da sublevação de seus vizinhos, mas desconhecia a chegada os vingadores celestes.

Sam treinou as tropas que haviam de lutar contra os deuses, e Kubera as que lutariam contra os homens.

Foi fabricada uma armadura negra para a Deusa da Noite, de quem se dizia "Protege-nos da loba e do lobo, livra-nos do ladrão, ó Noite".

No terceiro dia, havia uma coluna de fogo em frente da tenda de Sam, na planície fronteira à cidade.

—O senhor do Poço do Inferno veio cumprir a sua promessa, ó Siddhartha! disse uma voz dentro da cabeça dele.

—Taraka! Como é que me encontraste e me reconheceste?

—Vejo as chamas que são o teu verdadeiro ser, e não a carne que as oculta; tu sabes disso.

—Pensei que tivesses morrido.

—Quase morri ! Aqueles dois bebem a vida com os olhos! Até a vida de alguém como eu.

—Tinha-te prevenido. Trazes as tuas legiões?

—Sim, trago as minhas legiões.

—Ótimo. Os deuses vão atacar brevemente.

—Eu sei; visite muitas vezes o Céu sobre a sua montanha de gelo, e os meus espiões continuam lá. Portanto, sei que eles se preparam para vir para aqui e também que convidaram humanos para tomar parte na batalha. Embora achem que não precisam do auxílio dos homens, pensam que eles devem colaborar na destruição da cidade de Keenset.

—Sim, é lógico disse Sam, observando as chamas douradas. — Que mais notícias trazes?

—Vem o de Vermelho.

—Já o esperava.

—Vem ao encontro da morte; tenho de o aniquilar.

—Estará revestido de repelente de demônios.

—Encontrarei um modo de o retirar ou, então, matá-lo-ei á distância. Chegará aqui ao cair da noite.

—Como é que ele vem?

—Numa máquina voadora, não tão grande como o carro trovejante que tentamos roubar, mas muito rápida. Não consegui atacá-lo durante o vôo.

—Vem sozinho?

—Sim, se não contarmos as máquinas.

—Máquinas?

—Muitas máquinas; a sua máquina voadora vem a abarrotar de um estranho equipamento.

—Pode ser um mau presságio. A coluna de fogo tornou-se alaranjada.

—Também vêm outros.

—Acabaste de dizer que ele vem sozinho.

—É verdade.

—Então explica-me o que significa esse enigma. Os outros não vêm do Céu.

—De onde vêm então?

—Viajei muito desde que foste para o Céu, corri o mundo à procura de aliados entre os que também odeiam os Deuses da Cidade. A propósito, na tua última encarnação tentei salvar-te das garras dos tigres de Kaniburrha.

—Eu sei.

—Os deuses são poderosos, mais poderosos que nunca.

—Mas diz-me quem nos vem ajudar.

— O Senhor Nirriti, o Negro, que odeia todas as coisas, odeia os deuses da Cidade acima de tudo, e vai enviar mil seres inanimados para lutarem na planície junto do Vedra. Disse que, depois da

batalha, nós os Rakasha podemos escolher entre os corpos que restarem dos seres inanimados que ele criou.

—Não aprecio especialmente o auxílio do Negro, mas não estou em situação de fazer discriminações. Quando é que eles chegam?

—Esta noite; mas Dalissa chegará antes. Sinto que ela se está a aproximar.

—Dalissa?

— Quem é?

—A última das Mães do terrível Fulgor. Foi a única que conseguiu escapar para as profundezas quando Durga e o Senhor Kalkin alcançaram a cúpula pelo mar. Todos os seus ovos foram esmagados e não pode pôr mais; mas dentro do corpo possui a energia ardente do fulgor marítimo.

—E achas que ela me vai ajudar?

—Não ajudaria mais ninguém. É a última da sua espécie, só ajudará um igual

—Fica, então, sabendo que aquele que foi conhecido como Durga usa agora o corpo de Brama, o pior dos nossos inimigos.

—Então vocês dois são homens. Ela poderia ter escolhido o outro campo se Kali tivesse permanecido mulher; mas agora está comprometida, escolheu-te a ti.

—Isso equilibra um pouco as forças.

— Neste momento, os Rakasha estão a reunir elefantes, sagartos e tigres para enfrentarem os nossas inimigos.

—Ótimo.

—E convocam o fogo.

—Excelente!

—Dalissa já está perto. Ficarà à espera no fundo do rio até que seja necessária.

—Dá-lhe saudações minhas — disse Sam, antes de entrar na tenda.
—Não me esquecerei.

Sam fechou a tenda.

QUANDO O DEUS DA MORTE desceu do céu sobre as planícies do Vedra. Taraka dos Rakasha investiu sob a forma de um tigre de Kaniburrha.

Mas recuou imediatamente, pois Yama estava revestido de repelente de demônios e Taraka não conseguiu aproximar-se dele.

Rakasha afastou-se, abandonou a forma de tigre e assumiu a de um turbilhão de partículas de prata.

—Deus da Morte! — as palavras explodiram na cabeça de Yama.—
Lembras-te do Poço do Inferno?

Formou-se imediatamente um torvelinho de rochas e areia que se arremessou contra Yama, este fez rodopiar a capa e protegeu os olhos com a orla, mas permaneceu no mesmo lugar.

Passado pouco tempo, a fúria dissipou-se.

Yama não se movera. O solo à sua volta estava juncado de destroços, mas nenhum o atingira.

Yama baixou a capa e olhou para o turbilhão.

—Que magia é esta? — ouviu-se. — Como consegues ficar de pé?

Yama continuou a olhar ara Taraka.

—Como consegues rodopiar? — perguntou ele.

—Sou o maior dos Rakasha. Já uma vez suportei o teu olhar de morte.

—E eu sou o maior dos deuses; já resisti à tua legião inteira no Poço do Inferno.

— És um esbirro de Trimurti.

—Estás enganado, Vim aqui para lutar contra o Céu em nome do Aceleracionismo. O meu ódio é imenso e trouxe armas para lutar contra Trimurti.

—Então, suponho que tenho de adiar o prazer de continuar este combate...

—Acho aconselhável.

—Desejas, certamente, ser conduzido à presença do nosso chefe?

—Posso ir sozinho.

—Então, até à vista, Senhor Yama.

—Adeus, Rakasha.

TARAKA RASGOU OS CÉUS como uma flecha ardente e desapareceu de vista. Alguns dizem que Yama resolvera o seu enigma enquanto se encontrava na gaiola do pássaro, no meio da

escuridão e dos excrementos. Outros dizem que ele repetiu o raciocínio de Kubera pouco tempo depois, servindo-se dos registros da Grande Sala da Morte. Fosse como fosse, quando entrou na tenda na planície do Vedra cumprimentou o homem que se chamava Sam; Sam colocou a mão sobre a espada e voltou-se para ele.

—Morte, precedes a batalha — disse ele.

—Houve uma alteração — respondeu Yama.

—Que espécie de alteração?

—De posição. Vim aqui para me rebelar contra a vontade do Céu.

—Como?

— Aço. Fogo. Sangue.

—A que se deve essa mudança?

—No Céu, fazem-se divórcios, perpetram-se traições e outras coisas abomináveis. A senhora foi longe de mais, e agora sei qual a razão, Senhor Kalkin. Não apoio o vosso Aceleracionismo, nem o rejeito: apenas me interessa porque representa a única força no mundo que se opõe ao Céu. Tendo em conta este facto, unir-me-ei a vocês, se aceitarem a minha espada.

—Aceito a tua espada, Senhor Yama.

—Brandi-la-ei contra a horda celeste, à excepção do próprio Brama, que não enfrentarei.

—De acordo.

—Então, permite-me que seja o teu cocheiro.

—Lamento, mas não tenho carro de batalha.

—Trouxe um muito especial; ando a construí-lo há muito tempo e ainda não está completo, mas será suficiente. Tenho de o montar esta noite, pois a batalha começa amanhã, ao romper do dia.

—Tive esse pressentimento; o Rakasha preveniu-me sobre o movimento de tropas nas proximidades.

—Sim, sobrevoei-os quando me dirigia para aqui. O ataque maciço deve vir do nordeste, do outro lado das planícies. Os deuses virão mais tarde, mas chegarão destacamentos de todas as direcções, incluindo rio acima.

—Temos o rio sob controlo; Dalissa do Fulgor está à espera no fundo; quando chegar o momento oportuno, pode erguer grandes ondas que farão o rio transbordar das margens.

—Pensei que o Fulgor estava extinto!

— Só resta ela, é a última.

— Suponho que os Rakasha lutarão do nosso lado?

—Sim, e outros.

—Que outros?

—Aceitei o auxílio de corpos sem espírito do Senhor Nirriti.

Yama semicerrou os olhos, e as suas narinas vibraram.

—Isso não é bom, Siddhartha. Mais cedo ou mais tarde, ele terá de ser destruído e não é conveniente ficar em dívida para com ele!

—Eu sei, Yama, mas estou desesperado; eles chegam esta noite...

—Mesmo que vençamos e derrubemos a Cidade Celeste, desmembrando a velha religião e proporcionando ao homem o progresso industrial, continuará a haver oposição. O próprio Nirriti, que esperou todos estes séculos pela morte dos deuses, terá de ser combatido e aniquilado, caso contrário, tudo voltará a ser como dantes, com a diferença de que os Deuses da Cidade demonstram, pelo menos, uma certa benevolência apesar do seu comportamento reprovável

—Penso que ele teria ocorrido em nosso auxílio, mesmo que não o tivéssemos convidado.

— Sim, mas convidando-o, ou aceitando a sua proposta, ficamos a dever-lhe esse favor.

— Enfrentarei a situação quando ela se apresentar.

— Isso é política, mas não me agrada.

Sam encheu dois copos com vinho escuro e adocicado de Keenset.

— Acho que Kubera gostaria de te ver mais tarde — disse ele, oferecendo um copo a Yama.

— Que está ele a fazer? — perguntou Yama, depois de ter engolido o vinho de um trago.

— A treinar tropas e a dar instruções sobre o motor de combustão interna ao novos cientistas da cidade — respondeu Sam. —Mesmo que sejamos derrotados, os sobreviventes terão oportunidade de realizar algum progresso técnico

— Os conhecimentos mecânicos de pouco lhes servirão, se não aprenderem outras coisas.

— O curso já dura há vários dias e os escribas anotam tudo: geologia, exploração mineira, metalurgia, química e petróleo...

—Se dispuséssemos de mais tempo, daria o meu contributo, mas como tal não é possível, se eles retiverem dez por cento dos ensinamentos já será o suficiente; não amanhã nem para o ano, mas...

Sam acabou de beber o vinho, e voltou a encher os copos.

— Ao dia de amanhã, cocheiro!

— Ao sangue. Subjugador, ao sangue e ao massacre!

— Algum do sangue derramado pode ser o nosso, deus da morte, mas se a maior parte for do inimigo...

— Não posso morrer, Siddhartha, a não ser que seja esse o meu desejo!

— Como é isso possível. Senhor Yama?

— Deixa que a morte guarde os seus pequenos segredos, pois posso decidir não exercer o meu poder de opção nesta batalha.

— Como quiseres, senhor...

—A tua saúde!

—A tua!

O DIA DA BATALHA AMANHECEU rosado como a coxa de uma donzela.

Do rio elevava-se uma ligeira bruma; a Ponte dos deuses refulgia com seus reflexos dourados e dividia o céu como um equador ardente indo mergulhar na escuridão longínqua da noite.

Os guerreiros de Keenset esperavam no exterior da cidade, sobre a planície do Vedra. Cinco mil homens, armados de espadas e arcos, lanças e fundas, esperavam que a batalha começasse. A vanguarda era constituída por mil mortos-vivos comandados pelos sargentos do Negro, que os conduziam ao toque do tambor, com lenços de seda negra esvoaçando no alto dos capacetes como espirais de fumo.

Na retaguarda encontravam-se quinhentos lanceiros. Os Rakasha pairavam no ar como ciclones prateados. A penumbra do crepúsculo era, por vezes, cortada pelo uivo de um animal da floresta. Línguas de fogo projectavam-se dos ramos das árvores, das lanças e dos paus dos estandartes.

Não havia nuvens no céu; a erva da planície cintilava; o ar estava fresco e a terra húmida e macia afundava-se sob os pés dos guerreiros; a paisagem apresentava tonalidades cinzentas, verdes e amarelas: o Vedra corria impetuoso dentro das margens arrastando folhas que caíam das árvores. Diz-se que cada novo dia repele a história do mundo, emergindo das trevas e do frio para a luz difusa e tépida, despenando progressivamente para a surpresa sempre renovada, os pensamentos e as emoções desconexas e incoerentes que atinge o seu auge à hora do meio-dia quando tudo se torna ordenado, para depois entrar lentamente no declínio do anoitecer, a visão mística do crepúsculo, o fim da entropia com a noite que cai uma vez mais.

O dia começou.

Na extremidade do campo avistava-se uma fileira negra; uma trombeta rasgou o silêncio e essa fileira pôs-se em marcha.

Sam encontrava-se no seu carro à frente da formação, de armadura rutilante e empunhando uma longa lança cinzenta. Ouviu as palavras da Morte, que estava vestida de vermelho e era o seu cocheiro:

—A primeira vaga de assalto é constituída por um batalhão de sagartos.

Sam olhou atentamente para a fileira distante.

—É como te digo — insistiu o cocheiro.

—Muito bem.

Fez um movimento com a lança e os Rakasha avançaram como uma onda de maré de luz branca. Os mortos-vivos também se puseram em marcha.

Quando a onda branca e a fileira escura se encontraram ouviu-se um estrépido de vozes, silvos e tinido de armas.

A fileira escura atacou, envolta em nuvens de poeira.

Ouviram se então os ruídos da selva quando as feras se lançaram contra os flancos do inimigo.

Os mortos-vivos marchavam lentamente, ao som do tambor, precedidos pelas línguas de fogo, e a erva murchava sob os seus pés.

Sam fez um sinal à Morte, e o carro começou a avançar lentamente sobre a sua almofada de ar. Atrás dele, o exército de Keensel posse em marcha. O Senhor Kubera estava mergulhado num sono profundo semelhante à morte, numa galeria secreta debaixo da cidade. A senhora Ratri montava uma égua negra na retaguarda do batalhão e lanceiros.

— O ataque deles foi repellido — disse a Morte.

—É verdade.

—A cavalaria foi derrubada e os animais da selva vão devastá-la; ainda não reestruturaram as fileiras; os Rakasha lançam avalanches

semelhantes à chuva sobre as cabeças deles. Aí vem a torrente de fogo.

—Sim.

—Destruí-los-emos. Agora os esbirros de Nirriti lançam-se impiedosamente sobre eles, com passo firme e sem medo, ao ritmo do rufar do tambor, cegos e inconscientes do perigo. Quando olham para cima, vêem-nos aqui como dentro de uma nuvem de tempestade, e vêem que a Morte conduz o teu carro. O seu coração acelera-se e os seus membros tolhem-se de pavor. Vês como as animais ferozes passam pelo meio das suas fileiras?

—Vejo.

—Que não haja clarins dentro das nossas fileiras, Siddhartha, pois isto não é uma batalha, mas um massacre.

—Está bem.

Os mortos-vivos devastavam tudo à sua passagem, e quando tombavam não pronunciavam uma palavra, pois para eles nada mudava, e as palavras nada significam para os mortos.

Dizimaram os adversários, e novas vagas de guerreiros surgiram à sua frente; mas a cavalaria tinha sido dispersada; a infantaria não conseguia sustentar o ataque dos lanceiros, dos Rakasha, dos mortos-vivos e da infantaria de Keenset.

O carro de batalha conduzido pela morte, afiado com uma lâmina, irrompeu por entre as fileiras inimigas. Os projecteis e as lanças arremessados contra o carro desviavam-se antes de o atingirem. Nos olhos da Morte dançavam labaredas negras, enquanto segurava as duas argolas com que manobrava o veículo. Lançou-se impiedosamente sobre o inimigo, repelindo várias vezes o ataque, e a lança de Sam dardejava como a língua de uma serpente ao atravessarem as fileiras.

Ouviu-se o toque de retirada, mas poucos atenderam à chamada

—Enxuga os olhos, Siddhartha, e manda organizar uma nova formação — disse a Morte. —Chegou o momento de intensificar a investida. Masjusri deve dar ordem de assalto.

—Sim, Morte, eu sei.

—Vencemos esta batalha, mas o dia ainda não acabou. Os deuses observam-nos para avaliar as nossas forças.

Sam ergueu a lança e as tropas puseram-se novamente em marcha; voltaram a imobilizar-se, e, de súbito, o vento deixou de soprar e fez-se um silêncio total. O céu estava azul; o terreno estava transformado num atoleiro cinzento-esverdeado. Ao longe, via-se uma nuvem de poeira.

Sam observou as fileiras e ergueu a lança.

Nesse instante, ouviu-se o ribombar do trovão.

—Os deuses vão entrar no campo — disse a Morte, olhando para o céu.

O carro trovejante rasgou os ares; mas não se despenhou qualquer chuva devastadora.

—Por que é que ainda estamos vivos? — perguntou Sam.

—Eles devem preferir que a nossa derrota seja mais ignominiosa. Além disso, talvez receiem utilizar o carro trovejante contra o seu criador, e com razão.

—Nesse caso... — disse Sam, e deu ordem de ataque às tropas.

O carro avançou e o exército de Keenset seguiu-o.

Dizimaram os soldados extraviados; esmagaram a guarda que tentava detê-los; por entre uma chuva de flechas, derrubaram os arqueiros. Depois enfrentaram o destacamento de cruzados que tinham jurado arrasar a cidade de Keenset....

Então, a trombeta tocou as notas do céu.

As linhas inimigas de guerreiros humanos dividiram-se.

Os cinquenta semideuses avançaram.

Sam ergueu a lança.

—Siddhartha — disse a Morte , —o Senhor Kalkin nunca foi derrotado numa batalha.

— Pois não.

—Tenho aqui o Talismã do Subjugador. O que foi destruído na pira no Fim do Mundo era uma imitação; fiquei com o original para o examinar, mas nunca tive oportunidade: espera um pouco que eu coloco-te.

Sam levantou os braços e a Morte colocou-lhe o cinto de conchas à cintura.

Fez, então, sinal às tropas para que parassem.

A Morte conduziu-o sozinho para enfrentar os semideuses.

SOBRE AS CABEÇAS DE ALGUNS DELES bailavam auréolas de um Aspecto incipiente.

Outros usavam estranhas armas para focar os seus estranhos Atributos. Do céu desciam chamas que lambiam o carro; os ventos fustigavam-no; à sua volta, o estrépito era ensurdecedor. Sam fez um movimento com a lança e os três primeiros adversários vacilaram e caíram dos sagartos. Então, a Morte fez avançar o carro no meio deles.

As suas arestas cortam como lâminas e a sua velocidade é três vezes superior à de um cavalo e duas vezes superior à de um sagarto.

À sua volta elevou-se uma névoa tingida de sangue. Os projecteis que eram lançados contra ele desviavam-se e desapareciam. Gritos ultrassônicos agrediam-lhe os ouvidos mas eram parcialmente amortecidos.

Com o rosto inexpressivo, Sam ergueu a lança bem alto.

Uma ira momentânea contraiu-lhe a face, e a ponta da lança expeliu faíscas.

Os sagartos e os cavaleiros ficaram instantaneamente calcinados. O cheiro a carne queimada fustigou-lhe as narinas. Riu-se e a Morte manobrou o carro para uma nova investida.

—Estão a observar-me — gritou Sam olhando para o Céu. — Continuem a observar então, e cuidado! Acabaram de cometer um erro!

— Não faças isso! — disse a Morte. É cedo de mais. Nunca troças de um deus antes de ele morrer!

O carro arremeteu novamente por entre as fileiras dos semideuses e nenhum conseguia atingi-lo. O som das trombetas encheu os ares e o exército celeste correu em auxílio dos seus defensores

Os guerreiros de Keenset foram ao seu encontro.

Sam encontrava-se de pé sobre o carro, sob uma chuva de projecteis que nunca atingiam o alvo. A Morte conduziu-o por entre as fileiras do inimigo como uma espada devastadora.

Ia cantando enquanto avançava e a sua lança era a língua de uma serpente que, por vezes, dava estalidos e expelia clarões. O Talismã refulgia com um brilho pálido à volta da sua cintura.

—Havemos de vencê-los! — exclamou ele

—Só há semi-deuses e homens no campo de batalha — observou a Morte. — Estão a experimentar a nossa força. Poucos se lembram de todo o poder de Kalkin.

— Todo o poder de Kalkin? — perguntou Sam. — Nunca foi exercido. Eles que se lancem contra mim agora, e os céus hão-de chorar sobre os seus corpos e o Vedra ficará vermelho de sangue!... Estão a ouvir-me? Estão a ouvir-me, deuses? Lancem-se contra mim! Desafio-os neste campo de batalha! Venham medir forças comigo!

—Não! — gritou a Morte. — Ainda não!

O carro trovejante atravessou novamente os céus sobre as suas cabeças.

Sam ergueu a lança e uma explosão de fogo abateu-se sobre o veiculo celeste.

—Não lhes devias ter mostrado que podes fazer isso! Ainda é demasiado cedo!

Por entre o estrépito da batalha e as canções que enchiam o seu cérebro, ouviu a voz de Taraka:

—Eles estão a subir o rio, ó Subjugador! Outro destacamento ataca os portões da cidade!

—Diz, então, a Dalissa que agite as águas do Vedra com o poder do Fulgor. Leva os Rakasha aos portos de Keenset e destruam o invasor.

—Estou a ouvir, Subjugador —disse Taraka, e desapareceu. Do carro dos deuses saiu um clarão fulgurante que varreu as fileiras dos defensores.

— Chegou o momento — disse a Morte, e agitou a capa. Na retaguarda, a Senhora Ratri ergueu-se sobre os estribos da montada. Levantou o véu negro que trazia sobre a armadura.

Ouviram-se gritos de ambos os lados quando o sol cobriu o rosto e a escuridão desceu sobre o campo. O clarão que jorrava do carro trovejante e xtinguiu-se.

Apenas se via uma ligeira fosforescência cuja origem ninguém sabia. Neste momento, o Senhor Mara surgiu sobre o campo no seu carro colorido puxado por cavalos que vomitavam jactos de sangue fumegante.

Sam dirigiu-se para ele, mas um grande destacamento de guerreiros barrou-lhe o caminho. Antes de ter conseguido abrir caminho, o Senhor Mara atravessou o campo, matando todos à sua passagem.

Sam levantou a lança com um gesto, irado, mas o alvo tornou-se indistinto e móvel: os raios continuavam a não o atingir.

Então, ao longe, começou a ver-se uma luz suave dentro do rio; era quente e vibrante e algo de semelhante a um tentáculo pareceu agitar-se por um momento sobre a superfície das águas.

Da cidade, vinha o tumulto da luta; o ar estava cheio de demônios; o solo parecia mover-se sob os pés dos guerreiros.

Sam ergueu a lança e um raio elevou-se nos céus; ao mesmo tempo, uma dezena de relâmpagos choveu sobre o carro.

Mais feras uivaram e rugiram, provocando grande devastação entre os dois exércitos adversários.

Os mortos-vivos continuaram a matar, incitados pelos sargentos negros que não cessavam de rufar as tambores; línguas de fogo prenderam-se ao peito dos cadáveres como se lhes sugassem o sangue.

—Aniquilámos os semideuses. — disse Sam —, Ocupemo-nos agora do Senhor Mara.

Procuraram-no pelo campo, entre gritos e gemidos, pisando cadáveres moribundos.

Quando viram as cores do carro de Mara iniciaram a perseguição. Ele voltou-se e olhou-os de frente, num corredor de escuridão em que ruídos da batalha pareciam abafados e distantes. A morte também parou o carro, e, através da noite, os olhos cintilantes dos adversários encontraram-se.

—Estás disposto a lutar, Mara, ou teremos de te perseguir como um cão? — perguntou Sam.

—Não me fales dos da tua espécie, ó Subjugador! — respondeu Mara. —Tu és Kalkin, não és? Esse é o teu cinto. Esse é o gênero de batalha que sabe travar, com raios que fulminam tanto o amigo como o inimigo. Segundo vejo, conseguiste sobreviver.

—Sou eu — disse Sam, brandindo a lança.

—E o deus da Morte conduz o teu carro!

A Morte levantou a mão direita.

—Garanto-te que morrerás! — disse-lhe ele. — Se não for às mãos de Kalkin, será às minhas. Se não for hoje, será outro dia. A luta

agora é também entre nós os dois.

Do lado esquerdo, o rio estava cada vez mais tumultoso. A Morte inclinou-se para a frente e o carro investiu contra Mara.

OS CAVALOS DO SONHADOR EMPINARAM-SE e lançaram fogo pelas narinas; depois arrancaram a galope.

As flechas de Rudra procuraram-nos na escuridão, mas também se desviavam ao aproximar-se da Morte e do seu carro; explodiam, iluminando momentaneamente a noite.

Ao longo, os elefantes corriam pesadamente e guinchavam, perseguidos através das planícies.

Ouviu-se um estrondo ensurdecedor.

Mara transformou-se num Gigante, e o carro, numa montanha, os seus cavalos a galope abarcavam eternidades; a lança de Sam expelia raios como um repuxo, de súbito, viu-se envolvido numa tempestade de neve, e o frio interestelar penetrou-o até aos ossos.

No último momento, Mara deu uma guinada com o carro e saltou. Atingiram-no no costado e pousaram lentamente no chão com um baque surdo.

Nesse momento, o barulho era ensurdecedor, e no rio a luz tênue transformara-se, num clarão fulgurante. Uma onda de água efervescente varreu o campo quando o Vedra transbordou das margens.

Ouviram-se gritos e o clangor das armas prosseguia. Os tambores de Nirriti continuavam a rufar débilmente na escuridão, e quando o carro trovejante descia vertiginosamente ouviu-se um ruído estranho.

—Onde teria ele ido? — perguntou Sam.

— Esconder-se. —respondeu a Morte. — Mas, não pode ficar eternamente escondido.

—Diabos o levem! Estamos a ganhar ou a perder?

—É uma pergunta, mas não sei qual é resposta.

As águas revoltas borbulham à volta do carro encalhado.

—Consegues tirar-nos daqui?

—Não com esta escuridão e rodeados pela água.

—Então, que vamos fazer?

—Encher-nos de paciência e fumar cigarros.

Recostou-se e acendeu um cigarro.

Passado algum tempo, aproximou-se um Rakasha que ficou a pairar por cima deles.

—Subjugador! disse o demônio. — Os novos atacantes da cidade têm aquela coisa que repele!

Sam ergueu a lança de cuja ponta saiu um raio. O campo ficou iluminado durante breves segundos.

Havia mortos por todo o lado, e pequenos grupos de homens encostados uns aos outros; alguns jaziam contorcidos, e entre eles havia cadáveres de animais. Alguns grandes felinos erravam, pelo campo, devorando os corpos. As línguas de fogo tinham se afastado da água que cobria os mortos de lama e encharcara os que ainda conseguiam estar de pé. Carros destruídos e cavalos e sagartos mortos formavam pilhas aqui e acolá. Impávidos e indiferentes, os

mortos-vivos continuavam a obedecer às ordens e iam matando os sobreviventes que encontravam pela frente. Ao longe, ouvia-se o rufar de um tambor com algumas hesitações. Da cidade chegavam os ruídos do combate que prosseguia.

—Encontra a senhora de negro. — disse Sam ao Rakasha —, e diz-lhe que dissipe a escuridão.

—Sim — respondeu o demônio, e voou em direcção à cidade.

O Sol voltou a brilhar e Sam protegeu os olhos.

SOB O CÉU AZUL E A PONTA DOURADA, o massacre era ainda mais assustador. O carro trovejante estava imobilizado sobre um pequeno morro, no outro lado do campo.

Os mortos-vivos mataram os últimos homens que haviam escapado à carnificina; nesse momento, o rufar do tambor cessou e eles próprios caíram por terra.

Sam encontrava-se entro do carro ao lado da Morte, olharam à volta, à procura de sinais de vida.

—Nada se mexe. — disse Sam. —Onde estão os deuses?

—Talvez no carro trovejante.

O Rakasha aproximou-se novamente.

— Os defensores não conseguem repelir o assalto.

—Os deuses também participam no ataque?

—Rudra está lá e as suas flechas provocam grande devastação.

—O Senhor Mara, Brama também, creio eu, e muitos outros. Reina grande confusão; apressei-me a trazer-lhes a notícia.

—Onde está a Senhora Ratri?

—Entrou em Keenset e encontra-se no seu templo.

—E os outros deuses?

—Não sei.

—Vou à cidade para ajudar na sua defesa. —disse Sam.

—Apoderar-me-ei do carro trovejante e utilizá-lo-ei contra o inimigo, se ainda estiver operacional—disse a Morte. — Se não estiver, restamos Garuda.

— De acordo — disse Sam, elevando-se nos ares.

A Morte desceu lentamente do carro.

—Boa sorte... — disse.

—Para ti também.

Atravessaram o campo de batalha, cada um à sua maneira.

Subiu a pequena colina, sem que as suas botas de couro vermelho fizessem qualquer ruído sobre a relva.

Lançou a capa escarlata sobre o ombro direito e examinou o carro trovejante.

—Foi danificado pelos raios.

—Sim. — concordou ele.

Voltou-se para a comitiva e encarou o que falara.

A sua armadura reluzia como o bronze, mas não era de bronze.

Estava decorada com serpentes.

Sobre o capacete brilhante exibia cornos de touro, e na mão esquerda empunhava um tridente dardejante.

—Irmão Agni, vieste até este mundo.

—Já não sou Agni, mas Shiva, Senhor da Destruição.

—Usas a sua armadura sobre o novo corpo e trazes o seu tridente, ninguém conseguiria familiarizar-se tão depressa com o tridente de Shiva por isso que usas a luva branca na mão direita e um par de óculos na testa.

Shiva colocou os óculos sobre os olhos.

—Sei que é verdade. Larga o teu tridente, Agni . Dá-me a luva e o cinto e os óculos.

Ele abanou a cabeça.

—Respeito o teu poder, deus da morte, a tua rapidez e a tua força, perícia, mas nenhum desses dons te pode ajudar neste momento. Não podes alcançar-me, mas vou fulminar-te antes que me atinjas. Vais morrer, ó Morte. Colocou a mão sobre a vara que trazia à cintura.

—Queres utilizar o presente da Morte contra quem o deu? Enquanto falava, desembainhou a cimitarra vermelha

.—Adeus, Dharma, os teus dias chegaram ao fim. Retirou a vara da cinta.

—Em nome da amizade que outrora nos uniu — disse o de vermelho, concedo-te a vida se te submeteres a mim.

A vara agitou-se.

— Mataste Rudra para defender o nome da minha mulher.

—Filo para salvaguardar a honra dos Lokapalas. Agora sou o deus da Destruição e pertença a Trimurti!

Apontou a vara de fogo, e a morte fez rodopiar a capa escarlate.

Produziu-se um clarão tão deslumbrante que foi visto pelos defensores de Keenset, a três quilómetros de distancia.

OS INVASORES TINHAM PENETRADO EM KEENSET. Por todo o lado havia incêndios, gritos e o clangor das armas.

Os Rakasha fizeram desmoronar edificios sobre os invasores de quem não se podiam aproximar. Tanto os invasores como os defensores eram pouco numerosos. O grosso das hostes tinha perecido no campo de batalha.

Sam estava empoleirado na torre mais alta do templo e contemplava a cidade que capitulava.

— Não consegui salvar-te, Keenset — disse ele — Tentei, mas não foi o suficiente.

Lá em baixo, na rua, Rudra retesou o arco.

Ao vê-lo, Sam ergueu a lança.

Os raios fulminaram Rudra e a flecha explodiu.

Quando o fumo se dissipou havia apenas uma cratera no solo calcinado onde antes se encontrava Rudra.

O Senhor Vayu surgiu sobre um telhado distante e convocou os ventos para alçarem as chamas. Sam ergueu novamente a lança, mas, nesse momento, uma dezena de Vayus apareceram sobre uma dezena de telhados.

—Mara! — disse Sam. — Mostra-te, Sonhador! Se ousares!

Ouviu gargalhadas à sua volta.

—Quando estiver pronto, Kalkin — disse uma voz no ar cheio de fumo —,ousarei, mas sou eu quem decide. Não sentes vertigens? Que aconteceria se te lançasses daí abaixo? Os Rakasha viriam apanhar-te no ar? Os teus demônios acorreriam em teu auxílio?

Caíram raios sobre todos os edifícios perto do templo, mas sobrepondo-se ao estrépito ouviu-se o riso de Mara, que se desvaneceu quando novos incêndios começaram a crepitar.

Sam sentou-se e observou a cidade em chamas. Os ruídos da luta abrandando e cessaram por completo. Só se via e ouvia o crepitar das labaredas.

Sentiu uma dor aguda e momentânea na cabeça; a dor voltou e não desapareceu; depois torturou-lhe o corpo todo e ele deu um grito. Lá em baixo, na rua, estavam Brama, Vayu, Mara e quatro sem deuses.

Sam tentou erguer a lança, mas a mão tremia-lhe tanto que deixou cair a arma e ela despenhou-se pela torre abaixo. O ceptro que é um crânio e uma roda estava apontado para ele.

—Desce, Sam! — convidou tirania, agitando levemente o ceptro, de modo que as dores de Sam mudaram de localização e queimaram.

— Tu e Ratri são os únicos sobreviventes. Rende-te!

Levantou-se pensosamente e colocou as mãos sobre o cinto rutilante. Cambaleante falou através dos dentes cerrados:

—Muito bem, vou descer sobre vós como uma bomba!

Mas, nesse momento, o céu escureceu, iluminou-se, e voltou a escurecer.

Acima do crepitar das chamas, elevou-se um grande grito.

—É Garuda! — exclamou Mara.

—Por que virá Vishnu agora?

—Roubaram Garuda, já te esqueceste?

O grande pássaro mergulhou sobre a cidade em chamas, como uma fênix gigantesca sobre o ninho incendiado.

Sam olhou para cima e viu o Capuz cair subitamente sobre a cabeça de Garuda. O pássaro agitou as asas e depois caiu a pique sobre os deuses que se encontravam em frente do templo.

—Vermelho! —gritou Mara. —O cavaleiro está vestido de vermelho!

Brama dirigiu o ceptro ululante para a cabeça da ave que se aproximava a grande velocidade.

Mara fez um gesto, e as asas de Garuda pareceram incendiar-se. Vayu ergueu os braços e um vento ciclônico fustigou a montanha de Vishnu

Emitiu novo grito, abriu as asas e abrandou a descida. Então, os Rakashas precipitaram-se sobre ele e obrigaram-no a descer com golpes e ferroadas.

Ele abrandou, abrandou, mas não conseguiu parar.

Os deuses afastaram-se apressadamente.

Quando pousou, o solo estremeceu.

Yama saltou do dorso da ave, de arma em punho, deu três passos e caiu por terra. Mara saiu de um edifício em ruínas e desferiu-lhe dois golpes na nuca.

Sam saltou antes do segundo golpe, mas não chegou a tempo. O ceptro ululou novamente e tudo girou a volta dele. Tentou deter a queda, abrandou.

O solo estava a dez metros, a sete, a cinco....

O solo estava oculto sob uma névoa cor de sangue, e depois negra.

—O Senhor Kalkin foi finalmente derrotado numa batalha — disse alguém lentamente.

Brama, Mara e dois semideuses chamados Bora e Tikan eram os únicos que restavam para levar Sam e Yama para longe da cidade moribunda de Keenset. A Senhora Ratri caminhava a frente deles, com uma corda à voltado pescoço.

Transportaram Sam e Yama até ao carro trovejante, que estava ainda mais danificado que quando o haviam deixado, com um grande buraco no lado direito e sem uma parte da cauda. Acorrentaram os prisioneiros, depois de terem retirado o Talismã do Subjugador e a capa escarlata da Morte; depois enviaram uma mensagem para o Céu, e, passado algum tempo, chegaram gôndolas para os levar para a Cidade Celeste.

— Ganhamos — disse Brama. — Keenset já não existe.

— Uma vitória cara — acrescentou Mara.

— Mas ganhamos!

— E o Negro agita-se outra vez.

—Quis apenas experimentar a nossa força.

— E que há de pensar dela? Perdemos um exercito inteiro, até morreram deuses

—Lutamos contra a Morte, os Rakasha, Kalkin, a Noite e a Mãe do Fulgor. Depois desta vitoria, Nirriti não ousará voltar a erguer a mão contra nós.

— Brama é poderoso. — disse Mara, e afastou-se.

Os Senhores do Karma foram convocados para o julgamento dos prisioneiros.

A SENHORA RATRI FOI EXPULSA da Cidade e condenada a viver no mundo como mortal, reencarnando sempre em corpos de meia-idade, pouco atraentes, que não poderiam suportar todo o poder do seu Aspecto ou Atributos. A sua sentença foi clemente, porque foi considerada cúmplice secundaria, ludibriada por Kubera, em quem havia confiado.

Quando foram buscar Yama para o levar a julgamento, encontraram-no morto na cela. Debaxo do turbante tinha uma pequena caixa que explodira. Os Senhores do Karma realizaram a autópsia e deliberaram.

—Por que é que ele não se envenenou, se queria morrer? — perguntara Brama, —Teria sido mais fácil dissimular um comprimido que uma caixa.

—Existe a hipótese remota — disse um dos Senhores do Karma —, de ele possuir outro corpo algures no mundo, e de ter procurado transmigrar através de um dispositivo de dispersão programado para se autodestruir depois de utilizado.

— Achas isso possível?

—Não, claro que não. O equipamento de transferência é volumoso e complicado; mas Yama gabava-se de poder fazer tudo. Uma vez tentou convencer-me de que se poderia construir um mecanismo desses; mas tem de haver contacto directo entre os dois corpos por meio de muitos fios e cabos, e um aparelho tão pequeno não poderia ter gerado a energia suficiente.

—Quem construiu a tua psicossonda? — perguntou Brama.

—O Senhor Yama.

—E o carro trovejante de Shiva, e a vara de fogo de Agni? E o terrível arco de Rudra? E o tridente? E o Espada Flamejante?

— Yama.

— Então, devo comunicar-lhes que, aproximadamente no momento em que a caixinha deve ter estado a funcionar, um grande gerador ligou-se sozinho na grande sala da Morte. Funcionou durante menos de cinco minutos e depois voltou a desligar-se.

—Energia de dispersão?

Brama fez um gesto de ignorância.

—É altura de condenar Sam.

Assim fizeram e como ele já tinha morrido uma vez, sem muito esforço. Foi decidido que não devia ser aplicada a pena de morte.

Foi transmigrado, mas não para outro corpo.

Foi erigida uma torre de radio. Colocaram Sam sob sedativos, fixaram-lhe os cabos de transferência nos pontos indicados, mas, em vez, de o ligarem a outro corpo, ligaram-no ao transformador da torre.

A sua atan foi projectada através da cúpula aberta para esse efeito, para a grande nuvem magnética que circundava o planeta inteiro e se chamava Ponte dos Deuses.

Depois, concederam-lhe a honra de ter um segundo funeral no Céu. O Senhor Yama tivera o seu primeiro enterro. Brama, ao contemplar o fumo que se elevava das piras, sentiu curiosidade em saber onde se encontrava Sam realmente.

— O Buda entrou no Nirvana. — disse Brama —Proclamai-o nos templos! Cantai-o nas ruas! A sua morte foi gloriosa! Reformou a religião antiga agora estamos melhor que nunca! Lembrem-se de Keenset, os que pensam outro modo!

Isso também foi feito.

Mas nunca encontraram o Senhor Kubera.

Os demônios estavam livres.

Nirriti era poderoso.

Em outros pontos do mundo, havia os que se lembravam de lentes bifocais, de autoclismos, de química do petróleo, de motores de combustão interna, e do dia em que o sol escondera o rosto da justiça do Céu. Vishnu declarou que a selva entrara finalmente na Cidade.

VII

Ele também é por vezes chamado Maitreya, que significa Senhor da Luz. Depois de regressar da Nuvem Dourada, dirigiu-se ao Palácio do Karma em Khaipur, onde preparou e reforçou a sua força contra o Dia do Yuga. Um sábio disse, outrora, que nunca se Vê o Dia do Yuga ,apenas se sabe depois que ele já ter passado, pois amanhece como qualquer outro dia e desenrola-se do mesmo modo, repetindo a história do mundo.

Por vezes, chamam-lhe Matreya, que quer dizer Senhor da Luz...

O mundo é uma pira sacrificial, o sol é o seu combustível, os raios do sol o seu fumo, o dia, as suas chamas, os pontos cardeais, as suas brasas e centelhas. Nessa pira, os deuses oferecem a fé como libação. Dessa oferenda nasceu a Rainha Lua.

A Chuva, ó Gautama, é a pira, o ano, o seu combustível, as nuvens, o seu fumo, o relâmpago, a sua chama, brasas, as centelhas. Nessa pira, os deuses oferecem a Rainha Lua em libação. Dessa oferenda nasceu a chuva.

O mundo, ó Gautama, é a pira, a terra, o seu combustível, o fogo, o seu fumo, a noite, a sua chama, a lua, as suas brasas, as estrelas, as suas centelhas. Nessa pira os deuses oferecem a chuva como libação. Dessa oferenda brotam os alimentos. O homem, ó Gautama, é a pira, a sua boca aberta, o seu combustível, o seu sopro, o seu fumo, as suas palavras, a sua chama, os seus olhos, as suas brasas, os

seus ouvidos, as suas centelhas. Nessa pira os deuses oferecem os alimentos como libação. Dessa oferenda nasceu o poder de gerar.

A mulher, ó Gautama, é a pira, a sua forma, o seu combustível, o seu cabelo, o seu fumo, os seus órgãos, a sua chama, os seus prazeres, as suas brasas e centelhas. Nessa chama, os deuses têm o poder de gerar como libação. Dessa oferenda nasceu o homem. Ele vive tanto tempo quanto lhe foi atribuído.

Quando um homem morre é oferecido na pira. A pira transforma-se na sua pira, o combustível, no seu combustível, o fumo, no seu fumo, a chama, na sua chama, as brasas, nas suas brasas, as centelhas, nas suas centelhas... Nessa pira os deuses oferecem o homem como libação. Dessa oferenda o homem emerge em radioso esplendor.

Bríhadaranvaka Upanishad (VI, ii, 9-14)

Num grande palácio azul, com pináculos esguios e portões finamente esculpidos, onde o cheiro a maresia e os gritos das aves marinhas cortavam a atmosfera luminosa e revigoravam os sentidos, o Senhor Nirriti, o Negro, falava com o homem que tinha sido levado à sua presença.

—Comandante, como te chamas? — perguntou ele.

—Olvagga, senhor — respondeu o comandante. — Por que mataste a minha tripulação e me poupaste a vida?

—Porque queria fazer-te umas perguntas, comandante Olvagga.

—Sobre que assunto?

—Muitos assuntos; assuntos que um velho lobo do mar como tu deve saber.

— Como está o meu controlo sobre as rotas dos mares do sul?

—Mais forte que pensava, de outro modo não estaria aqui.

—Muitos não se aventuram a sulcá-los, não é verdade?

—Tens razão.

Nirriti aproximou-se de uma janela que dava sobre o mar. Voltou-se de costas para o prisioneiro; passado algum tempo, continuou:

—Ouvi dizer que se registrou grande progresso científico no norte desde a batalha de Keenset.

—Também ouvi dizer, e sei que é verdade; vi um navio a vapor; a imprensa faz, agora, parte da vida cotidiana; os sagartos mortos voltam a saltar graças a correntes galvânicas; está a ser implementado um aço de melhor qualidade; o microscópio e o telescópio foram redescobertos.

Nirriti voltou-se para ele e observaram-se um ao outro.

Nirriti era um homem baixo, de olhos azuis e vivos, sorriso fácil, cabelo escuro, preso numa faixa prateada, e nariz arrebitado. Estava vestido de negro e a sua tez era pálida.

—Por que é que os Deuses da Cidade não põem cobro a essa situação?

—Acho que é porque estão enfraquecidos, se é isso que queres ouvir, Senhor. Desde o desastre no Vedra, receiam reprimir o progresso técnico com demasiada violência. Também se conta que reina na Cidade uma luta interna entre os deuses e os semideuses

que sobreviveram ao massacre de Keenset; há ainda o caso da nova religião; os homens já não temem o Céu, como outrora, estão mais bem equipados e os deuses hesitam em opor-se-lhes.

—Então, Sam está a ganhar; com o correr dos anos, está a conseguir vencê-los

—Sim, Renfrew, acho que é isso que se passa.

Nirriti olhou para os dois guardas que escoltavam Olvagga.

—Saíam— ordenou-lhes. Depois de eles terem saído, perguntou a Olvagga: —Conheces-me?

—Conheço, pois sou Jan Olvegg, comandante do Estrela da Índia.

—Olvegg! Mas, é impossível!

—É verdade. Concebi este corpo que agora já está velho no dia em que Sam derrotou as Senhores do Karma em Mahartha. Eu estava lá.

—Então, é um dos primeiros, e cristão!

—Por vezes, quando esgoto os palavrões em hindi.

Nirriti pousou-lhe a mão sobre o ombro.

—Nesse caso, deves sofrer nas entranhas com essa blasfémia que eles cometeram!

—Não gosto muito deles, nem eles de mim.

—Também me parece; mas Sam fez a mesma coisa, criando esta pluralidade de heresias, enterrando a palavra verdadeira ainda mais fundo...

—Uma arma, Renfrew. — disse Olvegg —, nada mais. Tenho a certeza de que ele não pretendia, de modo algum, ser um deus.

—Talvez, mas preferia que ele tivesse escolhido outra arma. Mesmo que ele ganhe, as almas deles estarão perdidas.

Olvegg encolheu os ombros.

—Não sou teólogo como tu...

—Mas estás disposto a ajudar-me? Ao longo dos anos consegui reunir um poderoso exército: tenho homens e máquinas. Dizes que os nossos inimigos estão enfraquecidos: os meus seres sem alma, que não nasceram do homem nem da mulher, não têm medo; possuo muitas gondolas celestes e posso chegar à Cidade deles no Pólo e destruir os templos deles aqui no mundo. Acho chegado o momento de varrer essa abominação da face do planeta. A verdadeira fé tem de renascer, e depressa! Muito depressa!

—Como disse, não sou teólogo, mas também gostaria de ver a Cidade destruída — disse Olvegg — Ajudar-te-ei em tudo o que estiver ao meu alcance.

— Então, vamos capturar algumas das cidades deles e profanar os templos para ver a reacção.

Olvegg fez um sinal de assentimento.

—Tu aconselhas-me e dás-me apoio moral, — disse Nirriti, fazendo uma pequena reverência.—Rezemos juntos —, propôs ele.

O velho ficou um longo momento no exterior do palácio de Kama em Khaipur, observando as colunas de mármore. Por fim, uma rapariga compadeceu-se e levou-lhe pão e leite. Ele comeu o pão.

—Bebe também o leite, avozinho; é nutritivo e dar-te-á forças.

— O leite que vá para o diabo, e já agora tudo o resto também.

A rapariga ficou atônita com aquela reacção violenta e inesperada.

—Não me parece uma resposta muito conveniente para alguém que recebe uma esmola.

—Não tenho nada contra a tua esmola, pequena, a não ser que escolheste muito mal a bebida. Não me podes arranjar um copo do pior vinho que houver na cozinha? Daquele que os clientes recusam e o cozinheiro não utiliza nem no guisado mais ordinário? É de sumo de uva que gosto, não e leite

—Talvez queiras que te traga o menu? Põe-te a andar daqui para fora, antes que chame o criado! O velho olhou para a rapariga.

—Não te ofendas com as minhas palavras; não estou habituado a pedir esmolas.

Ela perscrutou os olhos negros que cintilavam no rosto encarquilhado e curtido; na barba branca viam-se ainda alguns fios negros; a boca esboçou um leve sorriso.

—Bem... vem comigo. Vou levar-te à cozinha e ver o que se pode arranjar. Nem sei bem porque faço isto...

Quando ela se voltou, ele cerrou os punhos e abriu os lábios num largo sorriso. —Porque eu quero... — disse ele.

TARAKA DOS RAKASHA ESTAVA INQUIETO. Esvoaçando acima das nuvens que encobriam o sol do meio-dia, pensou nos caprichos do poder. Outrora fora o mais poderoso; nos dias antes da Subjugação ninguém o teria vencido. Depois, viera Sidhartha, o Subjugador. Já tinha ouvido falar dele sob o nome de Kalkin, e sabia que era forte. Compreendera que, mais cedo ou mais tarde, se

havam de encontrar, para que pusesse à prova o poder do Atributo que Kalkin tinha fama de possuir. Quando, finalmente, se encontraram, naquele funesto dia em que os cumes das montanhas se abrasaram com a sua fúria, o Subjugador vencera; e no segundo recontro, muito tempo depois, a sua derrota fora ainda mais esmagadora.

Mas o Subjugador fora o único que conseguira vencer o Senhor do Poço do Inferno, e agora já não se encontrava no mundo. Depois, os deuses haviam desafiado o seu poder.

A princípio, eram fracos, tentando disciplinar os seus poderes mutantes com drogas, hipnose, meditação e neurocirurgia, transformando-os em Atributos, e com o correr dos tempos esses poderes tinham-se consolidado.

Apenas quatro desses deuses tinham penetrado no Poço do Inferno e as suas legiões de demônios não haviam logrado dominá-los. O que se chamava Shiva era forte, mas o Subjugador matara-o, mais tarde; era justo, pois Taraka reconhecera no Subjugador um igual. A mulher não passava, afinal, de uma mulher, e precisara do auxílio de Yama. Mas era Agni, cuja alma era uma labareda ofuscante, que ele mais temera.

Lembrava-se do dia em que Agni penetrara no palácio de Palamaisu, sozinho, e o desafiara. Não conseguira vencê-lo, embora tivesse tentado, e vira o palácio destruído pelas chamas de Agni. Aliás, nada no Poço do Inferno o conseguia deter. Nesse dia jurara que havia de pôr o poder de Agni à prova, como fizera com Siddhartha, e derrotá-lo, ou então deixar-se subjugar, mas nunca cumprira essa promessa.

O Senhor do fogo tombara às mãos do de vermelho (o quarto a penetrar no Poço do Inferno), que conseguira utilizar as chamas de Agni contra o próprio Agni. durante a batalha junto ao Vedra para conquistar Keenset. Portanto, ele era o maior, pois até o Subjugador o pusera de sobreaviso contra Yama-Dharma, o deus da Morte. Sim,

aquele cujos olhos sugam a vida, era o mais poderoso que restava no mundo. Quase sucumbira ao poder dele a bordo do carro trovejante. Uma vez, experimentara a sua força mas por pouco tempo, pois eram aliados no combate.

Contava-se que Yama morrera posteriormente, na cidade. Mais tarde, constou que continuava vivo no mundo. Dizia-se que, como Senhor dos Mortos, não podia morrer, a não ser que o desejasse. Taraka acreditava que assim era, e isso significava que ele, Taraka regressaria ao sul, à ilha do palácio azul, onde o senhor do mal, Nirriti o Negro, esperava a sua resposta; daria o seu acordo. Partindo de Mahārtha rumo ao norte, os Rakasha associariam o seu poder ao dele, destruindo os templos das seis maiores cidades do sudoeste, fazendo correr nas ruas o sangue dos habitantes e as legiões sem alma do Negro, até que os deuses fossem defender as cidades e encontrassem a morte.

Se os deuses não acorressem, a sua verdadeira fraqueza seria, então, conhecida. Os Rakasha invadiriam o Céu e Nirriti arrasaria a Cidade Celeste; o Grande Pináculo desabaria, a cúpula seria estilhaçada, os grandes tigres brancos de Kaniburrha veriam as ruínas, e os pavilhões dos deuses e dos semideuses seriam cobertos pelas neves do Pólo. E tudo isso por uma única razão, além de quebrar a monotonia, e de acelerar os últimos dias dos deuses e dos homens no mundo dos Rakasha. Taraka sabia que o de vermelho é irresistivelmente atraído pelas lutas sangrentas e pelos grandes feitos bélicos, pois é esse o seu ambiente natural.

Taraka sabia que, dominando a sua impaciência, esperaria por esse dia em que finalmente perscrutaria os fogos negros que ardiam por detrás dos olhos da Morte...

BRAMA OLHOU PARA O MAPA e novamente para o écran de cristal à volta do qual estava enroscada uma serpente com a cauda entre os dentes.

— A arder, sacerdote?

— A arder, Brama... toda a zona do armazém

— Ordena ao povo que apague o incêndio.

— Já o está a fazer, Poderoso.

— Então, por que me vens aborrecer com o assunto?

— Porque existe medo, Altíssimo.

— Medo de quê?—Do Negro, cujo nome não posso pronunciar na tua presença, cujo poder tem vindo a aumentar no sul e que controla as rotas marítimas, impedindo o comércio.

—Por que receias pronunciar o nome de Nirriti na minha presença? Conheço o Negro, aliás, foi ele quem provocou o incêndio?

— Sim, Altíssimo, ou alguém a soldo dele. Diz-se que ele procura isolar-nos do resto do mundo, esgotar a nossa riqueza, destruir as nossas provisões, e enfraquecer os nossos espíritos, porque planeia...

— Invadir-nos, é claro.

— É como dizes, Poderosíssimo.

— Talvez seja verdade, sacerdote. Diz-me, achas que os teus deuses não te protegerão se o senhor do mal atacar?

— Nunca houve qualquer dúvida, Todo-Poderoso. Queríamos simplesmente lembrar-te essa possibilidade e renovar a nossa perpétua súplica de misericórdia e protecção divina.

— Fica descansado, sacerdote, não receies.

Brama pôs fim à transmissão.

— Ele há-de atacar.

— Sem dúvida.

— Ele é muito forte? Ninguém conhece realmente o seu poder, Ganesha.

— Perguntas-me a mim, Senhor, teu humilde conselheiro político?

— Não está aqui mais ninguém, humilde criador de deuses. Conheces alguém que possa dar informações?

— Não, senhor, não conheço. Todos evitam esse ser maligno, como se fosse a própria morte, e têm razão, como sabes, os três semideuses que enviei ao sul não regressaram.

— Eles também eram fortes, não eram? Quando é que eles partiram?

— O último partiu há um ano, quando enviámos o novo Agni.

— Sim, mas esse não era muito bom, usava ainda granadas incendiárias, mas, mesmo assim, era forte.

—Moralmente, talvez. Quando existem poucos deuses, temos de recorrer aos semideuses.

—Se fosse antigamente, teria levado o carro trovejante...

—Nessa altura, não havia carro trovejante. O Senhor Yama...

—Silêncio! Agora temos um. Acho que o homem alto com o chapéu de aba larga poderá fazer uma incursão ao palácio de Nirriti com o carro trovejante?

—Brama, acho que Nirriti consegue destruir o carro trovejante.

—Por que dizes isso?

—Segundo relatos de primeira mão que ouvi, ele enviou mísseis guiados contra navios de guerra que perseguiram os seus salteadores.

—Por que não me disseste isso há mais tempo? As notícias são muito recentes, e esta é a primeira oportunidade que tenho de abordar o assunto.

—Achas então que não devíamos atacar?

—Não, é melhor esperarmos e deixar que ele ataque primeiro para podermos avaliar a sua força.

—Mas isso implicaria sacrificar Mahartha, não é assim?

—E daí? Nunca viste uma cidade capitular? Como é que ele pode tirar benefícios de Mahartha? Se não a podemos reivindicar, então que o homem defumo agite o chapéu branco... sobre Mahartha.

—Tens razão. Vale a pena para avaliar o poder de Nirriti e enfraquecê-lo parcialmente. Entretanto, temos de nos preparar.

—Sim, quais são as tuas ordens?

—Alerta todos os poderes na Cidade. Manda imediatamente regressar o Senhor Indra do continente oriental.

—As tuas ordens serão cumpridas

—E alerta as outras cinco cidades do rio: Lananda, Khaipur, Kilbar...

—Imediatamente.

—Então vai!

—Já fui.

O TEMPO É COMO UM OCEANO, o espaço, como as suas águas: Sam está de pé, no meio, e decidiu.

—Deus da Morte — disse ele. — Enumera as nossas forças.

Yama espreguiçou-se, bocejou, e levantou-se do canapé vermelho onde tinha estado a dormir, quase invisível. Atravessou a sala e fixou Sam nos olhos.

—Sem assumir um Aspecto, aqui está o meu Atributo. Sam aguentou o olhar da Morte.

—Isso é a resposta à minha pergunta?

—Em parte — respondeu Yama —, mas era, sobretudo, para testar o teu poder; parece que está a regressar, suportaste o meu olhar mais tempo que qualquer mortal.

—Sei que o meu poder está a voltar; sinto-o. Muitas coisas estão a voltar. Durante as semanas que permanecemos aqui no palácio de Ratri, meditei sobre as minhas vidas passadas; nem todas foram insucessos, deus da Morte. Descobri-o hoje. Embora o Céu me tenha sempre vencido, cada uma dessas vitórias saiu-lhes cara.

—Sim, parece que és um homem predestinado; eles agora estão mais fracos que no dia em que desafiaste o seu poder em Mahartha. Comparativamente, também estão mais fracos, porque os homens agora são mais fortes. Os deuses aniquilaram Keenset, mas não destruíram o Aceleracionismo. Depois, tentaram enterrar o Budismo sob os seus próprios ensinamentos, mas não conseguiram. Não sei se a tua religião contribuiu em alguma coisa para a intriga dessa

história que estás a escrever, encorajando a Aceleração por todos os medos, mas os deuses também não sabem. De qualquer maneira, serviu para desviar a atenção deles do mal que poderiam ter estado a perpetrar, o como por acaso «pegou» como doutrina, as medidas que eles tomaram contra ela serviram apenas para suscitar um sentimento anti-deicrático; parecerias inspirado se não parecesses astuto.

—Obrigado. Queres a minha bênção?

—Não. Queres a minha?

—Talvez Morte, mais tarde. Mas não respondeste à minha pergunta. Diz-me com que efectivos podemos contar.

—Muito bem, o Senhor Kubera deve estar quase a chegar...

—Kubera? Onde está ele?

—Tem estado escondido há muitos anos. enviando secretamente conhecimentos científicos para o mundo.

—Há tantos anos? O corpo dele já deve ser velho! Como é que ele conseguiu?

—Esqueceste de Narada?

—O meu velho médico e Kapil?

— Esse mesmo. Quando dispersaste os teus lanceiros depois da batalha de Mahartha, ele retirou-se para o interior com alguns servos e levou todo o equipamento que tinhas retirado da sala do Karma. Localizei-o há muitos anos, e depois de Keensel e da minha fuga do Céu através da Roda Negra, retirei Kubera da galeria onde estava escondido debaixo das ruínas da cidade. Mais tarde, associou-se a Narada que, agora, possui uma loja de corpos

clandestina nas colinas; trabalham juntos. Também abrimos outras lojas em vários locais.

—E Kubera vem? Ótimo!

—Siddhartha continua a ser príncipe de Kapil; no seu principado ainda se conseguiram reunir algumas tropas, segundo averiguámos.

—Um punhado de homens, talvez, mas é bom sabê-lo.

—E o Senhor Krishna?

—Krishna? Por que é que ele está do nosso lado? Onde se encontra?

—Esteve aqui; encontrei-o no dia em que chegámos; acabara de chegar com uma das raparigas; absolutamente patético!

—Porquê?

—Muito velho, lamentavelmente senil e fraco, mas, apesar disso, libertino e bêbado. O Aspecto ainda lhe servia ocasionalmente para convocar um pouco o seu antigo carisma e da sua colossal vitalidade. Tinha sido expulso do Céu depois de Keenset porque se recusou a lutar contra mim e Kubera, como fez Agni. Tem vagueado pelo mundo há mais de cinquenta anos, bebendo, conquistando mulheres, tocando as suas flautas e envelhecendo. Kubera e eu tentámos localizá-lo várias vezes, mas ele viajava muito, o que é geralmente uma necessidade para os deuses da fertilidade apóstatas.

—Que utilidade terá ele para nós?

—Não te esqueças de que foi ele quem venceu o demônio Bana, que até Indra receava. Quando está sóbrio é um dos guerreiros mais devastadores. Yama, Kubera, Krishna, e, se estiveres de acordo, Kalkin! Seremos os novos Lokapalas, e juntos seremos fortes.

— Estou de acordo.

— Assim faremos, então. Eles que enviem uma companhia dos seus deuses aprendizes contra nós! Tenho estado a preparar novas armas. É uma pena que haja tantos modelos diferentes e exóticos. Esgoto o meu gênio para fazer de cada uma uma obra de arte, em vez de produzir em série um único modelo. Mas a pluralidade dos paranormais assim o exige. Há sempre alguém que, possui um Atributo contra determinada arma; mas eles que tentem opor-se ao canhão de Geena que lhes provocará uma fibrilação mortal, ou terçar armas com a ElectroEspada, ou resistir ao Escudo do Repuxo que os pulverizará com cianeto e sulfureto de etano, e verão quem são os Lokapalas!

— Agora compreendo, Morte, por que é que qualquer deus, mesmo Brama, pode ser substituído por outro, excepto tu.

— Obrigado; tens algum plano?

— Ainda não. Preciso de mais informações sobre o poder da Cidade. O Céu já manifestou o seu poder nestes últimos anos?

—Não.

— Se pudéssemos avaliá-lo sem nos mostrarmos Talvez os Rakasha.

— Não, Sam, não confio neles.

— Nem eu, mas, às vezes, é possível chegar a um acordo com eles.

— Como fizeste no Poço do Inferno e em Palaimadsu?

— Exactamente. Talvez tenhas razão, vou pensar no assunto. Mas quanto a Nirriti, como vai ele?

— Nos últimos anos, conseguiu domínio sobre os mares. Consta que as suas legiões são mais numerosas e que está a construir máquinas de guerra. No entanto, já uma vez te falei nos meus receios; é melhor mantermo-nos o mais longe possível de Nirriti. Ele só tem um ponto em comum connosco, o seu desejo de derrubar o Céu. Não sendo Aceleracionista nem Deicrata, se alcançasse o poder absoluto instauraria uma era de obscurantismo ainda pior que aquela de que estamos agora a sair. Talvez a melhor estratégia seja provocar uma guerra entre Nirriti e os Deuses da Cidade, observar discretamente o decorrer dos acontecimentos e, depois, cairmos em cima dos vencedores.

—Talvez tenhas razão, Yama, mas que havemos de fazer?

— Provavelmente, nada; talvez os acontecimentos se precipitem sem a nossa intervenção, muito em breve. Tu és o estratega, Sam, eu sou apenas um tático. Trouxemos-te de volta para que nos digas o que devemos fazer. Pensa cuidadosamente no caso, agora que recuperaste a tua verdadeira personalidade.

— Estás sempre a dizer essas últimas palavras...

— Sim, pregador, pois ainda não participaste em qualquer batalha desde que regressaste da bem aventurança. Diz-me, consegues convencer os budistas a lutar?

— É possível, mas teria de assumir uma identidade que agora me repugna.

— Bem, talvez não, mas considera essa hipótese, se nos virmos em apuros. Pelo sim, pelo não, pratica todas as noites em frente de um espelho aquela conferência sobre a estética que deste no mosteiro de Ratri.

— Prefiro não o fazer.

— Eu sei, mas é necessário.

— É melhor treinar-me com uma arma; vai buscar uma e dar-te-ei uma lição.

— Está bem, se me deres uma boa lição, podes contar com um convertido.

— Então, vamos para o pátio e tratarei de te instruir.

QUANDO, NO PALÁCIO AZUL, Nirriti ergueu os braços, os mísseis foram disparados das cobertas dos navios em direcção à cidade de Mahartha.

Quando afivelou a armadura, os mísseis caíram sobre a cidade e os incêndios alçaram-se.

Quando calçou as botas, a sua esquadra penetrou no porto.

Quando colocou a capa e o capacete de aço negro, os sargentos começaram a rufar os tambores sob as cobertas dos navios.

Quando prendeu a espada à cintura, os seres inanimados começaram a mover-se dentro dos porões dos navios.

Quando enfiou as luvas de couro e aço, a sua esquadra impelida pelos ventos soprados pelos Rakasha, acostou no porto.

Quando seguiu o seu jovem camareiro Olvagga até ao pátio, os guerreiros que nunca falavam subiram às cobertas dos navios e contemplaram o porto em chamas.

Quando os motores da gôndola negra roncaram e a porta se abriu para eles entrarem, o primeiro navio lançou ferro.

Quando entraram na gôndola, o primeiro destacamento penetrou em Mahartha.

Quando chegaram a Mahārtha, a cidade tinha-se rendido.

Os pássaros cantavam nos recantos verdejantes do jardim; os peixes, como velhas moedas, jaziam imóveis no fundo do lago azul; as flores exuberantes eram sobretudo vermelhas e com grandes pétalas, mas à volta do banco de jade havia alguns narcisos amarelos. Ela tinha a mão esquerda pousada sobre as costas do banco de ferro forjado branco, e olhava para o homem que se aproximava arrastando as botas sobre as lajes.

—Este jardim é particular — disse ela.

Ele parou em frente do banco e olhou para ela. Era um homem robusto, moreno, de olhos e barba negra, com um traje azul e de couro; o seu rosto abriu-se num sorriso.

—Os hóspedes não podem vir para aqui — acrescentou ela —, mas o jardim na outra ala do edifício está aberto ao público; pode passar aquela arcada...

—Sempre foste bem-vinda no meu jardim, Ratri. —disse ele.

—Como?

— Não me conheces, sou Kubera.

—Senhor Kubera! Já não estás...

—Gordo. Pois não. Tenho um corpo novo que tem trabalhado bastante a fabricar as armas de Yama e a transportá-las para...

—Quando chegaste?

—Agora mesmo. Trouxe Krishna comigo, além de um carregamento de munições, granadas e minas...

—Deuses! Já foi há tanto tempo...

—Sim, há muito. Devo-te uma desculpa e venho apresentar-te; há muitos anos que esta idéia me atormenta; quero pedir-te desculpa por aquela noite em que te arrastei para tudo isto. Precisava do teu Atributo e não hesitei em forçar a sua adesão, mas detesto servir-me assim as pessoas.

—De qualquer maneira, teria deixado a Cidade dentro de pouco tempo, portanto, não te sintas demasiado culpado; no entanto, gostaria de possuir uma forma mais graciosa que esta, se bem que não seja essencial.

—Arranjo-te outro corpo, senhora.

— Ficaré para outra ocasião, agora senta-te aqui. Tens fome? Tens sede?

— As duas coisas.

— Tens aqui fruta e soma, ou preferes chá?

— Soma, obrigado.

— Yama diz que Sam já se refez da sua santidade.

— Ótimo, estamos a precisar cada vez mais dele. Ele já tem alguns planos de acção?

— Yama não me disse, mas talvez Sam não lhe tenha dito.

Os ramos de uma árvore ali perto foram violentamente sacudidos e Tak saltou para o chão, caindo sobre as quatro patas. Ergueu-se e aproximou-se do barco.

— Acordaram-me com a vossa conversa — disse ele mal-humorado, e este tipo, Ratri?

— O Senhor Kubera.

— Não me digas! Como estás diferente! —exclamou Tak.

— O mesmo não se pode dizer de ti, Tak dos Arquivos. Por que é que continuas macaco? Yama podia transmigrar-te.

— Sou mais útil como macaco — respondeu Tak. — Sou um excelente espião, muito melhor que um cão. Sou mais forte que um homem, e quem é que consegue distinguir um macaco de outro? Conservarei esta forma enquanto os meus serviços especiais forem necessários.

— Muito louvável. Já chegaram mais notícias de Nirriti?

— Os navios dele aproximam-se mais dos grandes portos que era costume antigamente — disse Tak. — Também parecem ser mais numerosos. Além disto, nada mais. Segundo tudo leva a crer, os deuses receiam-no, visto que, não o aniquilam.

—Sim — concordou Kubera. — Porque ele agora é um desconhecido, estou inclinado a considerá-lo como o erro de Ganesha. Foi ele quem permitiu que Nirriti abandonasse o Céu sem ser incomodado e levasse o equipamento. Penso que Ganesha precisava de um inimigo do Céu, caso a sua existência ornasse, subitamente, necessária. Nunca deve ter imaginado que um leigo em tecnologia como Nirriti conseguisse servir-se do equipamento e, graças a ele, constituísse um exército poderoso.

— O que dizes tem uma certa lógica — disse Ratri. — Também ouvi dizer que Ganesha toma por vezes atitudes precipitadas. Que é que ele vai fazer agora?

— Dar a Nirriti a primeira cidade que ele atacar, a fim de verificar os meios que ele emprega no assalto, e avaliar a sua força, isto é, se conseguir convencer Brama a não tomar medidas drásticas, depois, aplicar o golpe de misericórdia a Nirriti. Mahartha tem de ser sacrificada e nós temos de nos encontrar nas proximidades. Quanto mais não seja, deve ser interessante observar o espectáculo.

—Mas achas que não nos limitemos a observar? — perguntou Tak.

— Com efeito. Sam sabe que devemos estar perto para aumentar os estragos. Teremos de partir assim que alguém partir, Tak, o que pode suceder brevemente.

— Finalmente — disse Tak —, sempre quis participar numa batalha ao lado do Subjugador.

— Nas próximas semanas tenho a certeza de que muitos desejos serão realizados, e outros tantos frustrados.

— Mais soma? Mais fruta?

— Obrigado, Ratri.

—E tu, Tak ?

—Talvez uma banana.

NAS SOMBRAS DA FLORESTA, sobre o cume e uma colina, encontrava-se Brama, semelhante à estátua de um deus alcandorado sobre uma gárgula, observando Mahartha lá em baixo.

—Eles profanam o templo.

—Sim — respondeu Ganesha

— Os sentimentos do Negro não mudaram com os anos.

—De certo modo, é uma pena, mas por outro lado é assustador. Os soldados dele tinham espingardas e baionetas.

—Sim, são muito fortes. Regressemos à gondola.

—Daqui a pouco.

—Temo, Senhor... eles podem ser demasiado fortes.

—Que estás a insinuar?

—Eles não podem subir o rio; se atacarem Lananda terão de ir por terra.

—É verdade, a não ser que ele tenha aeronaves suficientes.

—E se atacarem Khaipur têm de percorrer uma distância ainda maior.

—E se atacarem Kilbar, a distância será ainda maior! Deixa-te de rodeios. Onde queres chegar?

—Quanto mais longo for o trajecto maiores serão os problemas logísticos, e mais vulneráveis se tornarão aos ataques de guerrilha que sofrerem pelo caminho.

—Estás a sugerir que me limite a lançar-lhes ataques esporádicos? Que os deixe atravessar o país, conquistando cidade após cidade? Eles hão-se entricheirar-se à espera de reforços para consolidarem as conquistas feitas, e só depois prosseguirão. Apenas um louco procederia de outro modo. Se esperarmos...

—Olha lá para baixo!

—Para onde? Que é?

—Estão a preparar-se para sair.

—Impossível!

—Brama, esqueceste de que Nirriti é um fanático, um louco. Ele não quer Mahārtha, nem Lananda, nem Khaipur, o que ele pretende é destruir-nos a nós e aos nossos templos. Nessas cidades, a única coisa que o preocupa são as almas, não os corpos. Há-de atravessar o país destruindo todos os símbolos da nossa religião que encontrar, até que nos decidamos a fazer-lhe frente. Se o não fizermos, ele é capaz de enviar missionários às terras conquistadas.

—Bem, temos de tomar providências. —Então, vamos sabotar o seu poderio militar enquanto avança. Quando estiver suficientemente enfraquecido, atacaremos. Dá-lhe Lamanda e Khaipur também, se for necessário. Até mesmo Kilbar e Hamsa. Quando estiver

suficientemente fraco, esmaga-o! Podemos passar sem as cidades. Quantas é que já destruímos? Nem sequer te lembras do número?

—Trinta e seis — respondeu Brama. — Regressemos ao Céu enquanto penso no assunto. Se seguir o teu conselho, e ele se retirar antes de ficar demasia do fraco, então perdemos muito.

—Aposto que ele o não fará.

—Quem arrisca sou eu, não tu, Ganesha. Não te esqueças de que ele tem com ele aqueles malditos Rakasha! Partamos depressa, antes que detectem a nossa presença.

— Sim, rapidamente.

Esporearam os sagartos e voltaram para a floresta. Krishna pousou as flautas quando lhe levaram o mensageiro.

— Sim? — perguntou Krishna.

— Mahārtha foi tomada.

Krishna levantou-se.

— E Nirriti prepara-se para marchar sobre Lananda.

— Que fizeram os deuses?

— Nada, absolutamente nada.

— Vem comigo. Os Lokapalas vão deliberar.

Krishna deixou as flautas em cima da mesa.

NESSA NOITE, SAM ENCONTRAVA-SE na varanda mais alta do palácio de Ratri. A chuva caía à sua volta, como pregos frios

cortando o vento. Na mão esquerda, tinha um anel de ferro que emitia um brilho esmeralda.

Os relâmpagos sucediam-se e não se desvaneciam.

Ergueu a mão e o trovão ribombou, como o estertor da agonia de todos os dragões que poderiam ter vivido noutros tempos e noutros lugares...

A noite caiu enquanto as línguas de fogo dançavam em frente do palácio de Kama.

Sam ergueu as duas mãos e ambos se elevaram nos ares como se fossem um só e ficaram a pairar na noite.

Fez um gesto e sobrevoaram Khaipur de uma ponta à outra. Depois, descreveram círculos.

Depois separaram-se e dançaram dentro da tempestade. Ele baixou as mãos.

Regressaram e colocaram-se novamente em frente dele. Ele não se mexeu, ficou à espera.

Passados alguns minutos, voltou e falou-lhe do meio da noite:

— Quem és tu, para comandares os escravos dos Rakasha?

— Traz-me Taraka — disse Sam.

— Não recebo ordens de um mortal.

— Então contempla as chamas do meu verdadeiro ser antes que te prenda naquele pau de bandeira.

— Subjugador! Estás vivo!

— Traz-me Taraka — repetiu ele.

— Sim, Siddhartha, a tua vontade será feita.

Sam bateu as palmas e as línguas de fogo subiram no céu e a noite fechou-se novamente sobre ele.

O Senhor do Poço do Inferno revestiu uma forma humana e entrou na sala onde Sam se encontrava sozinho.

— A última vez que te vi foi no dia da Grande Batalha — disse ele.

— Mais tarde, ouvi dizer que tinham conseguido destruir-te.

— Como vês, não conseguiram.

— Como é que voltaste outra vez ao mundo?

— Senhor Yama, O de Vermelho, foi buscar-me.

— O seu poder é grande, na verdade.

— Revelou-se suficiente. Como vão as coisas com os Rakasha?

— Bem, continuamos a tua luta.

— Ah sim? Como?

— Ajudamos o teu velho aliado, o Senhor Nirriti, o de Negro, na sua companhia contra os deuses.

— Já o tinha suspeitado, e foi por essa razão que te contactei.

— Desejas combater ao lado dele?

— Pensei maduramente no assunto e, apesar das objecções dos meus camaradas, quero partir com ele, com a condição que ele faça um acordo connosco. Quero que lhe transmitas uma mensagem.

—Qual é a mensagem, Siddhartha?

—Que os Lokapalas, ou seja, Yama, Krishna, Kubera e eu próprio, estão dispostos a aliar-se a ele na luta contra os deuses, fornecendo-lhe homens, poderes e maquinaria, se ele se comprometer a não fazer guerra aos seguidores do budismo e do hinduísmo com o objectivo de os converter à sua própria fé, e, além disso, não procure suprimir o Aceleracionismo, como os deuses fizeram, se sairmos vitoriosos. Quando ele te der a resposta, observa bem as suas chamas para te certificares de que está a ser sincero.

—Achas que ele vai concordar?

—Acho que sim; ele sabe que conquistaria convertidos se os deuses já não existissem para impor o hinduísmo; foi o que eu fiz em relação ao budismo, apesar da oposição dos deuses. Ele está convicto de que a sua doutrina é a única verdadeira e que prevalecerá contra os credos rivais. Penso que, por esta razão, concordaria em fazer uma concorrência leal. Leva-lhe esta mensagem e traz-me a sua resposta, está bem?

Taraka esvoaçou, o seu rosto e o seu braço esquerdo desvaneceram-se em fumo.

— Sam...

— Que é?

—Qual é a doutrina verdadeira?

— Fazes-me essa pergunta? Como hei-de eu saber?

— Os mortais chamam-te Buda.

— Isso deve-se à sua ignorância.

— Não, observei as tuas chamas e denomino-te Senhor da Luz. Tu subjuga-los como nos subjugaste a nós, libertá-los como nos libertaste. Possuías o poder de lhes impor uma crença. És aquilo que afirmaste ser.

— Menti. Nunca acreditei no que pregava e continuo a não acreditar. Poderia ter escolhido qualquer outra doutrina, como a religião de Nirriti, por exemplo, mas a crucifixão é dolorosa. Poderia ter escolhido o Islamismo, mas sei como está associado ao Hinduísmo. A minha opção baseou-se no cálculo, não na inspiração, e eu não sou nada.

— És o Senhor da Luz.

—Vai entregar a minha mensagem; discutiremos religião noutra dia.

—Dizes que os Lokapalas são Yama, Krishna, Kubera e tu próprio?

— Sim.

— Então ele está vivo? Diz-me, Sam, antes que parta... serias capaz de derrotar o Senhor Yama num combate?

— Não sei, mas acho que não. Penso que ninguém o conseguiria.

— Mas ele poderia derrotar-te?

— Provavelmente, num combate leal. Quando no passado nos defrontámos como inimigos, consegui, por vezes, iludir a sua astúcia. Tercei armas com ele recentemente, e ele é imbatível; conhece todos os métodos de destruição.

—Compreendo. — disse Taraka; o seu braço direito e metade do peito dissiparam-se em fumo. — Então, boa noite, Siddhartha, vou entregar a tua mensagem.

Taraka desfez-se em fumo e penetrou na tempestade.

TARAKA RODOPIAVA sobre o mundo.

A sua volta, a tempestade era devastadora, mas ele ignorava-a. Os trovões ribombavam e a chuva caía em cataratas, e a Ponte dos Deuses estava invisível.

Mas nada disso o perturbava.

Pois era Taraka dos Rakasha, Senhor do Poço do Inferno. E fora o ser mais poderoso do mundo, a exceção do Subjugador. Mas o Subjugador acabara de lhe dizer que havia um Maior... e haveriam de se enfrentar.

Que insolente tinha sido com o seu traje vermelho! Naquele dia, há mais de meio século, junto ao Vedra.

Destruir Yama-Dharma, vencer a Morte, seria afirmar a supremacia de Taraka...

Afirmar a supremacia de Taraka era mais importante que vencer os deuses que, de qualquer maneira, haviam de desaparecer um dia, pois não pertenciam aos Rakasha.

Portanto, a mensagem do Subjugador para Nirriti, com a qual o Subjugador estava convencido de que Nirriti concordaria, seria simplesmente entregue à tempestade e Taraka observaria as suas chamas para saber se ela falava verdade.

Pois a tempestade nunca mente... e diz sempre: Não!

O SARGENTO NEGRO levou-o ao acampamento, trazia uma armadura resplandecente, ricamente ornamentada, e não fora

capturado; aproximara-se do sargento e declarara que tinha uma mensagem para Nirriti e, por essa razão, o sargento decidiu não o matar imediatamente. Retirou-lhe as armas, conduziu-o ao acampamento, na floresta perto de Lamanda e deixou-o sob escolta enquanto consultava o chefe.

Nirriti e Olvegg encontravam-se dentro de uma tenda negra: diante deles, estava estendido um mapa de Lamanda.

Quando o prisioneiro foi levado à tenda, olharam para ele e despediram o sargento.

—Quem és tu? — perguntou ele

—Ganesha da Cidade; aquele que te ajudou a fugir do Céu.

Nirriti ficou um momento em silêncio.

—Lembro-me bem do meu único amigo dos velhos tempos — disse ele. Porque vieste aqui?

—Porque o momento é propício. Empreendeste, finalmente, a grande cruzada.

—É verdade.

—Gostaria de falar contigo em particular sobre esse assunto.

—Fala, então.

—E esse sujeito?

—Podes falar na presença de Jan Olvegg sem receio. Diz o que tens a dizer.

—Olvegg?

—Sim.

—Bem, venho dizer-te que os Deuses da Cidade estão enfraquecidos; demasiado fracos para te vencerem.

—Bem me tinha parecido.

—Mas não tão fracos que não te causem grandes danos, e o resultado da batalha poderá ser incerto se eles reunirem todas as suas tropas no momento oportuno.

—Quando empreendi esta campanha já contava com isso.

—Mais vale que a tua vitória te saia menos cara. Sabes que sou simpatizante do cristianismo.

—Em que estás a pensar?

—Ofereci-me para comandar uma luta de guerrilha apenas para te dizer que Lananda é tua; eles não a defenderão, se continuares a avançar como até agora, sem consolidares as tuas conquistas, e assediares Khaipur. Brama também não a defenderá. Mas quando chegares a Kilbar, com as tropas esgotadas pelas batalhas ela conquista das três primeiras cidades, e pelas nossas incursões durante o percurso, então Brama atacará com todo o poder do Céu para que sejas derrotado diante das muralhas de Kilbar. Todos os poderes da Cidade Celeste estão a postos. Estão só à espera que ouses lançar-te sobre os portões da quarta cidade do rio.

—Estou a compreender. É bom saber isso. Então, eles temem a doutrina que eu represento.

—Claro. Vais levá-la até Kilbar?

—Vou, e também vencerei em Kilbar. Mandarei buscar as minhas armas mais poderosas antes de atacarmos a cidade. As tropas que reservei para lutar contra o Céu serão desencadeadas contra os

meus inimigos quando eles acorrerem em defesa da cidade condenada.

.—Eles também levarão armas poderosas

—Então, quando nos defrontarmos, o resultado da batalha não estará nem nas minhas mãos nem nas deles.—Existe um modo de fazer pender o prato da balança em teu favor, Renfrew.

—Como? Em que estás a pensar?

—Muitos semideuses estão descontentes com a situação no Céu. Tinham desejado a continuação da campanha contra o Aceleracionismo e contra os seguidores de Tathagatha e ficaram desiludidos quando, depois de Keenset, o caso caiu no esquecimento. Além disso, mandaram regressar o Senhor Indra do continente oriental, onde ele estava empenhado na guerra contra as bruxas. É possível conquistá-lo à causa dos semideuses, e os seus seguidores viriam ainda fogosos de outro campo de batalha.

Ganesha ajustou a capa.

—Continua — disse Nirriti.

—Quando eles chegarem a Kilbar, pode dar-se o caso de não lutarem na defesa da cidade.

—Estou a compreender. E que ganharás com tudo isso, Ganesha?

—Satisfação.

—Nada mais?

—Espero que um dia te lembres de que fiz esta visita.

—Com certeza. Não esquecerei, e terás a tua recompensa. Guarda!

O sargento que levava Ganesha voltou a entrar na tenda.

—Escolta este homem até onde ele quiser, e deixa-o partir em paz — ordenou Nirriti.

—Confias nele? — perguntou Olvegg, depois de Ganesha ter saído.

—Confio, mas só lhe dou o dinheiro depois.

OS LOKAPALAS ESTAVAM REUNIDOS em conselho no quarto de Sam, no palácio de Kama em Khaipur. Tak e Ratri também se encontravam presentes.

—Taraka disse-me que Nirriti não aceita as nossas condições — disse Sam

—Ótimo! — exclamou Yama — Estava com medo que ele concordasse.

—E de manhã atacam Lananda. Taraka acha que vão tomar a cidade. Será um pouco mais difícil que Mahārtha, mas está seguro da vitória e eu também.

—Também eu.

—Também eu.

—Em seguida, marchará sobre Khaipur, e depois Kilbar, Hamsa, Gayatri. Ele sabe que os deuses o vão atacar durante o percurso.

—É claro.

—Portanto, nós estamos no meio e temos várias opções diante de nós. Não conseguimos chegar a um acordo com Nirriti. Acham que conseguiríamos fazer um com o Céu?

—Não! — exclamou Yama, dando um murro na mesa. — De que lado estás, Sam?

— Do lado da Aceleração. — respondeu Sam. — Se a conseguirmos por meio de negociações evitando uma carnificina, tanto melhor.

—Preferia negociar com Nirriti que com o Céu. Então, procedamos a uma votação, como fizemos no caso de Nirriti.

—E precisas de unanimidade para ganhares.

—Foram essas as minhas condições quando ingressei nos Lokapalas. Pedirem-me que os dirigisse, portanto, preciso de poder para tomar um decisão. Deixem que, primeiro, vos exponha o meu raciocínio, antes de passarmos à votação.

—Muito bem. Fala!

—Segundo me parece, nestes últimos anos, o Céu tem-se mostrado mais liberal em relação à Aceleração. Não houve qualquer mudança de posição oficial, mas também não têm sido tomadas medidas contra a Aceleração, provavelmente por causa da derrota que sofreram em Keenset. Concordam comigo?

—No essencial .— disse Kubera.

—Devem ter chegado à conclusão de que essas iniciativas lhes saíram demasiado caras cada vez que a ciência faz das suas. Naquela batalha, haviam seres humanos que lutavam contra o Céu; e as pessoas, ao contrário do que acontece conosco, têm famílias, laços que as prendem, e são obrigadas ,manter um registo kármico impecável se desejarem o renascimento. Mesmo assim, lutaram. Consequentemente, o Céu foi induzido a mostrar-se mais indulgente nestes últimos anos. Como esta é a situação real, eles não têm nada a perder se a reconhecerem. Na realidade, até a podem aproveitar em seu benefício, como um gesto benevolente da misericórdia

divina. Acho que eles estão prontos a fazer as concessões que Nirriti não quer fazer.

—Quero assistir à queda do Céu! — disse Yama.

—Claro, e eu também. Mas pensa bem, só com o que concedeste aos humanos neste último meio século, por quanto tempo ainda poderá o Céu manter o mundo à sua mercê? O Céu ruiu naquele dia em Keenset. Mais uma ou duas gerações e já não terá qualquer poder sobre os mortais. Nesta batalha com Nirriti, sofrerá um novo golpe, mesmo que saia vitorioso. Concedamos-Ihe mais alguns anos de glória decadente. Cada ano que passa, o Céu torna-se mais impotente. Atingiu o apogeu e entrou em declínio.

Yama acendeu um cigarro.

—Não estarás à procura de alguém que mate Brama em teu lugar? perguntou Sam.

Yama ficou um momento em silêncio, puxou uma fumaça, expeliu uma baforada, e depois disse:

—Talvez seja isso. Não sei, não gosto de pensar nisso, mas é capaz, de ser verdade.

—Queres a minha garantia de que Brama morrerá?

—Não! Se o tentares, mato-te!

—Não sabes bem se queres que Brama morra ou viva. Talvez o ames e odeies ao mesmo tempo. Antes de teres sido jovem já eras velho, Yama, e ela foi a única mulher que realmente amaste. Não é assim?

—É.

—Então, não tenho resposta para ti nem para os teus dilemas; mas tens de conseguir um certo distanciamento entre o teu caso pessoal

e o que temos, agora, em mãos.

—Muito bem, Siddhartha. Voto a favor de um ataque a Nirriti aqui em Khaipur, se o Céu nos apoiar.

—Alguém tem objecções?

Ninguém respondeu.

—Então, vamos ao templo requisitar o aparelho de comunicações.

Yama apagou o cigarro.

—Mas eu não falo com Brama — disse ele.

—Falo eu. — disse Sam.

III, A QUINTA NOTA DA HARPA, soou no Jardim do Lotus Púrpura. Quando Brama ligou o écran dentro do Pavilhão, viu um homem que usava o turbante verde-azulado de Urath.

—Onde está o sacerdote? — perguntou Brama.

—Está preso lá fora, mas posso trazê-lo aqui, se quiseres ouvir uma das suas orações.

—Quem és tu que usas o turbante dos Primeiros e entras armado no Templo?

—Tenho a estranha sensação de já ter vivido tudo isto — disse o homem.

—Responde às minhas perguntas!

—Queres que se ponha cobro ao avanço de Nirriti ou preferes entregar-lhe todas as cidades ao longo do rio?

—Estás a abusar da paciência do Céu, mortal! Não sairás vivo do templo!

—As tuas ameaças de morte nada significam para o chefe dos Lokapalas, Kali.

—Os Lokapalas já não existem e nunca tiveram chefe.

—Ele está diante de ti, Durga.

—Yama? És tu?

—Não, mas está aqui comigo, assim como Krishna e Kubera.

—Agni morreu. Todos os novos Agni morreram desde...

—Keenset. Eu sei, Kandi. Eu não era membro do grupo inicial, Rild não me matou. O tigre fantasma cujo nome não pronunciarei, fez um bom trabalho, mas não suficientemente bom. Atravessei novamente a Ponte dos Deuses e os Lokapalas escolheram-me para seu chefe. Defenderemos Khaipur e aniquilaremos Nirriti, se o Céu nos ajudar.

—Sam... não podes ser tu!

—Então, chama-me Siddhartha, ou Kalkin, ou Tathagatha, ou Mahasamatman, ou Subjugador, ou Buda, ou Maitreya. Sou Sam, porém. Vim prestar-te homenagem e fazer um acordo contigo.

—Que acordo?

—Os homens têm conseguido coexistir com o Céu, mas Nirriti é um caso diferente. Yama e Kubera trouxeram armas para a Cidade. Podemos fortificá-la e organizar uma boa defesa. Se o Céu associar o seu poder ao nosso, Nirriti encontrará a sua ruína em Khaipur.

Estamos dispostos a isso se o Céu sancionar a Aceleração, garantir a liberdade religiosa e puser fim à supremacia dos Senhores do Karma.

—É pedir muito...

—As duas primeiras condições resumem-se a reconhecer que uma coisa existe e tem o direito de continuar a existir. A terceira acabará por acontecer, quer o Céu queira quer não, portanto, apenas lhe estou a dar a oportunidade de se mostrar clemente.

—Tenho de pensar

—Tens um minuto para decidir; se a resposta for negativa, vamo-nos embora e deixaremos que Renfrew tome esta cidade e profane o seu templo. Quando ele tiver conquistado mais algumas terão de o enfrentar mas, nessa altura, não poderão contar com o nosso auxílio. Esperaremos até que tudo esteja terminado. Se então ainda ocupares o teu cargo, não estarás em posição de decidir sobre as condições que acabei de apresentar. Se já não o ocupares, penso que conseguiremos vencer o Negro e os que restarem dos seus mortos-vivos. De qualquer das maneiras, alcançamos o nosso objectivo. Mas a alternativa que proponho é mais honrosa para vocês.

—Muito bem. Vou imediatamente reunir as tropas. Lutaremos no mesmo campo nesta última batalha, Kalkin. Nirriti vai morrer em Khaipur! Deixa ficar aí alguém na sala de comunicações, para que possamos permanecer em contacto.

—Fá-lo-emos no meu quartel-general.

—Agora liberta o sacerdote e trá-lo aqui. Vai receber ordens divinas, e, em breve, uma visita divina, Brama.

—Sam, espera! Depois da batalha, se ainda estivermos vivos, gostaria de falar contigo a respeito da adoração mútua.

—Desejas converter-te ao Budismo?

—Não, desejo voltar a ser mulher...

—Este não é o momento nem o local para falarmos do assunto.

—Não deixarei de estar presente na hora e no local apropriados.

—Vou basear o teu sacerdote; não desligues.

DEPOIS DA QUEDA DE Lananda, Nirriti celebrou uma cerimônia religiosa entre as ruínas da cidade, e rezou pela vitória sobre as outras cidades.

Os sargentos negros tocavam os tambores em surdina e os mortos-vivos caíram de joelhos. Nirriti orou até que a transpiração lhe cobriu o rosto como uma máscara de vidro e de luz, e lhe escorreu para dentro da armadura especial que lhe conferia a força de muitos homens. Depois, ergueu os olhos para a Ponte dos deuses e disse «Amém».

Em seguida, marchou sobre Khaipur, à frente do exército.

QUANDO NIRRITI CHEGOU a Khaipur, os deuses estavam à sua espera. As tropas de Kilbar estavam a postos, assim como as de Khaipur. Os semideuses, os heróis e os nobres estavam também à espera. Os brâmanes de elevada posição, e muitos seguidores de Mahasamatman, estavam à espera. Os últimos tinham vindo em nome da Divina Estética.

Nirriti olhou para as muralhas da cidade, que se recortavam ao fundo de um campo minado, e viu quatro cavaleiros, os Lokapalas, à espera junto do portão, com os estandartes do Céu adejando ao vento.

Baixou a viseira e voltou-se para Olvegg.

— Tinhas razão. Será que Ganesha está à espera no interior da muralha?

— Em breve saberemos.

Nirriti continuou a avançar.

ESSE FOI O DIA EM QUE o Senhor da Luz dominou o campo.

Os esbirros e Nirriti não chegaram a entrar em Khaipur.

Ganesha sucumbiu sob a espada de Olvegg, quando se preparava para apunhalar Brama que se aproximara de Nirriti sobre a colina.

Depois foi a vez de Olvegg cair, comprimindo o estômago, e começou a rastejar em direcção a um rochedo.

Brama e o Negro lutaram corpo a corpo e a cabeça de Ganesha rebolou para um barranco.

—Aquele disse-me Kilbar disse Nirriti.

— Aquele queria Kilbar — disse Brama. — E tentou que fosse Kilbar. Agora compreendo porquê.

Combateram, e a armadura de Nirriti lutou com o vigor de muitos homens.

Yama esporeou o cavalo e dirigiu-se à colina onde desapareceu sob uma nuvem de pó e de areia. Protegeu os olhos com a capa e, à sua volta, soaram gargalhadas.

—Onde está agora o teu olhar de morte, Yama-Dharma?

— Rakasha! — rosnou ele.

— Sim, sou eu, Taraka.

Yama ficou subitamente encharcado em litros de água; o seu cavalo empinou-se e caiu para trás. Yama estava de pé, de arma em punho, quando o turbilhão ardente se transformou numa forma humana.

—Retirámos-te aquela coisa que repele, deus da morte. Agora estás à nossa mercê.

Yama deu uma estocada.

A lâmina deslizou sobre o corpo do adversário desde o ombro até à coxa. mas não deixou qualquer vestígio nem se viu sangue.

—Não me podes trespassar como a um homem, ó Morte! Mas vê o que te posso fazer!

Taraka lançou-se sobre ele e atirou-o ao chão. Dele jorrou uma torrente de faíscas.

Ao longe, Brama tinha o joelho sobre as costas de Nirriti e puxou-lhe a cabeça para trás, de encontro à armadura negra. Foi então que o Senhor Indra saltou do sagarto e ergueu a Espada Fulminante contra Brama. Ouviu o pescoço de Nirriti estalar.

—É a tua capa que te protege! — gritou Taraka, debatendo-se com Yama ;depois, fixou os olhos da morte...

Yama sentiu Taraka enfraquecer e conseguiu afastá-lo.

Pôs-se de pé num salto e precipitou-se para Brama, sem mesmo apanhar a espada. Brama aparou vários golpes da Espada Fulminante, enquanto o colo do seu braço esquerdo, decepado, sangrava abundantemente, assim como diversos ferimentos na cabeça e no peito.

Nirriti prendeu-lhe o tornozelo.

Yama desembainhou o punhal e investiu, soltando um grito.

Indra recuou, esquivando-se à espada de Brama, e olhou ara o adversário.

—Um punhal contra a Espada Fulminante, Vermelho? — perguntou.

—Sim. — respondeu Yama, simulando um golpe com a mão direita, e passando, depois, o punhal para a mão esquerda com que desferiu o verdadeiro golpe.

A lâmina trespassou o braço de Indra.

Indra largou a Espada Fulminante e desfechou um murro no maxilar de Yama, que caiu, arrastando Indra com ele.

Yama revestiu então todo o seu Aspecto e Indra pareceu definhar sob o olhar da Morte. No momento em que Indra morreu. Taraka saltou sobre as costas de Yama, que tentou desembaraçar-se dele, mas sentiu o peso de uma montanha sobre os ombros.

Brama, que jazia ao lado de Nirriti, retirou a armadura que tinha sido embebida de repelente de demônios. Lançou-a com a mão direita e ela foi cair ao lado de Yama.

Taraka recuou, Yama voltou-se e trespassou-o com o olhar. A espada Fulminante ergueu-se então do chão e precipitou-se contra o peito de Yama.

Yama segurou a arma com as duas mãos, com a ponta a poucos centímetros do coração. A espada começou a avançar, o sangue escorreu-lhe das palmas das mãos e caiu no chão. Brama lançou um olhar de morte sobre o Senhor do Poço do Inferno, um olhar que lhe sugou a força da vida.

A ponta da arma atingiu Yama.

Yama desviou-se para o lado e a arma dilacerou-lhe a carne desde o externo até ao ombro.

Os seus olhos eram como duas lanças, o Rakasha perdeu a sua forma humana e transformou-se em fumo. A cabeça de Brama tombou-lhe sobre o peito.

Taraka soltou um grito quando Siddhartha se aproximou dele montado num cavalo branco, provocando estalidos e um cheiro a ozônio.

—Não, Subjugador! Domina o teu poder! A minha morte pertence a Yama...

—Demônio louco! — disse Sam. — Não era preciso...

Mas Taraka deixara de existir.

Yama ajoelhou-se ao lado de Brama e aplicou-lhe um torniquete no coto do braço esquerdo.

—Kali! — disse ele. — Não morras! Diz qualquer coisa, Kali!

Brama teve um estertor, entreabriu os olhos, mas voltou a fechá-los.

— Demasiado tarde — murmurou Nirriti. Voltou a cabeça e olhou para Yama.

— Ou melhor, vem mesmo a propósito. Tu és Azrael, não és? O Anjo da Morte...

Yama deu-lhe uma bofetada com a mão ensanguentada.

—«Bem-aventurados as pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus» — disse Nirriti. — «Bem-aventurados os aflitos, pois serão

consolados. Bem-aventurados os mansos, pois herdarão a Terra».

Yama deu lhe nova bofetada.

—«Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, pois serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, pois alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, pois verão a Deus...»

—«E bem-aventura os obreiros da paz» -acrescentou Yama — , «pois serão chamados filhos do Deus». Qual destas bem-aventuranças se aplica a ti, Negro? De quem és tu filho, para teres feito o que fizeste?

Nirriti sorriu e disse:

— «Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, pois deles é o reino das céus.»

— És louco — disse Yama, — e não te tirarei a vida por isso. Abandona-la quando estiveres pronto, o que deve acontecer em breve.

Então, segurou Brama nos braços e caminhou em direcção à cidade.

«Bem-aventurado és quando te insultarem, te perseguirem e caluniarem por causa de mim...» — disse Nirriti.

—Água? perguntou Sam, desarrolhando o cantil, e soerguendo a cabeça de Nirriti

Nirriti olhou para ele, humedeceu os lábios e fez, um gesto afirmativo. Sam inclinou o cantil e deu-lhe de beber.

—Quem és tu? — perguntou ele.

— Sam.

—Tu? Ressuscitaste outra vez?

—Desta vez não conta; não utilizei o método difícil — respondeu Sam.

Os olhos do Negro encheram-se de lágrimas.

—Mas isso significa que vencerás — disse ele arquejando. — Não compreendo por que é que ele permitiu...

—Isto é apenas um mundo, Renfrew; quem sabe o que se passa noutros lugares? De qualquer modo, não era esta a batalha que eu queria ganhar, como sabes. Tenho pena de ti e lamento o sucedido. Concordo com tudo o que disseste a Yama, tal como todos os seguidores daquele a quem chamavam o Buda. Não me lembro realmente se era eu, ou se era outro; mas se, de facto, era eu, deixei de o ser. Voltarei a ser um homem e deixarei que as pessoas conservem o Buda que guardam no coração. Qualquer que seja a sua origem, podes crer que a mensagem é pura, foi apenas por essa razão que ela tomou raízes e cresceu.

Renfrew bebeu mais um golo.

—«Assim como as boas árvores produzem bons frutos» — disse ele. — Foi uma vontade superior à minha que decidi que eu morresse nos braços do Buda, que escolheu este caminho para o mundo. Dá-me a tua bênção, Gautama. Agora, vou morrer...

Sam inclinou a cabeça.

—«O vento sopra em direcção ao sul, e depois ronda para norte. Rodopias em cessar e regressa novamente segundo as suas rotas. Todos os rios correm para o mar, mas o mar não transborda. Os rios regressam ao lugar de onde vieram. Aquilo que foi é o que será, e o que está feito é o que será feito. Não há memória de coisas

passadas, nem haverá memória do que está para vir...»Sam cobriu o Negro com o seu manto branco, pois ele tinha expirado.

JAN OLVEGG FOI TRANSPORTADO à cidade numa liteira. Sam convocou Kubera e Narada à sala do Karma, pois era evidente que Olvegg não viveria muito tempo com o corpo que possuía naquele momento.

Quando entraram na sala. Kubera tropeçou num corpo que jazia debaixo da arcada.

—Quem é? —perguntou ele.

—Um Mestre.

No corredor que conduzia às salas de transferência, jaziam mais três portadores da roda amarela; todos estavam armados.

Encontraram outro junto da maquinaria. Tinha sido trespassado por uma arma no centro do círculo amarelo e parecia um alvo atingido em cheio. Ainda conservava a boca aberta para o grito que nunca chegara a dar.

—Seriam os habitantes da cidade que fizeram isto? Perguntou Narada. —Os Mestres têm granjeado hostilidade nos últimos anos; talvez tenham aproveitado a confusão da batalha...

—Não — disse Kubera, enquanto levantava o lençol manchado que cobria o corpo que se encontrava sobre a mesa de operações. Deu uma olhadela e voltou a baixá-lo. — Não, não foram os habitantes da cidade.

—Então, quem foi?

—Foi Brama.

—Ah, bom.

—Devem ter dito a Yama que ele não podia utilizar o equipamento para tentar fazer uma transferência.

—Mas então onde está Yama?

—Não faço a menor ideia, mas temos de trabalhar depressa se quisermos operar Olvegg.—Sim, vamos a isso.

O JOVEM ALTO ENTROU NO PALÁCIO de Kama e perguntou por Kubera. Trazia uma lança comprida e reluzente a tiracolo, e enquanto esperava não cessou de andar de um lado para o outro.

Kubera entrou na sala, olhou para a lança, para o jovem, e disse uma palavra.

—Sim, sou Tak.— respondeu o jovem. — Nova lança, novo Tak. Já não era necessário continuar em um corpo de macaco. Aproxima-se o momento da partida, por isso vim despedir-me de ti e de Ratri...

—Onde vais, Tak?

—Gostaria de ver o resto do mundo, Kubera, antes que lhe retires toda a magia com as tuas mecanizações.

—Esse dia está ainda longe, Tak. Fica um pouco mais.

—Não, Kubera, obrigado, mas o comandante Olvegg está ansioso por partir. Vamo-nos hoje embora os dois.

—Para onde vão?

—Para o oriente, para o ocidente... quem sabe? Seguiremos os nossos caprichos. Diz-me, Kubera, quem tem neste momento o carro trovejante?

—Inicialmente, pertencia a Shiva, é claro, mas Shiva já não existe. Brama usou-o durante muito tempo...

—Mas Brama já não existe. Pela primeira vez, o Céu não tem um Brama, e Vishnu, o Preservador, governa. Portanto...

—Foi Yama quem o construiu. Se pertence a alguém, então é a ele...

—Mas Yama não precisa dele — atalhou Tak. — E vou pedir-lhe que no-lo empreste para a viagem.

—Por que dizes que Yama não precisa dele? Ninguém o vê há três dias, desde a batalha.

—Viva, Ratri! — disse Tak, quando a deusa da Noite entrou na sala. — «Protege-nos da loba e do lobo, e livra-nos do ladrão, ó Noite, e deixa-nos passar em paz».

Ele fez uma vênica e Ratri tocou-lhe na cabeça.

Depois, olhou para ela, e durante um momento deslumbrante, a deusa encheu o espaço, em toda a sua profundidade e altura. O seu esplendor afastou a escuridão.

—Agora tenho de partir — disse Tak. — Muito obrigado pela tua bênção.

Voltou-se rapidamente e encaminhou-se para a porta.

—Espera! — disse Kubera. — Falaste em Yama, onde está ele?

—Procura-o na Estalagem da Galinha de Fogo de Três Cabeças — disse Tak sem se voltar. — Se é que tens de o procurar; mas acho melhor esperares que ele venha ter contigo.

Tak saiu.

AO APROXIMAR-SE DO PALÁCIO de Kama, Sam viu Tak descer apressadamente a escada.

— Bom dia, Tak ! saudou ele.

Tak só retribuiu a saudação quando Sam já se encontrava perto dele.

Então, estacou bruscamente e protegeu os olhos, como para se defender da luz do Sol.

— Bom dia, Senhor!

— Onde vais tão apressado, Tak? Acabaste de experimentar a teu novo corpo e vais almoçar?

Tak deu uma curta risada.

— Sim, Senhor Siddhartha. Tenho encontro marcado com a aventura.

— Assim ouvi dizer; falei com Olvegg ontem à noite. Desejo-te boa viagem.

— Queria dizer-te. — acrescentou Tak —, que sabia que haverias de vencer. Sabia que encontrarias a resposta.

— Não foi a resposta, foi uma resposta e sem grande importância, apenas uma pequena batalha. A minha presença não teria sido indispensável

— Refiro-me a tudo. — disse Tak. — Participaste em tudo o que conduziu a essa vitória . Tinhas de estar presente.

— Sim, acho que sim... Há sempre algo que me atrai para a árvore que vai ser atingida por um raio.

— É o destino.

— Receio que seja antes uma consciência social acidental e uma espécie de desejo de corrigir erros.

—Que vais fazer agora. Senhor?

—Não sei, Tak, ainda não decidi.

—Por que não vens conosco correr o mundo em busca de aventuras?

—Não, obrigado, estou cansado. Talvez me candidate ao teu antigo lugar e venha a ser Sam dos Arquivos.

Tak deu nova risada.

—Duvido. Até qualquer dia, Adeus.

—Adeus. Há uma coisa...

—O quê?

—Nada. Qualquer coisa em ti me faz lembrar uma pessoa que conheci.

Não tem importância. Boa sorte! Deu-lhe uma palmada no ombro e afastou-se. Tak prosseguiu o seu caminho.

O ESTALAJADEIRO DISSE A Kubera que tinha um hóspede que correspondia àquela descrição, no 2º andar, quarto do fundo, mas que seria melhor não o incomodar.

Kubera subiu ao 2^o andar

Bateu à porta; como ninguém respondeu, tentou abri-la.

Estava trancada por dentro, e Kubera bateu com mais insistência.

Por fim, ouviu a voz de Yama:

— Quem é?

— Kubera.

— Vai-te embora, Kubera.

— Não. Abre, se não fico aqui à espera.

— Então, espera um pouco.

Passadas momentos, ouviu levantar a tranca e a porta entreabriu-se.

— O teu hálito não cheira a álcool; aposto que é uma rapariga — disse Kubera

— Não. — respondeu Yama. — Que queres?

— Descobrir o que se passa, e ajudar-te, se puder.

— Não podes, Kubera.

— Como é que sabes? Também eu sou um artífice, de outro gênero, é claro.

Yama hesitou uns instantes, depois abriu a porta e afastou-se para deixar entrar Kubera.

—Entra. — disse ele. A rapariga estava sentada no chão, com uma pilha de objectos à sua frente.

Era pouco mais que uma criança e segurava nos braços um cachorrinho castanho e branco. Lançou a Kubera um olhar assustado, mas Yama tranquilizou-a com um gesto e ela sorriu.

— Kubera — disse Yama.

— Ku-bra — disse a garota.

— É a minha filha — disse Yama. — Chama-se Murga.

— Não sabia que tinhas uma filha.

— É deficiente; sofreu uma lesão cerebral...

—Congênita, ou devido a uma transferência? — perguntou Kubera.

— Devido a uma transferência.

— Compreendo.

—É a minha filha — repetiu Yama. — Murga.

—Sim — disse Kubera.

Yama ajoelhou-se ao lado da filha e apanhou um cubo.

— Cubo — disse ele.

—Cubo — repetiu a rapariga.

Depois, segurou numa colher.

—Colher.

— Colher — repetiu a garota.

Depois apanhou uma bola e segurou-a em frente dela.

—Bola.

— Bola — repetiu a rapariga.

Pegou novamente no cubo.

— Bola — disse a rapariga.

Yama deixou cair o cubo.

— Ajuda-me, Kubera. — disse Yama.

—Ajudo, sim; descobriremos um modo de te ajudar.

Sentou-se ao lado dele e ergueu as mãos.

A colher, a bola e o cubo animaram-se subitamente e começaram a executar uma dança. A rapariga deu uma gargalhada e até o cachorro parecia divertido.

—Os Lokapalas nunca se deixam vencer. — disse Kubera; a garota pegou no cubo, observou-o demoradamente e, depois, pronunciou o seu nome.

AGORA SABE-SE QUE o Senhor Varuna regressou à Cidade Celeste depois de Khaipur. O sistema de promoções no seio da hierarquia celeste começou a falhar aproximadamente nessa altura. Os senhores do Karma foram substituídos pelos Guardas da Transferência, e as suas funções dissociadas dos templos.

A bicicleta foi redescoberta. Foram erigidos sete santuários budistas: o palácio de Nirriti foi convertido numa grande galeria de arte e no Pavilhão de Kama. O festival de Alundil continuou a realizar-se todos os anos, e os seus dançarinos não tinham igual. O bosque púrpura ainda existe e é cuidado pelos fiéis.

Kubera permaneceu com Ratri em Khaipur. Tak partiu com Olvegg para um destino desconhecido, a bordo do carro trovejante. Vishnu governava no Céu.

Os que rezavam aos sete Rishi agradeceram-lhes pela bicicleta e pelo oportuno avatar de Buda, a quem chamavam Maitreya, que significa Senhor da Luz, ou porque ele conseguia produzir raios, ou porque se abstinha de o fazer.

Outros continuavam a chamar-lhe Mahasamatman e diziam que era um deus. No entanto, ele preferia deixar de lado o Maha — e o — atman e continuava a intitular-se Sam. Nunca pretendeu ser um deus, mas também nunca o negou. Tendo em conta as circunstâncias, nem a afirmação nem a negação trariam qualquer vantagem. Além disso, não permaneceu junto do seu povo tempo suficiente para dar lugar a muita controvérsia teológica. Circulam várias versões contraditórias da sua morte.

O único elemento comum a todas as lendas é que um grande pássaro vermelho com uma cauda que tinha três vezes o tamanho do corpo, se aproximou dele, um dia, ao entardecer, quando cavalgava ao longo do rio.

Partiu de Khaipur no dia seguinte, antes do nascer do Sol e nunca mais foi visto.

Alguns dizem que o aparecimento do pássaro coincidiu apenas com a sua partida, mas não estava relacionado com ela. Ele partiu em busca da pazanônima de uma túnica cor de açafião, porque terminara a missão para a qual tinha voltado, e já estava cansado do tumulto e da fama do seu êxito. Talvez o pássaro lhe tenha

recordado a efemeridade dessa glória. Ou talvez não, se já tivesse tomado essa decisão.

Outros dizem que ele não revestiu de novo a túnica, e que o pássaro era um mensageiro dos poderes que ficam para além da vida, e o levou de regresso à paz do Nirvana, ao Eterno Repouso, à Perétua Beatitude, onde se ouvem as canções que as estrelas cantam sobre as praias do vasto oceano. Dizem que ele atravessou a Ponte dos Deuses e que nunca mais regressará.

Outros dizem que ele assumiu uma nova identidade e continua a viver entre os homens, protegendo-os e guiando-os nos conflitos, evitando a exploração das classes mais desfavorecidas pelas que detêm o poder.

Outros ainda afirmam que o pássaro era um mensageiro, não do outro mundo, mas deste, e que a mensagem que trazia não era para ele, mas para o portador da Espada Fulminante, o Senhor Indra, que fixara os olhos da Morte. Nunca se tinha visto um pássaro daqueles, embora agora se saiba que a espécie existe no continente oriental, onde Indra estivera empenhado na guerra contra as bruxas. Se o pássaro fosse um ser dotado de inteligência, talvez trouxesse a mensagem de uma necessidade naquelas terras longínquas. Não se deve esquecer que a Senhora Parvati, que tinha sido ou esposa, ou mãe, ou irmã, ou filha de Sam, ou talvez todas essas coisas, fugira para aquelas paragens para viver entre as bruxas, que considerava suas parentes, quando os tigres fantasma olharam para o Céu. Se o pássaro trouxe uma mensagem desse gênero, os narradores desta história não duvidam, e que ele partiu imediatamente para o continente oriental a fim de libertar de qualquer perigo.

Estas são as quatro versões de Sam e do Pássaro Vermelho que Assinalou a Sua Partida, contadas respectivamente pelos moralistas, pelos místicos, pelos reformadores sociais e pelos românticos. Cada qual pode escolher a que melhor se coaduna com a sua fantasia. No entanto, é bom não esquecer que essas aves não existem no continente ocidental, mas parecem ser muito numerosas no oriente.

CERCA DE MEIO ANO mais tarde, Yama-Dharma partiu de Khaipur. Nada se sabe de concreto sobre a partida do deus da morte, o que quase todos acham preferível. Deixou a filha Durga aos cuidados de Ratri e de Kubera e a mocinha transformou-se numa bela mulher. Yama talvez tenha ido para o oriente, possivelmente atravessando o mar. Circula noutra local uma lenda sobre Um de Vermelho que desafiou o poder dos Sete Senhores de Komlat no país das bruxas; mas não é um facto confirmado e ninguém sabe exactamente o que sucedeu, como também ninguém conhece o verdadeiro fim do Senhor da Luz.

Mas olhemos à nossa volta.

A Morte e a Luz estão sempre presentes e começam, terminam, participam e observam o Sonho do Indizível, que é o Mundo, queimando as palavras dentro de Samsara, talvez para criar uma coisa bela.

Os monges da túnica açafão continuam a meditar sobre a Via da Luz, e a rapariga chamada Murga visita diariamente o templo, para colocar no santuário do seu negro a única oferenda que ele recebe, flores.

FIM